1953

JUNHO

N. 433

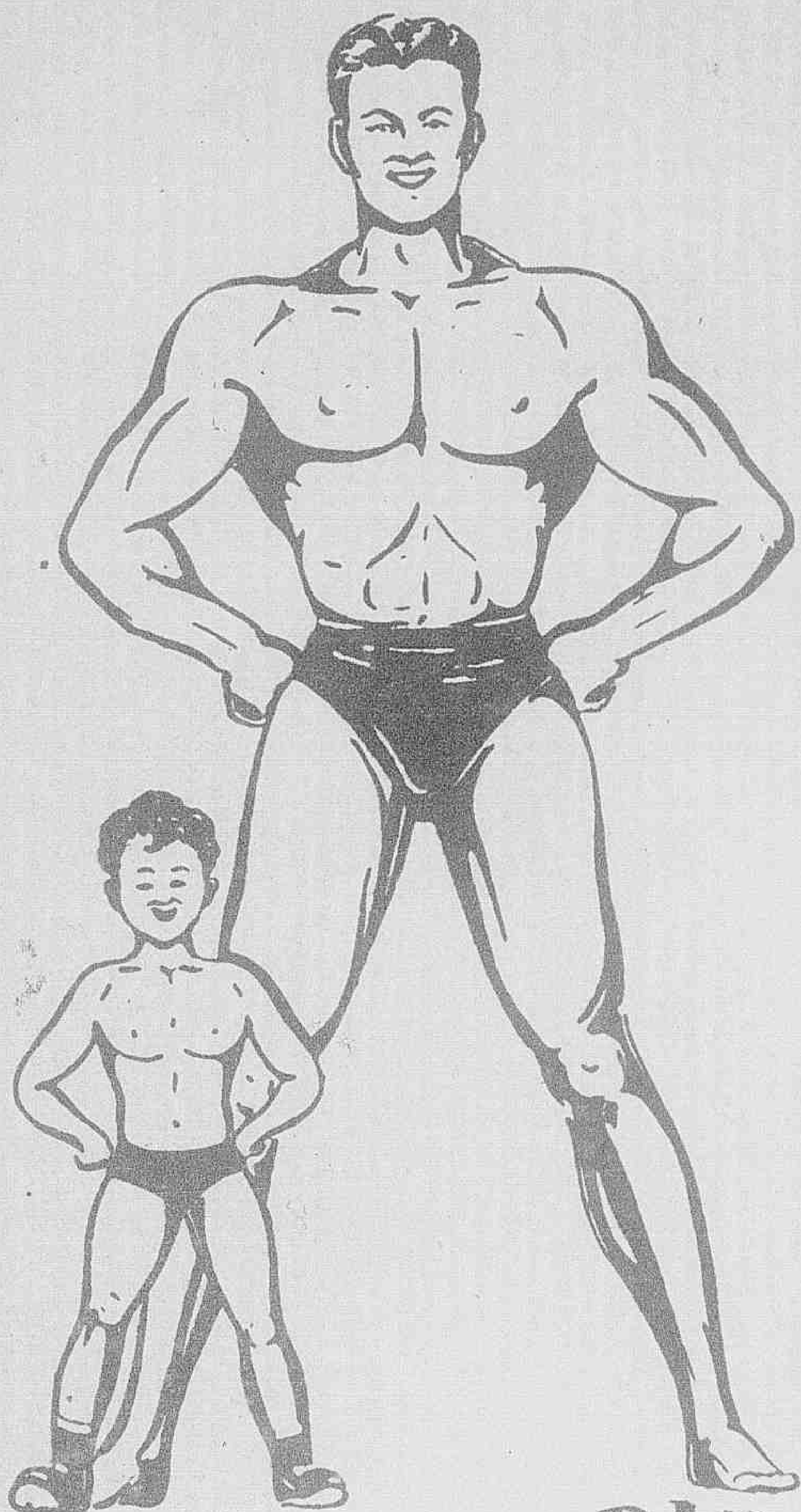
EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS

A TERRA ESTÁ ESQUENTANDO ★
TENHAM MAIS CUIDADO
POR QUE DOEM OS PÉS?
★ A DINASTIA QUE
RESISTIU A BOM-
BA TÔMICA



ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.A.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

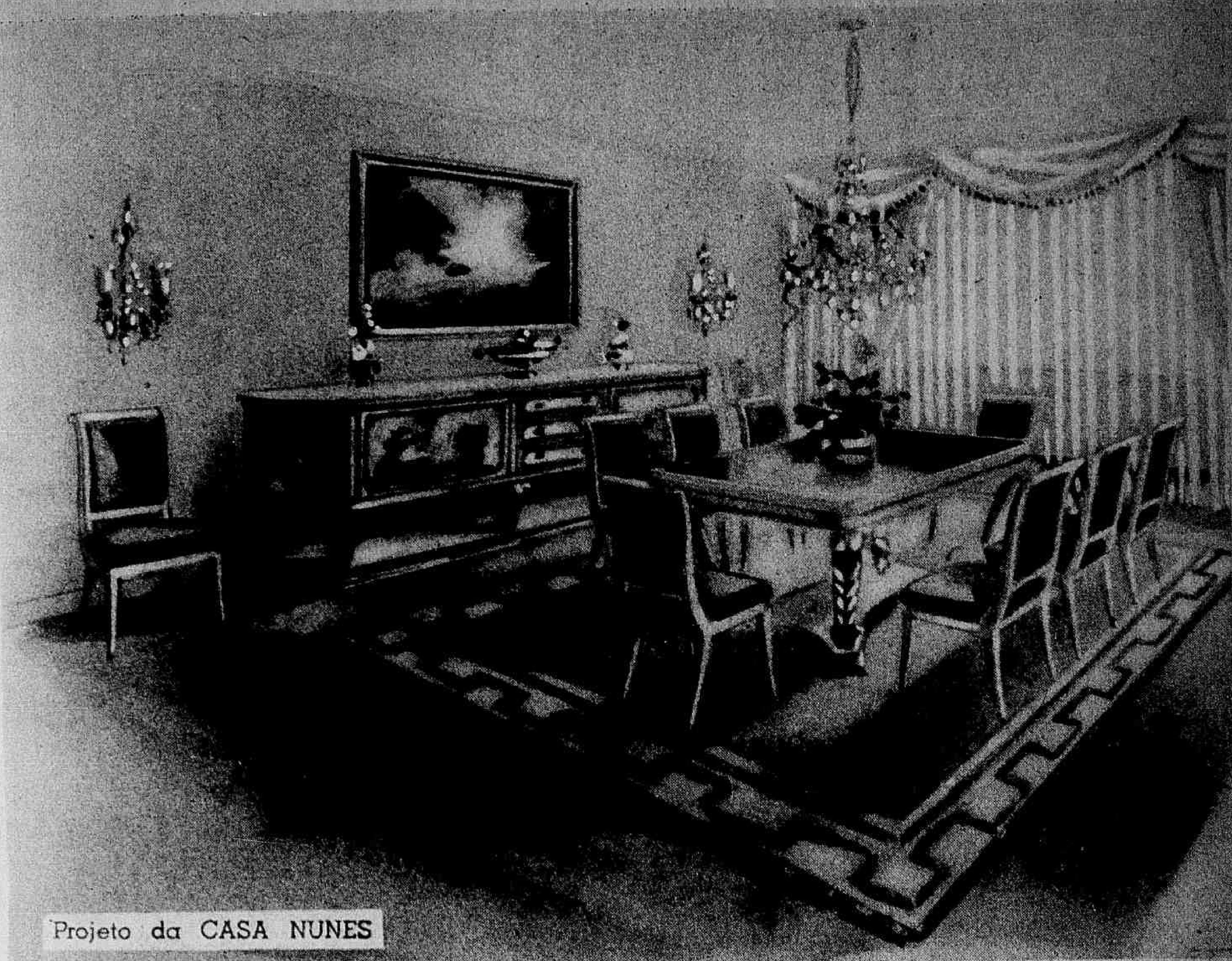
PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHAO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS





Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

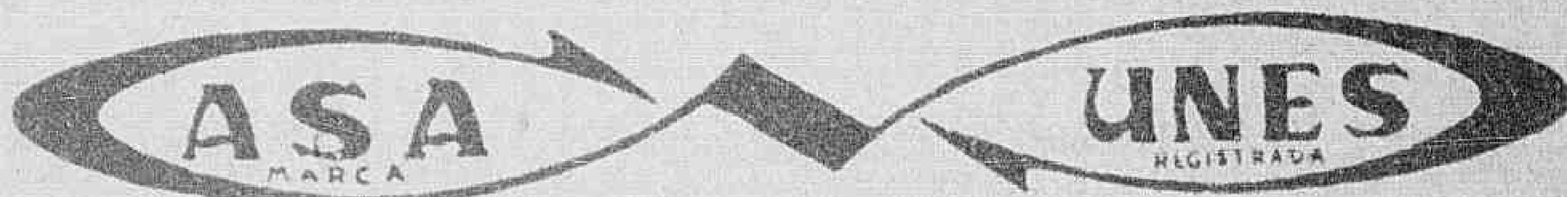
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Preços que animam a comprar

Vendas a vista e a prazo



65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

SENSACIONAL

O ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

DE 1953

BREVEMENTE EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura, etc.

Conheça o Brasil: recorte da "Revista da Semana" e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico, com ótimo texto educativo,

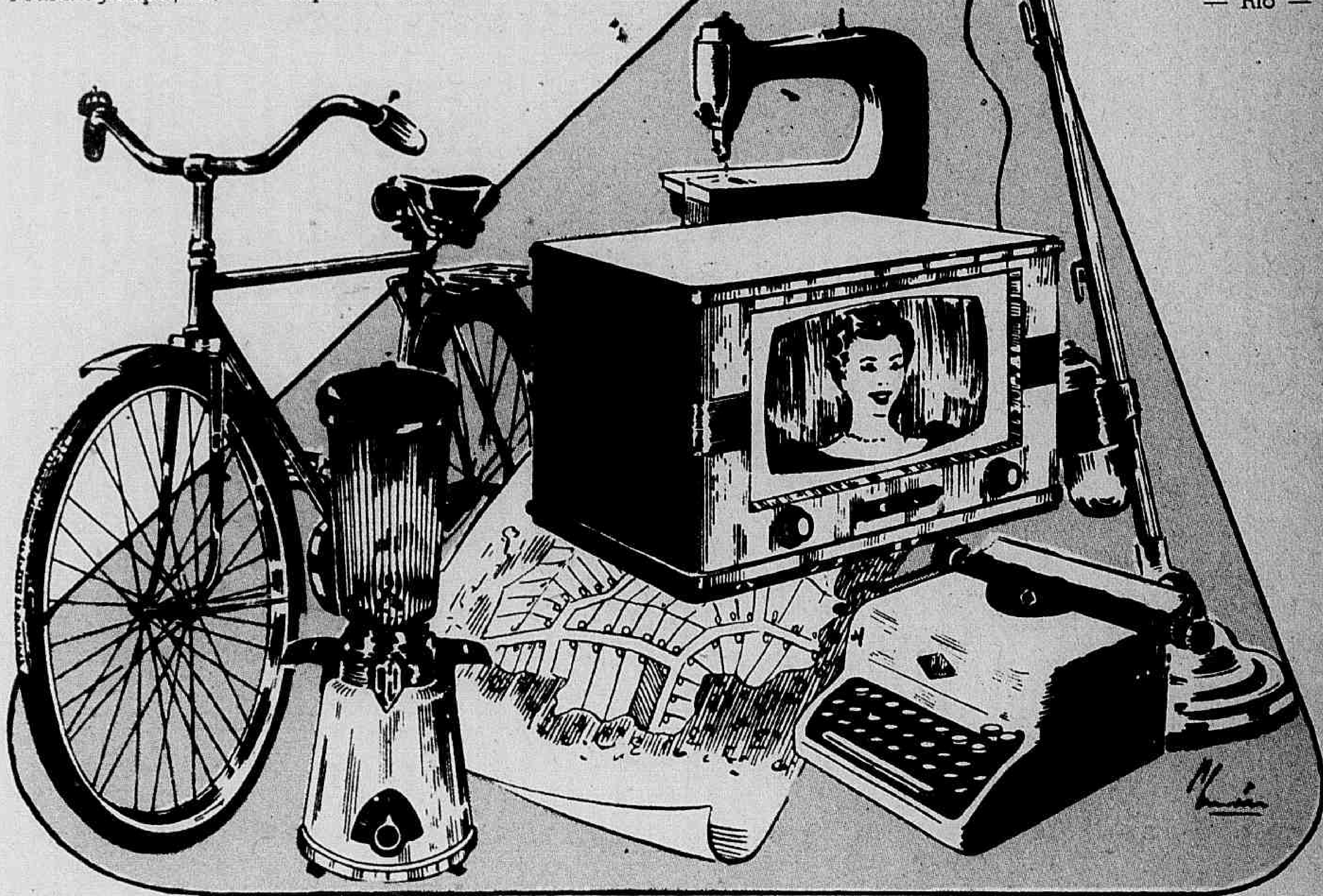
no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da "Revista da Semana" e colocadas no "Álbum", começaram a ser publicadas na "Revista da Semana" n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da "Revista", bem como o "Álbum", são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na REVISTA DA SEMANA à venda. Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO



AT. SEMOG.
INSINUANTE ESTÁ FESTEJANDO SÃO JOÃO COM UMA TREMENDA LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM! É QUE É A MAIOR!
45.000 PARES QUE VÃO SER QUEIMADOS POR QUALQUER PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 - SETE DE SETEMBRO 199·201



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Publicidade em São Paulo: J. Gomes Bastos, R. Barão de Itapetininga, 24 — 6.°, and., sala 60. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

A Pescadora Misteriosa



COMO um engenheiro de manutenção, na costa oriental da Flórida, Wally Hagan estava profundamente interessado na "estrutura" das coisas. Não restam dúvidas de que êste foi o motivo pelo qual, atravessando a ponte em seu automóvel, êle notou a linda criatura.

Ela estava inclinada sôbre a amurada, com um pequeno caniço de carretilha nas mãos. Wally não pôde ver o seu rosto, mas a "vista geral" que teve foi muito interessante.

A pescadora tinha pernas longas, morenas e bem formadas; vestia um "short" branco, excessivamente curto. Tinha um boné de sol à cabeça e, sôbre a amurada da ponte, colocara uma capa de pescador. Seus cabelos prêtos vinham tocar os belos ombros, tostados pelo sol da Flórida. Tudo isto Wally notou com um ligeiro olhar, quando seu "conversível" atravessou a ponte, situada sôbre o Hurricane Pass (Passo do Furacão).

Não constituía novidade, para o engenheiro, a presença de pescadores de caniço naquela ponte. Durante todo o dia, e também à noite, era grande o número de pessoas que por ali se espalhavam, na prática dêsse paciente esporte. Em seu trabalho diário, que o forçava a constantes jornadas de automóvel, para cá e para lá, Wally via dezenas dessas pessoas. Jamais vira, porém, algum pescador como aquela deliciosa mulher.

WALLY SABIA QUE HAVIA QUALQUER COISA ESQUISITA A RESPEITO DA GRACIOSA PESCADORA DA PONTE, PORÉM ELA ERA MUITO ATRAENTE, PARA QUE ÊLE PUDESSE RESISTIR!

Instantâneamente, um tiro ecoou. Wally atirou-se à água, o mesmo fazendo os ocupantes do outro bote. »»—›

"Acalme-se" — pensou êle com os seus botões. — "Com certeza o rosto da menina deve ser tão feio, que assustaria um tubarão."

E continuou a guiar o veículo resolutamente para diante, observando o sol sumir lá no horizonte, no maravilhoso Golfo do México. Algumas centenas de metros distantes da costa, alguns barcos de pesca manobravam no sentido de navegar até a ponte, a fim de passar sob a mesma e penetrar na mansa baía; esta passagem constituía a única entrada que por ali existia.

"Ou então" — continuou êle em seu pensativo comentário — "se ela é bonita como deveria ser, com um corpo assim, já deve estar casada. Provàvelmente é mãe de seis filhos. Vamos, seu palerma, continue em seu caminho!"

A despeito do fato de ser muito cauteloso, raramente dirigindo a palavra a alguma mocinha sem ter sido prèviamente apresentado, tôda a cautela e todo o bom senso desapareceram, naquele momento, cedendo lugar a um irresistível impulso.

Pouco adiante da ponte, Wally diminuiu sùbitamente a marcha do veículo, fêz meia-volta e voltou na direção da ponte. Vagarosamente, encostou o automóvel próximo ao local onde se encontrava a desconhecida. Esta estava de costas para êle, e Wally pôde notar que a mão da provável beldade, descansando graciosamente sôbre a amurada de pedra, não levava qualquer anel. Wally deu uma buzinada suave, a fim de chamar a atenção daquela por quem se sentia atraído. Ela virou a cabeça, num gesto que êle classificou de extremamente gracioso. Naquele momento, o engenheiro ficou maravilhado! Apertou com fôrça a roda da direção. Era uma das moças mais bonitas que já tivera oportunidade de ver.

Wally ensaiou um sorriso, porém ela o "congelou" com um frio olhar de desprêzo. Completamente desarmado, o rapaz pôs o veículo em movimento, passando a língua pelos lábios.

"Provàvelmente é uma dessas fanáticas por pescaria" — matutou, cheio de ressentimento. — "Julga que qualquer pessoa que faça um ruído qualquer é um criminoso ou coisa que o valha."

Fêz a volta pouco adiante, e tornou a se aproximar da ponte. Desta vez estudou a desconhecida com mais calma e perspicácia. Ela parecia sa-



ber exatamente o que fazia. Tinha uma lata pequena, cheia de iscas vivas, uma capa para chuva, uma lanterna elétrica e uma caixa na qual trazia alguns sanduíches. Wally ficou intrigado com êsse último detalhe. Pretenderia ficar pescando durante a noite? Se assim fôsse, não recusaria uma companhia. Mas, se aquela beldade fôsse realmente uma pescadora fanática, a única companhia que tolerava era...

Wally parou o automóvel na bomba de gasolina, logo além da ponte.

— Olá, Tony! — gritou para o pequeno italiano que era o dono do pôsto. — Quer me emprestar seu caniço de pesca?

— Pois não! — respondeu Tony. — Mas o caniço não serve para...

— Ora, não faz mal! Posso me arranjar com êle. Obrigado, amigo!

Saíu a correr na direção da ponte. Deteve-se casualmente a uns três metros da jovem.

— Boa pescaria, hoje? — perguntou.

— Nada, ainda — respondeu ela, sem olhar para o lado.

— Desejava pedir-lhe um favor — tornou Wally num tom alegre. — Como não tenho qualquer isca, talvez que...

Logo deteve-se, porém. Um magnífico par de olhos fitava-o com a frieza do aço.

— Não era você quem estava, há pouco, dirigindo um automóvel, e passou pela ponte de um lado para o outro?

— Bem... eu... sim! — Admitiu Wally. — Mas, sabe? Apenas pensei... isto é... Afinal de contas, você não pode ficar pescando o tempo todo e...

— Posso pescar... — respondeu a linda criatura, calmamente — até que tenha fisgado alguma boa prêsa. E isto é, exatamente, o que pretendo fazer!

— Mas, quando você **já tiver** fisgado qualquer coisa — insistiu Wally — não poderia... não quereria jantar comigo? Quero dizer...

Ela voltou para êle um olhar pensativo, que fêz o coração de Wally palpitar com violência.

— Talvez...

Isto era suficiente para Wally. Mais cedo ou mais tarde, pescando na ponte, qualquer pessoa acabava por fisgar algum peixe. Além disso, a linda pescadora parecia ser competente para isso. E, quando uma mulher dizia "talvez", isto invariàvelmente significava "sim".

★

Depois de um rápido chuveiro, e de fazer a barba e mudar a roupa, Wally estava de volta, em exatamente cinqüenta e três minutos! A noite já estendia seu manto sôbre a bela região, mas muitos pescadores, teimosos, continua-

vam em sua paciente e passiva espera. Cheio de esperanças, Wally ficou de pé, por trás da jovem.

— Já fisgou algum?

Ela abanou a cabeça negativamente, respondendo:

— Acho melhor que volte dentro de uma hora.

Uma criatura sedutora como aquela merecia que qualquer homem desperdiçasse o seu tempo. Isto foi o que ocorreu a Wally. Voltou à direção do automóvel, e ficou a trafegar numa extensão de uns dois quilômetros, consultando com freqüência e nervosamente, o relógio de pulso.



Após quarenta e oito minutos, que lhe pareceram anos, estava de volta à ponte. Com tôda certeza, a moça já devia ter fisgado um, ou mesmo mais peixes. Caminhou para ela, risonho.

— Nada, ainda — falou ela, antes de que Wally pudesse dizer qualquer coisa. — Creio que é melhor me conceder mais uma hora.

Wally voltou para o automóvel, já um tanto aborrecido. Havia qualquer coisa que não lhe estava agradando. Qualquer coisa que o engenheiro não podia entender... Notou que um dos pescadores que por ali se encontrava, tinha uma fieira completa de peixes, enquanto um outro já estava a completar a segunda fieira. Seria possível que ela não soubesse como fisgar um peixe? Essa idéia o deixava perturbado e quase furioso. Wally não entendia muito de pesca, mas sabia que, para fisgar, é necessário ter certa habilidade

Continuou a rodar pela estrada e, alguns minutos depois, passou pelo Mercado de Peixe Carey; foi então que lhe veio uma inspiração. Estacionou o automóvel e entrou no Mercado.

— Tem peixe vivo para vender?

A resposta negativa veio prontamente.

— Dê-me então um dos peixes mais frescos que tiver.

O homem lhe entregou uma truta de cêrca de três libras. Estava já bastante fria, e com os olhos vidrados. Wally pagou sem relutar, voltou ao automóvel, guiando agora na direção da doca, próxima à ponte, onde estava amarrado o bote a remos. de Tony. Segurando a truta com uma das mãos, o rapaz desceu os degraus de pedra e desamarrou o bote. A noite estava muito escura, mas êle conseguiu, não sem alguma dificuldade, colocar os remos nos encaixes, e passou a remar silenciosamente, em direção à ponte. Sabia que a pescadora estava justamente sôbre o arco central da ponte.

Sem fazer ruído, Wally aproximou o bote do local em que a linha do caniço penetrava no mar. Com o maior cuidado, retirou a mesma d'água. O anzol estava sem isca. Não admira que a linda pescadora não tivesse conseguido fisgar nada, ainda! Do modo mais delicado possível, Wally prendeu a truta no anzol e tornou a mergulhar tudo na água. Foi então que ouviu um certo rumor à distância. Apurou o ouvido e pôde perceber o cauteloso e compassado ruído que faziam os remos de um outro bote, que se aproximava.

Sùbitamente, um pequeno facho de luz foi aceso, partindo da ponte, enquanto uma voz feminina bradava, em tom enérgico:

— Fique onde está!

Wally olhou para cima. Apontada para êle, estava uma pistola de grande tamanho, segura firmemente pela mão da linda criatura. Uma série de pensamentos acorreram em turbilhão ao desnorteado engenheiro. Sua única conclusão, no momento, era a de que estivera lidando com uma lunática. Pensamento semelhante devia ter ocorrido aos ocupantes do outro bote, porque, repentinamente, um motor de pôpa entrou a funcionar històricamente, fazendo com que a proa da embarcação desse um salto para diante, quando esta se pôs em movimento.

Instantâneamente, um tiro ecoou, partido da pistola daquela a quem, até há pouco, Wally considerava uma bela e **muito feminina** criatura. Num momento, êle se pôs de pé, mergulhando de cabeça dentro d'água. E não estava sòzinho! Da outra embarcação, quatro homens saltaram também para a água. De pé, sôbre a ponte, a misteriosa pescadora desfechou ainda mais dois tiros, alvejando o motor de pôpa da embarcação que conduzia os homens desconhecidos ali. Sempre alerta, a desconhecida esperou que a lancha da guarda-costeira se aproximasse, com os faróis acesos.

Muito bem, rapazes! — disse ela, quando a lancha se deteve exatamente sob a ponte. — Pesquem êsses homens e tragam todos cá para cima!

*

Cinco minutos depois, Wally estava de pé, todo ensopado, ao lado de um americano com ar carrancudo, e de três cubanos, desolados e abatidos.

— Encarrego-me dêste aqui! — disse a linda jovem, apontando para Wally. Estou quase convencida de que êle é um espectador inocente. Podem trancafiar os demais.

— Excelente trabalho, Miss Ames! — comentou um dos marinheiros da guarda-costeira, com admiração. — Foram todos agarrados com a bôca na botija!

— Afinal, o que significa tudo isso? — perguntou Wally, não podendo conter por mais tempo a curiosidade e o espanto que dêle se apossaram, desde o momento em que a moça o ameaçara com a pistola.

— Entrada ilegal no país — respondeu Miss Ames com voz suave. — Sabíamos que êles estavam introduzindo estrangeiros provenientes de Cuba. Tive uma inspiração de que êles poderiam tentar penetrar por aqui, esta noite. Agora você já sabe o que eu estava **pescando.**

Wally engoliu em sêco, perguntando em seguida:

— Quer dizer... você, então, é uma espécie de... agente do govêrno?

— Sim; do Departamento do Tesouro — respondeu. — E trabalho em cooperação com a guarda-costeira.

— Mas quase permitiu que eu a "controlasse!"

— Estritamente seguindo meu dever — tornou ela a explicar. — Do modo como você trafegava por aqui, de um lado para outro, julguei que se tratasse de um membro do bando, a fim de certificar-se de que tudo estava **limpo,** para a "função" desta noite. Assim, decidi vigiá-lo, deixando que se iludisse a meu respeito.

Enquanto falava, ela ia enrolando a carretilha do caniço. Nesse instante, soltou uma exclamação de surprêsa, ao ver o peixe, de regulares dimensões, que estava prêso ao anzol.

— Fui eu quem colocou êsse peixe no anzol — tratou de explicar Wally. — Julguei que, sem minha ajuda, você não conseguiria fisgar nada!

— Tire-o daí! — gritou Miss Ames, nervosamente. — Detesto peixes!

— Se eu fizer isso — falou o engenheiro com a maior calma — você concordará em jantar comigo?

— Mas que homem persistente!

E Miss Ames concedeu a Wally um olhar que revelava certa simpatia. Sorriu, em seguida, completando:

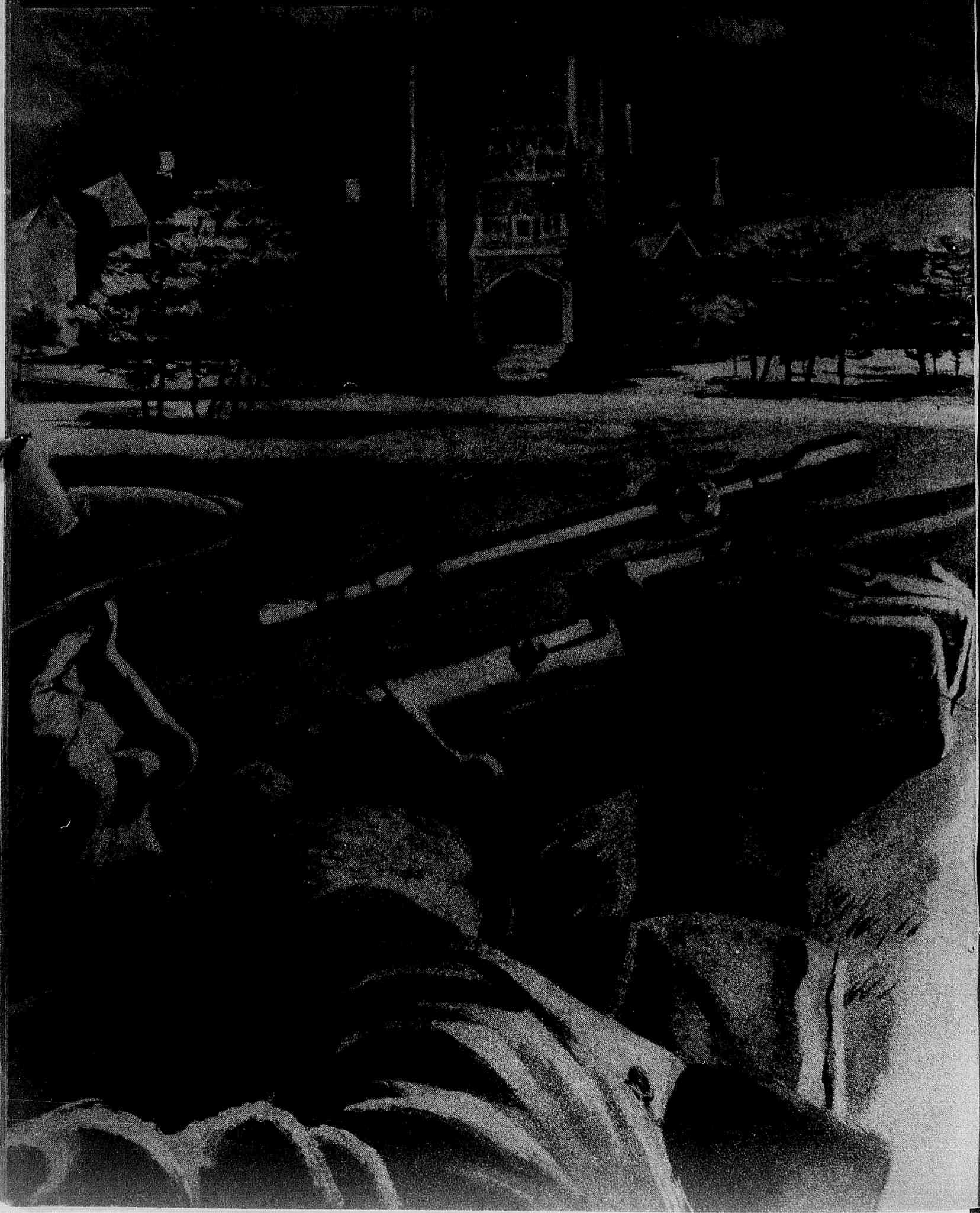
— Muito bem. Irei jantar, sim; mas só depois de fazer o meu relatório e de tomar um bom banho de chuveiro. Aliás, você também está precisando de fazer o mesmo. Mas agora, por favor, retire êsse **bicho** do meu anzol!

Wally fêz o que ela lhe pedia, cheio de contentamento. Teve então a impressão de que a truta lhe piscava um ôlho, pela vitória que êle obtivera. Levou isto em conta do contentamento e da excitação que os fatos recentemente ocorridos lhe haviam causado, pois, agora, não estava muito certo a respeito de nada...



Um belo par de olhos fitava-o de modo frio. — Não era você quem dirigia um automóvel, passando pela ponte de um lado para o outro? — perguntou a pescadora.

SETE ANOS DEPOIS





Por JACK BAGBY

"Zing!" E o ricochete do terceiro tiro zuniu prolongadamente, dentro da noite.

"Arma de fogo de alto poder" — registrou a mente de Cliff. — "E tem um **silenciador**!"

Ficou deitado, imóvel, com os dedos crispados. Uma de suas faces parecia arder, no local em que o capim a havia arranhado. E, no seu âmago, o mêdo produzira uma sensação de frio, e um vazio no estômago, como sentira, muitas vêzes, durante a guerra.

Sete anos antes, pensou êle, exatamente sete anos antes, já estaria grudado ao chão, segundos antes de que o primeiro tiro houvesse terminado o seu sinistro zunir, no espaço. Em vez disso, que fizera agora? Ficara imóvel, ali, aterrado. Então, recuperando-se, deu um saltô e exclamou:

— Com mil demônios! Que está ocorrendo?

Nesse instante, o segundo tiro ecoou, e o zunido da bala passou rente ao seu corpo. Chegou a sentir o ligeiro repelão do projétil ao perfurar a lapela de seu paletó, antes de que se atirasse ao chão, de um salto.

Cautelosamente, levantou a cabeça e procurou divisar alguma coisa através do campo de treino, que se encontrava às escuras. A cem metros de distância, nos limites do terreno, pôde ver uma parte da estrada que atravessava o campo. Um lampadário iluminava alguns metros de sua superfície, antes de que a escuridão tudo envolvesse novamente. Adiante da estrada, e através de um segundo campo, as luzes dos dormitórios abriam claridades retangulares na escuridão. Cliff voltou a cabeça e a relva sêca estalou. À distância, ouviu algumas risadas abafadas, pro-

MÊS APÓS MÊS, ANO APÓS ANO, DE QUILÔMETRO EM QUILÔMETRO, O CAPITÃO PERSEGUIU O SARGENTO, ATÉ QUE ÊSTE FOI ENCURRALADO. ENTÃO...



venientes dos alojamentos. Os olhos de Cliff se volveram em tôdas as direções, para olhar através do campo escuro e fixou a sua atenção na única janela iluminada da casa de campo que se situava por trás dêle. Por um instante, pensou em seu agradável e reconfortante calor, e na companhia dos dois ou três homens que, sabia, estariam ainda lânguidamente sob as duchas. O quadro que imaginou fê-lo acalmar-se ligeiramente, e ousou levantar a cabeça um pouco mais.

"Estou agindo como um pateta!" — murmurou para si mesmo. — "Provàvelmente, algum garôto andou dando tiros, com um rifle de calibre 22."

Em seguida, seus dedos apalparam a lapela do paletó, introduzindo-se no orifício aberto pela bala. Notou, então, que a arma da qual provinha o projétil não era de calibre 22. O pior, no entanto, é que ignorava de que direção provinham os tiros.

Sùbitamente, divisou uma silhueta, alguns metros adiante. Seu coração palpitou com violência e as pulsações diminuíram de intensidade, quando reconheceu o saco de areia que servia de alvo, nas práticas que ali eram realizadas.

Com repentina inspiração, Cliff estendeu os braços, cautelosamente, e começou a rastejar na direção do saco de areia. O ruído que seu corpanzil fazia, ao passar sôbre a relva, era mínimo; mas, dominado pelo mêdo, Cliff julgava que o misterioso inimigo puderia notar o seu intento. Com o maior cuidado, centímetro a centímetro, pôde aproximar-se do alvo rudimentar. Uma vez ali, parou para ouvir por um momento e, em seguida, vagarosamente, pôs-se de joelhos ao lado do saco de areia. Tinha a garganta ressecada.

Apoiou um dos pés ligeiramente, sôbre o saco de areia, engoliu em sêco e respirou profundamente. Em seguida, deu um violento empurrão no saco, ao mesmo tempo que se atirava para a frente, rolando numa extensão de alguns metros. Ouviu o ruído que a corda (da qual pendia o alvo) fazia, raspando no poste de madeira e, logo em seguida, uma nova bala veio zunindo pelo espaço, indo alojar-se no saco de areia. Da borda da estrada, elevou-se um pequeno clarão alaranjado.

Cliff ficou de joelhos e afastou-se, o mais ràpidamente que pôde, do saco, que oscilava. Quando estava alguns metros distante do alvo, pôs-se de pé e correu, do mesmo modo como, durante a guerra, tantas vêzes tivera que correr. Deteve-se de repente, caindo ao chão; depois, tornou a levantar e correr novamente. Afinal, parou para descansar e observar, colando o corpo ao solo. Sua respiração estava alterada. Olhou para trás e viu, a cinqüenta metros do local em que se encontrava, o saco de areia, silhuetado entre êle e o poste de luz, a balançar suavemente.

Cliff pôde então observar a figura de um homem que se encaminhou cautelosamente para o alvo, e notou que o mesmo levava um rifle, numa das mãos. Viu quando o indivíduo interrompeu o movimento oscilante do saco, percorreu com os dedos a sua superfície e, em seguida, girou o corpo, olhando na direção do local em que se encontrava. Por um momento, Cliff ficou com os nervos tensos, mas, logo depois, respirou aliviado, ao notar que o homem não estava, na realidade, olhando na sua direção. Repentinamente, a voz de seu inimigo se fêz ouvir e Cliff estremeceu, ao relembrar alguma coisa que não podia ser muito bem delineada em sua mente, **naquele momento.**

— Sargento Brockman! — chamou o homem, em voz baixa, mas que denotava um certo escárneo.

"Sargento!" — pensou Cliff. — "Vários anos se passaram, desde que abandonei o exército... e êle me conhece! E... eu conheço essa voz! Quem será êsse homem? E... **por que faz isso?**"

— Um truque muito inteligente, sargento! — dizia o homem nesse instante. Creio que, com isto, você conseguiu adiar a sua morte. Na ver-



dessem ouvir o que falasse ao telefone. Os três outros membros da patrulha haviam avançado um pouco mais, a fim de estudar a situação das tropas inimigas, e Cliff estava deitado em posição confortável, sôbre a ribanceira do canal, desejando que seus companheiros se apressassem, a fim de poder retornar às suas linhas, para fumar um cigarro. De repente, surgindo do nada, os alemães apareceram em volta dêle. Cliff não teve tempo de apanhar sua metralhadora de mão. Uma patrulha germânica (segundo conseguiu verificar mais tarde), para cúmulo do azar, havia topado com o fio do telefone que o americano estendera pelo terreno e, seguindo o mesmo, viera até ao local em que êle se encontrava!

Os nazistas se moviam com rapidez. Cliff calculou que êles sabiam não ter o ianque vindo sòzinho e, nos minutos seguintes, lá se ia êle vadeando o canal, com as duas mãos

dade, eu não desejava matá-lo — **não tão depressa!** Estou contente por não haver caprichado na pontaria.

"Sim!" — respondeu Cliff, mentalmente. — "Furou o meu paletó e acertou num saco oscilante, **de grande distância, e numa noite escura! Má pontaria!"**

Sentiu ímpetos de se levantar e gritar para o seu perseguidor: "Como é, seu cretino? Quem é você?" Em vez disso, porém, arrastou-se para trás de um tufo de capim, ali permanecendo, em silêncio.

— Já sabe quem sou, sargento? Lembra-se do aviso que lhe dei — **de não deixar de olhar para trás? De olhar sempre para trás?** Porque, qualquer dia, quando se voltasse, eu estaria a persegui-lo? Recorda agora, sargento?

A voz do desconhecido não havia aumentado de volume e, no entanto, crescia em intensidade, mais e mais, até que pareceu a Cliff que seu inimigo falava utilizando um megafone, a uma distância de apenas alguns centímetros dos seus ouvidos. Sùbitamente, houve a revivescência daquilo que não conseguia recordar! Como um relâmpago, Cliff relembrou aquelas palavras, pronunciadas já há tantos anos: **"Não deixe de olhar para trás, sargento!"**

Pois bem, o Sargento Clifford Brockman não olhara para trás uma só vez sequer, após aquela ameaça. Apenas lhe ocorrera recordar essas palavras uma ou duas vêzes, após sua baixa do exército; e, nessas ocasiões, sòmente achara graça na ameaça que lhe fôra feita. Agora, porém, olhava para o passado; recuava no tempo, por um espaço de sete anos, chegando até uma noite escura, pouco menos escura do que esta de agora. E recordava a ribanceira de um canal na Alemanha.

Aquela seria uma patrulha muito importante. Como sargento de comunicações, êle deveria avançar, parando a uma boa distância das linhas inimigas, de modo que os antagonistas não pu-

por trás do pescoço (modo pelo qual eram os prisioneiros obrigados a caminhar), com sua própria metralhadora a lhe comprimir as costas. Assim contornaram o pôsto avançado e cruzaram um campo, com os alemães trocando comentários ocasionais e Cliff caminhando em silêncio, triste e ao mesmo tempo cheio de raiva.

Pouco depois, desembocaram numa estrada onde foram identificados perante outros soldados nazistas que ali montavam guarda e, finalmente, foram ter ao páteo de uma fazenda. A compressão constante da arma em suas costas obrigou-o a atravessar a porta dianteira e caminhar pelo escuro corredor da casa principal. Uma segunda porta se abriu e Cliff foi empurrado, por mãos brutas, para dentro de um quarto iluminado por meia dúzia de velas, e ocupado por um número igual de soldados.

Quando o americano entrou, os ocupantes do aposento se levantaram, com surprêsa, e a animada conversação, que aparentemente tinha lugar, foi interrompida. Foi reiniciada logo depois, quando os membros da patrulha passaram a ser inquiridos com excitação, por seus companheiros. Cliff não se importou com o gutural e barulhento idioma que seus inimigos falavam. Notou um banquinho num dos cantos do quarto e foi sentar ali. Então, uma palavra que êle não podia deixar de reconhecer, foi pronunciada, tirando-o do quase torpor em que se encontrava. A palavra foi repetida por diversas vêzes.

— **Zigaretten?** — Um homenzinho, de rosto fino, sorria para êle e estendia uma das mãos, repetindo com insistência a mesma palavra. — **Zigaretten? Amerikanische Zigaretten?**

Cliff chegou a iniciar um meneio de cabeça, em tom negativo, mas mudou de idéia. De qualquer forma, êles achariam o maço de cigarros e lho tomariam. Retirou o maço do bôlso, conservando um dos cigarros na palma da mão e atirou o pacote para o alemão.

— **Danke! Danke!** — E o homenzinho foi logo cercado pelos companheiros, que estenderam as mãos ansiosamente. O rumor de suas vozes foi abafado por uma voz de comando, quando a porta se abriu.

— **"Achtung!"** — A ordem de atenção cortou imediatamente a tagarelice dos soldados germânicos, da mesma forma que um receptor de rádio deixa de funcionar ao ser desligado. Cliff reprimiu o impulso de levantar, imitando os soldados inimigos. Ao invés disso, inclinou-se para um lado, acendendo o cigarro na chama da vela que se encontrava mais próxima, olhando em seguida, casualmente, para o homem que entrara no aposento.

No instante seguinte, uma bofetada atingiu-lhe o rosto, fazendo com que o cigarro rolasse pelo chão. Os músculos de Cliff se retesaram, com a indignação que dêle se apossou. Ficou de pé, ràpidamente, para defrontar uma "Luger" apontada para o seu peito, a uma distância de alguns centímetros. Com um terrível esfôrço, cerrou os punhos e procurou controlar sua cólera.

O homem que o esbofeteara era um oficial. Era jovem, mas os olhos, escuros e maus, e os lábios, finos e cruéis, não pertenciam ao rosto de um moço. Nem tampouco sua voz, quando finalmente falou:

— Creio — disse, em perfeito inglês — que, até mesmo no exército americano, um soldado fica em posição de sentido, quando um oficial entra no aposento em que se encontre.

Cliff limitou-se a rilhar os dentes, sem pronunciar uma palavra.

— Seu nome e categoria, soldado! — ordenou o alemão, àsperamente. — E responda com um "sir"!

— Brockman — respondeu Cliff. — Sargento Clifford Brockman. — E seus olhos se cravaram nos do alemão, em sinal de desafio.

— "Sir!" — atalhou o nazista, imediatamente. Cliff olhou para êle. A mão esquerda do alemão veio se abater, sùbitamente, no rosto do americano, e um pesado anel de prata, que tinha num dedo, produziu um corte profundo em seu rosto.

— Diga "Sir", quando se dirigir a um oficial! — gritou o alemão; tornou a levantar a mão. Pareceu notar, então, os olhares pasmados dos soldados nazistas que ali se encontravam. Baixou o braço, devagar, e seu olhar percorreu com rapidez, um por um, os demais nazistas, até que foi dar com o homenzinho ao qual Cliff havia entregado seus cigarros. O oficial dirigiu a palavra para êle, em alemão, e Cliff levantou a cabeça, tomado de espanto com a mudança de voz operada no oficial que o esbofeteara. Ela era, agora, muito mais macia, quase gentil, e, mesmo com seus rudimentares conhecimentos de alemão, Cliff compreendeu que o oficial havia chamado o outro por seu primeiro nome, Karl.

Karl se movimentou, apanhando o capacete e o fuzil; o oficial se voltou para Cliff, dizendo:

— Continuaremos nossa discussão em meu quartel, sargento. Siga-me! Karl ficará a vigiá-lo. — E saiu do aposento.

O americano lançou um olhar para Karl, que empunhava o fuzil, e seguiu o oficial, passando pela porta. Karl caminhava logo atrás dêle. Em silêncio, os três deixaram a casa, atravessaram o páteo e penetraram pela porta de uma pequena construção que ficava separada das demais. O aposento no qual se detiveram estava completamente às escuras. O oficial disse uma palavra em tom baixo, e Cliff sentiu o cano do fuzil pressionar-lhe as costelas. Em seguida, um fósforo foi acesò; a mecha de uma lâmpada de óleo foi inflamada, ficando o quarto um pouco mais claro.

Cliff olheu em volta. Uma comprida mesa de madeira, repleta de mapas e outros papéis, ocupava o centro do aposento. Por trás da mesma estava colocada uma cadeira de espaldar alto. Um receptor de rádio de campanha estava colocado num dos cantos do chão imundo; do receptor, um fio se estendia até as pesadas cortinas negras que cobriam a única janela do aposento. Em outro canto, havia uma cama de campanha e algumas peças de equipamento pessoal. O resto do quarto estava despido de quaisquer outros móveis ou objetos.

O oficial se moveu em tôrno da mesa, sentando na cadeira. Karl postou-se de guarda à porta, com o fuzil pronto para qualquer eventualidade. Cliff olhou para o soldado, para o oficial e novamente para Karl. A semelhança entre os dois era enorme.

O homem sentado à mesa permitiu que um sorriso perpassasse em seu rosto, por alguns segundos.

— Você é observador, sargento. Karl é meu irmão. — Sua voz era uma estranha mistura de frieza e suavidade. — Procuro mantê-lo perto de mim, pois êle é fraco; **eu** sou forte! Sem mim, meu irmão não ficaria vivo nem mais um mês.

Interrompeu-se bruscamente e, quando tornou a falar, suas palavras eram mais uma vez duras e ríspidas.

— Sargento, sou o Capitão Schoenbach. Serei franco com você: desejo certas informações e, de um modo ou de outro, esteja certo de que conseguirei o que desejo.

Ouvindo o que o outro dizia, Cliff teve, de um certo modo, a idéia de que êsse era um discurso preparado pelo capitão, e já várias vêzes pronunciado anteriormente. Nada disse, porém.

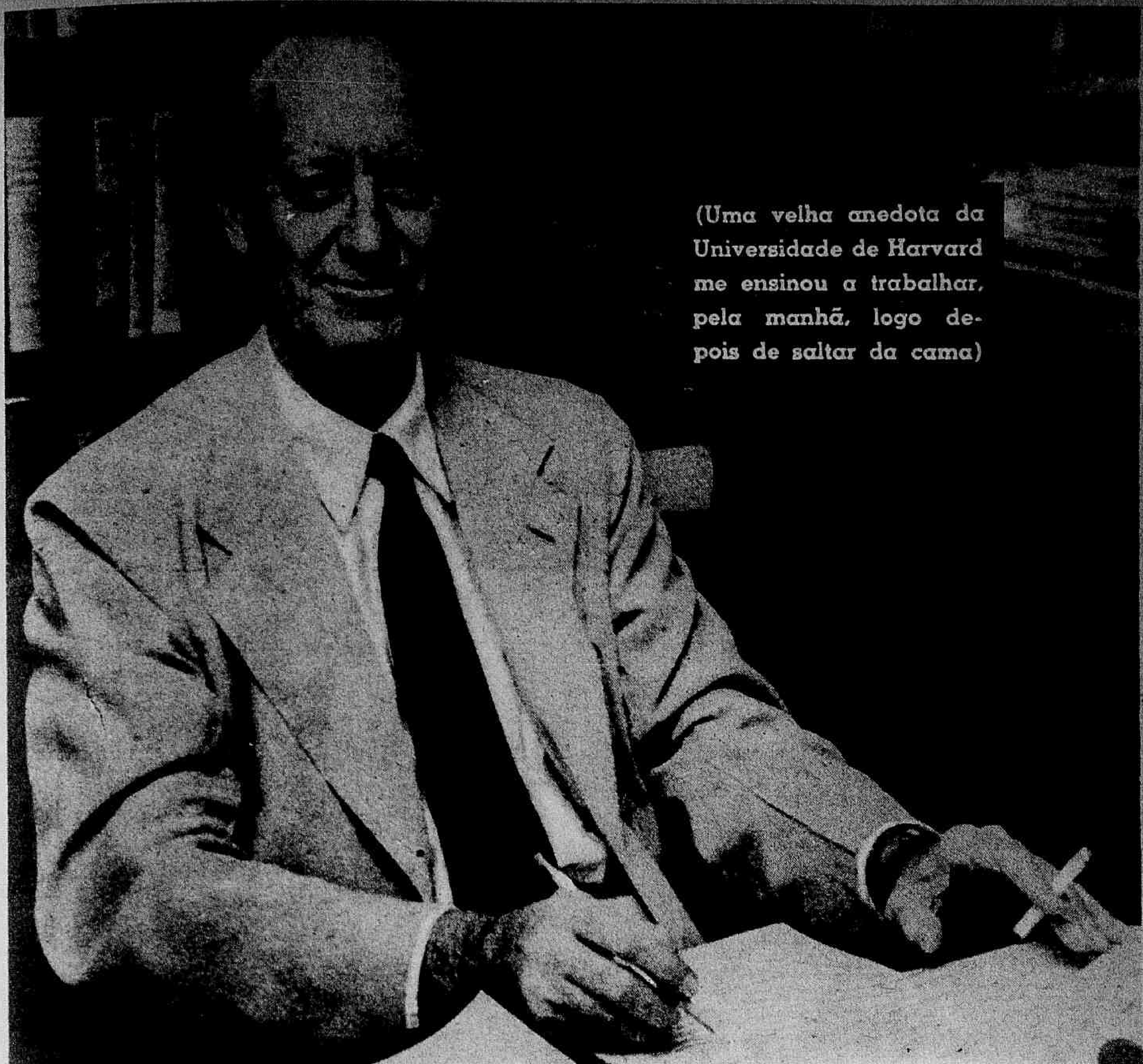
Mas, antes de tudo — continuou o alemão — verificaremos se existe alguma coisa que nos interesse, entre seus objetos pessoais. Levante os braços! Karl vai revistá-lo.

Acrescentou algumas palavras em alemão, e Karl se adiantou.

Enquanto era claro que o oficial era prático nesse procedimento, Cliff notou que Karl, ao contrário, era um novato. O soldado fêz o gesto de quem fôsse encostar o fuzil à parede, depois mudou de idéia e resolveu revistar o norte-americano sòmente com uma das mãos, passando a arma de uma para outra, conforme o lado da farda de Cliff que êle palpava. Finalmente, apoiou a coronha do fuzil no chão, segurando-o pelo cano, com a mão direita, enquanto com a esquerda, sondava os bolsos do inimigo.

O coração de Cliff começou a palpitar violentamente. Êle divizara uma oportunidade de escapar. Era apenas uma remota probabilidade... Pro-

(Cont. na pág. 115)



(Uma velha anedota da Universidade de Harvard me ensinou a trabalhar, pela manhã, logo depois de saltar da cama)

SE VOCÊ É PREGUIÇOSO...

Por FREDERICK LEWIS ALLEN

SEGUNDO uma anedota, conhecidíssima na Universidade de Harvard, o falecido Le Baron Russel Briggs, que foi, por longos anos, o muito respeitado e muito querido Deão do famoso Colégio, perguntou, certa vez, a um aluno, por que deixara totalmente de executar um trabalho, que lhe fôra encomendado pelo professor.

— Porque não me sentia muito bem, senhor — alegou o estudante.

— Meu jovem amigo — replicou Le Baron Russel Briggs — tenho a certeza de que, nas horas em que se sentia assim não muito bem, mais de metade do trabalho, em todo o mundo, estava sendo feito por gente que também não se sentia muito bem!

Sempre tenho pensado nessa resposta e também no fato de que o Deão Briggs, homem nada robusto e mesmo de saúde precária, talvez tivesse passado grande parte de sua intensa vida de trabalho... sentindo-se nada bem; e, se naquela mesma manhã em que dera tão sábia resposta ao aluno preguiçoso, pudera chegar ao edifício da Universidade, fôra sòmente por ser um homem que colocava as suas responsabilidades acima dos seus confortos.

Sabia — tenho certeza — que há realmente incapacidade física, em razão de enfermidade, e atitude exageradamente prudente relativamente à saúde. Sabia também o excelente Deão Briggs, que os sintomas de fadiga e os de preguiça são pràticamente idênticos; que é muito difícil distinguir entre não se sentir muito bem... e não ter vontade de realizar um trabalho mais difícil; e sabia, principalmente, que o homem previdente, que tenha um trabalho importante para entregar na quinta-feira, trata de começá-lo na segunda-feira, completando-o na têrça, pois, assim, uma dor de cabeça, que o venha atacar na quarta, não o impedirá de ter tudo pronto no dia designado.

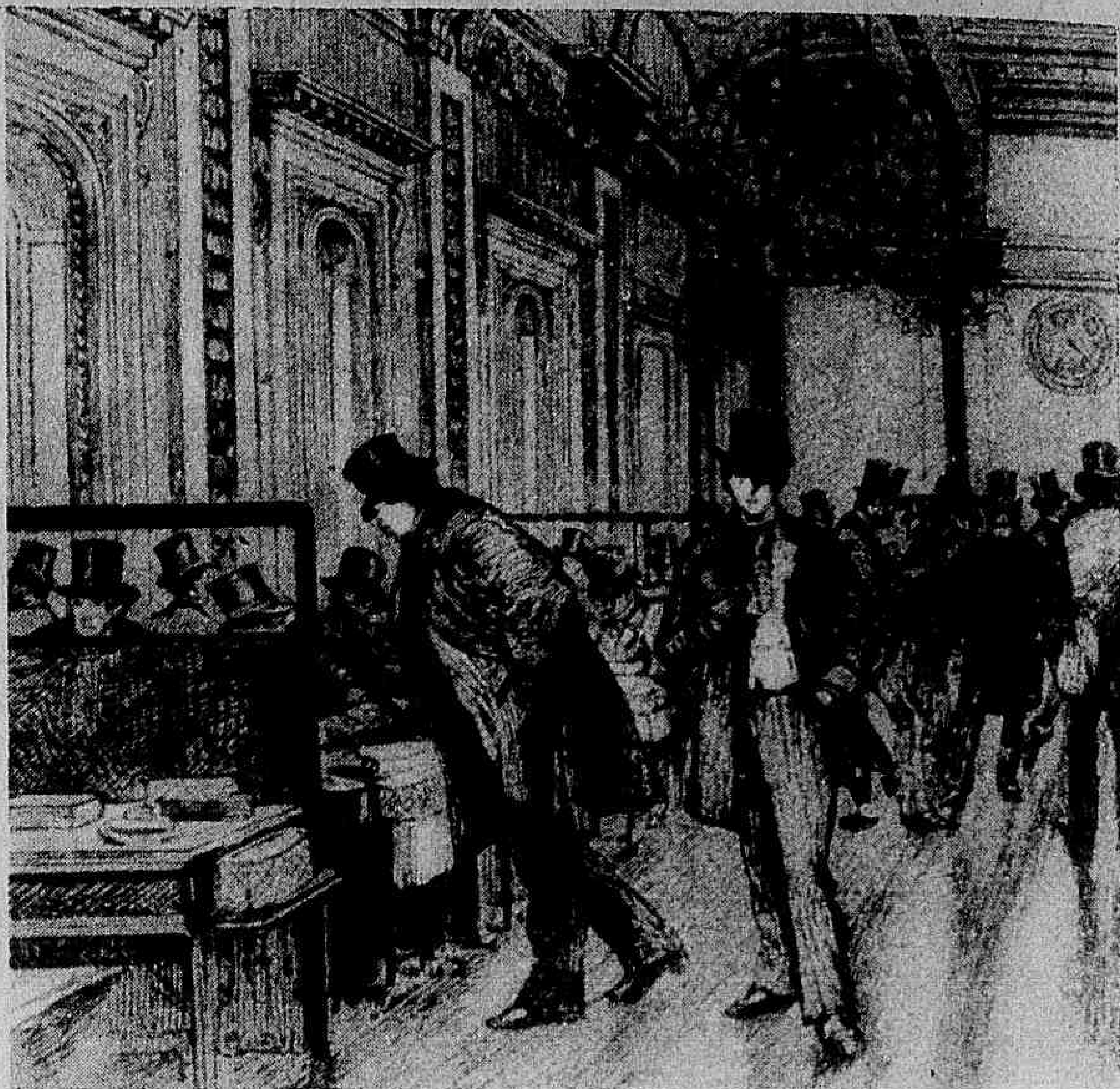
Sabia a diferença entre o homem que planeja o serviço que lhe coube realizar e altera os seus prazeres, e o homem que planeja suas diversões e passa a pensar nas suas responsabilidades.

A todo instante, a resposta de Le Baron Russel Briggs volta ao meu pensamento, principalmente nestas manhãs mais frias, quando a muitos parece, realmente, um castigo sem nome, ter que saltar da cama, para trabalhar, antes das nove horas. Então começo a rir sòzinho, e, imediatamente, sinto uma disposição irrefreável para fazer tudo o que estiver para ser feito!

UMA ORGANIZAÇÃO DE



Um "apregoador" do século XIX. Atualmente, utiliza-se um microfone que também serve para chamar a atenção das pessoas que não têm permissão para entrar no salão.

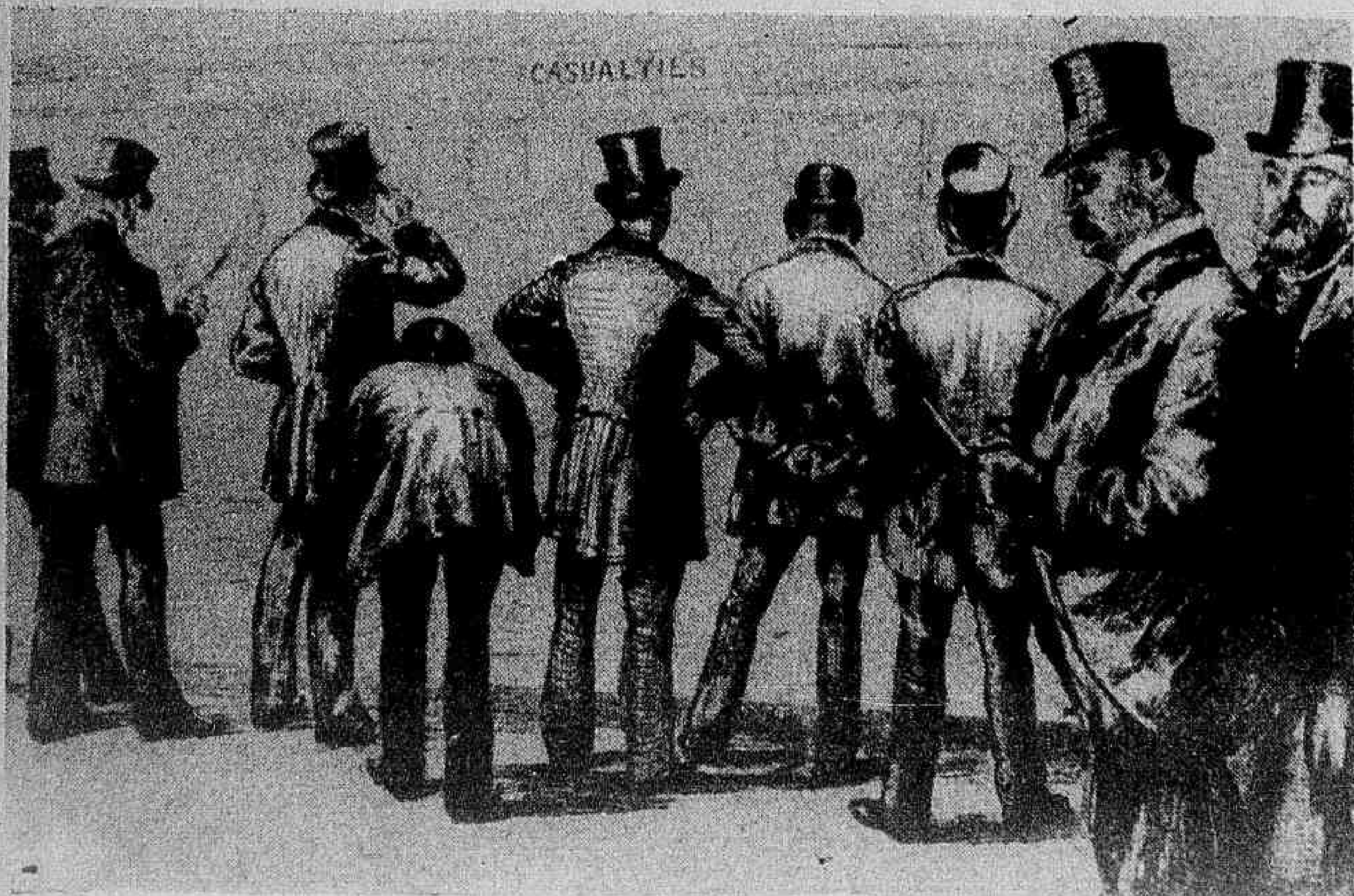


A Sala dos Contratos, por volta do ano de 1880, com os corretores eram assinados os contratos. Podemos notar os curiosos bancos de nalmente, de acôrdo com o estilo antiquado

QUANDO A RAINHA DA INGLATERRA COLOCOU, RECENTEMENTE, A PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO E GRANDIOSO EDIFÍCIO DA "LLOYD", TEVE INÍCIO UM NOVO CAPÍTULO NA NOVELESCA HISTÓRIA DA FAMOSA ORGANIZAÇÃO DE SEGUROS, QUE SE ORIGINOU DE UM BAR-CAFÉ DO SÉCULO XVII

Por HILDE MARCHANT

É típico da tradição da cidade de Londres o vasto edifício ocupando três e meio acres de terra, da **Lloyd**, ser geralmente chamado de "O Café". Isto se deve ao fato de ter a Associação dos Corretores de Seguros da Lloyd se iniciado num café, na última fase do século dezessete, e o hábito de designar o vetusto e amarelo edifício de pedra por êsse nome original representa, não só uma tradição histórica, como, também, a integridade e auréola de honestidade que a organização tem desenvolvido nesses três séculos. Nos primeiros tempos dessa instituição, cuja vida se desenrolara com a do café freqüentado por marinheiros e negociantes de transportes marítimos, tudo o que era necessário para segurar certa mercadoria, era um apêrto de mão, após uma xícara de café, e uma tira de papel. A carga estava, assim, segurada, e as possíveis perdas, perfeitamente cobertas. Pouco mais é requerido, atualmente. Um aceno de cabeça entre o corretor e o segurador, uma tira de papel com a assinatura dêste último e do escrevente, e uma transação de milhares de libras está realizada. Na verdade, aparte o



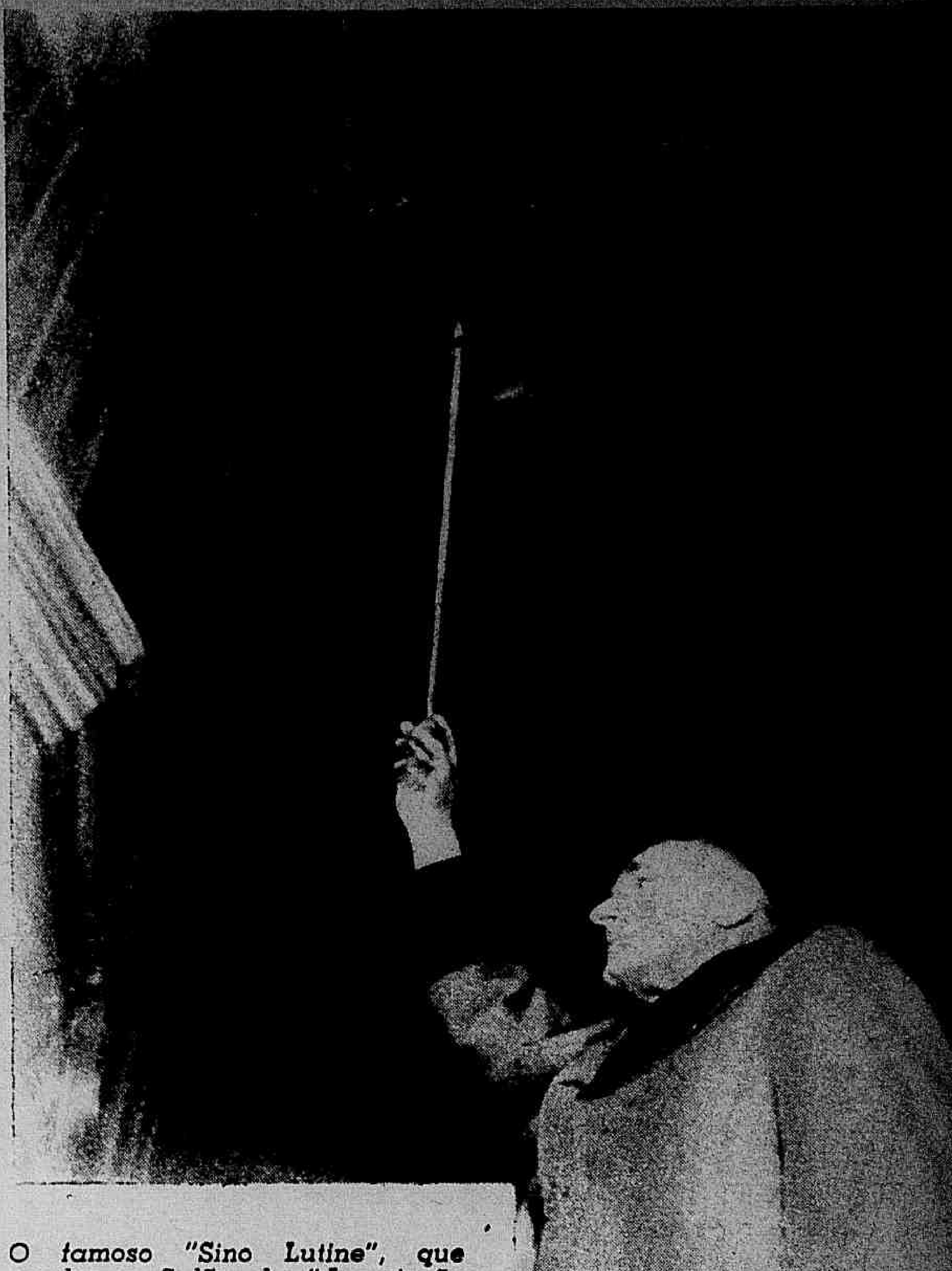


Na sala de telegramas, os membros da Organização Lloyd do século XIX, estudam a lista de ocorrências com os navios por êles segurados.

SEGUROS ORIGINAL



transportando as "tiras de papel" nas quais encôsto alto, que foram mantidos, tradicio- do café de Edward Lloyd



O famoso "Sino Lutine", que pende no Salão da "Associação Lloyd", só badala quando se trata de uma notícia muito importante, como a chegada ou o afundamento de um grande navio. O Lutine era um veleiro de grandes proporções, que soçobrou em 1799, e estava segurado no Lloyd por uma quantia superior a 1.000 libras.

sinete de borracha, o contrato de um moderno corretor, com a caótica e arrastada confusão de figuras, poderia ter, muito bem, vindo das caixas pretas mantidas nas prateleiras do café de Edward Lloyd, na Rua Tower, em 1688. A Companhia de Seguros Lloyd começou, a exemplo de muitas outras grandes instituições, de um modo original e tem sido tradicionalmente conservado, em parte, até os dias de hoje. O "Bar-Café" ficava próximo do cais e do rio, e, assim, os capitães das embarcações e os negociantes marítimos costumavam agrupar-se no estabelecimento de Edward Lloyd. Era natural, portanto, que os assuntos e discussões, que se ouviam por ali, versassem sôbre saída de navios, valor de cargas, e afundamentos e encalhes. Tornou-se, dêsse modo, um centro de discussões e notícias marítimas, freqüentado por tôda sorte de pessoas relacionadas com os mesmos assuntos, inclusive negociantes que se responsabilizavam por seguros marítimos, como um meio lucrativo de transações.

Assim, à medida que passavam os meses, a reputação daquele centro de reunião dos marítimos foi aumentando, e



Uma impressão de Rowlandson, da Sala de Contrato correspondente ao século XVIII. Ali, os subscritores se encontravam, e estudavam as informações de embarque estampadas, ficando assim a par do que se passava no mundo marítimo. No fundo do salão, podemos notar, ao lado do relógio, um anemômetro, utilizado para medir a fôrça do vento.

aquêles que desejavam segurar algum embarque de mercadorias vinham procurar os corretores de seguros no "Café Lloyd". Era mais seguro e conveniente efetuar contratos com os corretores que freqüentavam êsse estabelecimento, que procurar os que eram estabelecidos em escritórios. Havia ali um bom ambiente para o pessoal que tratava de negócios: uma lareira sempre crepitante, grande número de mesas, bancos relativamente confortáveis, uma boa vista do rio Tâmisa e, numa das janelas, uma arara, trazida de alguma terra distante, por um dos marinheiros que freqüentavam o "bar".

Edward Lloyd não demorou a notar quão importante, para o progresso de seu café, era a reunião diária dos marítimos. Dêsse modo, resolveu empregar **rebuscadores de notícias**, a fim de percorrerem a cidade, trazendo as últimas novas a respeito de tudo o que se relacionasse com o comércio marítimo. Essas notícias eram lidas para os seus fregueses, do alto de um pórtico, por um rapaz, apelidado "moço". Êle era também encarregado de distribuir penas e tinta entre os presentes, e de colocar, em tôdas as mesas, as caixas pretas já referidas linhas acima, na qual haviam fôlhas de contratos.

O aspecto mais interessante, em tôda a história da **Companhia de Seguros Lloyd**, é que o próprio Edward Lloyd, pessoalmente, jamais se dedicou ao negócio de seguros. Apenas procurava dotar os fregueses de todo o confôrto, dando-lhes tôdas as facilidades de que necessitavam. Da mesma forma, nos dias de hoje, a Corporação Lloyd não efetua transações de seguros. Provê apenas as acomodações, o serviço especial, e as caixas pretas, com todo o material necessário para seus membros conduzirem os seus negócios.

Pouco depois de haver tomado providências tão inteligentes e práticas, Edward Lloyd foi recompensado com o grande incremento que tomou a venda de café e bebidas, em seu estabelecimento. Nessas condições, resolveu instalar o seu café num ponto ainda mais concorrido, na Rua Lombard, bem no coração de Londres. As informações tornaram-se, dessa forma, mais fáceis de obter e, nas paredes, eram coladas cartas de correspondentes estrangeiros, de modo a poderem ter os freqüentadores, tôdas as informações de que necessitavam.

Atualmente, os negócios são feitos de forma semelhante. Um enorme quadro se estende por todo o salão e nêle são realizadas as transações, estampando as últimas notícias a respeito do mercado; também as mensagens dos correspondentes da Lloyd são dactilografadas e expostas no referido quadro. Edward Lloyd costumava estampar ali, também, as suas próprias comunicações, denominadas "Notícias de Lloyd", e esta foi a origem da "Lista Lloyd", que resume as publicações marítimas mais recentes.

As semelhanças e a conservação da tradição são enormes. Aquêles que serviam aos fregueses e que, hoje, atendem aos pedidos dos que freqüentam o edifício, continuam a ser chamados "serventes"; as informações e mensagens continuam a ser dadas por um homem, do alto de uma tribuna que tem um esporão de navio, para bem distingui-la, embora sejam também transmitidas por um serviço de alto-falantes.

Os atuais corretores de seguros têm uma licença especial para penetrar no salão destinado aos capitães; êsse salão é designado pelo nome de "Sala dos Capitães". Sete anos após a morte de Edward Lloyd, em 1713, quando seu café ainda centralizava as atenções dos marítimos e negociantes, tornou-se lei o fato de que tôda a propriedade pessoal de um corretor de seguros ficasse, para maior garantia do segurado, contida na



Na atualidade, como há cem anos, os interessados em seguros marítimos consultam, ainda, ansiosamente, o livro de registro de acidentes marítimos, desde os afundamentos, até os princípios de incêndio, com as perdas e prejuizos resultantes.



A Rainha da Inglaterra colocando a pedra fundamental do novo edifício que será construído anexo à edificação atual. A soberana utiliza a mesma "colher de pedreiro" de que se serviu o seu avô, o Rei George V, para depositar a pedra fundamental do atual edifício da importante corporação. Quando a Rainha procedeu a êsse ato, o Sino Lutine badalou duas vêzes, para indicar "boas notícias".

apólice. Ainda hoje essa exigência legal é rigorosamente observada.

Após a morte de Lloyd, tornou-se costume a designação de um superintendente para o café e, assim, Thomas Jemson, membro da Companhia de Construtores de Navios, tomou posse como primeiro "Superintendente", para um período de cinco anos. Por volta de 1740, um dêsses gerentes do estabelecimento combinou com o diretor geral dos correios, que os relatórios dos correspondentes do café seriam endereçados ao próprio diretor dos correios, e recolhidas por um empregado do estabelecimento Lloyd, tão logo chegassem os sacos de cartas. Com êsse método, obtinham-se algumas horas de adiantamento na afixação das notícias, facilitando as transações efetuadas no estabelecimento.

Em virtude do interêsse demonstrado por seus mentores, o Café Lloyd, com crescente popularidade, acabou por transformar-se na Companhia Lloyd, instituição que tem como sócios os mais provectos corretores de seguros. Se ficar provado que um dêsses agentes procedeu desonestamente, por menor que seja a falta, é êle imediatamente expulso da organização.

E' comum ver-se um navio ou alguma espécie de carga, com a classificação "A. I. para a Lloyd", significando que o material é considerado de primeira qualidade, e está segurado por um dos corretores do estabelecimento. Isto se explica da seguinte forma:

Alguns dêsses experimentados agentes de seguros resolveram, para facilitar as suas transações, estabelecer uma espécie de tabela, designando as condições de uma embarcação. A classificação se estenderia de A, para E, I, O, U, no sentido decrescente, em qualidade. O equipamento do navio, por sua vez, seria designado por G (de **good** — bom), F (de **fair** — razoável), ou B (de **bad** — mau). Num volume publicado cinco anos mais tarde, passou-se a designar essas escalas pelos algarismos romanos I, II, III, IV, V. Se um navio fôsse da melhor classe, seria classificado, pelos inspetores da Lloyd, por "A.I.".

No fim do século dezoito, achando que o estabelecimento era antiquado para as negociações extremamente volumosas, que, diàriamente, ali tinham lugar, 79 negociantes e corretores de seguros resolveram eleger um **comitê** e oferecer subscrições de 100 libras cada uma, para a construção de um novo edifício, comportando, social e comercialmente, o vastíssimo numero de pessoas que, todos os dias, permanecia em suas dependências.

Uma vez provados os bons propósitos dêsse comité, passou-se a eleger periòdicamente uma nova comissão, cujos membros devem ser portadores de reais qualidades idôneas. Assim teve início a Corporação Lloyd.

No entanto, sua fundação se deve, em grande parte, aos esforços de um homem, John Julius Angerstein, pessoa de considerável inteligência e antevisão. Originário de uma conhecida família de negociantes de Hanover, foi êle para Londres com 14 anos de idade, empregando-se imediatamente, com um importante mercador da cidade. Ràpidamente, Angerstein aprendeu o ramo de seguros marítimos, tornando-se, após algum tempo, um dos membros mais importantes da Organização Lloyd.

Já contava a organização com um certo número de subscrições, porém, com fundos ainda insuficientes para a construção de um majestoso edifício; os corretores e demais pessoas que freqüentavam o Café Lloyd não escondiam o seu desagrado, por ter que abandonar o local no qual, durante tanto tempo, haviam efetuado tôdas as suas transações. Angerstein teve, então, a idéia de instalar, provisòriamente, enquanto era iniciada a construção, a sede da Organização na "Bôlsa Real de Londres", onde haveriam também as tradicionais refeições e bebidas que eram servidas aos freqüentadores do café. Sendo a Bôlsa o local de maior movimento da cidade, ganharam naturalmente ainda maior incremento as transações desenvolvidas pelos membros da Lloyd.

Com o advento da guerra Napoleônica, apresentou-se, então, o primeiro teste de importância para os membros da Lloyd. Seus prejuízos foram consideráveis e, mesmo após as retumbantes vitórias do almirante Nelson, em todos os mares, continuou a haver muita pirataria.

Os membros da Lloyd introduziram, nos contratos que efetuavam, uma cláusula de seguro contra os atos de pirataria, concedendo, dessa forma, amplas vantagens àqueles que seguravam seus navios e suas mercadorias.

E' interessante notar que essa cláusula adicional consta, ainda hoje, dos contratos que são feitos pelos membros da Organização.

Angerstein foi, não sòmente um homem de larga visão e grande tino comercial, como também, dotado de grande dose de caridade e sensibilidade, pois, durante a guerra, organizou o "Fundo Patriótico da Lloyd". Após as vitórias navais de Nelson, Angerstein pediu-lhe que permitisse ao **fundo de socorro** ter os nomes dos mortos e feridos, de modo que pudessem ser oferecidas algumas importâncias monetárias àqueles que mais haviam sofrido com a guerra, e às pessoas que haviam ficado desamparadas com a morte de seus entes queridos.

O fundo foi subscrito por inúmeras pessoas, e Nelson se mostrou grandemente sensibilizado por êsse gesto. O grande almirante escreveu várias cartas a Angerstein, as quais estão, hoje, arquivadas no salão que tem o nome daquele herói nacional, na Associação Lloyd. Ali estão ainda a espada e as platinas do heróico almirante, doadas pela corporação a que pertencia e, da mesma forma, as anotações que êle fêz nos intervalos das grandes batalhas que venceu, destacando-se a famosa mensagem que começa com as palavras: **"A Inglaterra espera que cada um cumpra com o seu dever!"**

Ficam muito ressaltados os bons sentimentos de que eram portadores os membros da Lloyd, com as contribuições que fizeram, para o fundo de socorro às vítimas da guerra, fôssem marinheiros ou soldados. Embora tivessem tremendos prejuízos diàriamente, êles continuaram em sua benemérita campanha, tornando-se mesmo, essa Organização, o centro para o qual convergiam todos os donativos da população. Até hoje, o fundo dos marinheiros ainda é ali recolhido, embora esteja agora sob o contrôle do chefe do corpo municipal da cidade.

Há ainda outro gesto que merece ser ressaltado entre os praticados pelos membros da "Lloyd", no sentido de que os navios fôssem transportados em segurança, de um a outro pôrto, pelas tripulações, fato de que tanto dependiam êsses corretores.

No início do século dezenove, êles tiveram notícia das tentativas de construção de um novo tipo de veleiro, mais seguro e de características revolucionárias. Imediatamente, adiantaram considerável importância ao inventor, que os convencera de estar em vias de obter êsse novo tipo de embarcação. Pagaram também para a construção e manejo de embarcações de socorro, que navegassem pela costa britânica. Esta foi a primeira tentativa para um serviço organizado de salvamento, dando margem à fundação, posterior, de um serviço nacional dêsse tipo.

A Organização Lloyd continuou a ocupar os salões da "Bôlsa Real", até que esta foi destruída pelo fogo, em 1838. Com êsse incêndio perderam-se inúmeros documentos de valor, de sorte que, apesar de contar tantos anos de existência, a Associação pouco pode apresentar de interessante em arquivos.

Quando a reconstruída "Bôlsa Real" foi inaugurada pela Rainha Vitória, esta foi homenageada pelos membros da "Lloyd", tomando parte num banquete realizado nos salões da nova sede da organização. O têrmo "café" foi abandonado em favor da designação de "Associação", havendo apenas uma exceção, observada pelo diretor dos correios, que, não tendo sido avisado oficialmente da mudança de designação, continuou a endereçar os telegramas e cartas ao "Café Lloyd".

E' interessante ressaltar que, atualmente, no grande e luxuoso edifício inaugurado em março de 1928, os membros da Associação ainda estejam relutantes em abandonar a antiga denominação dada à Lloyd; para êles, ela continua a ser o velho café, e diz-se mesmo que os membros da organização, sentados no meio do pessoal que fala e faz algazarra, utilizam ainda penas do estilo antigo, para a assinatura dos seus contratos.

Naturalmente, isto poderá ser apenas um gracejo dos habitantes da cidade, mas a afirmativa é baseada no fato de que o estilo de trabalho na Lloyd, nos dias que correm, é quase o mesmo que há três séculos! A despeito dos microfones, telefones e outras inovações, o contrato entre o segurado, o corretor, e o escrevente é ainda questão de entendimento pessoal.



No café de Edward Lloyd, costumavam reunir-se mercadores e capitães de navios, que ali discutiam a respeito de partida de navios, afundamentos, cargas e seguros, efetuando-se então vultosas transações.

Atualmente, os agentes da Lloyd estão capacitados para efetuar qualquer tipo de seguro, com exceção do seguro de vida. Desde projetos de construções, até seguros contra furacões, tôdas as espécies de garantias são ali dadas. E' uma questão puramente de encontrar a taxa adequada a cada caso.

Um seguro se processa do seguinte modo: o cliente entra em contato com o corretor, que calcula a quantia pela qual será efetuado o seguro, assim como as cotas a serem pagas por aquêle. Em seguida, o agente se dirige a um dos escreventes da Lloyd, que é um especialista no processo de contratos, e é quem deve redigir os têrmos do seguro.

Se a quantia é muito elevada, como no caso dos seguros do "Queen Mary" e do "Queen Elizabeth" (oito mil milhões de libras, cada um), vários corretores agrupados em "sindicatos" garantem a apólice. O trabalho de aceitar o risco do seguro corre por conta do corretor, que vai de colega a colega, até cobrir o total da importância pela qual será assinada a apólice.

Porém, seja o seguro pequeno ou grande, êle se espalha pelos elementos que negociam no Salão. O corretor tem que revelar grande cuidado na aceitação dos seguros, procurando espalhá-los o mais possível entre os demais corretores, a fim de que a ocorrência de um desastre não o coloque em sérias dificuldades, com o pagamento que terá que fazer ao segurado.

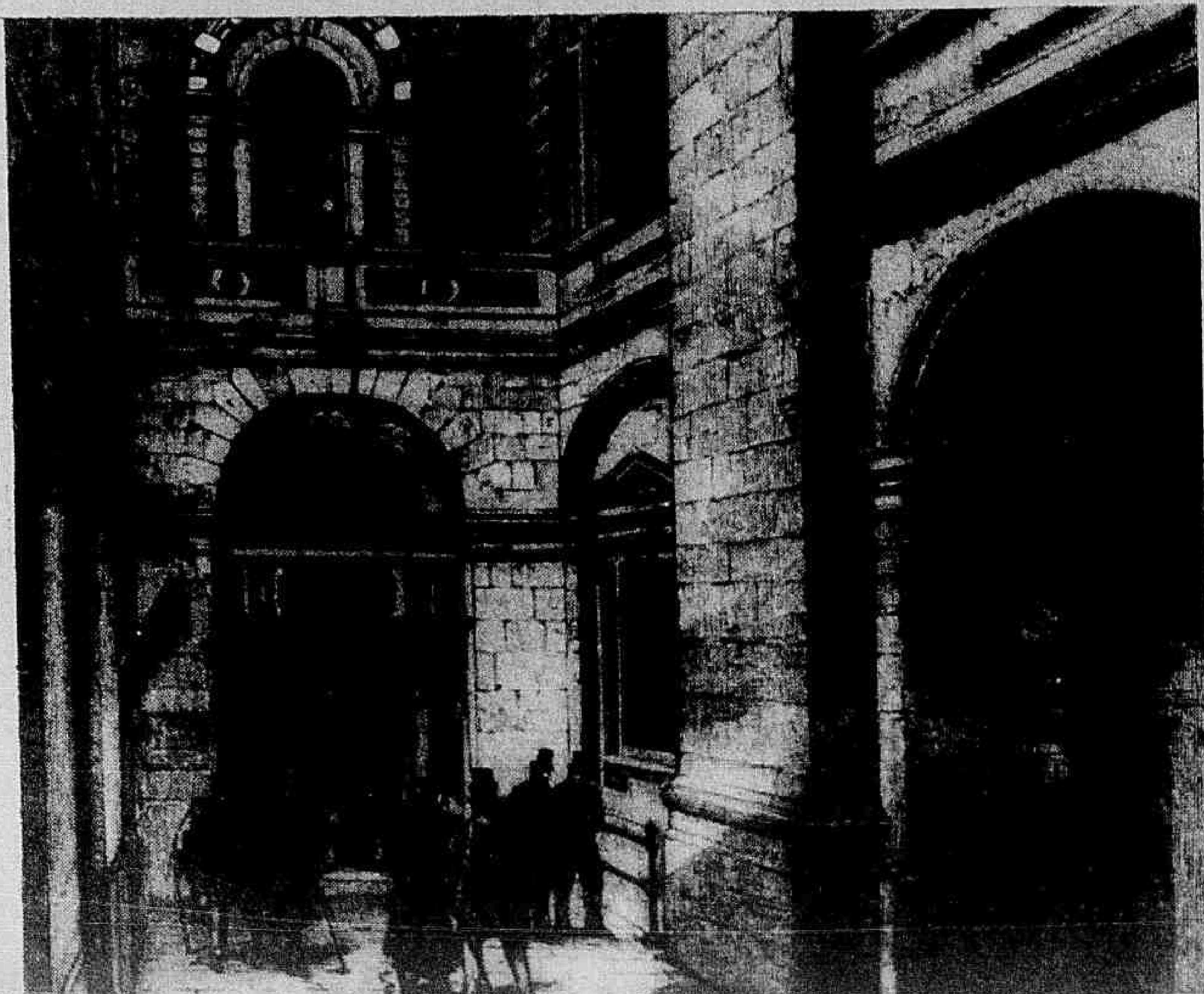
★

Se ocorrer algum sinistro, êle sabe que tudo quanto possui, inclusive sua casa, a aliança de sua espôsa, e o seu automóvel, estará hipotecado. Êste é o risco do corretor de seguros — e não existe, no momento, nenhuma apólice de seguro que garanta o risco de um dêsses banqueiros.

O novo edifício anexo, em construção, dará à Lloyd mais espaço para as transações de seus associados. Isto, no entanto, não é tão importante quanto a reputação conseguida pela Organização Lloyd, cujos contratos apresentam segurança indiscutível em todo o mundo.

Atualmente, a carta-modêlo da corporação inclui muitas cláusulas legais para a proteção do cliente, cláusulas porém que até hoje não tiveram que ser aplicadas. Isto porque, no caso de ser alguma vez necessária a sua aplicação contra um corretor, constituir êsse fato uma nódoa, não sòmente para o nome da Organização Lloyd, como também para o prestígio do comércio britânico.

Porque estar segurado na Lloyd significa: **"o senhor será reembolsado!"**



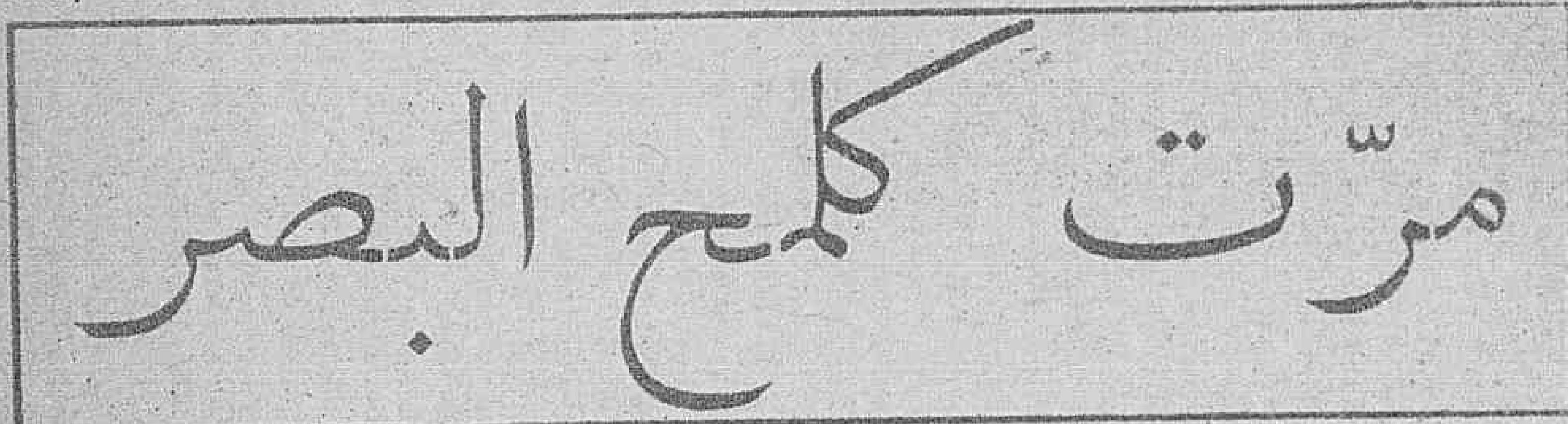
Antes de ser inaugurado o atual edifício do Lloyd, em 1928, a Organização mantinha a sede na Bôlsa Real de Londres, onde, de acôrdo com a tradição que ainda hoje se observa nessa original associação de corretores de seguros, havia duas salas destinadas a refeições.

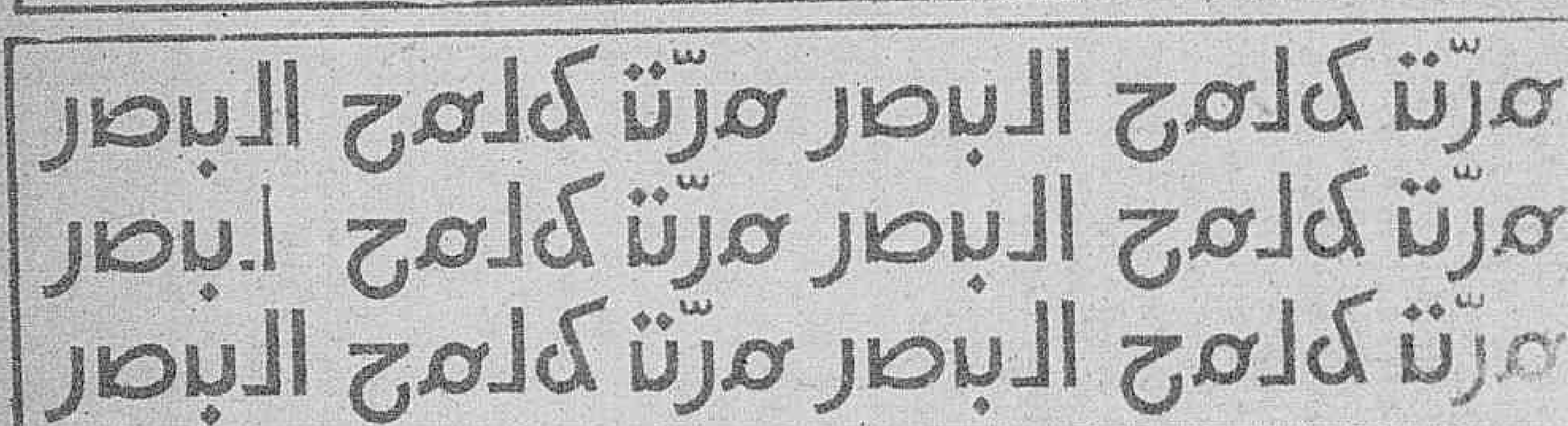
Agora o arábico é mais fácil

UM ALFABETO SIMPLIFICADO CONSTITUI O MODO DE DIMINUIR O ANALFABETISMO ÁRABE

Por MARY DICK

UM dos principais problemas do Oriente Médio, na atualidade, é o analfabetismo, cuja percentagem é muito elevada, chegando, em certas regiões, a 95 por cento! Em outras áreas, não baixa de 70 a 80 por cento. Dos 300 milhões de muçulmanos cuja escrita é o arábico, cêrca de 260 milhões são analfabetos. E' desnecessário dizer que êsse grande conjunto de indivíduos, estendendo-se desde o Marrocos até a Malaia, e abrangendo uma região de vinte e um países, vive, atualmente, num mundo de ignorância.





A economia de espaço permitida pelo novo alfabeto arábico: no quadro superior, uma frase escrita pelo alfabeto antigo; no quadro inferior, a mesma frase, repetida "seis vêzes", escrita segundo o novo alfabeto.

As razões principais que para isto concorreram foram um alfabeto complexo e métodos primitivos de escrita, colocando a literatura e a erudição fora do alcance das massas. Atualmente, graças a Nasri Khattar, arquiteto libanês, um novo alfabeto simplificado foi idealizado, o qual, de acôrdo com o Dr. Frank Laubach, famoso técnico no assunto, habilitará os árabes a aprender a ler e escrever, com um décimo do custo e do tempo anteriormente requeridos.

O "Alfabeto Arábico Unificado" de Khattar, reduz o número de símbolos da escrita de 500 para 30. Isto permite aos árabes uma redução de seis vêzes o espaço antes necessário à escrita, e a utilização de modernas técnicas de impressão, pela primeira vez, em sua história. Ao mesmo tempo, apesar de tão imensa redução, o novo alfabeto preserva as características das letras arábicas tradicionais e é, em conseqüência, perfeitamente compreensível para os leitores da atual escrita arábica.

Quando Khattar apresentou seu alfabeto, na conferência da UNESCO, realizada em Beirute, em novembro de 1949, o "Arábico Unificado" foi recebido entusiàsticamente pelas mais altas autoridades culturais e educacionais do Oriente Médio.

A idéia de simplificar o alfabeto arábico ocorreu a Khattar quando êle próprio cometeu um engano, escrevendo numa antiga máquina de escrever a que mandara adaptar tipos arábicos, para o ensino comercial a um grupo de alunos, na Universidade Americana de Beirute.

— Por que utilizar tôdas essas variações para uma única letra? — pensou Khattar. E começou a estudar textos antigos, em arábico, visitando também as emprêsas gráficas, a fim de aprender a técnica de impressão e gravação.

Efetuou milhares de estudos em tôrno de cada letra, antes de selecionar, finalmente, uma composição. Os símbolos que eventualmente criou, baseados no Kufico e outras formas do arábico eram tão legíveis, que êle mesmo ficou animado a respeito.

"— Não pude deixar de me convencer de que todos os povos arábicos poderiam reconhecer fàcilmente essas letras — afirma Khattar. — Elas parecem ser composições muito simples. Quando as apresentei à minha família, como experiência, ninguém deixou de reconhecer e distinguir uma letra da outra.

Após anos seguidos de tentativas junto a certas firmas especializadas, Khattar conseguiu, recentemente, persuadir os diretores de uma companhia fabricante de máquinas de escrever, a adotar o alfabeto por êle idealizado, produzindo tais máquinas com tipos do novo "Arábico Unificado". Sortimentos completos de letras têm sido embarcados, nos últimos três anos, para o Oriente Médio.

Êsse novo e prático alfabeto abre novos e vastíssimos horizontes para todo o Oriente Médio. Isto porque, depois do alfabeto Latino, o Arábico é o mais largamente usado (por um sétimo da população mundial), incluindo, em seu seio, os persas, malaios, afganistânicos e indianos. O arábico é utilizado até mesmo nas filipinas, em algumas regiões da China e sul da União Soviética.

Os jornais e revistas do Oriente Médio já adotaram o novo sistema, embora ainda exista uma certa relutância, da parte de alguns. E' de notar-se que essa transição tem sido lenta. Inicialmente, apareceram alguns cabeçalhos e pequenos artigos, escritos no novo alfabeto. Em seguida, certos anúncios também passaram a ser impressos com o "Arábico Unificado". Isto forçou o leitor a se familiarizar com o novo sistema, preferindo-o ao antiquado arábico. Desta forma, não restam dúvidas de que o público, em geral, poderá passar pela fase de transição e acomodamento ao novo alfabeto, com razoável esfôrço e por um preço relativamente pequeno.



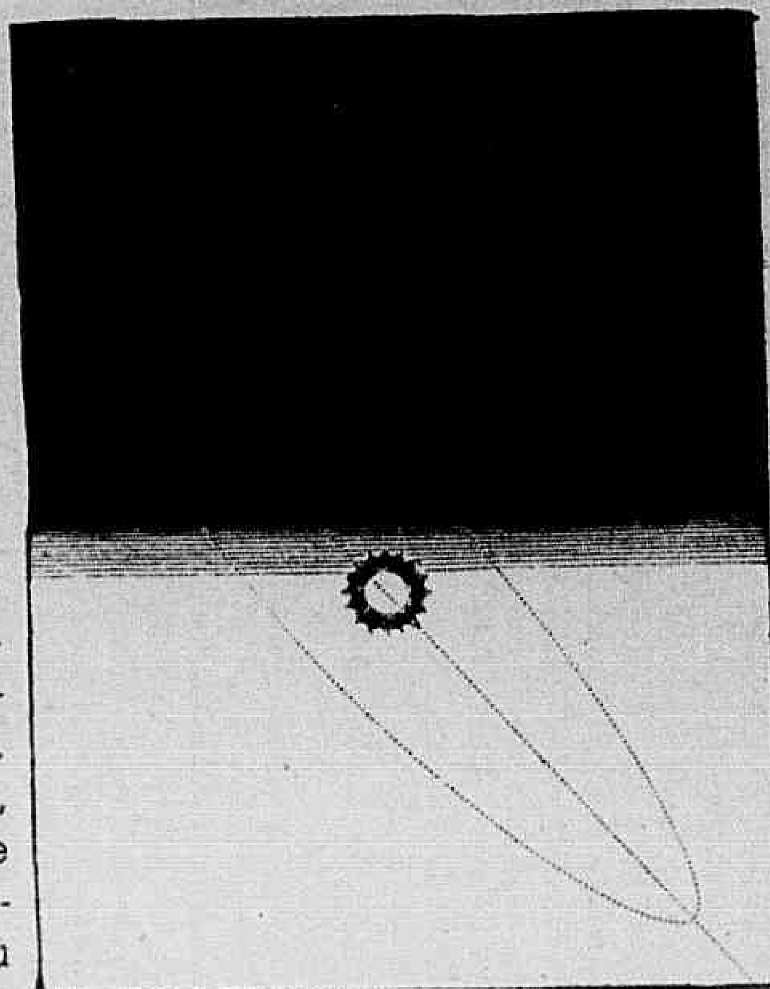
Instrumentos astronômicos do Observatório de Paris, onde os fenômenos celestes continuam em estudos.

A SABEDORIA AVANÇA SÔBRE OS MISTÉRIOS CÓSMICOS

A FAIXA LUMINOSA DO ZODÍACO

Por DE MATOS PINTO

SÓ para os observadores superficiais, o firmamento parece estacionado e invariável. Cada ponto que reluz significa miríades de problemas a solucionar, cada nebulosa exprime um mundo a descobrir, cada constelação indica um infinito que tenta o pensamento. A imutabilidade não rege o domínio dos astros, em cujo insondável seio se desencadeiam, a tôdas as horas, as leis do Universo que Einstein afirma ser finito mas ilimitado. Além da renovação dos fenômenos, que evoluem de estado, a natureza sideral muda de sentido com o progresso dos conhecimentos. O céu que agora contemplamos, através das lentes argutas do Observatório de Mont Wilson e do Observatório de Palomar, em nada se assemelha à luminosa esfera, que viram Homero e Aristóteles, Píndaro e Demócrito, nem mesmo com a abóbada celeste, que brilhava nos tempos de Augusto e de Lucrécia. De posse de outros instrumentos, o espírito dilatou o indefinido e descobriu inesperadas perspectivas. Mais do que isso, formulou questões nunca meditadas e fêz emergir das sombras as novidades mais desconhecidas. A luz zodiacal constitui um dêsses aspectos cósmicos que escaparam à antiguidade e que modificou a noção do sistema planetário, depois de Galileu e de Newton.



Uma das teorias da Luz Zodiacal explica o fenômeno celeste como um anel nebuloso, tendo ao centro o Sol.

FOSFORESCÊNCIA OVAL QUE FOI NOTADA PELOS AZTECAS — Ao crepúsculo, depois que o arrebol se esvai no horizonte, investiguemos o espaço, que se cobre de penumbra. Desaparecido o Sol, vereis projetar-se uma fosforescência de forma oval, mais ou menos elíptica, com as aparências de um fuso. Visível também pela madrugada, antes da aurora, perde o seu brilho logo que dardejam os primeiros raios solares. O espetáculo sugestiona e dá a impressão da cauda de um comêta, que se avizinha sùbitamente da Terra. Na sua quase totalidade, os povos antigos ignoraram o singular fenômeno, cuja explicação atrai, em nossos dias, os melhores físicos da astronomia. O egiptólogo Heinrich Karl Brugsch garante que os egípcios faraônicos gravaram o cone luminoso nos seus monumentos, sob a figura de um triângulo. Passou despercebido aos gregos, aos romanos, aos árabes, que não deixaram nenhum depoimento a propósito da sua visibilidade. O espiritual J. J. Dortous de Mairan, que se notabilizou

pela sua amizade com o príncipe de Conti e com Voltaire, autor de uma obra "Sôbre o Gêlo" e um "Tratado Físico e Histórico da Aurora Boreal", quis convencer os astrônomos de que os romanos viram a fosforescência. Apoia-se no historiador grego Nicéforo, que fala numa faixa brilhante, vista num eclipse do Sol, depois da conquista de Roma por Alarico. Êsse fato permanece inaceitável, uma vez que as modernas observações não o confirmam. Se os astrônomos árabes a olvidaram, ou porque não a distinguiram, ou porque não a compreenderam, o legislador do Islam notou-a claramente. No "Alcorão" há referências ao fenômeno celeste. Afirma Alexander Humboldt que, desde o ano de 1509, observaram-no os aztecas, no México. Durante o século XVI perceberam — no Ticho — Brahe e Johann Kepler, mas ambos, ocupados com outros problemas, não lhe concederam a devida importância. Pertence a Childrei, capelão de Lord Henry Somerset, o mérito de haver descrito pela primeira vez, no ano de 1659, a Luz Zodiacal. A descrição veio na sua "História Natural da Inglaterra", e fixou o fenômeno definitivamente. Só a partir de 1683, começaram as primeiras investigações científicas devidas a Dominique Cassini, sagaz intérprete do firmamento. Cassini estudou a luz zodiacal durante dez anos e, em virtude da sua transparência, comparou-a com a cauda dos comêtas. Nas suas pesquisas de 1685 a 1686, salientou Fatio de Duillier que a sua largura avança para o Norte. Qualificaram-na de "Luz Zodiacal" porque se apresenta sempre na região do Zodíaco.



Fenômeno intrigante e sôbre cuja origem circulam diversas hipóteses, essa poeira cósmica de forma oval vem preocupando astrônomos como Cassini, Herschel, Liais, Weber e Laplace. A Luz Zodiacal brilha na abóbada celeste como uma das mais interessantes incógnitas da natureza.

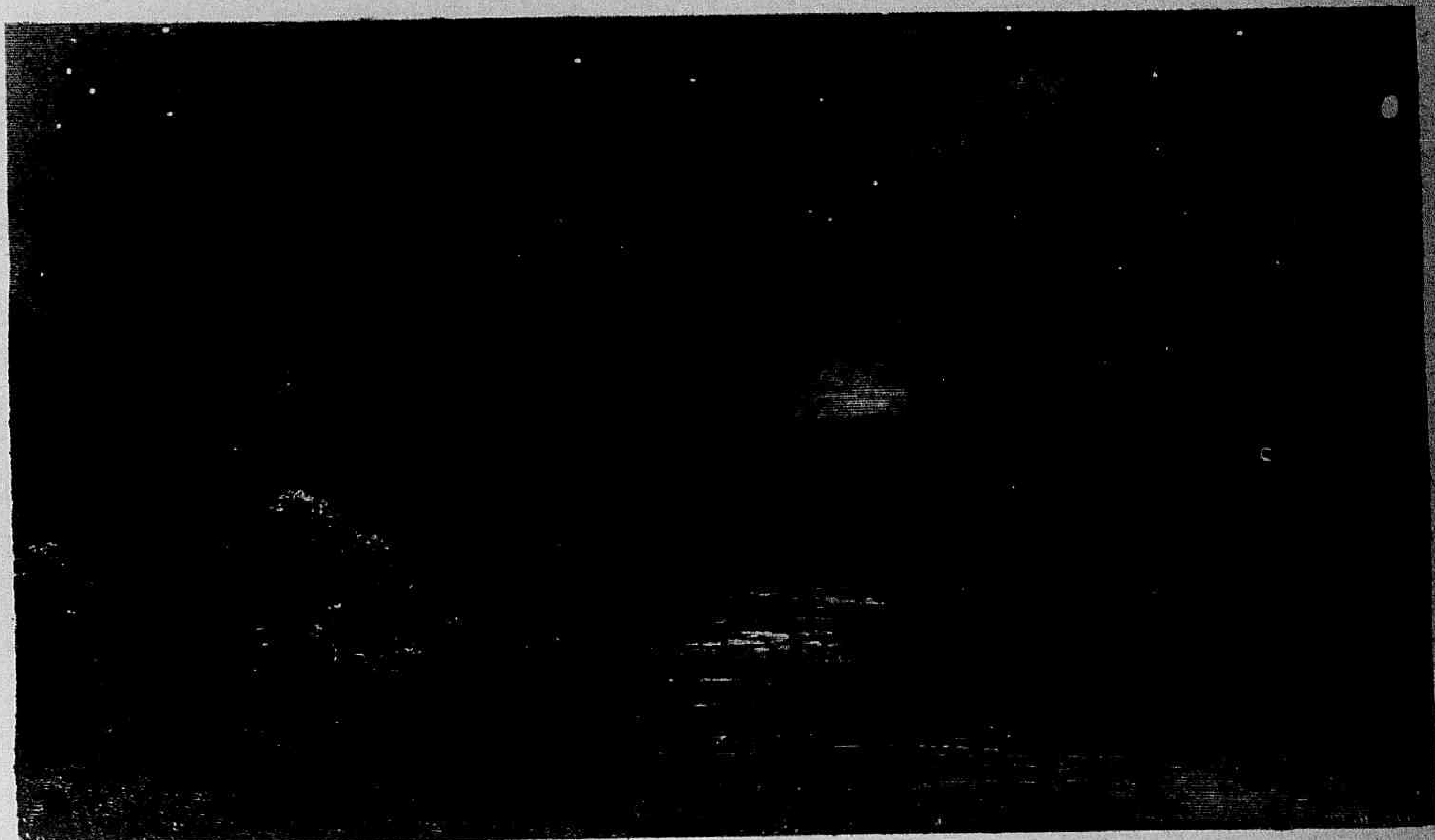
VARIAÇÕES DO TRIÂNGULO LUMINOSO — O fenômeno não pode ser distinguido com a mesma visibilidade, em tôdas as partes do globo, em tôdas as épocas do ano. O fato se explica, porque, se encontrando sempre no plano do equador solar, e o Sol, mudando de posição relativamente à Terra, varia o seu ângulo no horizonte. Na Europa, durante o inverno e a primavera, aparece depois do crepúsculo, para surgir no estio e no outono antes da alvorada. Dada a sua figura de lente achatada, confunde-se muitas vêzes com os estratus que se amontoam no horizonte. As formações nuviosas, que se levantam do solo, empanam a fosforescência, impedindo de situá-la. Os europeus avistam bem a luz zodiacal, de fevereiro a março. A sua presença na abóbada celeste prolonga-se até três horas depois do crepúsculo. Vemo-la entre as constelações da Águia e do Cisne, o cone projetando-se na direção das Pléiades. Nas regiões tropicais, como a eclítica se acha sempre alta, acima do horizonte, a luz zodiacal fulge todo o ano com um festivo brilho. Alexander Humboldt, o viajante sábio por excelência, narra, no "Cosmos", o encanto de contemplar o belo fenômeno numa noite equinocial. Foi notado que a luz zodiacal não brilha uniformemente, oscila de ano para ano, às vêzes varia em poucas semanas, até em dias. Como as perturbações de intensidade não podem ser atribuídas à atmosfera terrestre, buscaram a causa no Sol. Nada prova até aqui, como supunha Dominique Cassini, que haja relação entre a nuvem luminosa e as manchas solares. Consideram-se duvidosas e equívocas, as oscilações de brilho assinaladas por Alexander Humboldt. Contudo, anota-se que a intensidade do seu fulgor decresce, à proporção que ela se afasta do Sol. A matéria que constitui a luz zodiacal oferece notável rarefação, circunstância que, em vez de esclarecer, complica ainda mais as leis da sua natureza. Deixa entrever, através da sua estrutura, as menores estrêlas visíveis a ôlho nu. A pirâmide luminosa forma um difícil mistério a resolver, dado o caráter das manifestações óticas que a acompanham. Produz um efeito, no lado oposto do horizonte, denominado contrafulgor, descoberto por Esprit Pezenas em 1730, no Observatório de Avignon. Humboldt presenciou essa dupla aparição, sòmente em 1803, interpretando o segundo como o reflexo do fenômeno original. Sôbre êsse assunto, T. J. Brorsen desenvolveu sérios estudos

no ano de 1824. Outros observadores contemplaram a anomalia e manifestaram impressões curiosas. Os tripulantes da fragata "Mississipi", que navegava nos Mares da China e do Japão, admiraram, no dia 26 de maio de 1855, a luz zodiacal nos dois horizontes. Julgaram que se tratava de auréola lunar e houve mesmo quem imaginasse que um anel luminoso sulca a esfera celeste, tornando-se invisível numa parte, em virtude da radiação das estrêlas.

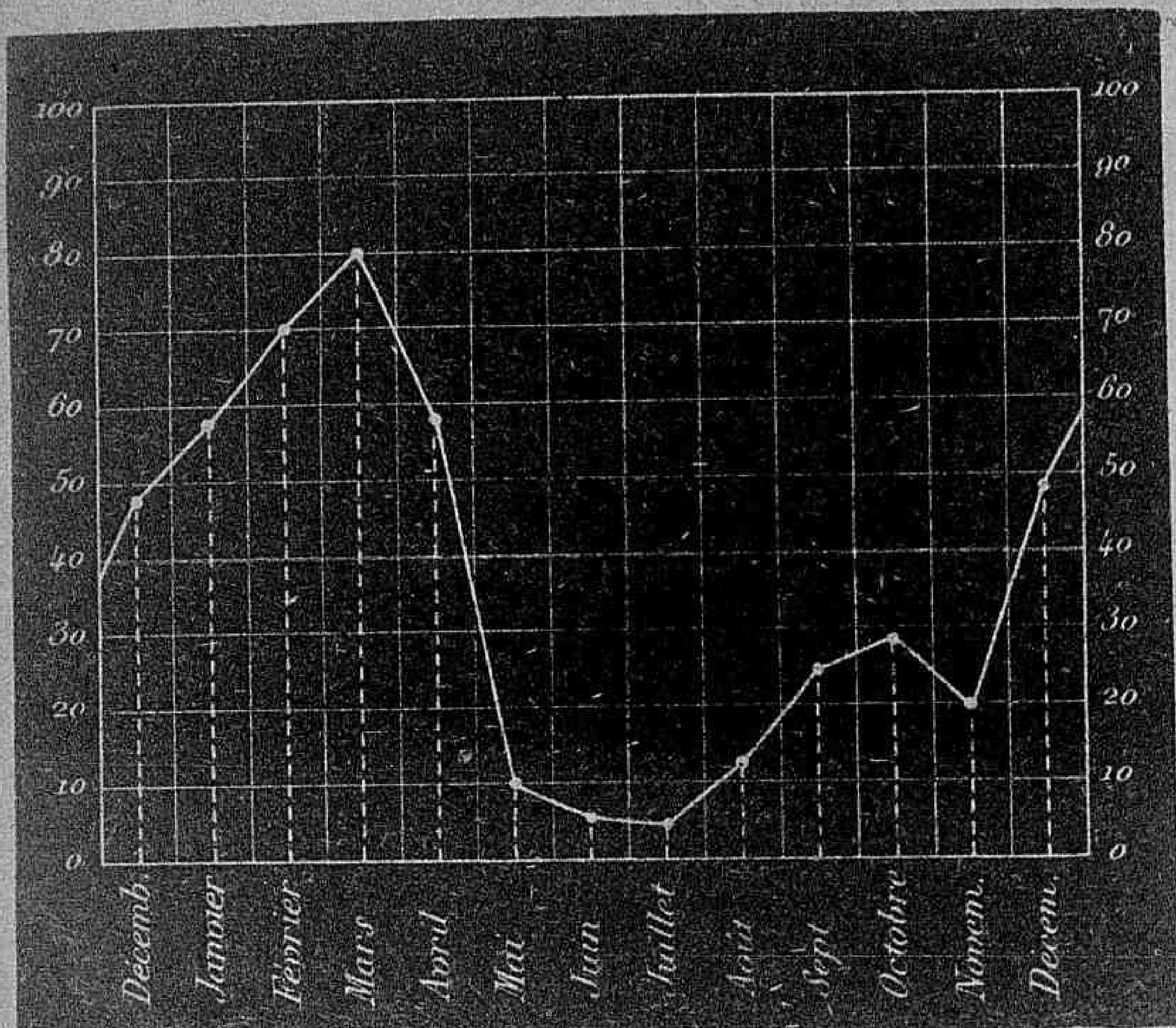


Camille Flammarion, o astrônomo que mais se empenhou por divulgar a sabedoria do firmamento, entre tôdas as classes do povo.

A NUVEM MISTERIOSA QUE ILUMINA O ZODÍACO MOVIMENTA AS TEORIAS — Não se trata de nenhum fenômeno meteorológico, de nenhum efeito ótico, ocorrido dentro do invólucro de gases, que forma a nossa atmosfera. Êsse anel nebuloso e achatado desperta todos os argumentos, em razão das causas que encerra a sua presença na abóbada celeste. À proporção que o viajante segue para o Equador, vê progredir de energia a luz zodiacal. Sob o firmamento dos trópicos, reluz muito mais do que na Europa, em cujas latitudes sem sempre podemos examinar seu feitio cônico. Humboldt, que viajou pelas zonas equatoriais da América do Sul, confirma que o seu fulgor sobrepuja a visibilidade em qualquer outra região. Emmanuel Liais percorreu as terras do Brasil e examinou a luz zodiacal, sob o nosso clima e sob a nossa atmosfera, considerando-a um dos mais deliciosos fenômenos celestes. A inteligência sequiosa de verdade, indaga sôbre a sua formação, os seus motivos cósmicos e a sua origem que se perde no infinito. Durante noites sombrias e puras, o seu brilho ultrapassa as partes mais cintilantes da Via Lactea. Wilhelm Eduard Weber, E. Heis, H. S. Jones e J. F. Julius Schmidt, trabalharam para decifrar o mistério dêsse cone, que se assemelha a um pão de açúcar instalado no espaço, não se sabe porque lei sideral. Quiseram interpretar a luz zodiacal sob o mesmo ângulo ótico dos anéis de Saturno. Lembram que, se o observador terrestre se afastasse até Júpiter, veria, provàvelmente, o Sol envolto num anel luminoso, seguido de quatro planêtas, Mercúrio, Vênus, Terra e Marte. O esplendor solar impede-nos de verificar semelhante hipótese. Particularidade importante e preciosa: a luz zodiacal acom-

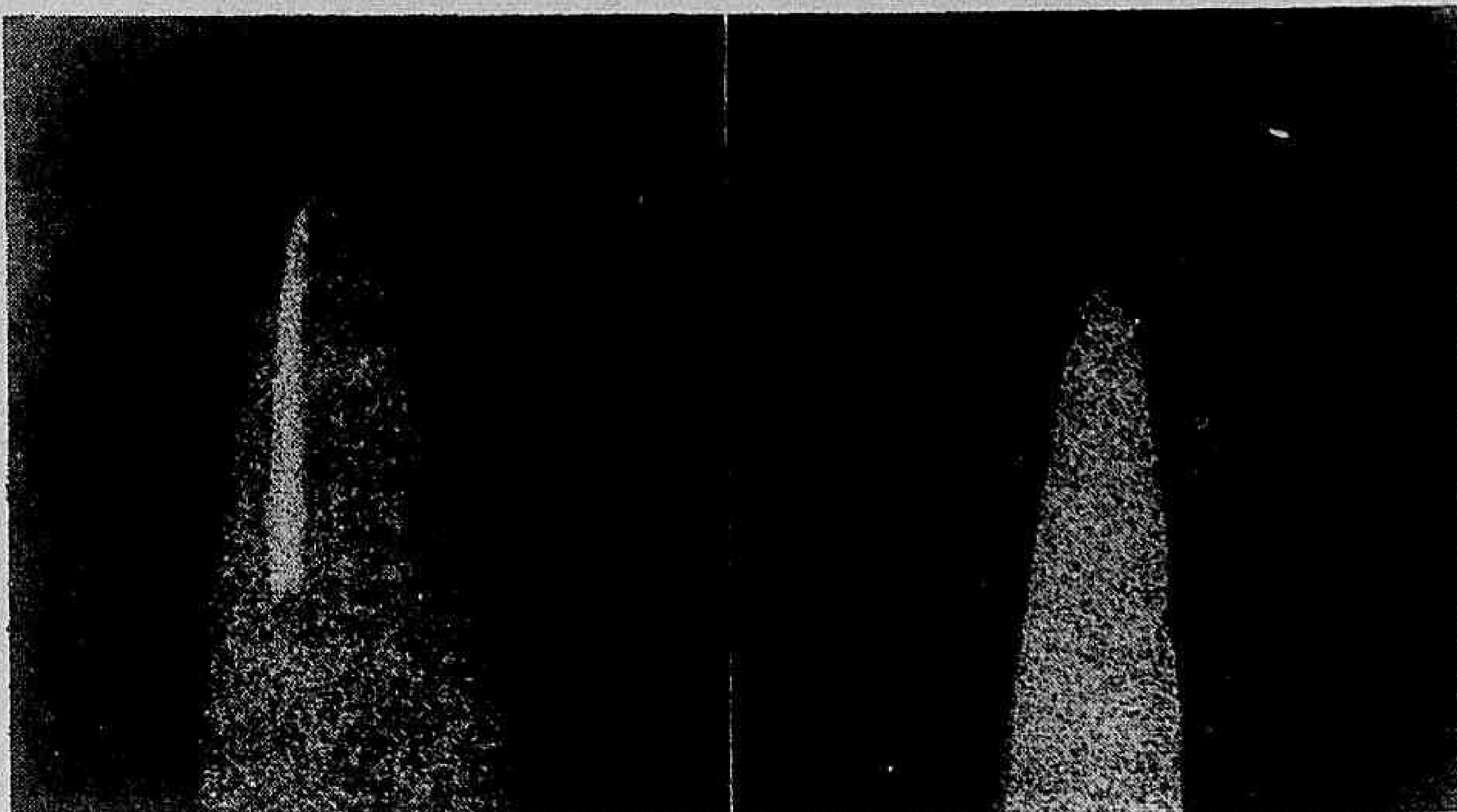


A pirâmide luminosa da Luz Zodiacal, projetando-se no firmamento da Europa, antes do nascer do Sol, e sôbre cuja natureza discutem os astrônomos, supondo tratar-se do resíduo da nebulosa primitiva, que deu origem ao nosso sistema planetário.



Curva da visibilidade da Luz Zodiacal, segundo as observações de E. Heis, durante os meses do ano.

panha constantemente a estrêla que rege nosso sistema planetário. Há a circunstância de que a atmosfera dos astros adere ao movimento de rotação. Sabe-se que o período da revolução do Sol, em tôrno do seu eixo, vai a vinte e cinco dias, e se a luz zodiacal fizesse parte da atmosfera solar, marcaria idêntico movimento. Muito ao contrário, possui um movimento próprio, do Ocidente para o Oriente, e isso se reconhece porque muda de posição relativamente às estrêlas. A faixa elipsoidal não pode ser confundida com as erupções solares, nem com as auroras magnéticas, em virtude da sua permanência. A nuvem misteriosa, que ilumina o zodíaco, muda de lugar tôdas as vêzes que oscila a eclítica solar. Inferiram daí, que ela gravita em redor do Sol. Wolf, Edward Emerson Barnard e Fessenkoff se empenharam em determinar a posição da mesma, relativamente ao sistema planetário, sem resultados práticos apreciáveis. O fenômeno mostra-se irredutível à pesquisa dos observatórios, fazendo-se necessário desenvolver outros métodos de conhecimento.



A Luz Zodiacal, observada por Eylert, vendo-se o cone central de poeira cósmica e a luz difusa que o envolve.

QUE SIGNIFICA, NO CONJUNTO DO SISTEMA PLANETÁRIO, A LUZ ZODIACAL? — Ao lado das pesquisas sôbre as modalidades da Luz Zodiacal, nas diversas latitudes do globo, a astronomia dirigiu a sua análise na direção das causas do fenômeno. Trata-se de fixar, de maneira suficientemente clara, o que significa, no conjunto do sistema planetário, a faixa luminosa do Zodíaco. Uma das primeiras hipóteses, a mais cômoda, consistia em buscar a origem no grandioso turbilhão solar, eterna fonte de calor e de vida. Pensou Dominique Cassini, que o astro central arremessa, no plano do seu equador, materiais ignescentes, que flutuam e refletem os raios solares como os planêtas. Enorme volume de corpúsculos circula em volta do Sol, e Cassini admitia que as estrêlas cadentes partem dêsse foco de agitação cósmica. Adepto da teoria de que a alta temperatura solar provém da queda de milhões de meteoros, explicou Waterston que êsses meteoros, iluminados pela estrêla central, constituem a luz zodiacal. Acrescentou William Thomson que, devido ao imenso calor, os corpos ficam vaporizados. Supunha o físico e matemático Jean-Baptiste Biot, que as estrêlas cadentes saem dessa nuvem luminosa em feitio de pirâmide. Do seu lado, o matemático Leonhard Euler quis interpretar a fosforescência do Zodíaco, como um anel análogo aos anéis de Saturno. Partindo de outro ponto de vista, o físico inglês Thomas Young buscou uma explicação mais direta, mais próxima da Terra. A nossa atmosfera, sendo muito chata, os raios do Sol sofrem refração nas altas camadas, nas partes superiores da estratosfera. Tal hipótese rolou no esquecimento, em razão da permanência do fenômeno no plano do equador do astro, como pela sua posição bem conhecida no horizonte. O paralelo feito com a cauda dos cometas deixou de resistir, pelas diferenças de estrutura, côr, forma e densidade. Outra teoria surgiu, essa dando a luz zodiacal como o prolongamento do Sol, teoria que despertou sólidos adversários, contestando-a baseados em bons argumentos. O argumentador mais robusto apareceu com Pierre Simon de Laplace, a demonstrar que a lei da gravitação impede que a atmosfera de qualquer astro avance além do ponto onde a atração e a fôrça centrífuga se equilibram. E o autor da "Mecânica Celeste" esclarece o porquê dêsse fenômeno. A parte da atmosfera que ultrapassar êsse limite, separa-se sob a forma de anéis e compõe massas gasosas. Se a luz zodiacal conserva o seu feitio elipsóide através dos

séculos e o seu movimento peculiar, isso vem de que não se relaciona com a atmosfera do Sol. J. C. Houzeau de Lehair, que publicou o "Atlas de tôdas as estrêlas visíveis a ôlho nu", refutou o paralelo com os anéis de Saturno. A matéria da luz zodiacal já se haveria deformado, se pertencesse a algum planêta.

RESÍDUO DA GRANDE NEBULOSA PRIMITIVA QUE GEROU O NOSSO MUNDO — O sistema planetário não possui nada de mais sugestivo, nem de mais intrigante do que êsse luminoso retângulo, visível depois do entardecer. Foge às mais sagazes hipóteses e as teorias mais hábeis desmoronam diante do seu mistério. Hugo Seeliger emitiu a idéia de que se compõe de uma nuvem de corpúsculos, restando elucidar como se agruparam. Julga-se que, na passagem do periélio, a atração do Sol atua sôbre a cauda dos cometas em trânsito pelo firmamento, cuja matéria se desprende e gravita no espaço. Sabe-se, realmente, que a cauda cometária resulta da influência electromagnética do Sol, que repele os gases em sentido oposto. Em linguagem mais correta, diz-se que a pressão da radiação solar afasta os elementos, condensando-os. Isaac Newton salientou, no Cometa de 1680, decrescimento de cauda, após a travessia do periélio. John Herschel reconheceu, igualmente como Newton, a existência do fenômeno. No Observatório de Estocolmo, Anders Jons Angstrom procedeu a leitura espectral, verificando a raia brilhante da aurora polar, mas os físicos do mundo celeste consideram muito pouco como prova científica. O astrônomo e físico Hermann Karl Vogel trabalhou no mesmo critério no Observatório de Postdam, chegando ao mesmo resultado. A. W. Wright só descobriu um espectro análogo à estrutura radiante do Sol, da mesma forma que Emmanuel Liais. Essa conseqüência robusteceu a idéia daqueles para quem a interpretação da luz zodiacal deve ficar dentro da órbita do sistema terrestre. Outros refutam, alegando que, em certos pontos, a faixa fosforescente atravessa a linha da revolução do globo. Diz Fersenkoff, que a pirâmide luminosa não forma um círculo completo, ao inverso de Alexander Humboldt, a sugerir que se trata de um anel nebuloso, que circula entre as órbitas de Vênus e de Marte. Insistiram que a mesma acompanha a Terra no seu percurso anual e isso mantém a sua contínua visibilidade. Dortous de Mairan determinou as auroras electrônicas do Pólo, como sendo a conseqüência da luz zodiacal, que em certas zonas estende-se demais e penetra em nossa atmosfera. A ausência de polarização contribuiu muito para fortalecer a convicção de que possui brilho próprio. A hipótese de que a sua estrutura contenha miríades de corpúsculos, isolados uns dos outros, dotados de movimentos autônomos, apresenta certas vantagens. A fraca e quase nula densidade da substância, que não deixa vislumbrar nada nos melhores telescópios, lança a incerteza sôbre qualquer teoria. As fotografias de análise espectral obtidas por P. Fauth, em 1903, no Observatório de Lick, e em 1909, no Observatório de Mont Wilson, revelaram que um nevoeiro de partículas compõe a Luz Zodiacal. Tudo demonstra que há uma poeira cósmica, muito rarefeita, estendendo-se do centro do sistema planetário, além da órbita terrestre. Da existência da luz zodiacal, concluiu John Herschel que o Sol entra na categoria das estrêlas nebulosas, enquanto Laplace a qualifica como o último resíduo da grande nebulosa primitiva, que gerou o nosso mundo.



A Luz Zodiacal conforme uma ilustração da autoria de G. Jones

EXISTE SEMPRE UM MOTIVO

Por HAROLD HELFER

EM Colorado Springs, Estados Unidos, um casal, prêso por andar vagando pelos bosques, em trajes paradisíacos, explicou que aquêle era o primeiro dia da primavera e êles haviam sentido o "chamado" da natureza, que os convidava a brincar ante tão belo espetáculo.

★

NEGANDO saber que seu namorado — o qual a presenteara com tôda sorte de jóias e objetos de luxo — fôsse um ladrão, uma das "girls" de um teatro de Nova York declarou, firmemente, na polícia:

— Eu não sabia, absolutamente, que êle estivesse metido em negócios ilegais; quando o conheci, meu namorado disse que era um jogador.

★

CONFESSANDO haver agredido a espôsa com um martelo, golpeando-a na cabeça, e tentando, ainda, apunhalá-la, um habitante de Dallas, Estados Unidos, explicou:

— Minha espôsa costuma ficar irascível, sempre que se opera qualquer mudança no tempo. Portanto, quando o tempo ficou ameaçador, tratei de golpeá-la, a fim de evitar que ela "explodisse".

★

PRÊSO por subir a 45 metros de altura, escalando o campanário de uma igreja de Washington, um homem explicou que ficara cançado de esperar por sua namorada, no encontro que havia marcado; resolvera então subir até ali, até que a moça chegasse, **para passar o tempo.**

★

DETIDA por mendicância e vadiagem, uma senhora de Bristol, Inglaterra, disse ao juiz:

— Eu estava esperando um homem que me havia prometido explicar a situação na Coréia.

★

ACUSADO de haver beijado uma dona de casa três vêzes consecutivas, um policial berlinense negou peremptòriamente tal fato, afirmando que a referida senhora não estava usando a dentadura postiça, na ocasião, e que qualquer mulher desdentada não pode constituir, em sua opinião, "um objeto beijável".

★

UMA cidadã de Chicago, Estados Unidos, confessou haver roubado a quantia de 693 dólares; cometera tal delito, por desejar que seu marido se tornasse juiz de "baseball". "O dinheiro fôra empregado no pagamento da matrícula na escola de árbitros".

★

UM MOTORISTA, inquirido pelo juiz de Lyon, França, admitiu estar correndo a 110 quilômetros por hora; o motivo era importante: estava verificando se seu automóvel, recém saído de uma oficina, trepidava quando em velocidade superior a 80 quilômetros por hora.

★ ★

UM BÔLO CARÍSSIMO

Em Maplewood, Estado de Nova Jersey, a Sra. Marge Moretti, viúva, com dois filhos, é bem ajuizada para queimar dinheiro, mas andou assando dinheiro, *por distração.*

Há dias, a Sra. Moretti resolveu fazer um bôlo, e sòmente 20 minutos depois que o bôlo começara a assar, foi que se lembrou de haver guardado 1.600 dólares em apólices e ações, produto de sua economia.

Felizmente, um congressista veio em auxílio da distraída senhora e levou-a a Washington, onde o Tesouro, depois de cuidadoso exame, conseguiu identificar os números das apólices e ações, substituindo-as.

ÁGUA FRIA... NA FERVURA

Durante dez dias, as donas de casa que residem na Avenida Brazil, em Tijuana, México, estiveram furiosas. Ao mesmo tempo, seus maridos também não tinham motivo especial para estar contentes, pois tiveram de se privar de alimentos quentes. Segundo parece, algum gaiato teve a idéia de ligar o encanamento de gás com o encanamento de água da rua e quando as donas de casa abriam o gás, saía água.

O REI QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(II) — EDUARDO VIII, ESMAGADO SOB O PÊSO DE SUA COROA

Por que o Príncipe de Galles não escolhe espôsa?

Tal é a pergunta feita por todo o mundo. Na Constituição nada há que impeça o príncipe de casar com uma burguesa — e sôbre o assunto falaremos depois. Mas ninguém imagina, sèriamente, que um príncipe de Galles possa desposar outra mulher senão uma princesa real!

Um belo dia, o mundo é surpreendido com uma notícia realmente sensacional: o príncipe de Galles vai desposar uma linda princesa italiana! De outra feita, a apontada é Marina, uma princesa grega, de beleza clássica (e que mais tarde desposaria o jovem irmão do príncipe, o belo George).

Entretanto, se o Príncipe de Galles não casa, isto não quer dizer que se mostre desinteressado das mulheres. Ao contrário! E não faz segrêdo. Muito se fala na alta sociedade londrina, como é comentado em Paris, em Nova York, em tôda a Riviera e em Saint Moritz.

O príncipe herdeiro do maior império do mundo e de todos os tempos, lembra muito o seu avô, no fato de não permanecer muitos meses fiel à eleita do seu coração. Há, por exemplo, uma certa Mrs. Norton, que chegou até mesmo a acompanhá-lo uma vez, aos Estados Unidos; há uma atriz muito conhecida nos **music-halls** de Londres e de Paris; há uma Mrs. Ward, espôsa de um oficial superior e há, também, a partir de 1930, a bela Lady Thelma Furness, irmã da célebre Gloria Morgan Vanderbilt, uma norte-americana que foi **manequim** antes de se casar na Inglaterra.

No entanto, uma diferença existe entre o príncipe e seu avô: Eduardo VII conquistava as mulheres e com elas se divertia. O príncipe de Galles apenas finge que as adora e que com elas se diverte realmente. Os seus olhos, porém, conservam sua expressão de tristeza.

Era visto o ano inteiro nas **"boites de nuit"** mais elegantes de Londres e de Paris, nos grandes hotéis que tivessem as melhores orquestras e as cozinhas mais famosas. Dançava muito e parecia feliz. Constantemente o sorriso lhe enfeitava os lábios. Mas, os que o conheciam muito de perto, afirmavam que **era muito raro Sua Alteza rir francamente.**

1931... O Príncipe de Galles não tardará muito a ter 37 anos. Parece, no entanto, ter 25; tem o aspecto geral de um rapazola recém-saído da Universidade. Mas tem, **de fato**, 36!

Examinado de perto, revela não ser mais um rapaz. E começam a indagar (nos meios onde, habitualmente, se ocupam destas coisas), se não haverá uma razão mais profunda para justificar



UMA FOTOGRAFIA SIMBÓLICA E QUASE TRÁGICA! — A rainha Vitória parece ordenar a triste coroação de seu bisneto.



O PRÍNCIPE EDUARDO E LORD MOUNTBATTEN — Jovens esportivos, pouco antes da guerra.

essa expressão de tristeza em seus olhos. Evidentemente, muita gente viu o Príncipe de Galles com esta ou aquela mulher; mas, aos 36 anos, um homem deve saber o que quer! Aos 36 anos, deve ter vivido uma aventura importante, "a grande aventura", "o grande amor único..." Aos 36 anos um homem não pode continuar a procurar, procurar...

A GRÃ-DUQUESA KYR (em baixo) E AS PRINCESAS DA GRÉCIA — A opinião oficial comprometeu matrimonialmente Eduardo VIII com essas princesas.



De resto, não havia quem tivesse realmente a impressão de que o Príncipe de Galles procurava. Dir-se-ia, ao contrário, que êle havia renunciado definitivamente a encontrar o ser que lhe convinha, a mulher eleita, a única, e que se mostrava assim tão triste, justamente porque adquirira a certeza de que a perdera, de que a tivera, talvez, ao seu alcance, sem a reconhecer!

E foi então que conheceu Wallis Simpson.

Tudo ocorreu simplesmente.

Lady Furness estava para viajar, pretendendo passar vários meses nos Estados Unidos. Não escondia, porém, a sua preocupação relativamente ao seu grande amigo, que, justamente nos últimos meses (primavera de 1931), mostrava-se difícil de contentar. Não quer que êle se aborreça muito durante a sua ausência e, um belo dia propõe-lhe apresentar um admirável casal de suas relações: são norte-americanos mui-



Uma das últimas fotografias da Rainha Alexandra, com o seu neto favorito, o Príncipe de Galles, a quem adorava.

to simpáticos e gente particularmente alegre e encantadora!

O Príncipe de Galles aceita a idéia. Sempre teve grande simpatia pelos norte-americanos, considerando-os menos rígidos do que os inglêses e não ligando muito ao capítulo etiqueta.

Assim, foi tudo combinado. Lady Furness levaria os seus amigos no fim da semana. Ei-los, realmente, que chegam e são apresentados:

— Mr. e Mrs. Ernest Simpson...

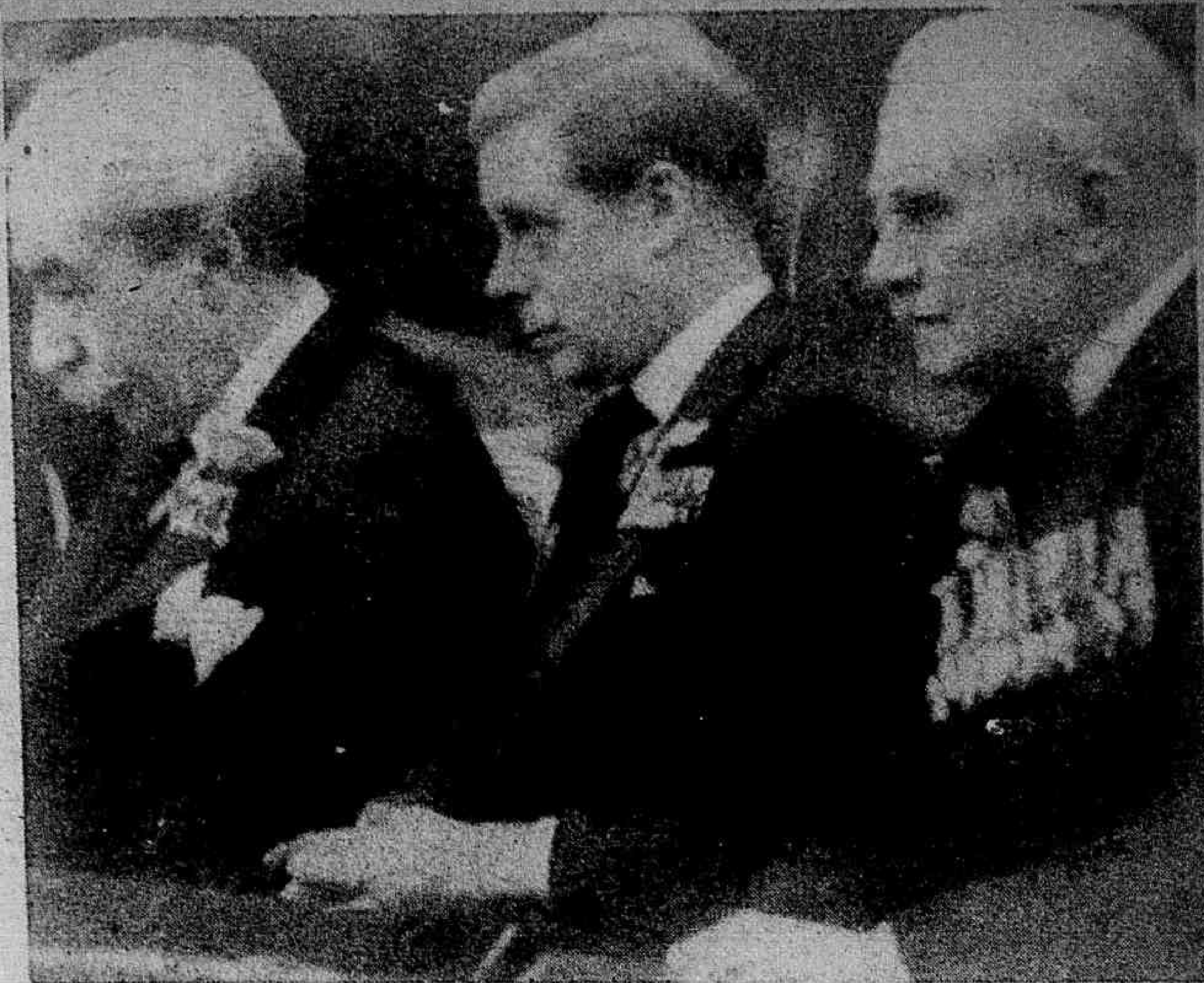
O príncipe saúda a Sra. Simpson. Tem diante de si uma mulher elegante, esbelta, risonha e que, no sentido clássico da palavra, não pode, verdadeiramente, ser considerada como beleza.

Aqui devemos salientar um detalhe, fornecido

pela própria Lady Furness, segundo confissão feita mais tarde, e que é o seguinte: Lady Furness jamais teria apresentado os Simpson ao Príncipe de Galles, caso tivesse imaginado, por um instante sequer, que êle viesse a se apaixonar por Wally. Isto porque, se não desejava que o seu bom amigo príncipe se aborrecesse durante a sua ausência, ao mesmo tempo não desejava que êle a esquecesse tão depressa.

Não. De fato, a Sra. Simpson não é bonita. Apesar disso, tem qualquer coisa de particular, algum **hit** que atrai. Seus cabelos prêtos, separados por uma risca central, lhe emprestariam um certo ar de Madona, se a cabeça não fôsse tão moderna e mesmo angulosa. E' uma mulher que sabe vestir com rara perfeição e, da mesma forma, sabe que atitude deve tomar. Não sendo nobre, sabe ser uma **lady** e muito mais **lady** do que a maioria das **ladies** da côrte inglêsa! Tem talento, educação, cultura e muito espírito. Com ela é possível manter uma brilhante conversação sôbre os assuntos mais sérios e variados.

Pouco se sabe do passado desta mulher que, alguns anos após haver sido apresentada ao Príncipe de Galles, foi literalmente demolida por tôda a imprensa mundial.



Eduardo VIII, que teria preferido passar noites tranqüilas, na residência de Mrs. Simpson, tinha que suportar penosas cerimônias, em contato com graves e tristes senhores.

Muitas norte-americanas encantadoras e de boa aparência devem ter levado o mesmo gênero de vida que ela.

Wally nascera, trinta e cinco anos antes, numa pequenina localidade do Estado de Pensylvania, com o bonito nome de Bessie Walter Warfield. Sua família pertencia à excelente burguesia. (Mais tarde os jornais diriam que o pai descendia de



O Príncipe de Galles (futuro Eduardo VIII), o rei George V, O Príncipe Olaf, da Noruega, os duques de York (futuro George VI) e de Gloucester, tôda a família real (faltando apenas o Duque de Kent) reunida por ocasião dos funerais da Rainha Alexandra.



Em 1925, por ocasião do falecimento da avó, a Rainha Alexandra, Eduardo era o mais elegante entre os "gentlemen" de todo o mundo.

um cavalheiro, Richard Warfield, que chegou à Inglaterra com Guilherme, o Conquistador.)

Impossível comprovar... A verdade, porém, é uma só: o pai morreu quando a pequenina Bessie tinha apenas três anos. A viúva foi então residir em Baltimore, onde alugou cômodos, a fim de poder garantir a existência da filha e a sua própria. Êsse período de crise durou pouco, pois que não tardaram a ser chamadas por um tio, Salomon Warfield, homem riquíssimo e que as auxiliou.

Com a passagem dos anos, Bessie vem a ser uma das mocinhas mais queridas e mais bonitas de Baltimore. Dança maravilhosamente e não perde baile, pois êsse é um dos seus maiores prazeres. Nessa época vem a conhecer um jovem aviador, o Tte. Spencer. E' um romance que se desenvolve ràpidamente. Ao fim de poucos meses estavam casados.

Oito anos depois, já não existia mais o amor. O casal se separou amistosamente, sem rancores. Mais tarde, entrevistado a respeito de sua primeira espôsa (pois Spencer já estava casado novamente) êle diria dela todo o bem possível. Tudo fôra obra da incompatibilidade de gênios, e êle próprio o principal responsável pelo fracasso da vida matrimonial. Ela bem merecia ser feliz com outro marido!

A Sra. Spencer decidira viajar pela Europa, acabando por fixar residência em Londres, onde tinha velhas e boas relações.

Na gigantesca cidade não tarda a marcar um rápido triunfo no seio da melhor sociedade inglêsa, onde a sua elegância e o seu sorriso abrem caminho com facilidade. E' convidada para **week-ends**, sendo, realmente, uma figura disputada.

Em 1918 casa pela segunda vez, agora com um homem riquíssimo, sócio da **Casa Simpson, Spencer & Young**, fretadores de navios.

Os Simpson vão residir numa linda casa de Berkeley Square, em pleno coração do bairro aristocrático de Mayfair, onde oferecem festas deliciosas, onde a aristocracia inglêsa se diverte bastante e, coisa que em Londres é, talvez, ainda mais rara: onde a mesa é excelente!

A residência dos Simpson reúne o que há de melhor na **City** e, por sua vez, o casal faz parte obrigatória do grupo de pessoas que sempre são vistas nas ocasiões mais importantes, nas primeiras representações, nos grandes concertos e nos novos estabelecimentos de reunião noturna.

Tôda a nobreza conhece os Simpson, todos os convidam e todos os visitam voluntàriamente, e todos, acima de tudo, adoram a Sra. Simpson, tão inteligente, que tem um "chic" inimitável e que se veste tão bem — em Paris, naturalmente — cujo penteado é sempre alguma maravilha de Antoine. E de tudo, o Príncipe de Galles é, quase, a única pessoa a ignorar, em Londres. Vive muito com o seu grupo fechado, em que brilha o seu primo, Mountbatten (tio do atual Duque de Edimburgo). Eis, porém, que Lady Furness tem a idéia de propor ao príncipe um encontro com os seus excelentes amigos norte-americanos, "tão encantadores e alegres..."

No próximo número:
UM ENCONTRO TRANSFORMA UMA VIDA

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Enquanto Aurora falava, produziu-se, à sua direita, um leve ruído, como se a porta secreta se tivesse aberto de mansinho, por detrás do reposteiro; a princesa, porém, não fêz caso.

Gonzaga, juntando as mãos, como se a dúvida de sua mulher lhe parecesse uma blasfêmia, exclamou:

— Senhora! Foi o vosso coração que falou?... Essa criança é vossa filha e está tão pura como os anjos!

Nos olhos da pobre D. Cruz brilhou uma lágrima.

O cardeal curvou-se para Aurora de Caylus e disse:

— A não ser que existam razões concretas para duvidar...

— Razões!... — interrompeu a princesa — O meu coração continua frio; os meus braços não se abrem; os meus olhos estão secos... não serão isto razões?!

— Senhora princesa: se não há outras, não poderei, conscientemente, opor-me à opinião do conselho que, com certeza, será unânime!

Aurora de Caylus lançou um olhar inquieto e sombrio à sua volta.

— Como vê, não me enganei... — disse o cardeal ao ouvido do primo — A pobre senhora está louca!

— Senhores!... Senhores!... — exclamou Aurora — Já estou julgada?...

— Tranqüilize-se, princesa — replicou o presidente. — Todos quantos aqui se encontram a respeitam e a estimam e em primeiro lugar, o príncipe que vos deu o seu nome...

A infeliz inclinou a cabeça e Lamoignon prosseguiu em tom menos severo:

— Proceda de acôrdo com a sua consciência e nada receie! Êste tribunal não tem por missão castigar, e um êrro não é crime, mas apenas infelicidade! Os vossos parentes e amigos compadecer-se-ão se houver engano...

— Eu não me enganei! — replicou Aurora sem levantar a cabeça — Por vêzes, tenho sido enganada e se não há aqui ninguém que me defenda, eu própria o farei... Minha filha deve trazer consigo a prova do seu nascimento!

— Que prova? — perguntou o presidente.

— Aquela a que aludiu o príncipe de Gonzaga: a fôlha arrancada por minhas mãos, do registro da capela de Caylus! Não a tem?!

— Aqui está o que eu queria saber — pensou Gonzaga. — Mas essa prova — acrescentou em voz alta — tê-la-á!

Produziu-se um grande murmúrio na assembléia.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito" às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que, antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com... Nevers! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que "tudo estava preparado", mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de

— Levem-me daqui!... Levem-me! — pediu D. Cruz, entre soluços.

O coração da princesa oprimiu-se ao ouvir aquêle pedido.

— Meus Deus, inspirai-me! — exclamou erguendo os braços para o céu — Seria uma grande desgraça, um crime tremendo, repelir a minha própria filha!... Virgem Santa, inspirai-me!

Mal acabou de pronunciar estas palavras, estremeceu violentamente e os olhos brilharam-lhe.

Apelara para Deus e uma voz que só ela podia ouvir, e parecia responder à súplica, murmurou muito próximo:

— *Aqui estou!*

A princesa foi obrigada a segurar no braço do cardeal para não cair. Não ousou voltar-se. Aquela voz viria do ceu?

Gonzaga, aproveitando a perturbação da princesa, queimou o seu último cartucho.

— Senhora — disse — acaba de invocar Deus e Êle, com certeza, responderá. Esqueça a mão que lhe entrega êsse tesouro! Eu não peço senão uma coisa: deixe falar o seu coração de mãe!... A pobrezinha é uma tímida pérola a quem a incerteza faz tremer e as dúvidas aniquilam!...

A princesa olhou de novo para D. Cruz. Gonzaga prosseguiu:

— E agora que já a viu, diga-me, em nome de Deus: acredita que esta jovem seja sua filha?

A princesa levou tempo a responder: involuntàriamente, aproximou-se das tapeçarias e então a mesma voz pronunciou, de forma que só ela podia ouvir:

— *Não!*

— Não! — repetiu a princesa, com energia.

E o seu olhar altivo percorreu tôda a assembléia, já sem dúvidas, nem receios.

Fôsse quem fôsse o misterioso conselheiro que se encontrava por detrás do reposteiro, a princesa confiava nêle, porque combatia Gonzaga e além disso, porque, ao aconselhá-la, invocara a divisa de Nevers.

Várias exclamações acolheram a resposta enérgica da princesa.

A indignação dos amigos do príncipe não conheceu limites.

— Isto é demasiado! — disse Gonzaga, acalmando com um gesto o zêlo exagerado dos seus partidários — A paciência humana tem limites! Pela última vez me dirijo à senhora princesa dizendo-lhe: para combater a evidência são necessárias razões e argumentos fortes...

— Essas palavras expressam o que penso neste momento — disse o cardeal — mas quando se mete uma idéia na cabeça das mulheres...

— Essas razões — terminou o príncipe — tem-nas?

— *Sim* — respondeu a mesma voz misteriosa.

— Sim — retorquiu a princesa, sem vacilar.

Gonzaga perturbou-se e os lábios moveram-se convulsivamente. Compreendia que ali, na assembléia por êle convocada, havia qualquer coisa que lhe era hostil. Em vão a procurava.

A viúva de Nevers modificara-se, havia minutos apenas. O mármore transformara-

---

desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a esta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancada ao registro da paróquia, para evitar que fôsse roubado por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os anos, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo, a pêso de ouro, bancas menores aos que quisessem especular. Entre os que chegam estão dois velhos conhecidos, Cocardasse e Passepoil, que viveram sempre fugindo do seu ídolo, temendo a sua vingança, pois dêle tinham ouvido dizer que matara alguns dos que haviam tomado parte no assassinato de Nevers. No leilão das bancas surge um corcunda recheado de dinheiro que compra o que restava para vender: a casa de um cão. O seu nome é Ésopo, que tem oportunidade de ver Gonzaga contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, como seus espadachins, enquanto aguarda a chegada de Faenza e Saldanha, outros dois que tinham ajudado a matar Nevers e que agora tinham títulos de nobreza, graças à proteção de Gonzaga. O príncipe de Gonzaga tinha planos ainda mais vastos. Conseguira uma substituta para Aurora de Nevers, conseguira arranjar uma jovem espanhola, que pretendia apresentar à viúva de Nevers como sua filha. Aurora. Peyrolles tudo arranjara e agora ia buscar a mocinha para a levar a Gonzaga. Em caminho, porém, descobre Faenza e Saldanha, mortos, caídos numa ruela, com um feio ferimento no meio da fronte. O golpe de Nevers! Levada, afinal, à presença de Gonzaga êste convence a pobre moça de que ela é Aurora de Nevers, herdeira de um grande título e de uma das maiores fortunas da França. A espanhola, cujo verdadeiro nome era D. Flor, declara que êsse era o nome de uma mocinha da sua idade e que conhecera tempos antes, na Espanha. Vira-a, até, mais recentemente, em Paris! Sim, à rua de Cantre! Pouco depois Peyrolles vem trazer a notícia da morte de Faenza e Saldanha... e como morreram. Trêmulo de mêdo, Gonzaga se prepara para a reunião de família, que trataria da sucessão de sua grande vítima, do duque de Nevers! Ah! Se até lá pudesse deitar mão à verdadeira Aurora! A reunião é presidida pelo regente de França, na qualidade de primo e maior amigo de Nevers. Gonzaga, após um discurso muito hábil, em que procura destacar o seu esfôrço no sentido de restituir a filha de Nevers à desolada viúva, manda introduzir na sala a inocente Dona Flor, que não é recebida com entusiasmo por Aurora de Caylus.

se em carne e a estátua vivia. A que se devia tão portentoso milagre? A modificação operara-se depois da princesa ter invocado o auxílio divino. Gonzaga, porém, não acreditava em Deus. Enxugou o suor que lhe umedecia a fronte.

— Tem, então, notícias de sua filha? — perguntou o cardeal.

A princesa conservou-se muda.

— Devem ter-lhe dito: "Esta é a verdadeira filha de Nevers, salvamo-la e protegemo-la". Todos dizem o mesmo!

Os mais hábeis diplomatas muitas vêzes se deixam enganar. O presidente e os seus graves conselheiros olharam para o príncipe, assombrados.

— Esconde as unhas, tigre! — murmurou Chaverny.

O silêncio da voz misteriosa era sumamente hábil. Como nada dizia, a princesa não podia responder, e Gonzaga, enfurecido, perdia o domínio sôbre si mesmo.

— Diga-me — continuou Gonzaga com o semblante transtornado — tem alguma jovem para nos apresentar?... Afirmaram que sua filha ainda vive, não é verdade, minha senhora?... Responda!...

A princesa, angustiada, apoiou as mãos na poltrona. Daria a vida para erguer o reposteiro por detrás do qual a voz misteriosa continuava muda.

— Responda!... Responda!... — insistiu Gonzaga.

Os juízes disseram também:

— Responda, senhora princesa!

Aurora de Caylus escutava já quase sem alento. Oh! quanto tempo tardava em responder a voz do oráculo!

— Por Deus! — disse a infeliz, voltando-se um pouco.

A tapeçaria moveu-se levemente.

— Não pode responder — diziam os amigos do príncipe.

— Vive?... — murmurou Aurora, interrogando o oráculo, com angústia.

— *Vive!* — respondeu-lhe a voz.

Então, erguendo-se majestosamente, louca de alegria, respondeu à assembléia em voz firme:

— Vive e a Providência protege-a!

Tôda a gente se ergueu ao mesmo tempo, sentindo-se, por momentos, prêsa da mais horrível agitação e pedindo justiça.

— Começo a acreditar que a princesa não está louca! — disse o cardeal ao duque — Mas ainda não sabemos tudo...

Aproveitando a confusão geral, a voz misteriosa disse:

— *Esta noite, no baile do Regente, ouvireis a divisa de Nevers!*

— E verei minha filha? — perguntou a princesa com ansiedade.

O ruído surdo de uma porta que se fechava por detrás do reposteiro foi a resposta à sua pergunta. Depois... mais nada!

O fantasma procedera acertadamente, pois Chaverny — curioso como uma mulher — suspeitando vagamente de qualquer coisa, deslizara por detrás do cardeal de Bissy e ergueu bruscamente o reposteiro. No entanto, ninguém ali se encontrava!

A princesa abafou um grito. Chaverny abriu a porta, entrou no corredor e ao fundo da galeria viu apenas a figura disforme do corcunda, que principiava a descer, tranqüilamente, a escadaria.

Fefletindo, o marquês disse para consigo:

— O meu ilustre primo parece ter querido fazer uma partidinha ao diabo, mas êle vinga-se!...

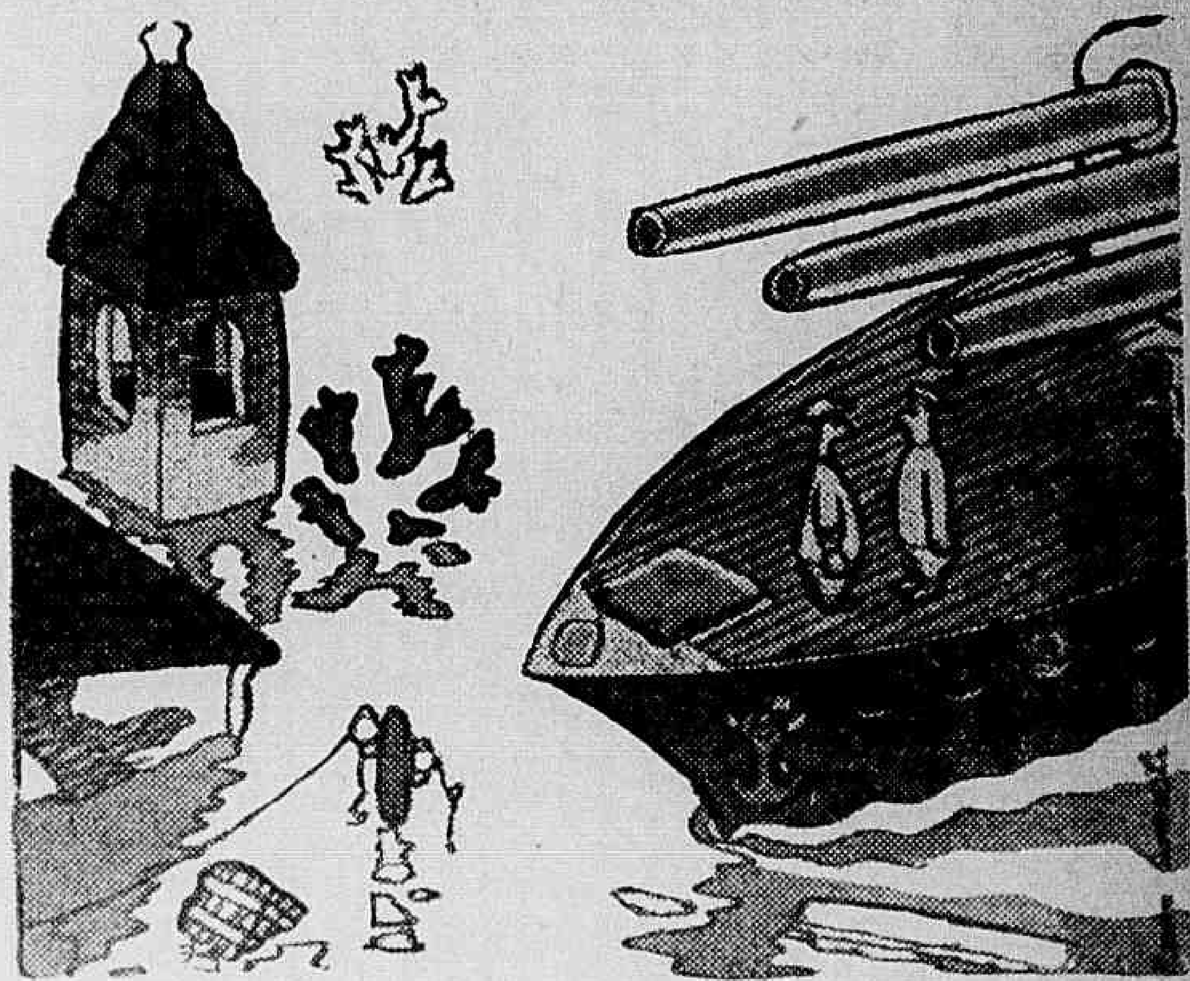
Entretanto, no salão, a um sinal do presidente, os conselheiros retomaram os seus lugares. Gonzaga fizera um esfôrço terrível: aparentemente, estava calmo. Cumprimentou o Conselho e disse:

— Senhores, seria uma vergonha acrescentar qualquer palavra mais às que pronunciei! Queiram ter a bondade de decidir entre mim e a senhora princesa!...

— Deliberaremos! — exclamaram algumas vozes.

O presidente, depois de conferenciar com os conselheiros — uma pequena conferência que não durou dois minutos — ergueu-se e disse:

— Príncipe, a nossa opinião, depois de ter ouvido o cardeal de Bissy, procurador da senhora princesa, é que, por agora, não há lugar para uma deliberação. Visto a senhora princesa saber onde se encontra sua filha, deverá apresentá-la, e o senhor príncipe apresentará também aquela que diz ser herdeira de Nevers. A prova escrita, designada pelo senhor príncipe e invocada pela senhora princesa — a página arrancada ao registro da capela de Caylus — será apresentada e então a nossa decisão terá onde se fundamentar. Convocamos, pois, em nome do Rei, êste conselho para daqui a três dias!



— *Quero falar, imediatamente, com o oficial de rotas.*

— Aceito o prazo! — respondeu Gonzaga com entusiasmo — Apresentarei a prova!

— Apresentarei minha filha e a prova! — respondeu a princesa — Aceito!

E, com isto, foi dada por terminada a reunião do conselho.

— Quanto a vós, pobre menina — disse Gonzaga a D. Cruz, restituindo-a a Peyrolles — fiz tudo quanto estava ao meu alcance. Só Deus vos poderá dar o carinho da vossa mãe!...

D. Cruz ia afastar-se mas, antes de transpor o limiar, voltou-se e, correndo para Aurora de Caylus, exclamou:

— Senhora! Quer seja ou não minha mãe, respeito-a e amo-a!...

E pegando-lhe na mão, beijou-a.

A princesa sorriu e retribuiu-lhe o beijo na fronte.

— Bem sei, minha filha, que não és culpada! Não te quero mal... também te estimo...

Peyrolles conduziu D. Cruz aos seus aposentos. A noite descia. Gonzaga, que regressava depois de ter acompanhado os régios enviados, encontrou a princesa quando ela saía do salão, rodeada pelas suas damas.

Com um gesto imperioso afastou-as e, aproximando-se da mulher, disse com estranha cortesia que lhe era peculiar, depois de ter beijado a mão da princesa:

— Senhora, é então verdade que está declarada a guerra entre nós?

— Não faço mais do que defender-me! — retorquiu a princesa.

Gonzaga, que não podia ocultar completamente, por detrás da sua fria delicadeza, a raiva que o dominava, perguntou:

—Tem, então, protetores misteriosos?

— Ajuda-me Deus, que é o protetor das mães!

Gonzaga sorriu.

— Mande preparar a minha liteira — ordenou a princesa a Madalena.

— Há ofícios, esta tarde, na igreja de Saint-Magloire? — interrogou o príncipe.

— Não sei... Felicidade, prepara as minhas jóias!

— As jóias! Acaso a Côrte vai ter a dita de vos ver?!...

— Vou ao baile do Regente!

— Vós, senhora?!...

A princesa olhou-o de tal maneira que Gonzaga baixou a vista.

— Eu, sim!... O meu luto acaba hoje, príncipe! Já não vos temo!

XIX

Como se consegue um convite para o baile da côrte

Gonzaga conservou-se imóvel durante algum tempo, olhando para a espôsa que atravessava a galeria para voltar aos seus aposentos.

— Isto é uma ressurreição! — pensou — Passa-se qualquer coisa de extraordinário!...

E continuou, enquanto passeava pelo salão:

— Não posso perder um instante. Que vai Aurora fazer no baile do Regente?... Sem dúvida sabe onde a filha se encontra... E eu também sei... — acrescentou, tirando a carteira do bôlso — Ao menos nisto, o acaso favoreceu-me!...

Tocou a campainha. Apareceu um criado.

— Diga ao senhor de Peyrolles que venha imediatamente falar-me.

O criado desapareceu e Gonzaga continuou o passeio.

— Deve contar com algum novo auxiliar...

— Até que enfim vos posso falar! — exclamou Peyrolles, entrando — Trago más notícias... Ao sair, o cardeal dizia aos régios enviados: "Parece-me que por detrás de tudo isto se oculta qualquer mistério..."

— Pode dizer o que quiser!

— D. Cruz está indignada; afirma que a fizeram representar um papel repugnante e quer sair de Paris.

— Deixa D. Cruz em paz e sossêgo e estuta-me!

— Mas antes é preciso saber o que se passa! Lagardère está em Paris!

— Já calculava!... E averiguaste desde quando?

— Pelo menos desde ontem!

"A princesa, com certeza, viu-o — pensou Gonzaga.

— E como soubeste? — perguntou em voz alta.

Em segrêdo, Peyrolles disse:

— Porque Saldanha e Faenza morreram às suas mãos!

Gonzaga não esperava, com certeza, esta notícia; os músculos do rosto contraíram-se extraordinàriamente. No entanto, isto apenas durou um segundo. Quando Peyrolles olhou para êle, o rosto do príncipe recuperara a sua calma habitual.

— Morreram de duas estocadas... — acrescentou Peyrolles, tremendo.

— Onde foram encontrados os cadáveres? — perguntou o príncipe.

— Naquela rua estreita, em seguida ao jardim de D. Cruz.

— Estavam juntos?

— Saldanha à porta e Faenza quinze passos mais distante. Ambos apresentavam uma estocada...

— Aqui?... — interrompeu o príncipe apontando para o meio da testa.

Peyrolles moveu a cabeça afirmativamente.

— E não tinham mais ferimentos?

— Não.

— O bote de Nevers é mortal!

Gonzaga, diante do espelho, compôs as rendas do seu *jabot*.

— Está bem! — disse — O cavalheiro de Lagardère bateu à minha porta duas vêzes. Alegra-me saber que está em Paris, porque assim é mais fácil apanhá-lo!

— A corda que o há de enforcar... — comentou Peyrolles.

—... ainda não foi fabricada! Era o que querias dizer?... Parece-me que te enganas. Mas, já é tempo de fazer qualquer coisa, pois dos que intervieram no assunto de Caylus só restam quatro...

— Sim — disse o confidente, estremecendo. — Parece-me que é tempo!

— Somos dois e com as espadas daqueles bravos...

— Cocardasse e Passepoil? — interrompeu Peyrolles — Creio que êles têm um mêdo terrível de Lagardère...

— Tal qual como tu! Mas, seja como fôr, não podemos escolher. Vai buscá-los!

Peyrolles dirigiu-se para a copa.

Gonzaga disse para consigo:

— Eu bem dizia que era preciso proceder ràpidamente! Esta noite devem passar-se coisas muito estranhas!

★

— Depressa! — disse Peyrolles para os espadachins, ao chegar à repostaria — O príncipe precisa falar-lhes!

O normando e o gascão tinham comido até mais não poderem, mas parecia que os seus estômagos eram elásticos.

Passepoil estava pálido; Cocardasse, ao contrário, tinha o rosto da côr do pouco vinho que ficara no fundo da quinta garrafa. A embriaguez produz os seus efeitos segundo o temperamento dos bebedores...

O tempo das privações passara. Ambos vestidos de novo, dos pés à cabeça, tinham um olhar insolente e o porte altivo dos infelizes a quem a fortuna eleva de repente.

— Creio que êste néscio se dirige a nós! — disse Cocardasse ao amigo.

E apanhando o mordomo por uma orelha, fê-lo dar duas voltas sôbre si mesmo.

— Êstes patifes estão bêbedos! — disse Peyrolles para consigo, enquanto reparava os estragos que aquela inesperada acometida fizera no seu rico trajo.

Só ao cabo de certo tempo conseguiu convencê-los, comparecendo então os três diante do príncipe.

— Têm as pernas firmes? — perguntou Gonzaga.

— Só bebi um copo à saúde de Monsenhor... — retorquiu Cocardasse — Não tenho rival quando é necessário ser sóbrio.

— E eu só bebi vinho com água — disse Passepoil.

— Bebeste o mesmo que eu! Corpo de Baco!... Não consinto que se minta diante de mim!... — interrompeu Cocardasse.

— Têm boas espadas? — cortou Gonzaga.

— De primeira ordem! — respondeu o gascão.

— E estão ao vosso dispor! — acrescentou o normando, em tom humilde.

— Muito bem! — respondeu o príncipe, voltando-lhes as costas.

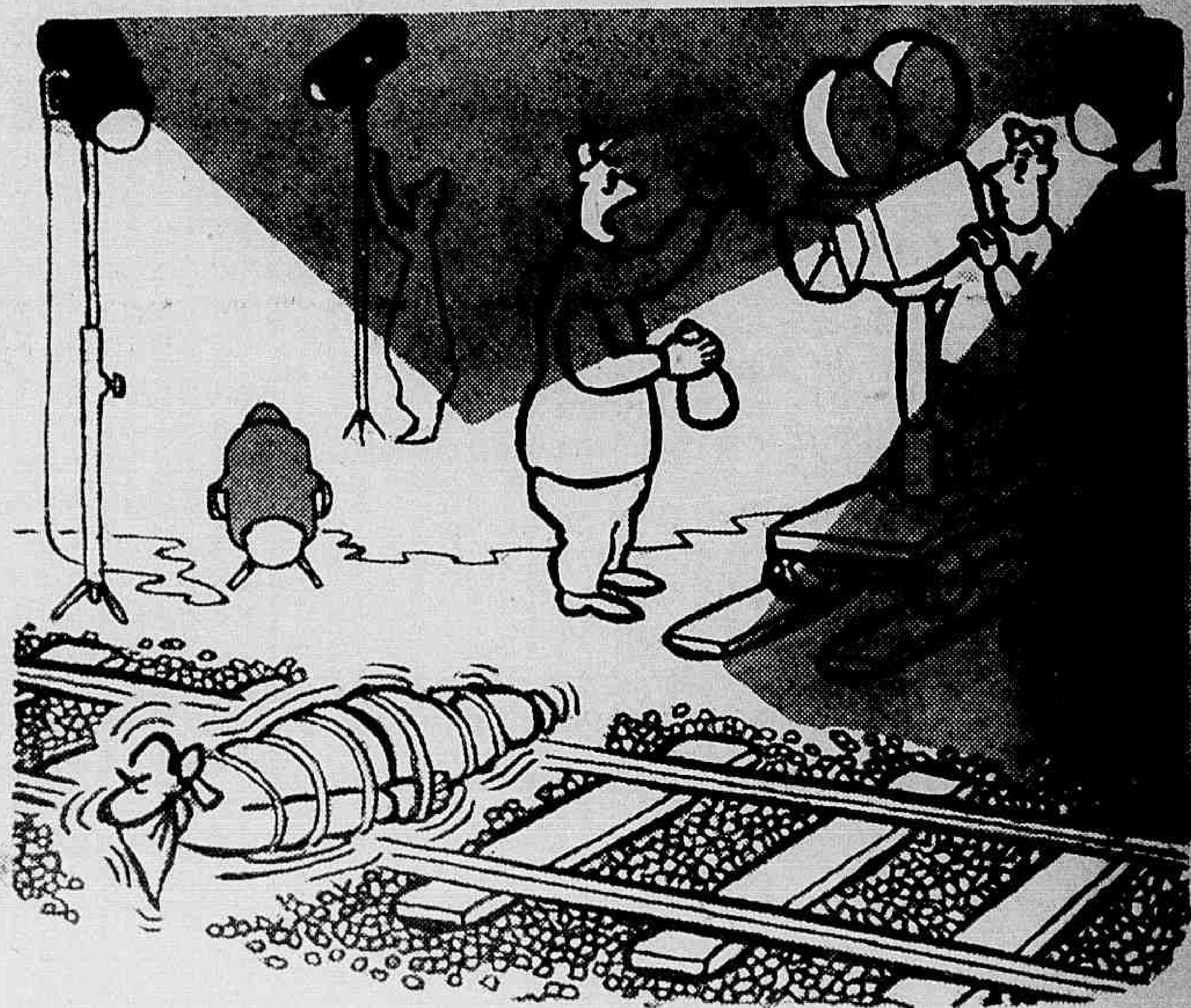
Em seguida chamou Peyrolles com um gesto, principiou a conversar com êle em voz baixa e, aproximando-se do outro extremo do salão, parou junto da porta.

No entanto, precisamente quando rasgava a fôlha do livro de apontamentos onde tomara nota das indicações de D. Cruz, e no momento em que a entregava ao confidente, viu-se a grotesca figura de um corcunda espreitando pela porta entreaberta. Ninguém o notou... Os seus olhinhos vivos brilharam intensamente.

Ao ver Gonzaga, ocultou-se e, escutando à fechadura, principiou a ouvir Peyrolles decifrar dificilmente as palavras do ano:

— Rua de Chantre... uma jovem chamada Aurora...

Os olhinhos do corcunda pareciam despedir estranho fulgor.



— Filmem isso logo de uma vez, rapazes! Faltam apenas três minutos para o "rápido" passar!

— Já sabe!... — pensou — Quem lhe teria dito?!...

— Compreendeste bem tôdas as instruções?... — perguntou Gonzaga ao confidente.

— Muito bem!... Mas, para onde a havemos de levar?

— Para o pavilhão de D. Cruz.

O corcunda deu uma palmada na testa e murmurou para consigo:

— A cigana!... Como terá ela sabido do esconderijo de Aurora?...

— Será preciso raptá-la, não é verdade? — perguntou Peyrolles.

— Sim, mas sem barulho, nem escândalo — respondeu Gonzaga. — Não estamos em condições de chamar a atenção sôbre nós! Astúcia e agilidade!... E' o teu forte!... No entanto, toma cuidado... Ia apostar em como o nosso homem mora lá!

— Quem?... Lagardère?... — exclamou o intendente, assustado.

— Sim, mas não terás que te haver com êle! Primeiro averiguas se lá está... Eu até ia jurar que não se encontra em casa a essa hora!... Se não estiver, não há nada mais fácil! Aqui tens um convite!

E Gonzaga entregou a Peyrolles um dos cartões que reservara para Saldanha e Faenza.

— Antes disso, porém, arranjarás um vestido perfeitamente igual ao de D. Cruz e terás também, próximo da casa, uma liteira. Então, apresentas-te à jovem em nome de Lagardère...

— Isto é o que se chama jogar a vida em cara ou coroa!... — disse Peyrolles.

— Ao ver o vestido e o convite, ficará louca de alegria e tu só precisarás de lhe dizer: "Lagardère manda isto e espera-vos!"

— Péssimo recurso! — disse naquele momento uma voz aguda e irônica — A jovem não fará caso de semelhante mensagem.

Gonzaga levou a mão à espada e Peyrolles estremeceu de susto.

— Fogo do céu! — exclamou Cocardasse — Repara bem naquele homenzinho, Passepoil!

— Ah! — respondeu o interpelado — Se a natureza me tivesse brindado com semelhante físico, suicidava-me!

Peyrolles soltou uma gargalhada, como fazem todos os covardes depois de um falso alarma.

— Ésopo! — exclamou.

— Sempre êste homem! — disse Gonzaga aborrecido — julgas que, por teres alugado a casa de Medoro, tens direito de percorrer todo o meu palácio?... Que vieste fazer aqui?

— E o senhor príncipe que vai mandar fazer a essa casa?... — replicou audaciosamente o corcunda.

Peyrolles teve a intuição de que semelhante homem era um inimigo e disse:

— Senhor Ésopo, terei necessidade de lhe fazer compreender o perigo que corre todo aquêle que se mete em assuntos que não lhe dizem respeito?

Gonzaga dirigiu um olhar bastante expressivo aos dois espadachins. Pobre dêle, se tinha a mania de escutar às portas!...

Mas a atenção do príncipe desviou-se, pois o audacioso corcunda, com o maior descaramento do mundo, arrancava das mãos de Peyrolles o convite que êle acabava de lhe entregar.

— Que fazes? — gritou-lhe Gonzaga.

O corcunda, sem se dignar responder, tirou da algibeira uma caneta e o tinteiro.

— Está doido! — exclamou Peyrolles.

— Não estou não!... — retorquiu o corcunda, pondo um joelho em terra e principiando a escrever tranqüilamente — Leia! — disse ao cabo de um minuto, em voz triunfante, levantando-se e entregando um papel a Gonzaga.

Êste leu:

"Minha filha

"Sou eu quem lhe envia tudo isso. Quis fazer-lhe uma surprêsa. Vista-se, faça-se bonita... Uma liteira com dois lacaios irá buscá-la, a fim de a levar ao baile do Regente, onde a espera

Henrique de Lagardère."

Cocardasse e Passepoil, que contemplavam esta cena demasiadamente afastados para poderem ouvir, estavam surpreendidíssimos.

— Raios e coriscos! Parece que Monsenhor foi mordido por um bicho venenoso! — disse o gascão.

— Êste corcunda faz o que quer... — comentou Passepoil — Eu nunca o tinha visto antes, e no entanto, parece-me que conheço aquêles olhos!... Não sei porque, mas êste estranho personagem me preocupa bastante!...

— Pois a mim só me preocupam os homens que tenham a altura normal de gente!

Entretanto, Gonzaga, surpreendido, dizia ao intruso:

— Que quer isto dizer?...

— Que com essa missiva, a jovem fará tudo quanto lhe dizem... — replicou o interpelado.

— Então adivinhaste os nossos desejos e as nossas intenções?...

— Compreendi que queriam apoderar-se dela.

— E sabes a que se expõe quem se atreve a penetrar em certos segredos?

— A ganhar muito dinheiro — respondeu o corcunda, esfregando as mãos com regosijo.

Gonzaga e Peyrolles entreolharam-se ràpidamente.

— Mas... — disse Gonzaga — **e a letra** da carta?

— Possuo vários dons e dentre êles... êste!... Garanto a imitação perfeita... Basta-me ver uma letra uma vez para a imitar com perfeição.

— Isso pode levar-te longe!... Conheces Lagardère?

— Muito bem!

— Por quê?

— Por causa de um assunto antigo...

— Podes dar-nos algumas notícias dêle?

— Uma só: ontem deu duas estocadas; amanhã projeta dar outras duas...

Peyrolles sentiu um arrepio de mêdo percorrer-lhe a coluna vertebral, e Gonzaga disse:

— Há fortes prisões nos subterrâneos dêste palácio!

O corcunda, sem se preocupar com a ameaça, respondeu:

— Terreno que se perde! Mande fazer adegas e alugue-as a um comerciante de vinhos.

— Parece que andas a espiar-me!

— Bonita idéia, realmente!... O homem de quem se trata não tem um escudo e Monsenhor é milionário. Quer que lhe entregue Lagardère?

Gonzaga abriu desmesuradamente os olhos.

— Dê-me êsse convite — prosseguiu Ésopo, indicando o que o príncipe conservava na mão.

— Que pensa fazer com êle?

— Dá-lo a Lagardère, que, com certeza, não faltará à promessa que faço em seu nome: ir ao baile do Regente!

— Com os diabos! Deves ter pacto com o demônio!

— Ora!... Ora!... Isto não é nada — retorquiu o corcunda, modestamente.

— E por que demonstras tanto interêsse em me servir?

— Porque sou assim mesmo! Sirvo a quem me agrada!

— Eu tive a sorte de te agradar?

— Muito!

— E para provares a tua simpatia, pagaste dez mil escudos?

— O casinhoto de Medoro?... Oh! Mas isso é uma mina de ouro!

Gonzaga fêz um sinal aos dois espadachins, que se aproximaram.

— Quem são êstes? — perguntou Ésopo.

— Duas pessoas que te acompanharão, caso aceite os teus serviços.

O corcunda saudou cerimoniosamente os dois espadachins.

— Pois então, diga-lhes que desapareçam! Não gosto de andar acompanhado quando trato dos meus negócios.

— Mas... — disse Gonzaga com ar ameaçador.

— Não há mas, nem meio mas! Já conhece o nosso homem: é brusco, quase brutal e se me visse com esta escolta de assassinos...

— Canalha! — gritou Cocardasse indignado.

— E' pouco cortês! — acrescentou Passepoil.

— Gosto de proceder sòzinho, ou então...

Gonzaga e Peyrolles consultaram-se com o olhar.

— Pobre de ti se me enganas! — disse o príncipe, olhando-o fixamente — Se me servires bem, não terás de que te arrepender. Caso contrário...

Interrompendo-se, entregou-lhe o convite para o baile.

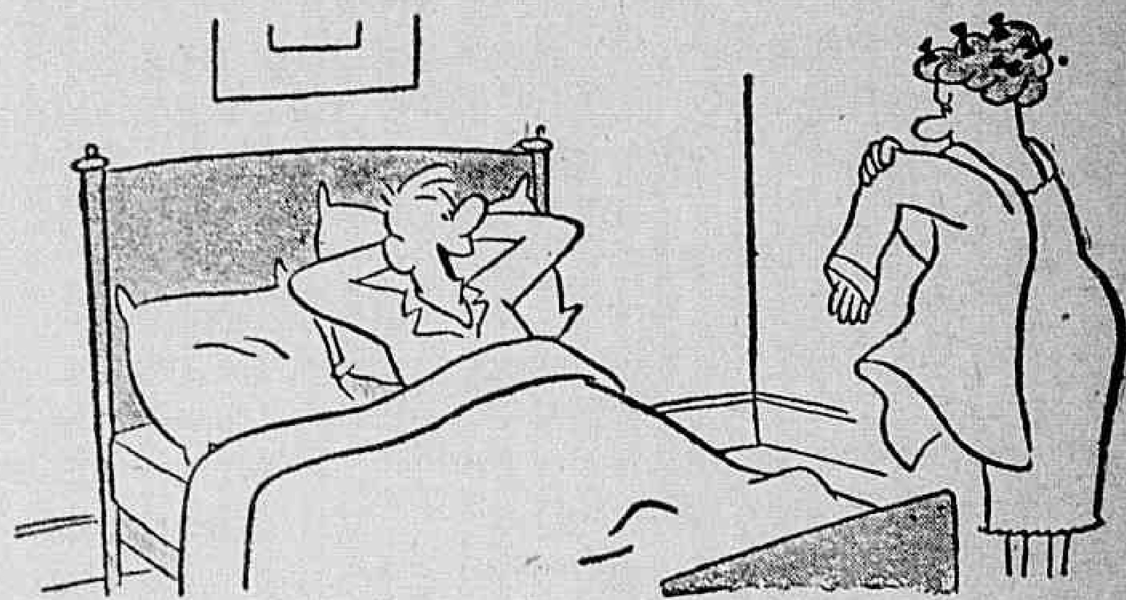
O corcunda guardou-o e dirigiu-se para a saída, recuando, enquanto fazia profundas reverências e dizia:

— A confiança de Monsenhor honra-me bastante... Esta noite saberá quem é o corcunda...

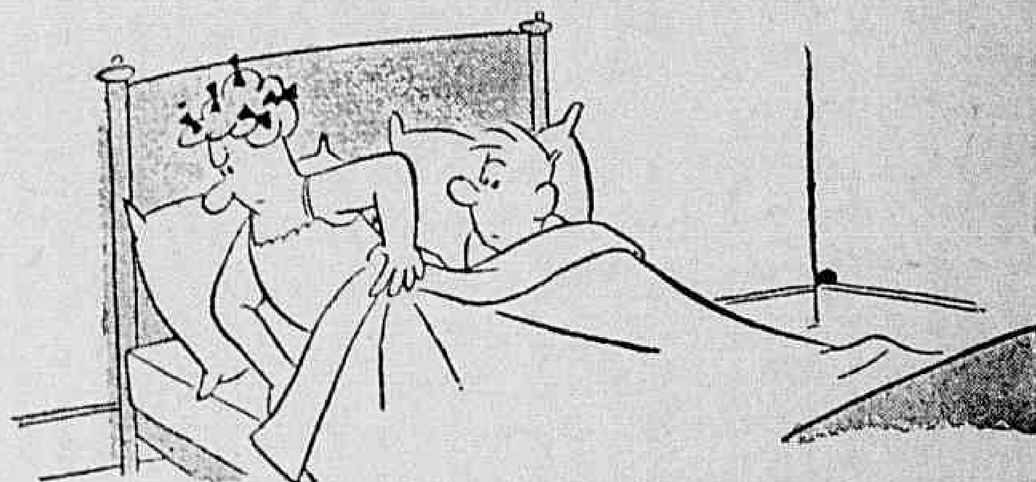
A um sinal de Gonzaga, os dois espadachins dispunham-se a acompanhá-lo, mas o homenzinho, com mão que êles nunca podiam imaginar tão vigorosa, afastou-os e perguntou ao príncipe:

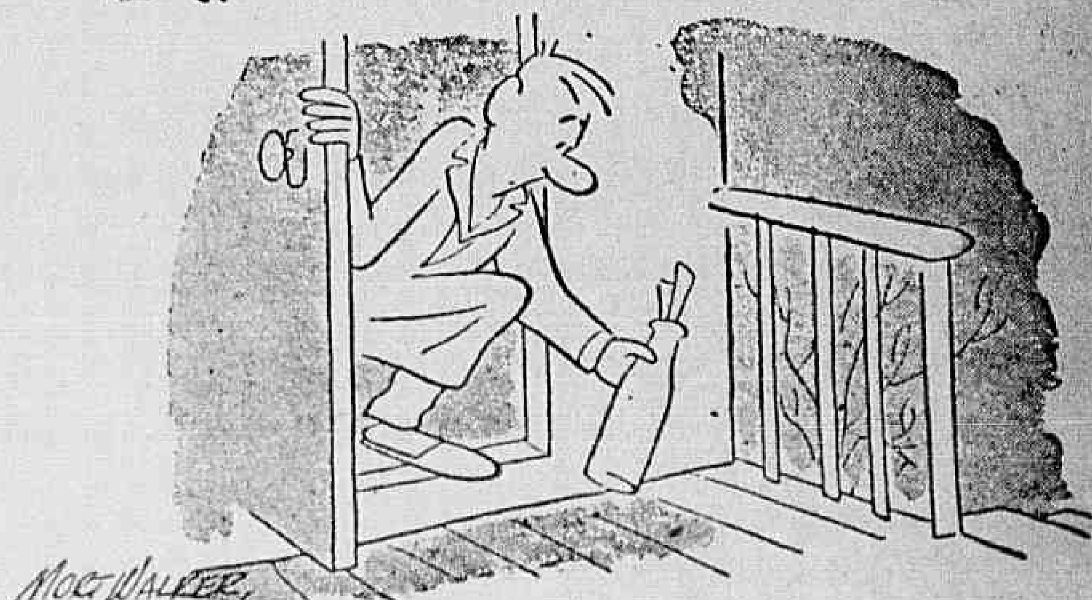
— E a nossa combinação?!...

Depois, cumprimentou profundamente, transpôs o limiar e vendo que os dois amigos se propunham segui-lo, fechou-lhes a porta na cara. Quando os espadachins chegaram ao corredor, o corcunda desaparecera!



— O último a deitar fechará a porta, deixará a garrafa de leite junto da escada, dará corda no relógio e apagará a luz...





— Depressa! — disse o príncipe para Peyrolles — Quero que a casa da rua de Chantre seja cercada daqui a meia hora... Quanto ao resto, tudo conforme se combinou!

Entretanto, o corcunda murmurava para consigo:

— Isto é que foi sorte!... Os fundos estavam tão em baixo!... Macacos me mordam se eu sabia onde arranjar dinheiro para o convite e para comprar o vestido de baile!...

XX

A casa das duas entradas

Situada na estreita e velha rua de Chantre, existia — na época da nossa narrativa — uma casa com duas entradas que, conjuntamente com outras da mesma espécie, deslustrava os arredores do Palácio Real.

As ruas de Pierre Lescot, da Biblioteca e a de Chantre formavam uma rêde de vielas sujas, úmidas, escuras e pouco freqüentadas, que eram um insulto à capital, constituindo um lugar repugnante, no centro da cidade.

Lia-se então, com freqüencia, nos jornais: "...Cometeu-se, ontem, um horrendo crime nas profundidades dêsse antro que o sol, nem mesmo nos dias mais longos e bonitos de verão, consegue iluminar por um momento que seja!..."

A vítima tanto podia ser uma sacerdotiza de Vênus, estrangulada depois de ignóbil orgiá, como um pobre comerciante a quem assassinassem para roubar.

Além disso as três vielas exalavam um cheiro fétido que chegava até às janelas do lindo palácio, residência de reis, príncipes e cardeais.

Depois, o palácio passou a ser um edifício retangular, de aspecto agradável. As suas esplêndidas galerias de cedro desapareceram por completo e só existem as de pedra, por debaixo das quais se refugiam os transeuntes em dias de chuva.

Os restaurantes, que se encontram instalados no andar superior, oferecem substânciais refeições a dois francos, aos provincianos de idade madura, os quais, enquanto fazem a digestão, recordam aquilo a que chamamos "esplêndidos" costumes do Palácio Real, das épocas do Império e da Restauração!...

Entretanto, no sítio onde antes existiam as três imundas vielas — Chantre, Pierre Lescot e Biblioteca — ergue-se um enorme palácio que oferece a tôda a gente a sua mesa de mil talheres. As quatro fachadas são artísticas e alegres. Uma, deita para o pátio central; a outra, para a rua de Saint-Honoré; a terceira, para a de Coq e a última para a Rivoli. Das janelas do palácio avista-se o Louvre moderno, sucessor legítimo do antigo. E' banhado por luz e ar; o lôdo desapareceu conjuntamente com as casas de jôgo e, tôda aquela lepra, repentinamente curada, não deixou o mais leve traço.

No século XVIII, as três ruas que acabamos de mencionar eram bastante feias, mas seguramente não conseguiam ser piores do que a de Saint-Honoré, sua vizinha. Embora mal pavimentadas e sem a mais pequena urbanização, havia nelas formosos portais pertencentes a casas nobres e ricas.

Na esquina formada pelas ruas de Chantre e Saint-Honoré, existia uma casa de aparência modesta, mas asseada e quase nova. A sua entrada era pela rua de Chantre e havia apenas uma semana que estava habitada por uma família cujo aspecto chamou a atenção dos vizinhos curiosos.

Habitava ali um homem ainda novo, de olhar vivo e esplêndida cabeleira que emoldurava uma fronte nobre e altiva, chamado mestre Luís e que era cinzelador; uma jovem, linda como os amôres e cujo nome ninguém conseguira ainda saber; não se tratavam por tu, nem viviam como marido e mulher; e, talvez na categoria de criados, havia na mesma casa uma velhota que não falava com pessoa alguma e um rapaz dos seus dezesseis anos, que se esforçava por ser discreto.

A jovem nunca saía e todos a suporiam prisioneira, se não a ouvissem cantar alegremente de manhã à noite.

Mestre Luís, pelo contrário, saía freqüentemente e costumava regressar a casa a horas muito avançadas da noite, mas não entrava pela porta da casa, à qual dava acesso uma escada com três degraus de mármore. O prédio tinha duas entradas: a primeira, aquela já indicada; a segunda comunicava com a escada do edifício vizinho. Era esta última entrada, a que mestre Luís costumava utilizar, quando regressava a casa.

Desde que essa família ali vivia, nenhum estranho a fôra visitar. Apenas um corcunda, de rosto simpático, entrava e saía de quando em quando, mas sempre pela escada reservada, sem falar com qualquer pessoa. Devia ser, com certeza, um amigo íntimo de mestre Luís, porque os curiosos nunca o viram nos aposentos da jovem — era uma sala do rés-do-chão — por onde fàcilmente se podia espreitar pela grande janela com grade de ferro.

Antes da chegada de mestre Luís, ninguém se lembrava de ter visto ali no bairro o corcunda. Assim, êste excitou tanto a curiosidade geral, como o elegante taciturno cinzelador.

Quem seriam?... De onde viriam?... A que horas trabalharia êsse mestre Luís, com as mãos mais brancas do que as de um fidalgo?...

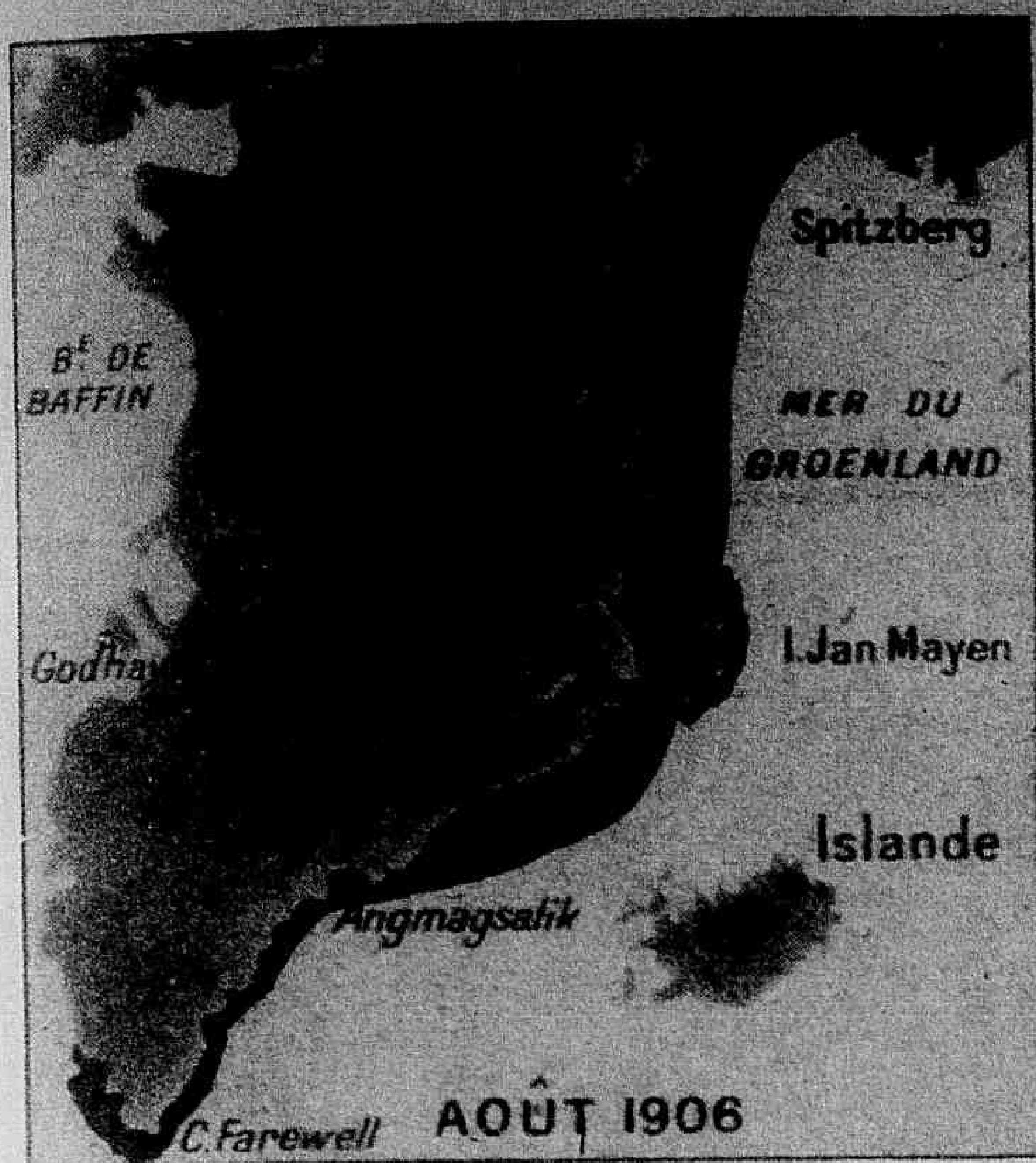
Tais eram as perguntas que os vizinhos faziam uns aos outros.

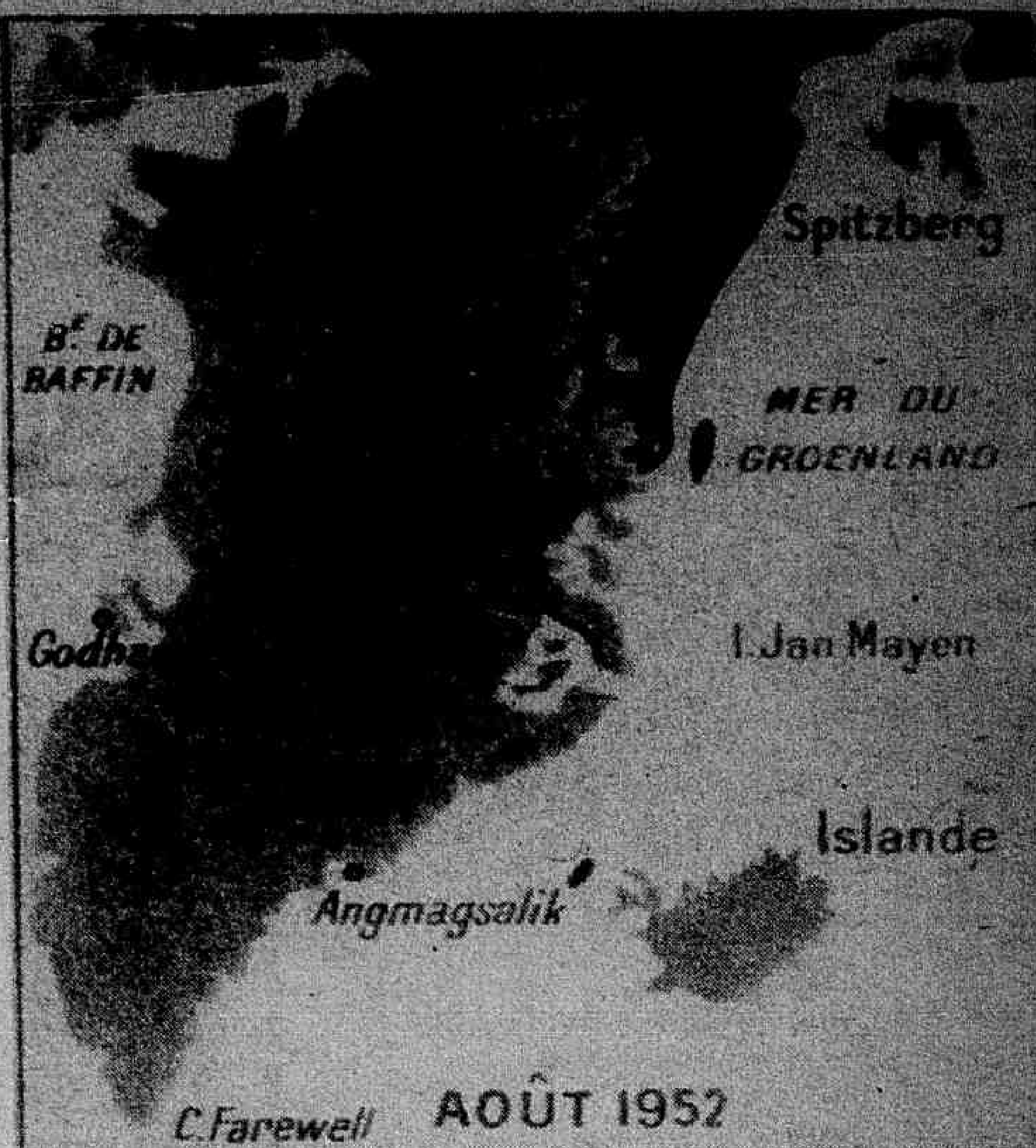
(*Continua no próximo número*)



SUA MAJESTADE A RAINHA ELIZABETH II

Sua Majestade a Rainha da Inglaterra nasceu em Londres, em 21 de abril de 1926, filha primeira do Duque e Duquesa de York. Foi batizada cinco semanas mais tarde na capela do Palácio de Buckingham, recebendo o nome de Elizabeth Alexandra Mary. Passou os primeiros anos em Londres, na casa de Piccadilly, número 145; na residência de White Lodge, no Parque de Richmond, e nas casas de campo de seus avós, o Rei Jorge V e a Rainha Mary, e do Conde e Condêssa de Strathmore. Quando tinha seis anos, o Duque e a Duquesa de York fizeram sua própria residência de campo, a Royal Lodge, do Grande Parque Real de Windsor. A Princesa Elizabeth e sua irmã, Princesa Margareth, quatro anos mais moça, foram educadas por uma preceptora escocesa, licenciada pela Universidade de Edimburgo. Depois de o Duque de York subir ao trono como Rei Jorge VI, a Princesa, então, começou a estudar história e direito constitucional. A Princesa, que tomou sempre muito a sério os seus estudos, recebeu uma educação ao mesmo tempo austera e ampla. À medida que foi crescendo, a Princesa foi tomando, gradualmente, maior parte na vida pública do reino. Contava quatorze anos quando falou pelo rádio, pela primeira vez, em outubro de 1940, na Hora Infantil da BBC. Nos princípios de 1942, a Princesa recebeu o título honorífico de Coronel-Chefe dos Granadeiros da Guarda, e ao perfazer dezesseis anos desempenhou-se da sua primeira função oficial, passando em revista o Regimento. Na véspera, dera a sua primeira audiência oficial, recebendo o Coronel Prescott, que lhe fêz entrega de um distintivo do regimento, em diamantes, como presente de oficiais e soldados. De então em diante, a Princesa foi aparecendo, cada vez mais, em público, no desempenho de funções oficiais. Apaixonada da música, e estudando, ela própria, piano, aceitou, aos dezessete anos, a Presidência do Royal College of Music, que visitou pela primeira vez, oficialmente, no outono de 1943. Começou a acompanhar o Rei e a Rainha em muitas das viagens dos soberanos pelo país, e encarregou-se de várias outras missões, com tôdas as responsabilidades inerentes. Assumiu também a Presidência do Hospital "Queen Elizabeth" para Crianças, Hackney, proferindo, por ocasião da inauguração do mesmo, o seu primeiro discurso público. Aos dezoito anos, foi nomeada Conselheiro de Estado, quando o Rei Jorge VI se ausentou do país, para visitar os campos de batalha da Itália, e assinou, com sua mãe, a Rainha Elizabeth, o instrumento de Assentimento Real de novas leis. Apreciando profundamente as Artes e a Música, estudou o canto de madrigais com um grupo de amigas, e aprendeu piano com Miss Mabel Lander, aluna de Leschetizky, professor de Paderewski. Por outro lado, sempre apreciou a vida ao ar livre. Interessa-se pelo apuramento de cavalos de raça e desde pequenina monta admiràvelmente a cavalo; em vida de seu pai, acompanhava-o, com sua irmã, a Princesa Margareth, em longos passeios a cavalo pelo Grande Parque de Windsor. Boa nadadora também, ganhou, aos treze anos, o Escudo Infantil do Bath Club e aprendeu a ministrar socorros a náufragos. A arte dramática foi outra das recreações prediletas das pequeninas Princesas. Aos onze anos, alistou-se como Escoteira. Subiu ao pôsto de Chefe de Patrulha da Primeira Companhia de Escoteiras do Palácio de Buckingham e mais tarde foi Escoteira Naval. Por desejo expresso de seu pai, a Princesa Elizabeth não foi chamada, a prestar serviço nacional, aos dezoito anos. Tinha, contudo, o maior empenho em entrar para os Serviços Territoriais, tendo ingressado como Segundo Subalterno em março de 1945. Fêz um curso no Centro de Treinamento de Transportes Mecânicos n. 1, dos Serviços Territoriais Auxiliares e obteve o diploma de motorista de primeira classe. Quando o Real Corpo Feminino do Exército se formou, em fevereiro de 1949, a Princesa assumiu o pôsto de Superintendente Sênior Honorária e mais tarde o de Brigadeiro Honorário, do qual demitiu-se ao subir ao Trono. Em julho de 1944, o Rei conferiu à Princesa o direito de usar brasão próprio, constituído pelas armas Reais, em forma modificada. O seu Pavilhão pessoal flutuou ao vento, pela primeira vez, quando foi madrinha do couraçado "Vanguard", no inverno daquele ano. A primeira unidade naval a desfraldar o pavilhão da Princesa foi o cruzador "Superb". Terminada a guerra, as funções públicas da Princesa Elizabeth continuaram exigindo, cada vez, maior parte do seu tempo. Multiplicaram-se as suas viagens pelas Ilhas Britânicas, para ir assistir a cerimônias oficiais. Acompanhou seus pais e sua irmã na viagem real à União Sul-Africana, no couraçado "Vanguard", de que fôra madrinha, três anos antes. Foi durante essa viagem que a Princesa celebrou o seu vigésimo primeiro aniversário. Pouco depois do regresso da Família Real, da União Sul-Africana, o Rei anunciou que dera a mão da Princesa Elizabeth ao Tenente Philip Mountbatten. O Tenente Mountbatten nasceu Príncipe da Grécia, filho do Príncipe André, mas renunciou ao seu título de nobreza quando se naturalizou súdito britânico. Era seu bisavô, o Rei Cristiano IX, da Dinamarca; por parte de mãe, Philip Mountbatten é trisneto da Rainha Vitória. Havia muitos anos que Philip e a Princesa Elizabeth se conheciam, pois Philip passou a infância numa escola da Grã-Bretanha e em casa de seu tio, Lord Mountbatten. O casamento real realizou-se em 20 de novembro de 1947. Na véspera, o noivo foi elevado à dignidade de Duque de Edimburgo, com direito ao tratamento de Sua Alteza Real. O Príncipe Carlos, herdeiro aparente do trono, nasceu no ano seguinte, e sua irmã, a Princesa Ana, em 1950. Depois de casar visitou, por várias vêzes, a Ilha de Malta, enquanto a unidade da Armada Real de que seu marido era oficial, prestava serviço no Mediterrâneo, e no outono de 1951 visitaram, os dois, o Canadá. Quando a doença do falecido Rei tornou pouco aconselhável que o soberano realizasse a visita que projetava à Austrália e à Nova Zelândia, sua filha partiu em seu lugar, e foi na primeira fase da jornada, ao passar pelo território de Quênia, que a Princesa Elizabeth recebeu a triste notícia da morte de seu pai, que a elevava ao trono.





A zona glacial da Groenlândia (em prêto) diminuiu a êsse ponto em 46 anos.

A TERRA ESTÁ ESQUENTANDO

APÓS haver pacientemente traduzido, em gráficos, mais de um milhar de temperaturas registradas no Observatório de Greenwich, desde 1841, um renomado especialista inglês, M. Callendar, acaba de afirmar que, **"indiscutivelmente, a Terra recupera calor".**

Lançada no momento em que o famoso "general Inverno", que derrotou Napoleão e Hitler, está fazendo o carioca usar cobertores, uma tal afirmação poderá parecer um tanto humorística e já imaginamos os comentários irônicos que não deixará de provocar, quando o termômetro descer um pouquinho mais, no correr das próximas semanas...

No entanto, e a despeito da neve copiosa que caíu êste ano, nos países do norte da Europa — um pouco mais intensamente que nos demais anos — os fatos aí estão.

Nos últimos cem anos, a temperatura do globo, inclusive na América do Sul e Brasil, aumentou de vários graus, e estamos assistindo, sem o saber, a um verdadeiro fenômeno geológico — e também econômico — do nosso planêta.

As focas não surgem mais, senão raramente, no sul.



As observações recolhidas nos últimos decênios, pelos organismos especializados, não podem deixar dúvida a êste respeito: a Terra se transforma aos nossos olhos e, se a evolução de que somos testemunhas prosseguir, dia virá em que os leões da África viverão confortàvelmente nas florestas do centro europeu e em que os esquimaus poderão ouvir, ali mesmo em seus territórios, a emocionante canção dos trigais de ouro!

★

Realmente, ainda não chegamos a êsse ponto; mas os fenômenos, verificados em todo o mundo, demonstram claramente que uma tal eventualidade não é impossível. E, em refôrço do que dizemos, apresentaremos outros fatos:



Outrora, os parisienses patinavam no bosque de Versailles. Hoje, êsse fato se tornou raríssimo

De 1850 aos nossos dias, a França, a Inglaterra e os países da Europa Central registraram uma elevação média de temperatura, de 3 a 4%. Êsse crescimento térmico chega a atingir três graus nos países escandinavos e até mesmo uma dezena de graus, acima do círculo ártico! O serviço geológico do Peru assinala que, a partir de 1890, a temperatura aumentou, em média, de treze graus, na Cordilheira dos Andes! Essa tendência constante do termômetro, para a alta, modificou, profundamente, o regime dos ventos, das correntes marítimas, das neves e dos gelos, acarretando numerosas transformações.

Na França, por exemplo, os períodos de grande frio, pràticamente, desapareceram. Se o Sena ainda carrega alguns gelos, não se mostra mais completamente imobilizado, como acontecia todos os anos, há duzentos anos e mais. Patinar sôbre o lago do "bois" de Boulogne, ou sôbre o grande canal de Versailles, tornou-se, hoje, um acontecimento excepcional, ao passo que, para os antigos parisienses, essa era uma das distrações clássicas dos domingos de inverno.

Nas regiões essencialmente frias, por sua vez, as transformações verificadas, em apenas meio século, são ainda mais surpreendentes. Os bancos polares vêm diminuindo regularmente.
Não há muito, o Instituto Ártico, de Leningrado, revelou que, de 1924 a 1944, a superfície dos gelos, segundo sucessivas fotografias aéreas, ficou reduzida de, pelo menos, um milhão de quilômetros quadrados.

*

Mas há outros indícios irrefutáveis de que a Terra vem recuperando calor.

Assim, por exemplo, se examinarmos a duração da estação, durante a qual as águas que vão do Spitzberg à Noruega são navegáveis, notaremos uma evolução muito importante. Consultemos os dados rigorosamente verificados: de noventa e cinco dias, em 1909, passou a duzentos e três dias, em 1939 e, em 1946, os navios navegaram até o dia 5 de dezembro, o que, anos atrás, era coisa impossível, por estar tôda a superfície marítima gelada.

Outro fato bastante sintomático: os gelos do mar, que se formavam cada ano, como terrível ameaça à navegação, perderam muito da sua espessura. Mediam, de fato, três metros e 65 centímetros, por ocasião das célebres explorações de Nansen, isto é: em fins do século passado. Atualmente já são muito inferiores, tendo chegado a apenas 2 metros e 19 centímetros, em 1940.

Também a temperatura do mar se elevou. Na Groenlândia, onde ela era de 0°75, em 1908, para a superfície, e de 0°54, a 300 metros de profundidade, atingia, em 1935, respectivamente, 4°35 e 1°10 — e continuou a subir, de maneira constante, desde então.

Êsse reaquecimento da água chegou, mesmo, a provocar modificações econômicas de certa importância. Os esquimaus, por exemplo, tiveram que renunciar às caçadas de focas, já agora emigradas para regiões mais frias e mais confortáveis para o seu temperamento. Em compensação, a Natureza resolveu premiá-los com outras carnes, pois puderam êles, desde então, dedicar-se à pesca do bacalhau que, em quantidades espantosas, começaram a surgir em suas costas, proporcionando-lhes melhor alimento e até mesmo bons lucros, o que desconheciam nos tempos das

focas. Em dez anos, não sòmente o bacalhau como outros peixes puderam subir, cêrca de quatrocentos quilômetros, para o Norte!

Aliás, as estatísticas falam por si mesmas: em 1913, primeiro ano em que a pesca foi organizada, conseguiram capturar apenas cinco toneladas de bacalhau. Em 1928 passaram para 8 750 toneladas, para atingir 13 500 toneladas, em 1945.

A mesma evolução, relativamente às pescarias, foi observada na região do Spitzberg. Os dados para essa região indicam que foram 5 000 toneladas, em 1928 e 105 500 toneladas em 1936!

*

A essa modificação da fauna marinha corresponde uma mudança profunda da fauna terrestre: os pássaros, que eram vistos habitualmente nessas regiões, foram substituídos por outros, que subiram do sul em bandos alegres e que chegavam com o arrôjo e a curiosidade de excursionistas.

Na Islândia, principalmente, o fato foi observado com maior rigor de contrôle, graças à presença, no local, do famoso especialista Sigurdur Thorarinsson, que assinalou, igualmente, uma evolução paralela no mundo dos insetos.

Na flora, enfim, houve igual modificação. Na Noruega, os serviços agronômicos, após longos estudos, chegaram à conclusão de que a terra degela mais cedo a cada primavera, as frutas amadurecem, agora, em épocas e lugares considerados excepcionais há alguns anos. Por sua vez, o limite das árvores, principalmente as betulas, ganhou 100 metros em altitude, e 300 quilômetros em latitude. Os pinheiros também crescem mais depressa.

O limite dos terrenos perpètuamente gelados, na periferia do Oceano Glacial, se desloca para o Norte. Na Rússia, por exemplo, chegou a recuar entre 10 e 50 quilômetros, cedendo, dessa forma, ao plantio, novos e excelentes territórios. Devemos ainda lembrar que, na Islândia, a cevada, que crescia com inúmeras dificuldades, há cinqüenta anos, cresce hoje perfeitamente.

Os icebergs derretem mais depressa e são menos numerosos que antigamente. Por sua vez os bancos de gêlo polares se retraem cada vez mais.

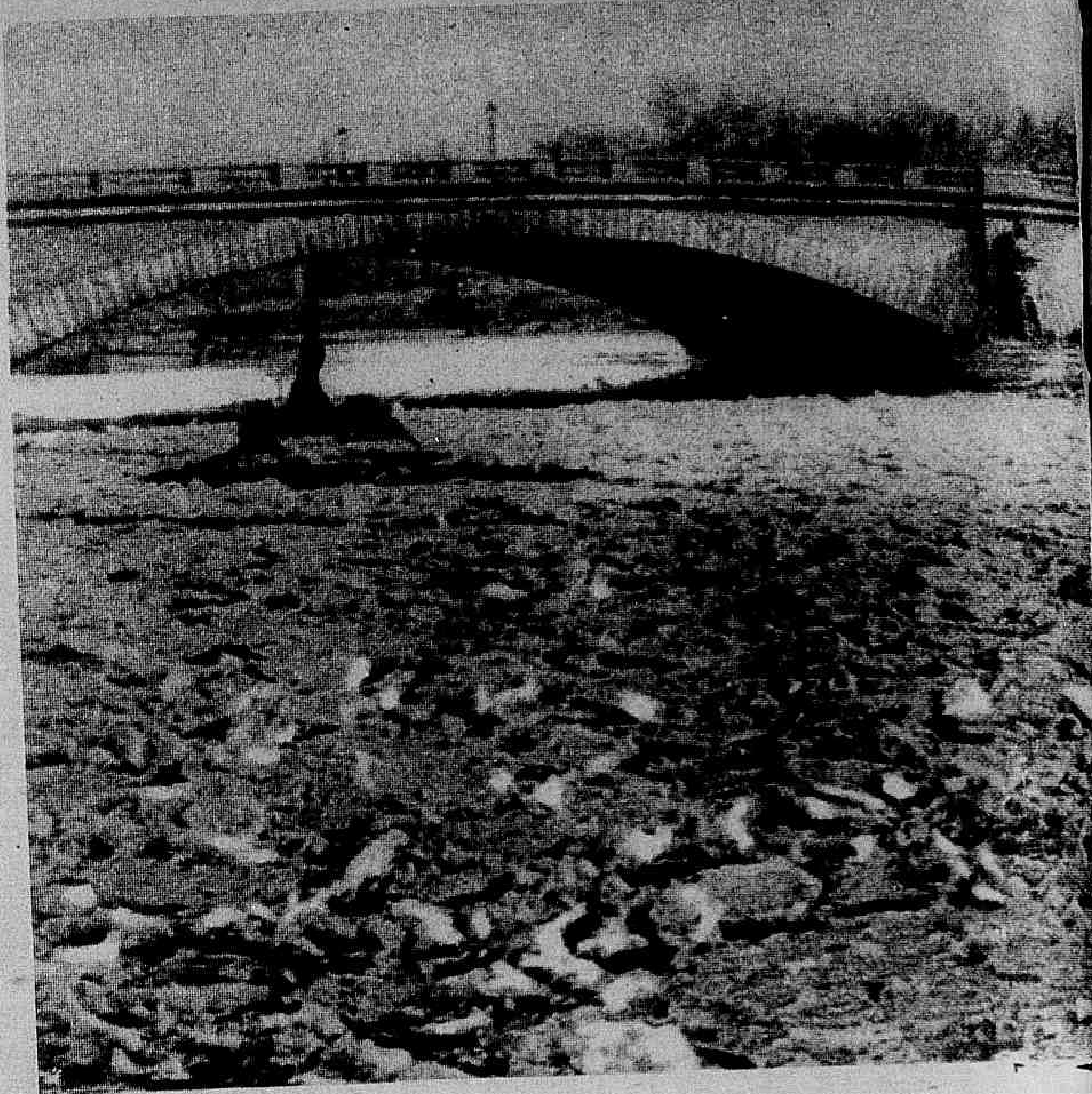


Mesmo se não tivesse sido assinalado por todos os fenômenos que acabamos de apontar, o reaquecimento terrestre não teria passado despercebido. Na realidade, o exame das geleiras o teria revelado aos observadores.

Por tôda parte, estas recuam e se amenizam, seja no Peru como na Suíça, na França como em todo o Norte da Europa.

Entre 1900 e 1945, a frente da geleira Jostedal, na Noruega, recuou de cêrca de quinhentos metros. De 1922 a 1945, a grande geleira do Kebnekaise, na Lapônia, tem perdido, anualmente, 800 000 metros cúbicos por quilômetro quadrado, ou sejam, 70 milhões de metros cúbicos de água!

Em 1947, a perda anual dessa geleira duplicou. Por sua parte, a geleira de Stor, sòmente nos anos de 1946-1947, perdeu três milhões de metros cúbicos de gêlo!



Um espetáculo que não se vê mai... lado, na altura da

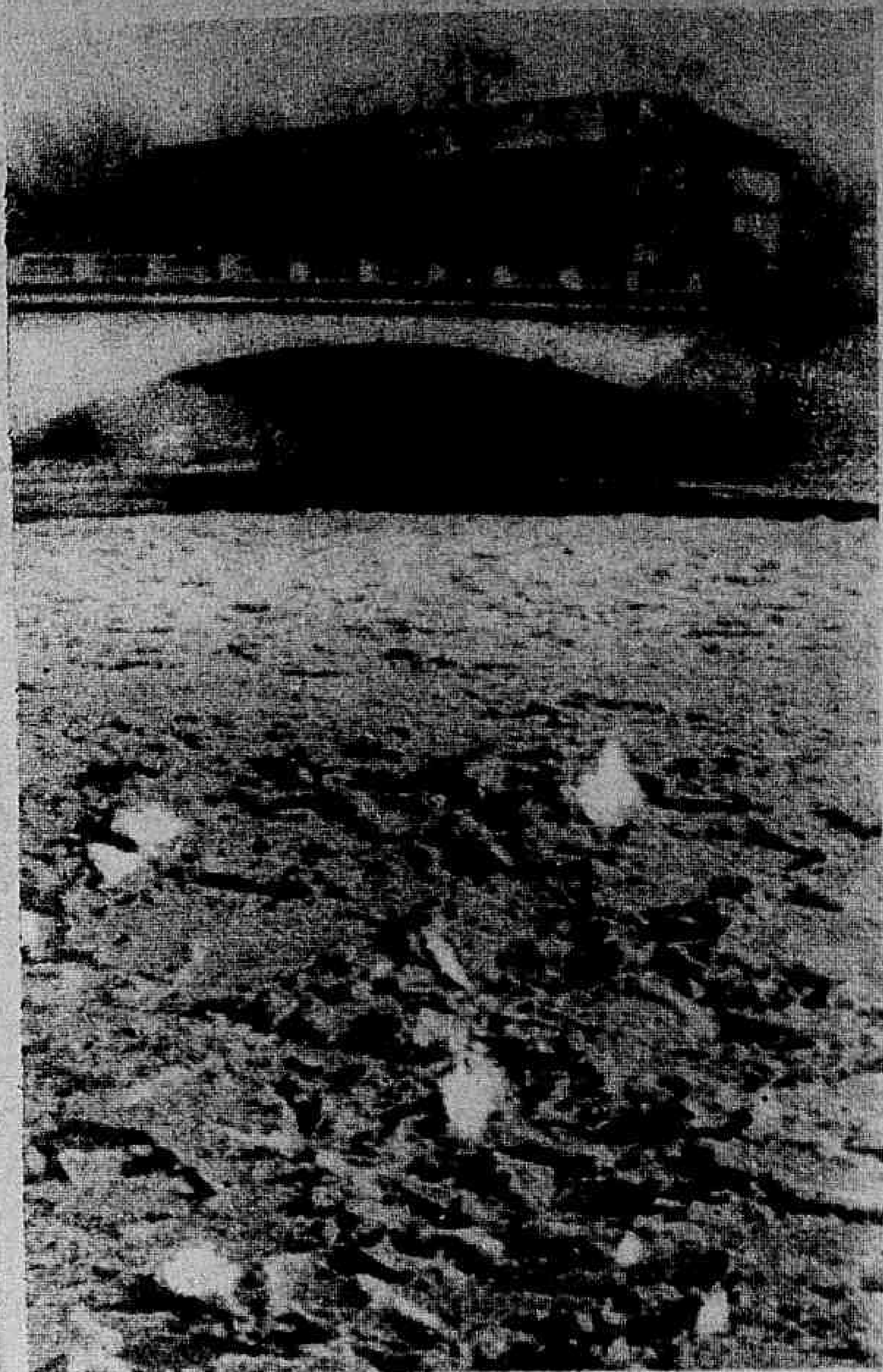


Em dois séculos, a frente do Mar de Gêlo recuou de mais de um quilômetro e setecentos metros. Para a geleira do Tour, essa regressão é de 550 metros em cento e trinta e dois anos. Finalmente, várias geleiras do maciço alpino simplesmente fundiram por completo durante o verão de 1947 — e não reapareceram jamais!

Outro sintoma da variação de clima: a sêca persistente que reina sôbre a África e que tem por resultado, não apenas ampliar um pouco mais, cada ano, o deserto do Saara (de fato, êste deserto progride para o sul, com a velocidade de um quilômetro por ano), mas também de fazer diminuir perigosamente o nível dos lagos e rios (fatos igualmente observados na região norte e nordestina, e costa do Brasil, onde também os grandes reservatórios de água doce acusam deficiências de nível, que já vêm causando sérios transtornos aos centros mais populosos a que estão destinados a servir).

Um sábio sueco verificou, ainda, que as águas do lago Vitória haviam baixado de três metros e meio, de

Conseqüência das mudanças de clima: Os "pontos de água" do Saara são cada vez mais raros.



em nossos dias: o Sena completamente ge-
Ponte Alma (em 1895).

Êsses sábios observadores chegam mesmo a prever o derretimento total da calota polar, o que teria como resultado elevar o nível dos mares de pelo menos 45 metros, afogando, portanto, uma parte das terras hoje descobertas!

"Essa perda — acrescentam os mesmos sábios, com certeza com o desejo de nos tranquilizar — seria compensada pelo aparecimento de imensos territórios hoje sepultados sob os gelos. A Humanidade não seria, assim, condenada a morrer de fome, pois que, êsses solos virgens seriam normalmente mais produtivos que os hoje existentes e que já se mostram esgotados por vários séculos de cultura."

A isto outro numeroso grupo replica:

"Não há razões para tanto entusiasmo. Tudo isso não prova grande coisa. Há muito pouco tempo que o homem é capaz de efetuar medidas exatas, permitindo tirar conclusões valiosas de tôdas as que servem para arquitetar as brilhantes teorias atuais. De resto, a terra sempre passou por alternativas de resfriamento e de reaquecimento. Na nossa opinião, estamos num dêstes últimos períodos. Dentro de mais alguns anos, registraremos, sem dúvida, um movimento no sentido inverso. E isto não quererá dizer, por sua vez, que estaremos a ponto de conhecer o mesmo gênero de vida dos esquimaus!"

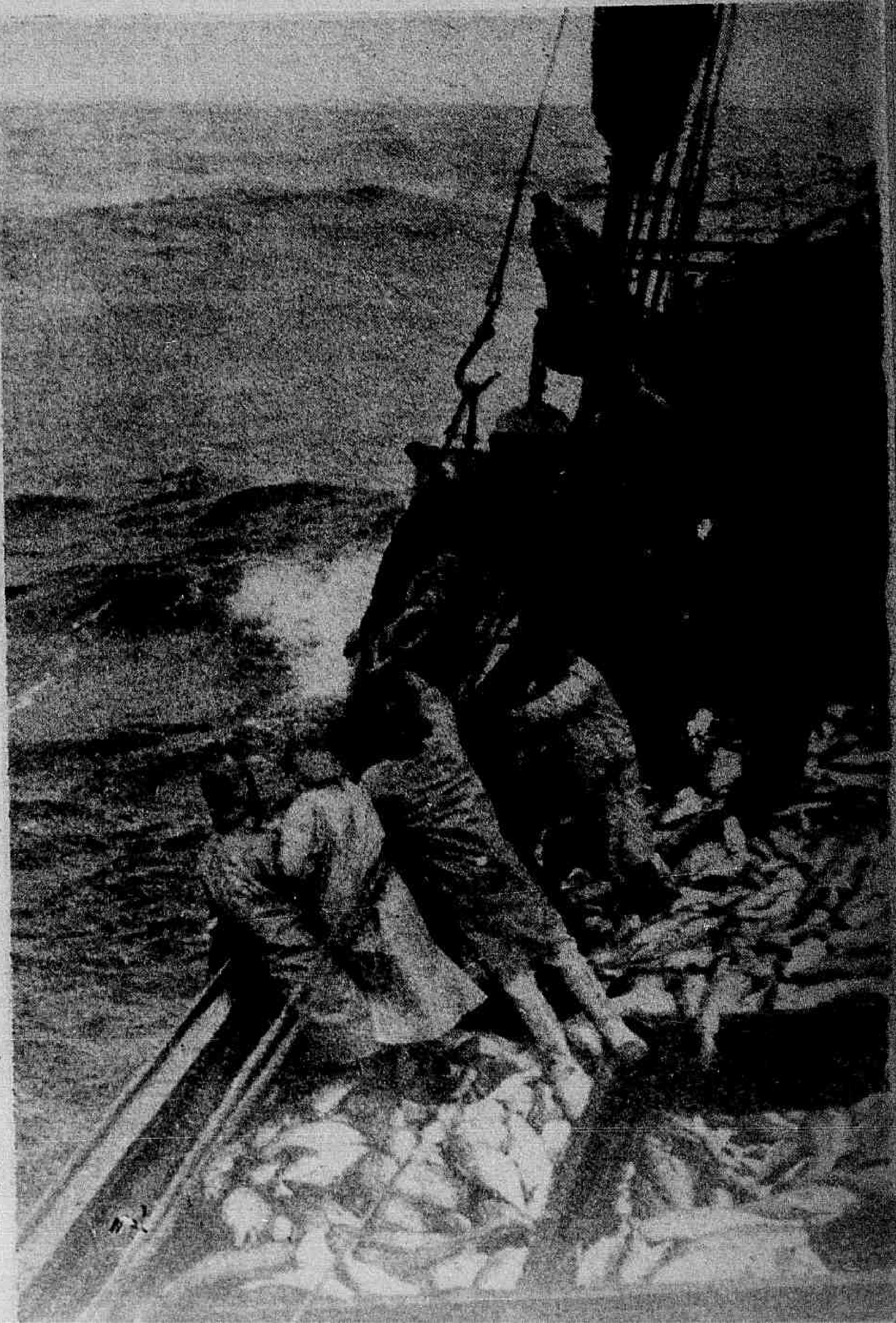
Quem tem razão? O futuro, só, nô-lo dirá; mas um futuro que se cifra por séculos, o que nos permite dormir tranqüilos.

1932 a 1945; que as do lago Navaska, próximo de Nairobi, tinham diminuído de 10 metros, a partir de 1917, e que o débito dos cursos d'água aumentara consideràvelmente, a tal ponto que a irrigação do alto Sudão pelo Nilo Branco estava ameaçada.

Se todos os sábios estão de acôrdo para reconhecer essas diversas transformações, não pensam assim uniformemente com relação à sua origem, sua duração provável e suas conseqüências.

Segundo uns, o único responsável é o sol, cujas radiações se reforçaram. Segundo outros, tratar-se-ia seja de uma recrudescência da energia termo-nuclear das camadas terrestres contendo minerais rádio-ativos, seja de um aumento da circulação atmosférica das regiões equatorianas na direção dos pólos, devido a uma causa indeterminada.

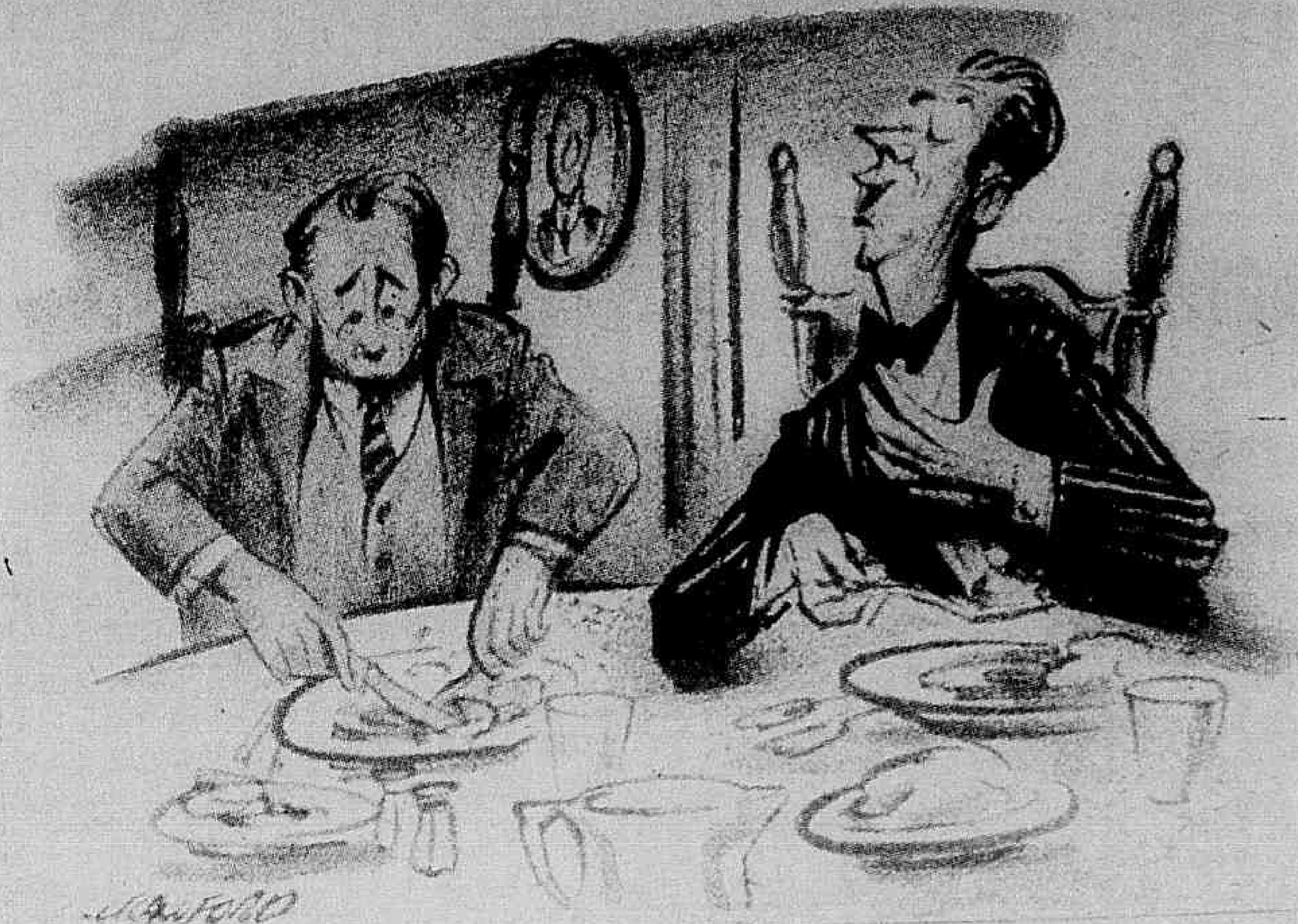
Para os adeptos de uma certa escola, êsse reaquecimento é o sinal precursor de uma transformação total de clima, idêntica às que foram observadas e marcaram as grandes épocas da história terrestre.



Finalmente, os pescadores da Islândia são forçados a subir mais para o norte. Na Groenlândia, nem um bacalhau, em 1906; em 1950, cêrca de vinte mil toneladas!

A BOA RESPOSTA DO MÊS

Por DAVID R. KENNEDY



O noivo de Sally tinha um número razoável de excelentes qualidades, mas a modéstia, positivamente, não era uma delas. Num dos domingos em que veio jantar na casa dos futuros sogros, o rapaz resolveu entretê-los com histórias e narrativas, nas quais, infalìvelmente, êle próprio ocupava o lugar de herói. A cada nova história — pensava êle — mais subia a sua cotação como "mocinho". Finalmente, o rapaz resolveu falar sôbre o seu próximo casamento.

— Sally e eu nos entendemos muito bem! — afirmou, em tom teatral. Isto porque temos gostos semelhantes... — concluiu com ar confidencial.

O pai de Sally, já bastante aborrecido, tendo ficado em silêncio, desde que o rapaz começara a contar as suas bravatas, pousou a xícara de café sôbre o pires, e comentou, em tom brando:

— Sim, é verdade; ambos parecem coincidir **no amor que dedicam a você!**



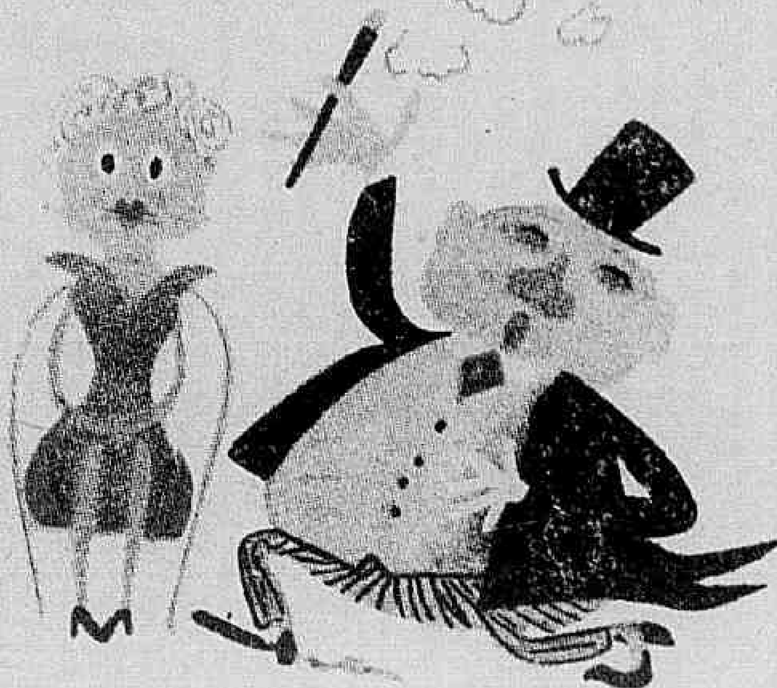
ESTAS COISAS ANDAM MESMO...

Por W. E. FARBSTEIN

A secretaria geral do Sindicato dos Seguradores, de Nova York, publicou, para esclarecimento dos noivos, instruções quanto ao modo correto... de carregar a espôsa pelo umbral da porta, a fim de evitar um posterior ataque de lumbago ou ciática. O pêso e o esfôrço devem ser suportados proporcionalmente por ambas as pernas, e não pelas costas. Tomem nota, cavalheiros!

Um inventor de Viena, Áustria, fabricou um protetor plástico para o nariz, na época do inverno. Êste escudo protetor está dotado de braços que se adaptam à parte posterior das orelhas, como os óculos.

UM QUÍMICO, empregado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, inventou um verniz a ser utilizado pelos jogadores de cartas, que gostam de comer amendoins e nozes. Com êsse recurso, os jogadores de "poker" e "canastra" podem comer qualquer dos citados produtos de gordura e óleo. O verniz é feito de *pectina*, um inofensivo extrato de frutas.



UM EMPREGADO de hotel, em Ocean Park, Califórnia, enviou a quantia de cem dólares ao Presidente Truman, pouco antes dêste terminar seu mandato, *a fim de que o dinheiro fôsse aplicado na redução das dívidas dos Estados Unidos*. Esta foi a terceira contribuição anual por parte dêsse patriótico cidadão. Em troca, — afirma êle — recebeu, também, pela terceira vez, uma amável carta de agradecimento, do Departamento do Tesouro do seu país.

QUANDO a secretária de um corretor de Baltimore, Estados Unidos, lembrou-lhe a combinação do segrêdo do cofre, no qual guardava seus charutos Havana, importados, isto após o pobre homem passar cinco dias sem fumar, o patrão pediu-a em casamento.

UM MODISTA, partidário do amor, desenhou um tipo especial de luvas, com capacidade para duas mãos, permitindo assim que os namorados, no inverno, possam passear de mãos dadas, sem o risco de ficar com as mesmas congeladas. Acreditem ou não, isto ocorreu na Inglaterra!

O ENCARREGADO de uma firma de pinturas, de Londres, colocou dois homens munidos de um pano embebido em óleo, um em cada extremidade de uma ponte que estava sendo pintada, a fim de que fizessem parar os automóveis que fôssem atingidos pelas gotas de tinta que caíssem sôbre os mesmos, limpando-os das manchas.

UMA DONA DE CASA, saindo a fazer compras, em Roma, Itália, colocou esta nota, na porta de sua casa: "Ninguém em casa, até às quinze horas". Um ladrão, lendo o cartaz, aproveitou-se disto para penetrar na casa e furtar diversos objetos, antes de que a ingênua mulher retornasse.

TENHAM MAIS CUIDADO

DEZ POR CENTO DE TODOS OS MENINOS E RAPAZES ESTUDANTES, QUE SE DEDICAM A ESPORTES, SOFREM ACIDENTES DE TÔDA SORTE, ALGUNS DÊLES DE CARATER MUITO SÉRIO.

UM de cada 10 meninos ou rapazes, que se dedicam a esportes escolares sofrerá acidente sério, no correr de um ano.

Isto está provado estatìsticamente. Mais de trinta e cinco por cento dêsses acidentes se refe-

CONSELHOS AOS PAIS

Para proteger seus filhos, verifiquem se as autoridades das escolas ou universidades, a que os mesmos pertencem, estão seguindo um Plano de segurança que proteja a saúde e a integridade física do seu filho, segundo o que estampamos abaixo.

1 — Nenhum menino ou rapazinho deve ser autorizado a participar de certames atléticos, de qualquer natureza, antes de haver sido submetido a rigoroso exame médico e físico, por profisional especializado, que o julgue em condições.

rem a ossos quebrados, ruptura de rins, fratura de crânio, hemorragias e concussões cerebrais. Centenas de moços ficam aleijados ou paralíticos, anualmente; outros, ainda, cegam ou perdem a vida!

E todo êsse conjunto de tragédias não é **necessário,** podendo ser evitado, sem que seja preciso o abandono dos esportes por parte dos mais precavidos. E' apenas necessário que se estabeleça um certo número de precauções, já aprovadas pelos médicos e cientistas.

A resignação ao "slogan" **isto são coisas que acontecem** não constitui o remédio recomendado para a diminuição dessa alarmante percentagem. Para que decresça o número de acidentes anuais, é necessário que se empregue material conveniente, e em boas condições. Para um jogador de futebol, uma chuteira desprovida de uma trava poderá acarretar-lhe uma queda de graves conseqüências; para um corredor, um sapato rasgado e com ausência de alguns pregos poderá provocar, também, algum acidente. E, assim por diante, em todos os ramos do esporte.

Os pregos, nos sapatos dos atletas, são necessários em vários esportes. No entanto, não é necessário que êles sejam de metal; atualmente, são feitos de borracha resistente, evitando-se, assim, um grande número de ferimentos e de tendões lesionados, como resultado de violentos esbarros entre dois adversários.

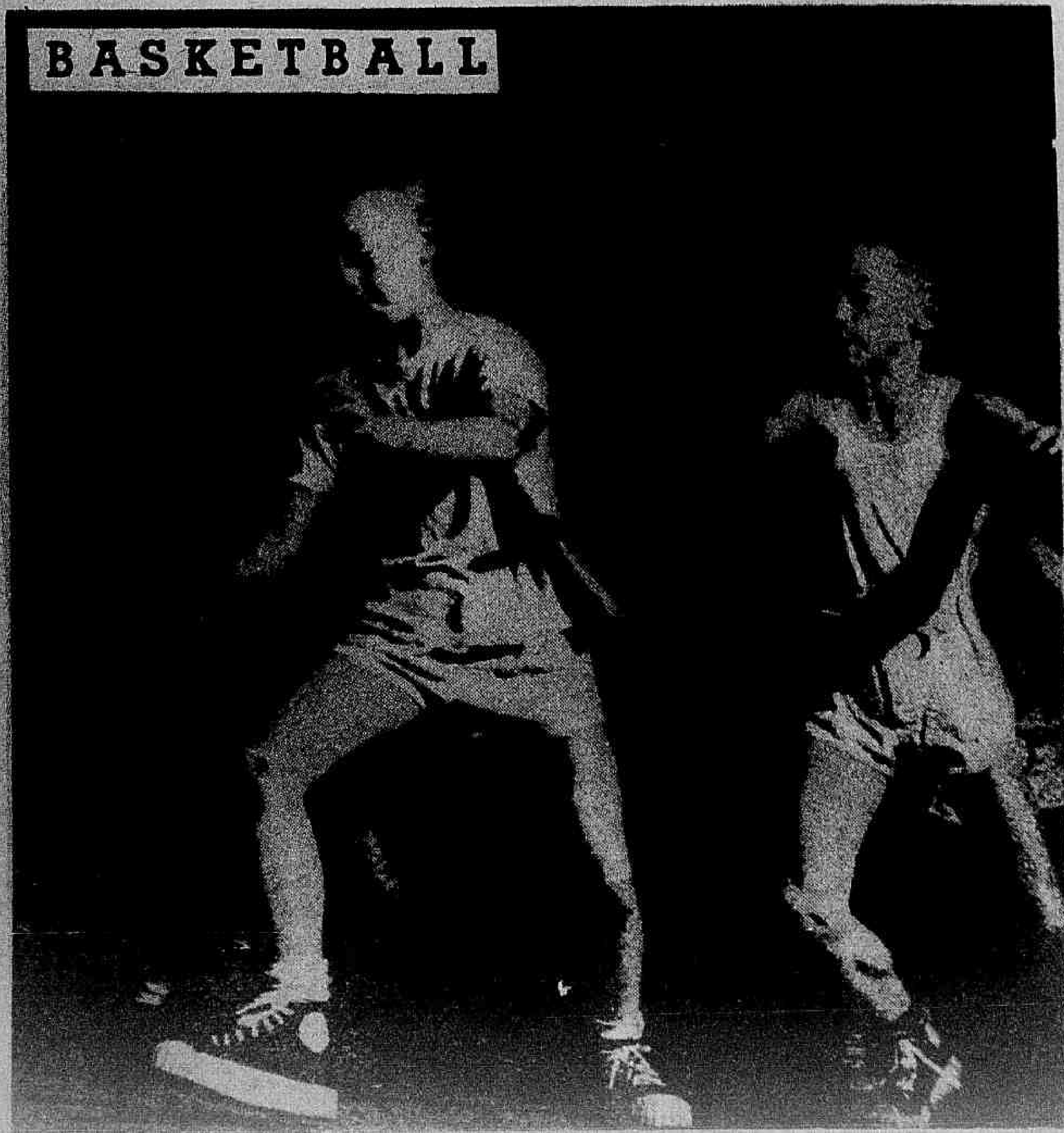
No ano passado, nos Estados Unidos, um escolar de 17 anos fraturou a perna numa queda, ao tentar executar um salto com vara; esta quebrou, quando o jovem estudante se encontrava no meio do salto, apoiado a ela.

Êste e mais quatorze acidentes semelhantes poderiam ter sido plenamente evitados, se as varas dos atletas, ao invés de bambu, fôssem feitas de alumínio, material muito utilizado atualmente, pela segurança que proporciona.

Vejamos agora o **baseball:** — o Conselho Nacional de Segurança reporta, anualmente, que algumas dúzias de casos de fraturas de crânio ocorrem.

Conforme acentua Herman L. Masin, editor do "Scholastic Coach Magazine", os jogadores encarregados de rebater as bolas com o bastão deveriam utilizar um elmo protetor para a cabeça, evitando assim que a bola, muito rija,

Reduzindo de cêrca de seis centímetros, o diâmetro da bola, no basquetebol infantil, há muito menor freqüência de dedos quebrados.





3 — Qualquer material que possa oferecer risco àqueles que participam de competições desportivas deve ser pôsto de lado, a fim de não afetar, por qualquer forma, o andamento das disputas. Isto inclui as boas condições do campo ou chão das quadras e ginásios, e o equipamento.



2 — A ninguém deve ser permitido competir, antes de efetuar um programa preliminar de treinamento, especialmente nos seguintes esportes: basquetebol, futebol, basebol, natação, hockey e lutas.

os atinja com a velocidade com que vem impulsionada (cêrca de 80 milhas por hora!). Masin chama a atenção para o fato de não registrar-se nenhum acidente com os jogadores que ficam por trás do rebatedor, para apanhar a bola, no caso dêste falhar; isto não ocorre, em virtude de utilizarem êles uma espécie de máscara protetora, de arame.

No sentido de evitar que os pequenos jogadores de "baseball" se machuquem, ao praticar êsse esporte (o mais difundido nos Estados Unidos), a Companhia Wilson, fabricante de material esportivo, tem executado encomendas de indumentárias feitas de borracha celular, para algumas das principais escolas do país.

O Dr. Vincent Nardiello, examinador físico da Comissão de Box do Estado de Nova York, recomenda a utilização do novo tipo de luvas, desprovidas de separação entre o polegar e os demais dedos, de modo a evitar o vazamento do ôlho dos pugilistas e as freqüentes deslocações do polegar, que êstes sofrem, durante a troca de sôcos.

Para reduzir o número astronômico de dentes quebrados no "rugby, em virtude das arremetidas violentas dos participantes dêsse jôgo, a Federação Nacional das Associações Atléticas Universitárias, dos Estados Unidos, adotou a utilização de tiras de borracha, iguais às utilizadas pelos pugilistas, e que são colocadas entre as gengivas e os lábios, protegendo, assim, os dentes.

Entre os praticantes do "rugby" (denominado entre nós como **futebol americano**), costumam ocorrer inúmeros acidentes fatais. Assim é que, de acôrdo com o Professor Floyd E. Eastwood, da Associação Americana de Futebol, ocorreram 486 casos de morte na prática do "rugby", nos últimos 12 anos. Uma de suas observações foi que,



A redução na altura das barreiras, de cêrca de doze centímetros, elimina, virtualmente, os acidentes.

69 por cento dessas mortes foram causadas por pancadas na cabeça, e que redundaram em injúria fatal ao cérebro ou à espinha.

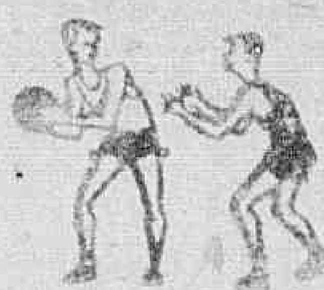
E o Professor afirma que muitos dêsses óbitos poderiam ser evitados, se os jogadores estivessem usando capacetes apropriados.

Durante mais de 25 anos, o Dr. Harry E. Mock, destacado cirurgião em Chicago, teve ensejo de assistir a inúmeros acidentes de futebol, e dedicou-se a um estudo especializado do problema de afecções da cabeça, sofridas pelos atletas que se dedicam à prática do "rugby", ou melhor, do **futebol americano.** Juntamente com seus filhos, também cirurgiões, o Dr. Mock analisou mais de 8 000 casos de acidentes dêsse tipo. A conclusão a que chegou foi a seguinte:

"Os modernos capacetes de futebol oferecem proteção inadequada, pois deixam a descoberto a base do crânio e tôda a parte posterior da cabeça. O jogador que utiliza um capacete plástico está cometendo um **"hara-kiri" atlético.** (sic.)



4 — Apenas os árbitros bem treinados e competentes devem ser postos à testa dessas competições. Um médico especializado deve sempre estar presente, quando houver qualquer possibilidade de qualquer perigo para a integridade física dos participantes da competição.



5 — Todos os certames e competições realizados devem ser justos e equitativos, sejam quais forem os esportes e a natureza das competições. Nenhum time de futebol jogará mais que uma vez por semana; e nenhum esquadrão de basquetebol, mais de 20 jogos por temporada.

O mal do moderno capacete para o "rugby" é que **não serve** de instrumento protetor; constitui mais um instrumento ofensivo do que defensivo. Seja feito de matéria plástica, muito resistente, ou de pele de porco extremamente dura, converte-se numa espécie de ariete a "martelar" a cabeça do jogador que o utiliza. Quando êste esbarra contra um oponente, o impacto produzido deixa de ser absorvido, como deveria ser, pelo capacete; a fôrça do choque é mal distribuída por tôda a extensão do crâneo. Dêsse modo, durante um jôgo bem disputado, uma série de choques violentos costuma acarretar uma lesão do crânio ou mesmo do pescoço, que não recebe mais particularmente a violência dos impactos.

Êstes capacetes são realmente perigosos como uma ofensiva, pois quebram dentes, costelas, e acarretam ferimentos diversos **nos adversários!** Há pouco tempo registrou-se um acidente fatal, num dêsses jogos: um dos participantes, investindo contra o adversário, deu-lhe uma cabeçada no diafragma, ocasionando a morte quase instantânea do atleta.

De alguns anos para cá, tem sido desencadeada uma verdadeira batalha contra êsse tipo de elmo protetor. As maiores autoridades no assunto, desde os treinadores de times de "rugby" até os médicos e estudiosos de meios protetores para os atletas, combatem, veementemente, o tipo de capacete plástico, ou de pele endurecida. A campanha cresce de tal maneira que, atualmente, estão sendo utilizados novos tipos de protetores, aprovados pelas autoridades no assunto, sendo de notar que o tipo de capacete, que oferece maior segurança e proteção, é o de borracha escumada. O poder de absorção dessa matéria ficou amplamente demonstrado em excessivas experiências já realizadas. Entre estas experiências, constou a de um ôvo deixado cair de uma altura de 25 pés, sôbre uma lâmina de borracha escumante, sem que o mesmo se quebrasse.

O PLANO DO ESTADO DE WISCONSIN — Verificou-se, estatìsticamente, que as probabilidades de acidentes no Estado de Winsconsin, anualmente, são de 28 por 1 000, ao passo que, em média, nos demais Estados norte-americanos, a probabilidade é de 92 por 1 000! E' preciso notar que essa média vem decrescendo gradativamente, graças ao interêsse denotado pelos "técnicos" naquele Estado.

Para poder expor os motivos de uma segurança tão eficiente nas provas de atletismo, no Wisconsin, o autor do presente artigo se dirigiu à cidade de Marinette, centro da Associação Atlética Inter-Colegial do Estado, tendo permanecido durante dois dias em contato com Paul F. Neverman, secretário da organização. Neverman tem dedicado boa parte de sua vida à tarefa de tornar os esportes menos violentos e mais seguros para a juventude.

Há vinte anos, impressionada pelo grande número de narizes, braços, costelas, pernas fraturados e outros acidentes esportivos, a citada Associação passou a realizar o primeiro estudo em tôrno do assunto, no sentido de fornecer meios para a anulação dêsses acidentes. Quando terminou essa pesquisa, ficou revelada a existência de **padrões-definidos**, nesse conjunto de acidentes.

O acidente do "rugby", por exemplo, mostraram ocorrer, quase todos, no início dos campeonatos, levando à conclusão de que tais acidentes tinham lugar, pela deficiência do treinamento anterior ao início da campanha oficial. Assim, recomendou que a todos os "times" fôsse proporcionado um período obrigatório de treinamento, antes do início dos jogos oficiais. Com isto, o número de acidentes se reduziu bastante.

Um inquérito deu a conhecer, também, que muitos dos acidentes eram oriundos da colisão dos jogadores com assistentes, bancos, latas d'água, etc., colocados nas linhas laterais dos campos. Imediatamente, a Associação estabeleceu a demarcação de uma zona de segurança para todos os campos de futebol, o que, pràticamente, eliminou êsse tipo de acidentes.

Analisando essas e outras descobertas vitais, Neverman e seus companheiros elaboraram o primeiro programa, na América do Norte, destinado a promover maior segurança nos esportes.

O seguinte passo dado pela Associação Inter-Colegial, do Estado de Winsconsin, foi o de estabelecer um Plano de Seguros de Acidentes Atléticos, pelo qual, pela módica contribuição de dois dólares anuais, qualquer estudante teria assegurado um completo tratamento médico, tanto no caso de sofrer qualquer acidente esportivo, como para prevenção de certas anormalidades físicas, oriundos da prática de esportes. Esta foi uma das mais brilhantes ações desenvolvidas pela Associação pois, anteriormente, o estudante acidentado tinha que pagar, êle próprio, todos os cuidados médicos de que necessitava, e, nos casos levados aos tribunais, o "veredictum" não responsabilizava os colégios pelos acidentes ocorridos.

Êste plano não apenas paga as despesas hospitalares dos rapazes, como também protege qualquer dêles, de futuros desastres, pois são impedidos de voltar à prática de esportes, antes de que estejam completamente curados.

Pouco tempo depois de ter sido instituído êsse Plano, Neverman notou que os arquivos da Associação continham uma fonte interminável de pontos de partida para a realização de pesquisas. Um dos fatos trazidos à luz, pela consulta dos arquivos, foi o do grande número de acidentes que ocorriam **nos primeiros minutos do "segundo tempo"**, das partidas de futebol; acidentes êstes em geral, muito sérios. Isto levou os pesquisadores à conclusão de que, quando retornam a campo, os rapazes estão mentalmente estimulados, mas "fìsicamente esfriados"; isto porque, no intervalo dos dois tempos de um jôgo de futebol, os treinadores costumam transmitir instruções às equipes, e estas entram em campo, como que dopadas em seu entusiasmo. Assim, a Associação resolveu estabelecer um período de três minutos de aquecimento e movimentação dos jogadores, antes do início do segundo tempo.

DEDOS QUEBRADOS — Transportando esta filosofia para o **basquetebol**, Neverman observou que os jogadores falhavam geralmente no abrir a mão o suficiente para agarrar a bola, sem oferecer risco para os dedos. Assim, resolveu reduzir a circunferência da bola, de 80 centímetros de diâmetro, que era a medida utilizada, para 74 centímetros. Como resultado, houve um

decréscimo de 85 por cento no número de acidentes com os dedos, quebrados ou destroncados.

O disco, outro popular esporte, foi também reduzido em seu diâmetro, para facilitar o manejo por parte dos atletas, e baixar as possibilidades de acidentes.

Já o dardo foi quase completamente alijado dos esportes colegiais, uma vez que não se conseguiu um meio de reduzir o número de acidentes que êle proporciona aos seus arremessadores (torsões de pescoço, deslocamentos de ombros, etc.).

"Um fator importante na prevenção de acidentes — afirma Neverman — é a remoção dos riscos desnecessários".

Diz ainda que os muros de concreto, dos estádios e arenas, devem ser almofadados, para protegar os jogadores e atletas que contra êles vão esbarrar. O mesmo deve ser feito com as traves dos "goals". Cêrcas e demarcações de metal ou madeira devem ser substituídas por outras, de borracha. Os atletas que usam óculos devem utilizar lentes à prova de choque, inquebráveis.

Neverman ainda destaca que um cuidado constante na manutenção do material e dos campos e pistas de atletismo, ajuda a evitar uma série de pequenos acidentes, tais como a existência de pregos, pedaços de vidros e madeiras, espalhados aqui e ali. Os chãos de madeira, nos ginásios, devem ser circundados por uma faixa de baquelite. Cobrindo-se de borracha corrugada as partes constantemente molhadas que circundam as piscinas, evitar-se-ão as tão freqüentes quedas.

Finalizando suas assertivas, diz o secretário Neverman:

"E' verdadeiramente irônico que centenas de atletas sobrevivam aos perigos a que estão constantemente expostos, para morrerem atacados de pneumonia, como resultado de um banho de chuveiro após a competição, e de haver permanecido nu, num ambiente frio e com o ar cheio de umidade. E' extremamente importante que se instalem aparelhos secadores em compartimentos isolados, a fim de que auxiliem eficientemente os atletas a secar o corpo.

Don Cash Seaton, autoridade famosa em segurança dos esportes e conselheiro do Centro Universitário de Educação Esportiva de Nova York, recomenda e exige juízes sérios e competentes, em número adequado, para todos os certames e competições. Afirma êle que é um dever do juiz verificar que cada elemento, que vá substituir um companheiro, esquente o corpo, antes de entrar em competição. Outra obrigação do árbitro é remover um competidor que esteja cançado, logo ao primeiro sinal de enfraquecimento.

Nos jogos de basquetebol entre times femininos, o árbitro deve verificar **sempre** se as moças retiraram tôdas as jóias que comumente usam, tais como anéis, brincos, pulseiras e relógios, quando vestiram o uniforme. Todos êsses adornos constituem ameaças à integridade física das adversárias, e devem ser removidos. As unhas compridas constituem outros riscos para as moças que se defrontam — e devem ser aparadas.

ELIMINAÇÃO DOS RISCOS — Os pais de todos os moços devem fazer sua parte, procurando tornar o campo dos esportes menos perigoso que um **campo de batalha**. Através de organizações e grupos orientados nesse sentido, podem exercer pressão sôbre os educadores físicos, para que eliminem todos os riscos possíveis das competições atléticas. Apesar do que ainda esteja para ser feito, podemos considerar que um longo caminho já foi percorrido, e muito já se conseguiu, no sentido de proporcionar a segurança necessária a todos aquêles que praticam esportes.

Fala-se, nos Estados Unidos, na instituição de uma escola de instrutores especiais, aos quais serão ministrados todos os conhecimentos relativos às diversas categorias de esportes, a fim de que os mesmos possam desincumbir-se com segurança das funções a que forem destinados.

E' de notar que cêrca de quarenta dos Estados que compõem a União norte-americana adotaram o Plano de Seguro de Acidentes, lançado no Estado de Wisconsin, e outros já se preparam para imitá-los na instituição de tão benéfica medida.

Não restam dúvidas de que muito falta para realizar aquilo que foi exposto na famosa frase de Louis Pasteur:

O homem tem recursos para eliminar todos os acidentes **previsíveis** da face da terra!

Estamos caminhando, paulatinamente, para essa meta.





O CARNAVAL DOS OUTROS — **Em Nice, meses** *antes do Carnaval, a Municipalidade* **começa os** *preparativos para a grande folia, com* **data marcada**. *A cabeçorra com olhos de bêbedo é* **submetida a** *uma limpeza, antes de receber os adornos típicos dêsse "rei do Carnaval". Dois operários — tratando-se de uma "toilette" em regra — começam por escovar os dentes do boneco.*

Por HELEN COLTON

Por Que Dóem os

SETE EM CADA REZ PESSOAS COSTUMAM QUEIXAR-SE DOS PÉS, DEPOIS DE CAMINHAR UM OU DOIS QUARTEIRÕES. E, EMBORA NÃO SAIBAM, EXISTEM MOTIVOS MUITO AQUI APRESENTAREMOS ALGUNS DÊLES E, TAMBÉM, ALGUNS CONSELHOS

AFIRMAM alguns historiadores que um par de pés doloridos chegou, certa vez, a modificar o curso da história. Êsse par de pés pertencia ao Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, cujas incompreensíveis explosões de mau humor fizeram muitos dos homens que o rodeavam colocar-se em posição antagônica ao então Presidente, com isso acarretando a rejeição, por parte do Senado, da entrada daquele país na Liga das Nações.

Se essa Liga tivesse sido reforçada com o apoio dos Estados Unidos, talvez não ocorresse a Segunda Grande Guerra.

Ninguém suspeitava das causas de tal procedimento por parte de Wilson: pés doloridos, cruciantemente doloridos, que o atormentaram durante tôda a vida! A vaidade e um falso orgulho fizeram-no esconder seus padecimentos, não sòmente do público, como também de sua própria família.

Felizmente, nem todos que são incomodados pelos pés são de caráter tão fàcilmente irritável, como era o Presidente Wilson. Do contrário, teríamos uma população de temperamentais e de eternamente mal-humorados.

E' interessante citar que, nos Estados Unidos, de acôrdo com a Associação Nacional dos Quiropodistas, 100 milhões de pessoas (70 por cento da população total dêsse país) apresentam algum tipo de afecção dos pés.

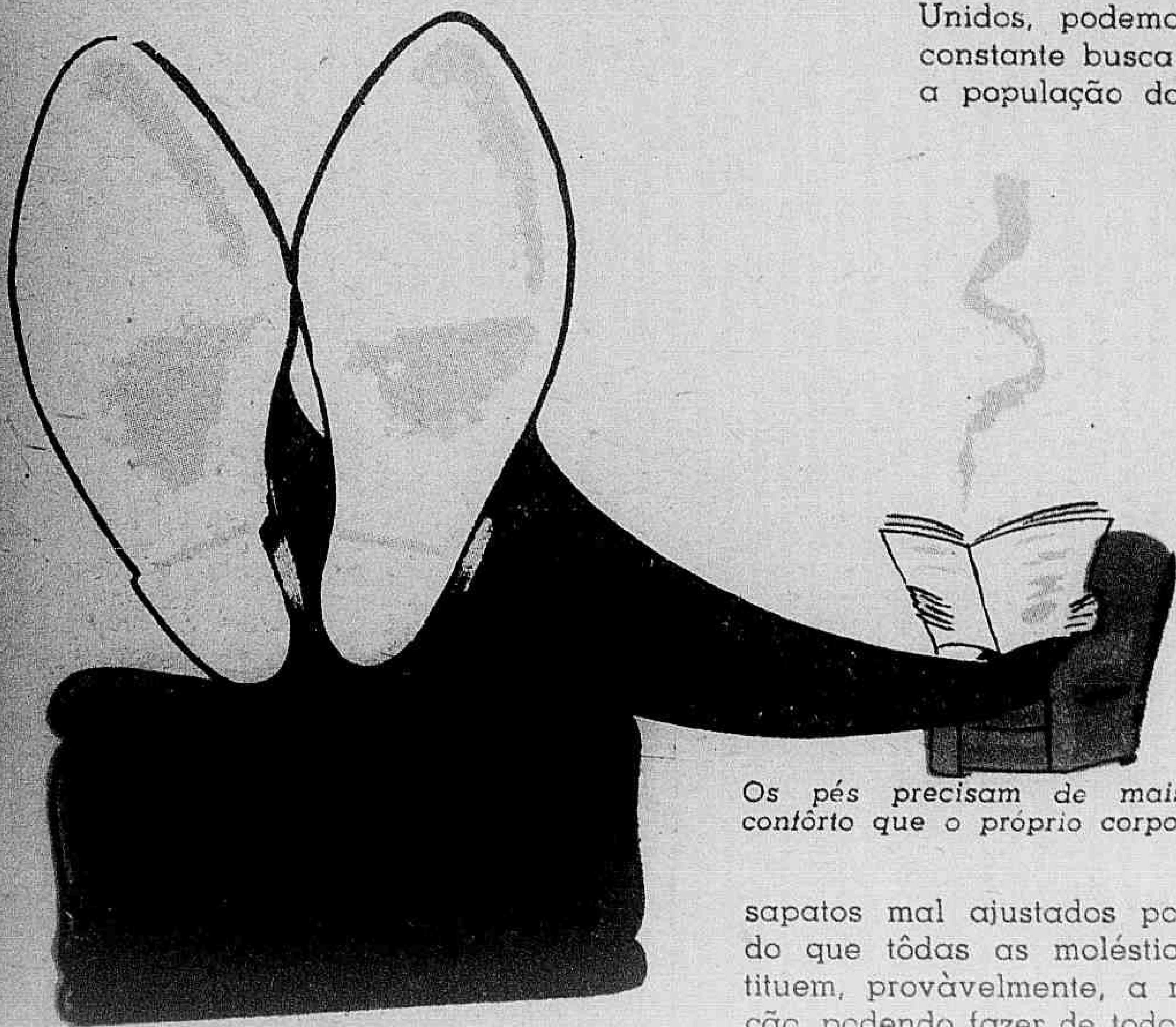
CINQÜENTA E TRÊS TIPOS DE MALES — Êsse total citado inclui 14 milhões de jovens, entre dois e dezesseis anos (metade dos 28 milhões de jovens dessas idades, existentes naquele país), e 86 milhões de homens e mulheres contando mais de dezesseis anos.

Já foi verificada, nos Estados Unidos, a ocorrência de cinqüenta e três tipos diferentes de males dos pés, variando desde os calos comuns, até o câncer!

Arcos pouco acentuados, bolhas, calosidades, unhas encravadas, dedos deformados, "pés de atleta" constituem as principais aflições dos pobres mortais.

No entanto, muitos dêsses sofrem ainda de outros males piores, como tumores, úlceras, ossos fora do lugar, frieiras, distensões e torceduras. Não importa qual a causa de nossas dores ou aflições: todos nós acreditamos ser ótimos conhecedores da matéria, e prescrevemos nossa própria cura.

Voltando a encarar as estatísticas dos Estados Unidos, podemos afirmar, com certeza, que, na constante busca de alívio para os males dos pés, a população daquele país dispende 250 milhões de dólares, anualmente, na compra de remédios, ao passo que, em tratamento especializado, dispende apenas cêrca de 55 milhões de dólares.



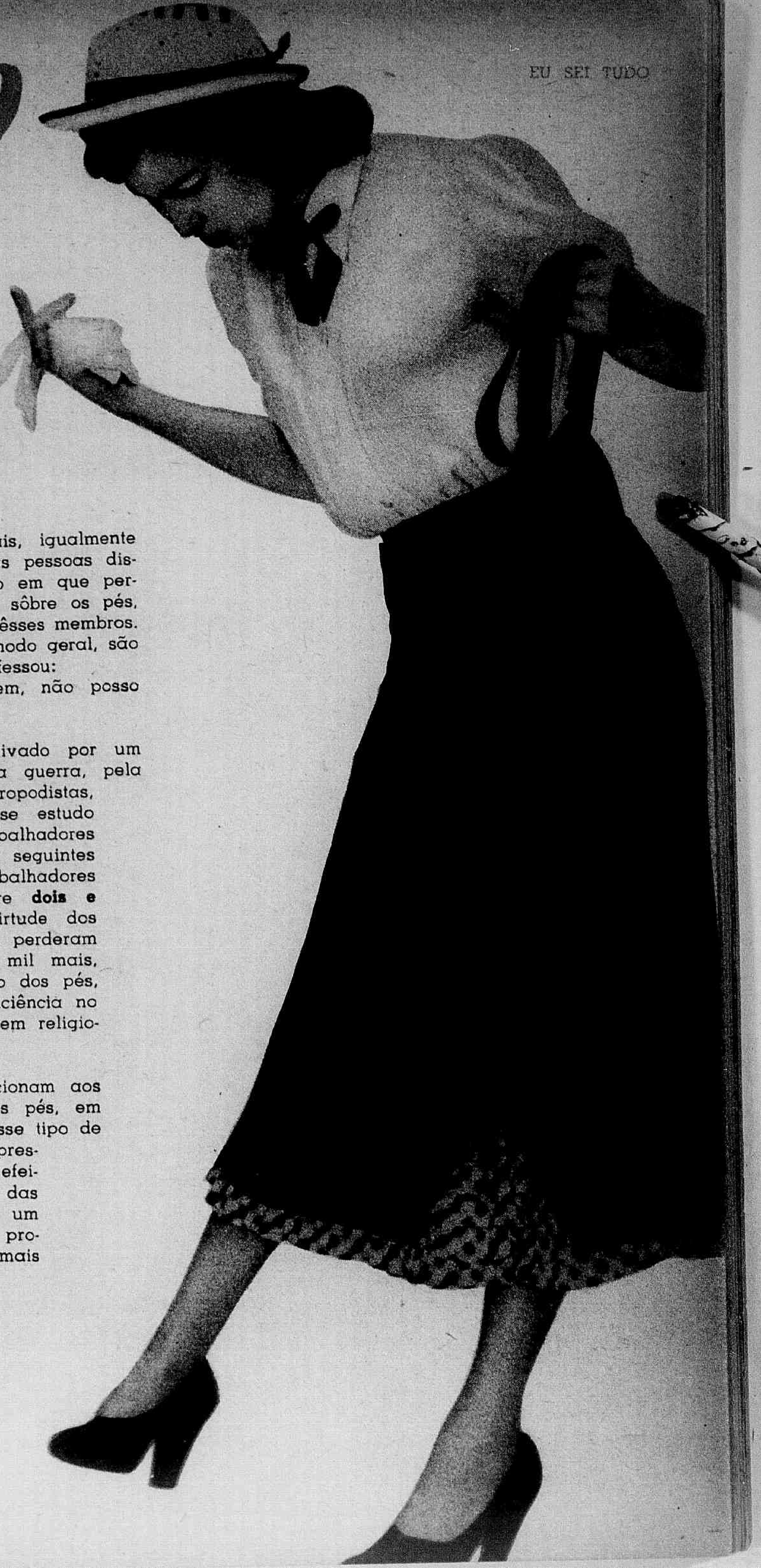
Os pés precisam de mais confôrto que o próprio corpo.

O indivíduo que acorre ao consultório médico, com um pulso deslocado, é capaz de andar, durante anos, com os arcos dos pés deslocados, dizendo, cheio de certeza: "Não são meus pés que doem. São os sapatos que me apertam".

Isto, até certo ponto, não deixa de ser verdade. Os 6 500 especialistas-quiropodistas que existem nos Estados Unidos são acordes em afirmar que os sapatos mal ajustados podem acarretar dores, muito piores do que tôdas as moléstias dos homens, combinadas. Constituem, provàvelmente, a maior ameaça à saúde da civilização, podendo fazer de todos nós um conjunto de semi-aleijados

PÉS?

SÉRIOS PARA ISSO.
ÚTEIS A RESPEITO



CULPEM A CIVILIZAÇÃO — A natureza nos encarregou de caminhar, descalços, sôbre a terra macia e o capim, sem ser necessário qualquer tipo de calçado. A civilização nos trouxe, juntamente com os sapatos, as calçadas feitas de cimento tenaz, e os soalhos de diversos tipos de materiais, igualmente rijos. Além disso, a média das pessoas dispendem três quartos do tempo em que permanecem acordadas, apoiadas sôbre os pés, agravando, assim, a situação dêsses membros. E os trabalhadores, de um modo geral, são como Abraão Lincoln, que confessou:

— "Quando meus pés doem, não posso pensar nem trabalhar".

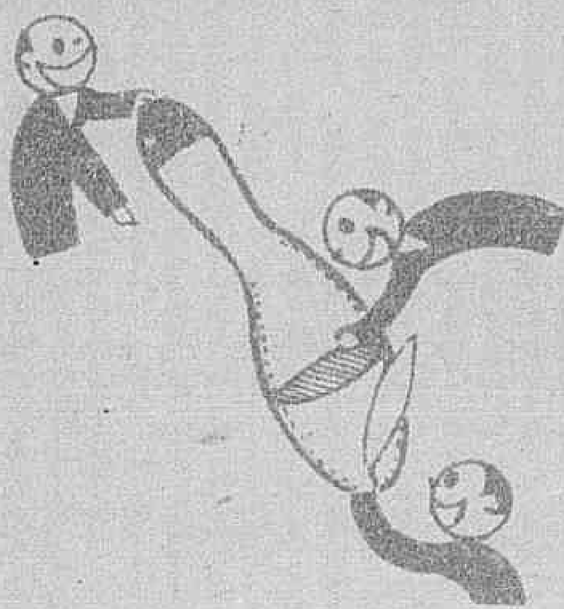
Isto ficou plenamente positivado por um exame feito durante a última guerra, pela Associação Nacional dos Quiropodistas, já referida anteriormente. Êsse estudo foi realizado entre 78 mil trabalhadores de fábricas, e apresentou os seguintes resultados: quase 8 mil trabalhadores permaneceram em casa entre **dois e sete dias**, num mês, em virtude dos males dos pés; outros 13 mil perderam um dia de trabalho; e 17 mil mais, portadores de alguma afecção dos pés, tiveram um decréscimo de eficiência no trabalho, embora comparecessem religiosamente ao mesmo.

Poucas companhias proporcionam aos seus empregados exames dos pés, em períodos regulares. Embora êsse tipo de procedimento seja quase imprescindível, veio a ser levado a efeito apenas em "algumas" das maiores organizações — e um tanto tarde! Isto porque os problemas dos pés são muito mais difíceis de ser solucionados, em idade adulta, do que a maioria dos males que comumente afligem a espécie humana.

Enfim, como diz o adágio popular: **"Antes tarde do que nunca"**. E podem considerar-se felizes, donos mesmo de um verdadeiro tesouro, os empregados cujas companhias lhes pro-

porcionam exames médicos periódicos. Para uma nação mais saudável e eficiente, a educação de sua população deve começar no período escolar.

Segundo notícias que nos vêm dos Estados Unidos, a triste verdade é que, apenas **um** dos Estados que compõem a poderosa nação (o de Massachussetts) tem uma lei que torna obrigatório o exame precoce dos pés, nos escolares. Também poucas comunidades daquele país têm realizado um trabalho eficiente em tôrno de tão importante assunto. A cidade de Lorain, Estado de Ohio, possui uma clínica dos pés, em tôdas as suas escolas. Em Wauwatosa, Estado de Wisconsin, enfermeiras, empregadas pela Junta de Educação, tiram radiografias dos pés das crianças das escolas locais, e traçam gráficos dos mesmos, ensinando a êsses jovens estudantes exercícios corretivos que, como não pode deixar de ser, permitem que essas crianças, ao crescer, possam desenvolver sua atividade, nos diversos setores de trabalho, de modo mais eficiente e sem oscilações ou decréscimos ocasionados por males dos pés.



Sapatos curtos? Comprem um ponto maior.

Nas cidades de Lansing, Estado de Michigan, e Salinas, Estado da Califórnia, realizaram-se, certa feita, pesquisas entre os estudantes. Pelo estudo realizado em Lansing, verificou-se que a grande maioria dos estudantes usavam sapatos muito curtos.

Os sapatos curtos constituem uma das causas das dores que nos afligem. No entanto, devem ser incluídas a fôrma dos mesmos, a altura do calcanhar e dos saltos. Um bico de sapato, elevado, proporciona maior espaço para os artelhos, e posição mais confortável para a planta do pé. Existe maior espaço num sapato de salto baixo, do que noutro que tenha o salto mais elevado, com a mesmo numeração.



Sapatos estreitos? Use-os mais largos!

Os quiropodistas afirmam que muitas dores seriam evitadas pelas mulheres, se usassem sapatos de salto alto, de sola grossa, e ainda os tipos abertos na frente ou no calcanhar, **apenas em certas ocasiões.**

No entanto, as mulheres costumam usar sapatos que não são apropriados para certas espécies de serviços: para sair, sapatos frágeis, que muitas vêzes acarretam quedas, escorregões, pisadelas, etc.; para o trabalho em casa, calçam verdadeiras "fortalezas", daí advindo as eternas queixas. Êste é o motivo pelo qual, freqüentemente, ao chegar a casa, o marido encontra um ambiente carregado, com a **cara-metade** de mau-humor, ou queixando-se disto e daquilo, sem ânimo para dar um passeio, ir ao cinema em sua companhia, ou sem disposição para ir visitar a Dondoca, que está completando suas quarenta primaveras (na realidade são quarenta e quatro).

O QUE DEVEMOS E O QUE NÃO DEVEMOS FAZER — Finalizando, apresentaremos algumas regras, muito úteis, que auxiliarão o leitor a conservar os pés livres de certos incômodos:

Quando estiver de pé, procure distribuir o pêso do corpo equitativamente, sôbre as duas pernas, com os pés um pouco afastados um do outro.

Meça **ambos** os pés e, se necessário, encomende seus sapatos, a fim de evitar o desconfôrto para o pé mais avantajado.

Meça também o arco de seus pés. Mesmo quando o comprimento e a largura de um sapato lhe pareçam convenientes, talvez não se ajustem às suas arcadas.

Se costuma usar sapatos com calcanhar aberto, verifique e evite que seu pé force o sapato, ficando com o calcanhar para fora.

Procure deitar, pelo menos uma vez por dia, colocando os pés num plano mais elevado que o da cabeça. Isto deve ser feito especialmente depois de um dia em que tenha trabalhado àrduamente.

Não use o mesmo par de sapatos, diàriamente, se puder evitá-lo.

Evite manter as cobertas da cama prêsas e apertadas sôbre os pés.

Incremente a circulação do sangue nos pés, mergulhando-os, alternadamente, em água quente e fria.

Não aproveite sapatos velhos para fazer chinelos. Êsses sapatos, dilatados e deformados, não lhe proporcionarão confôrto; pelo contrário, causar-lhe-ão mal.

Utilize meias que sejam, pelo menos um centímetro, mais compridas que seus pés.

Não mude, repentinamente, de sapatos de bico estreito, para sapatos de bico achatado. Os tendões não suportarão a súbita mudança.

As mulheres devem sentar, o maior tempo possível, enquanto efetuarem trabalhos domésticos.

Não compre sapatos para seu filho, sem que êste esteja presente, a fim de experimentar cuidadosamente, vários pares, até encontrar os mais convenientes.

Não deixe que uma das crianças use os sapatos de outra, mesmo que, aparentemente, os mesmos lhe assentem perfeitamente.

COISAS DO INVERNO

Por *JHAN* e *JUNE ROBBINS*

COM A CHEGADA DO INVERNO, EM CERTOS PAÍSES, FATOS CURIOSOS OCORREM, TAL FOI O CASO DO CÃO SÃO BERNARDO, QUE FICOU ENTERRADO NA NEVE, SEM PODER LIVRAR-SE!

EM Washington, Estados Unidos, um inventor com espírito popular, requereu a patente de um par de protetores de orelhas, de aquecimento elétrico. Os mesmos são capazes de manter uma agradável temperatura para as orelhas. A notícia não deixa de ser alvissareira. Milhões de pessoas, em todo o mundo, correrão o risco de fritar, com prazer, as próprias orelhas, desde que consigam reduzir os



rigores do inverno. Para muitas pessoas, no entanto, esta notícia talvez chegue um pouco tarde . . .

★

MARIDO DEDICADO! — Em Chicago, Estados Unidos, um homem foi prêso por roubar uma custosa capa de pele de marta, avaliada em seis mil dólares. Sua explicação para o ato que praticou foi a seguinte:

— Queria dar o casaco a minha espôsa; ela se resfria com muita facilidade.

★

FIM DE LINHA — Numa noite terrìvelmente fria, na cidade de Chicago, Estados Unidos, um bonde parou no cruzamento de duas ruas. Eram duas horas da madrugada, e não havia outro veículo à vista. O motorneiro, voltando-se para os cinqüenta passageiros do veículo, anunciou:

— Esta plataforma em que tenho que dirigir o bonde é inteiramente desprotegida contra o frio. Resolvi, portanto, abandonar êste trabalho, até à primavera.

— E foi justamente o que o homem fêz!

★

BRRR . . . QUE BANHO! — Três membros do Clube do Urso Polar, sòmente de calções, mergulharam nas gélidas águas do pôrto de Nova York. Quando saíram de dentro d'água, haviam roubado suas roupas.

★

MERGULHO DA SORTE — A Sra. Bessie Warren caíu num buraco que se abriu repentinamente, no gêlo que cobria o rio Delaware, enquanto patinava. Quando conseguiram pescar a patinadora, ela segurava uma com 200 dólares!

★

VERANEANDO — Fred Martin mudou-se de Fairbanks, no Alasca, onde a média de temperatura, no mês de janeiro, é de 6° abaixo de zero, para Nome, no mesmo território, onde a temperatura se eleva a 2° acima de zero. O homem explicou que necessitava de um local *onde o clima fôsse mais quente* . . .

★

S.O.S.! — Em Freehold, Estado de Nova Jersey, Estados Unidos, a polícia teve que libertar um cão São Bernardo, de um banco de neve onde ficara prêso.

★

BEM AQUECIDO . . . — Em certo dia de inverno, o proprietário e morador de um prédio de apartamentos, que afirmava proporcionar aquecimento suficiente para seus inquilinos, os quais viviam a reclamar, teve que ser transportado com urgência para um hospital, por motivo de estar quase congelado!





A

O PRIMOGÊNITO DO MIKADO, PRÍNCIPE AKIHITO, RECEBE A INVESTIDURA DE HERDEIRO DO TRONO JAPONÊS: ÊLE SERÁ O 126º IMPERADOR DE UMA MESMA FAMÍLIA REAL, CUJA ORIGEM REMONTA A 2 613 ANOS

Por **GEORGE FALCHI**

PELA primeira vez depois da guerra, a população de Tóquio se empurrou e trocou pisadelas alegremente, formando um colossal cortejo, conduzindo festivos estandartes dominados pelo sol rubro, dardejando raios também rubros, emblema nacional, para saudar o primogênito do Mikado, o Príncipe Akihito, que, tendo completado dezenove anos, dirigia-se ao palácio a fim de receber a investidura de herdeiro do trono. A manifestação entusiasmada, espontânea e ordeira, em que estavam representadas tôdas as classes sociais, fazia correr o pensamento do repórter para a tumultuosa jornada de abril, quando alguns milhares de comunistas, entre os quais alguns estudantes, enfrentaram com fúria nova a fôrça policial, tentando forçar os portões do palácio imperial.

Arrependimento popular? Retôrno ao antigo amor? Difícil formular um diagnóstico da pato-

O cortejo de gala, a cuja frente segue o Príncipe Akihito, entra no palácio imperial, saudado pela multidão (em baixo), com festivo grito de Banzai.



DINASTIA QUE RESISTIU À BOMBA ATÔMICA

logia política de um povo como o nipônico. Contentemo-nos com os fatos.

Sério, correto, com um ar ainda juvenil, impecável, porém, no fraque mescla, de cauda arredondada, que se usa com calças listradas, o filho de Hirohito deixou a sua residência particular com as honras militares e, em sua berlinda de gala, seguida de outras duas, que conduziam seus ajudantes de ordens e o mestre do cerimonial, passou sôbre a ponte monumental, cruzando o canal que cerca, completamente, segundo o estilo do Oriente, o "Kremlin" de Tóquio. A seguir, despido o "morning-dress" e endossada uma preciosa clâmide de brocado de sêda, côr de laranja (que corresponde à toga civil dos romanos), o Príncipe penetrou na sala do trono, onde, um minuto depois, faziam entrada o Imperador e a Imperatriz, seguidos dos dignitários do trono.

(Tóquio - Jan. - 1953)



Akihito (ao alto e em baixo), durante a cerimônia de investidura, usa a tiara de laca negra (Kamuril), e a clâmide de brocado de sêda alaranjado.

Solicitando licença ao Mikado, o grande chanceler, Takanibu Mitami se apresentou ao jovem príncipe, que se inclinou, para deixar que o dignatário colocasse sôbre a sua fronte o símbolo da mais alta dignidade imediatamente abaixo da imperial: uma espécie de tiara de laca negra, quase um elmo, que, em japonês, se chama **kamuri**. Pálido de emoção, Akihito leu a fórmula de juramento, declarando que, a partir daquele momento, voltava as costas à adolescência e as suas naturais hesitações, para dedicar-se "a cultivar as virtudes e aproximar-se da verdade", em obediência ao seu dever de herdeiro do trono.

A cerimônia não durou mais de quinze minutos. Após a mesma, o príncipe, em companhia do Mikado e da Imperatriz, apresentou-se no terraço, a uma multidão de cinqüenta e cinco mil pessoas, e que se reunira no parque que se abre diante da residência imperial. As demonstrações de júbilo reuniram num círculo de profundo afeto, não apenas o príncipe (que atualmente cumpre suas obrigações militares na Marinha), como também tôda a família real e duraram até fins do "**kighenseizu**" (11 de fevereiro), data da fundação do império.

PATRIOTISMO JAPONÊS — Os visitantes, que já são novamente bastante numerosos, no Japão, trataram de tirar uma orientação e um horóscopo dessa maciça demonstração de lealdade monárquica. E' necessário, entretanto, ser caùteloso, nesse juízo; principalmente guardar-se de aplicar a êsses isolacionistas, **a êsses inglêses do Extremo Oriente**, a nossa melhor medida lógica, o nosso modo de pensar.

Para nós, ocidentais e latinos, as grandes tempestades políticas (originadas, quase sempre, de um desequilíbrio social ou de uma fragorosa derrota nos campos de batalha) surgem e se abatem com destruidora violência sôbre a instituição, concentrando sua maior fúria sôbre o vértice da pirâmide estatal. A liquidação, pura e simples, do regime incriminado, é uma fatalidade que procede de um dispositivo de sentença, como de um ritual judiciário. Em homenagem a êsse critério punitivo, nesta primeira metade do século, Portugal, Alemanha, Áustria-Hungria, Espanha, Itália (mais recentemente o Egito) mandaram para o exílio a Casa reinante.



Ao contrário... Que dizer desta coisa espantosa, enorme, incompreensível (para a nossa mentalidade, pelo menos) de um povo de oitenta milhões, que, ao ser anunciado o pedido de armistício, e revelada a derrota total, não apenas exultou, não apenas não imprecou contra os próprios governantes, mas ainda desculpou o Imperador de haver perdido a guerra? Naquele momento, o momento da humilhação, da prestação de contas, o povo nipônico sentiu como nunca a Pátria identificada com a Dinastia, como se uma não pudesse existir sem a outra.

Essa concessão teologal do patriotismo (o Imperador, no Japão, personifica o poder espiritual; é chefe supremo da religião e ainda é divino, apesar de haver, oficialmente, renunciado ao último título) impressionou fortemente aos americanos, e influiu poderosamente para moderar a conduta dos vencedores, nos primeiros meses da ocupação — que foram justamente os meses de maiores erros!



Despido o vestuário ancestral,

A pesada mão justiceira, movida por um vingador sentido bíblico (mais que um democrata, Roosevelt era um quacker) caíu sôbre os menores responsáveis pela guerra, mas respeitou o **Tenno** "o rei celeste", **em nome do qual tudo fôra feito.** Porque é em nome do **Tenno** que o filho obedece ao pai, o escolar ao professor, o cabo ao sargento, o general ao ministro; tôda ordem, enfim, é dada em nome do **Tenno** e a própria terra é dada ao súdito como graciosa concessão do **Tenno.**

UM LIVRO SAGRADO — Ante o problema de psicologia étnica, os norte-americanos ficaram um instante perplexos, depois decidiram seguir o caminho suave: puniram os executores materiais da política nipônica e, a seguir, embora conservando a coroa, trataram de democratizar o Mikado, de "traumatizá-lo", metendo-o num fraque, ditando-lhe o novo protocolo e persuadindo-o a renegar, por palavras, a sua descendência divina.

Isto foi feito em Tóquio e não passou de um discurso de incipiência política, porque, no Japão, a lealdade monárquica se compenetra com o sentimento nacional. A dinastia não é **uma como as**



: imperiais esposos e o príncipe saúdam, do terraço do palácio, uma multidão de 55 000 pessoas.

outras Casas reinantes, por **exemplo**, mas **uma única progênie de imperadores**, cujo iniciador reinou nada menos que 660 anos antes de Cristo. A idéia imperial nipônica não pode ser separada do mito, como na Roma dos sete reis e, mais tarde, na imperial.

Ainda hoje, em todos os lares japonêses, é lido, recentemente, um livro, o **Kojiki**, uma espécie de Bíblia, no qual, em forma encantadoramente simples, apesar de ser um texto clássico, é narrada a origem do arquipélago e da dinastia. Um e outro são de natureza celeste. A Terra, ainda jovem e sem forma sólida, vagava sôbre as águas "como uma medusa", quando a Deusa do Sol, **Amaterazu Omikami**, ordenou a duas divindades, que viviam na "alta planície do céu" (o Olimpo dos nipônicos), que descessem para fundar um império insular. Imediatamente, Izanaghi e Izanami, que eram de sexos diferentes, como Adão e Eva, remexeram a matéria salina, que forma o fundo do Oceano, e com ela formaram a rocha a que deram a forma das ilhas japonêsas.

Era necessário, porém, dar ao povo nascido dos amôres de Izanaghi e Izanami — que haviam feito alcova na nova terra — um monarca, que instituísse, no mundo que apenas se consolidava, um reino exemplar, cujas leis respeitassem a justiça, a coragem, a benevolência humana, com o fim de garantir a formação de uma raça eleita e sua prosperidade. O príncipe **Ninigi**, neto da Deusa do Sol, **Amaterazu Omikami**, cumpriu egrègiamente a sua missão, pacificando as tribos que ano após ano combatiam numa guerra que parecia interminável, para impor o cultivo do arroz (introduzido através da China meridional) a agricultura, a criação do gado, e instalando-se no trono, como essência divina e substância humana a um só tempo, com o nome de **Jimmu Tenno**.

CONTINUIDADE IMPECÁVEL — **A terra que circunda estas planícies** (em redor da hodierna Kyoto e Osaka) **será o reino que os nossos descendentes continuarão a ter por tôda a eternidade**" — segundo reza o **Kojiki**, quando fala das instruções da Deusa ao seu neto. E assim também



Os súditos japonêses assinam as fôlhas que formarão um livro de corgratulações com o príncipe herdeiro, por haver sido atingido pela maioridade.

reza o artigo primeiro da Constituição japonêsa (11 de fevereiro de 1889), quando diz: **"O Império nipônico é governado pelo imperador da dinastia que reina em linha ininterrupta através dos séculos".**

Procuremos, agora, outro país no mundo, onde o soberano reinante possa dizer que a sua linhagem é velha de 2 613 anos! Embora a moderna correção histórica reconheça que o ano da fundação da dinastia e do império não possa ser exatamente calculado, a personalidade do imperador **Jimmu** é històricamente aceitável e a "fonte" — proveniente, em grande parte, dos arquivos d oEstado chinês — parece confirmar a grande aproximação do cálculo.

A genealogia oficial concede ao atual Mikado (expressão em uso entre os ocidentais e pouco apropriada à figura do soberano pois que significa "sublime porta"; mais exato é **Tenno**, "soberano celeste") o número 125. O Japão é, pois, o país dos 125 imperadores, todos da mesma família! Mas é possível, genèticamente, uma continuidade assim impecável? **E o povo acredita?** Os senadores, os generais, os professôres de universidade, os homens de ciência, aceitam a versão deística?

"Não importa crer — confessam alguns, erguendo os ombros. — O importante é fingir acreditar".

Fingindo acreditar, os japonêses deram existência a um mito que superou a prova da bomba atômica!

Quanto ao fato, pròpriamente dito, é necessário destacar uma circunstância, que no Ocidente se ignora ou se conhece muito levemente. Os japonêses praticam constantemente a **adoção** — e a praticam, a exemplo da família imperial.

UM GRANDE IMPERADOR — Na história secreta da dinastia, não são poucos os casos dos imperadores cujo casamento não foi premiado com o nascimento de um herdeiro. Em casos assim, transcorrido um razoável limite de tempo, os **ministros do tempo** ou o **"Ghenro"** (espécie de alto conselheiro da Coroa, consultado por sua sabedoria) apresentavam ao **Tenno** uma jovem dama, escolhida entre as famílias dos **daimios** e dos **samurais** (príncipes e barões feudais, que formavam a aristocracia palatina), fazendo o soberano compreender ter chegado o momento de pensar na sucessão, embora sem repudiar a sua espôsa. Isto, bem entendido, quando não existia um irmão ou sobrinho do imperador, qualquer dêles podendo empunhar o cetro, como seu sucessor, a fim de perpetuar a linhagem.

O primeiro a romper uma tradição, que na côrte chinesa era muito reprovada (a China se diferencia do Japão por haver tido várias dinastias, a última das quais, a Mandchu, caíu em 1911, sem glória, por não ser amada pela massa do povo, que considerava a gente da Mandchúria, como ainda considera, fora do grupo chinês, raça estranha, por ser nórdica, dura e guerreira), o primeiro a não dar ouvidos às apreensões dos cortezãos e a continuar sempre confiando na **Deusa Amaterazu**, foi Matsuhito, o grande imperador da "Era Meiji" (a europeização do Japão, correspondente, pelo tempo, ao Renascimento ocidental) venerado como o **Meiji Tenno**, e cuja morte, ocorrida em julho de 1912, provocou o **harakiri** do famoso marechal Noghi, vencedor da campanha contra a Rússia, e o suicídio pelo corte da carótida (as mulheres não podem abrir o ventre) daquela que tinha sido a sua fiel, silenciosa e dedicada companheira.

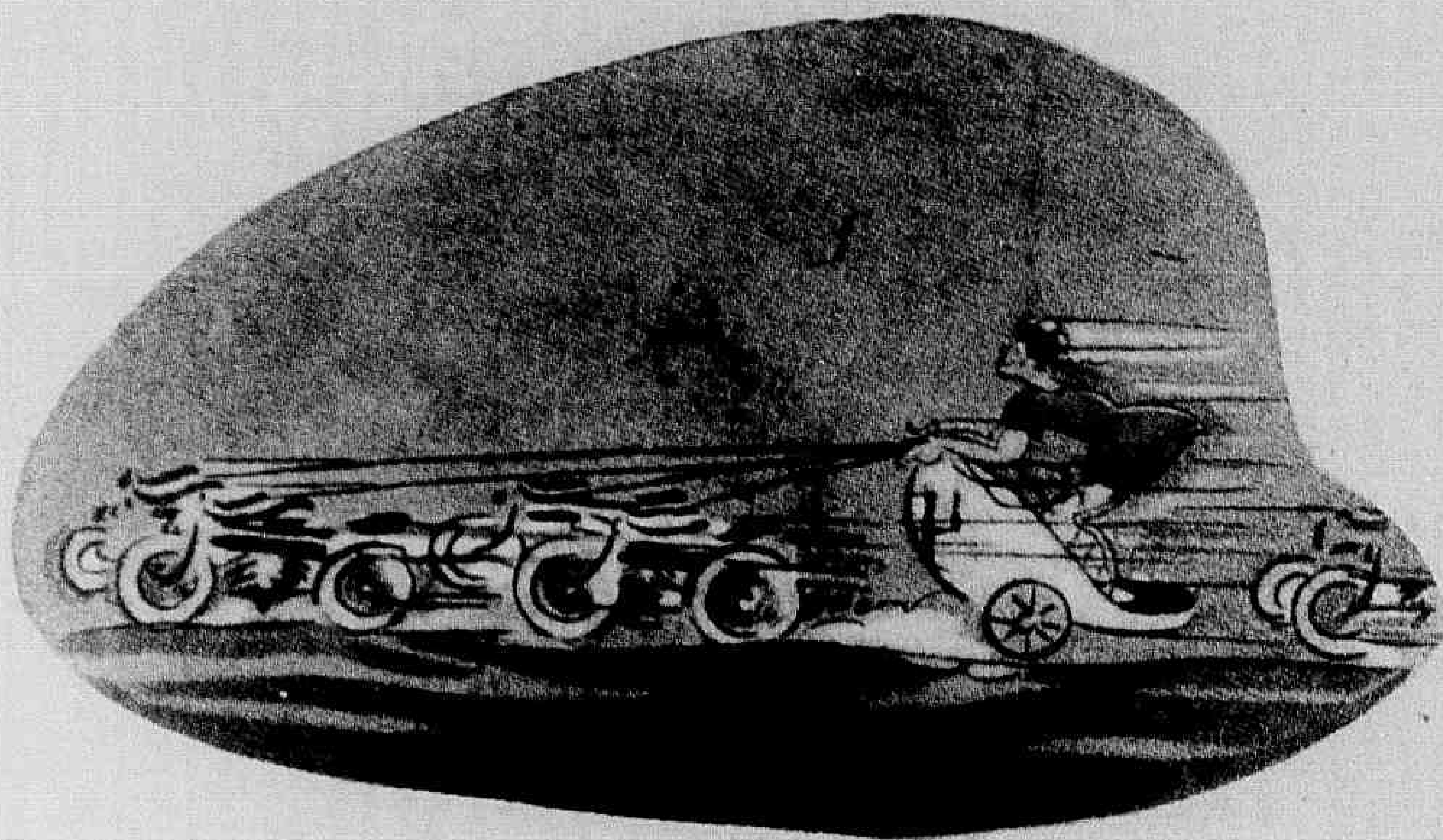
Pela extraordinária situação em que se viu envolvido e pela sabedoria demonstrada para superá-la, o reinado de Matsuhito tem mais de um ponto de contato com o do seu trineto, Hirohito, o atual **Tenno.** No curso de poucos decênios, Matsuhito passou do mais amplo e irrestrito feudalismo para a liberal tolerância do regime constitucional e parlamentar.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Por FRELING FOSTER

CÊRCA de cinqüenta mil famílias, nos Estados Unidos, um têrço das quais vive em Nova York e Los Angeles, têm números telefônicos secretos, que não estão anotados nos catálogos e não podem ser obtidos nas agências da companhia telefônica. Êsses tipos de subscritores podem, porém, ser chamados, num caso de emergência; no entanto, é necessário que os mesmos consintam em aceitar o chamado telefônico.

NO INSTITUTO PASTEUR, de Bangkok, Sião, onde as serpentes venenosas são criadas a fim de que seu veneno seja utilizado como antídoto para suas picadas, um siamês de nome Sttram já foi picado mais de cem vêzes! Atualmente, porém, êle trata as serpentes com maior cuidado e respeito, pois o custo das injeções antivenenosas, que nêle são aplicadas, passou a ser deduzido do seu salário.



DURANTE ALGUNS anos (que não vão muito longe), as côrtes de justiça de vários Estados norte-americanos sustentaram que vagões de estrada de ferro eram construções, asnos eram gado, bicicletas eram animais, dentistas eram mecânicos, a morte por linchamento constituía um acidente, e que o "baseball" era um trabalho, não um jôgo ou um esporte. Até mesmo a Suprema Côrte dos Estados Unidos estabeleceu, em 1931, que o avião não era um veículo de auto-propulsão!

OS GRÃOS DE PÓLEN produzidos por certas flores, tais como algumas espécies de petúnias e begônias, são vendidos a preços superiores, dez ou mais vêzes, ao seu pêso em ouro.

UM ESTUDO, realizado num certo número de indústrias representativas da Inglaterra, revelou que, em ocupações semelhantes, as mulheres são pagas em proporção menor que os homens, alcançando essa diferença cêrca de 40 por cento.

EM CADA VINTE E QUATRO HORAS, o ar que cada um de nós respira, pesa de quatro a cinco vêzes mais do que o líquido e os alimentos consumidos durante êsse mesmo período.

MUITOS DOS "astros" dos desenhos animados do cinema são desenhados de forma a apresentar apenas três dedos e mais um polegar, em cada mão, porque a omissão do dedo restante é raramente notada, e proporciona razoável economia de tempo e trabalho.

O MAIS IMPORTANTE evento de um festival esportivo, realizado na Alemanha, há pouco tempo, foi uma corrida de pequenas carruagens, nas quais os cavalos foram substituídos por motocicletas. Cada quarteto de motocicletas desprovidas de condutores foi alinhado, formando duas parelhas, à frente da carruagem. Essas parelhas eram unidas entre si, por travessas de ferro. O condutor de cada um dêsses estranhos veículos guiava-o com o auxílio de rédeas, atadas ao "guidon" de cada uma das motocicletas.

QUANDO EDWARD GREEN, filho de Hetty Green, morreu, em 1936, a cobrança do impôsto de transmissão *causa-mortis*, por parte do govêrno federal dos Estados Unidos e dos quatro Estados daquêle país nos quais o morto possuíra propriedades totalizou 31.727.213 dólares, ou sejam, 1.589.877 dólares mais do que o valor líquido de seus bens.

EXISTEM ALGUNS tipos de óleos que não flutuam na água, entre êles o de *salsafraz* e o de *pirola* (vegetal conhecido com o nome de verdura de inverno).

NA CIDADE DE Nova York, cêrca de dez pessoas ficam, anualmente, tão embaraçadas nas portas giratórias, que dali têm que ser retiradas pela polícia.

ESTRANHOS CONCEITOS DE

Por ALBERT A. BRANDT

O que para nós se afigura belo, nas mulheres, pode ser considerado horrendo, por um hotentote

QUANDO falamos a respeito de uma bela mulher, temos em mente certos atributos de forma e características gerais. Está claro que não concordamos, necessàriamente, em todos os detalhes; podemos mesmo não ser capazes de definir, **exatamente**, o que pensamos ou sentimos mas, ainda assim, podemos olhar para certas mulheres e concluir, sem sombra de dúvida, que elas são atraentes. E porque existe tal uniformidade de opinião entre nós, achamos ser quase impossível de compreender que não exista uma norma universal de beleza; o que para nós se afigura belo, pode constituir motivo de revolta para um nativo da África ou da Ásia e, da mesma forma, o que para êles é motivo de admiração, para nós não passa de algo tremendamente feio, horrendo, mesmo.

O ponto básico é êste: **a concepção de beleza** está na mente de **cada um.** Os olhos vêem o que a mente interpreta, o que a mente julga ser belo e esta, por seu turno, estimula os sentidos agradàvelmente.

Perguntarão os leitores, desde logo:

— E' alguém capaz, neste mundo, de achar que Virginia Mayo não é "uma uva"?

Perfeitamente. Um hotentote consideraria Virginia Mayo bem fraquinha, deslagada em excesso, enfim, completamente **indesejável!** E o mesmo se daria com os componentes das tribos das regiões montanhosas do Irã.

O único elemento considerado como atributo de beleza, na mente dêsses homens, é a gordura. A gordura demasiada e ilimitada. Quanto mais obesa a mulher, mais se lhes afigura uma **Venus.** Os hotentotes constituem um ramo racial de pele amarela, com os ossos do rosto salientes, fronte estreita e olhos oblíquos. Têm cabelos lanudos, que crescem em tufos separados, no couro cabeludo. Os homens são altos e musculosos, e não são maus espécimes masculinos.

As mulheres hotentotes, todavia, não são "belezas", segundo os nossos padrões do feminino, porque têm orelhas enormes, nariz curto e achatado, com narinas avantajadas. O rosto é também achatado e, quanto mais essas mulheres engordam, mais seus finos lábios parecem entrar, encravando-se, sumindo mesmo, entre as bochechas. Porém os hotentotes não ligam a menor importância às feições femininas. O que realmente os entusiasma é a obesidade. Quanto mais carnes, deformando o corpo das mulheres, melhor para êles.

Em vista disso, as mulheres hotentotes — que, como as suas irmãs de outras latitudes, têm como principal razão de viver, caçar um marido — tratam de engordar o mais possível. Só assim despertam o interêsse dos homens.

Os Ibíbios, da Nigéria do Sul, levam essa preocupação de engordar a maior extremo. Quando as mulheres atingem a idade de 14 anos, são transferidas para o que poderíamos chamar de "departamento de engorda", um espaço maior, na palhoça, on-



Uma beleza bem enfeitada, pertencente a uma tribo sul-africana. Cada grampo prêso na grenha capilar significa um candidato a marido. Só lhe resta escolher!

BELEZA



As mulheres ubangi, da África Central, atraem os rapazes de tribo e arranjam marido com a beiçorra laboriosamente deformada.

de são cuidadas e alimentadas especialmente para engordar... e encontrar marido.

Êsse "salão", em cada palhoça, vem a ser o mesmo que os "ateliers" de beleza das ocidentais civilizadas. Logo que entram para a sala de engordar, essas criaturas não podem executar qualquer trabalho. Têm apenas que comer e dormir. Bebem uma espécie de cerveja açucarada e o fazem tanto quanto o estômago pode suportar.

Se fica bastante gorda para ser oferecida em casamento num prazo inferior a dois anos, é considerada um tipo **especial**, com predisposição física incomum para a obesidade.

Uma mulher de cem quilos é comum entre êsses aborígenes, que lutam pela sua conquista.

Com cento e vinte quilos, uma mulher ibíbia atingiu o verdadeiro máximo da graça e da beleza, provocando verdadeira luta entre as famílias que têm varões em idade de casar. Todos querem a "deliciosa" criatura!



Nenhum homem, na Papuásia, olha para uma mulher solteira antes da mesma ter o rosto tatuado, como vemos acima.

Outras raças, entretanto, revelam um conceito de beleza que também admiramos, embora acompanhado por outro detalhe que verdadeiramente deploramos.

Uma jovem da Polinésia, por exemplo, dedica várias horas do dia ao cuidado e asseio do corpo. Mantém-se sob tendas de palha, nas horas de sol forte, a fim de proteger a pele, tomando banho regularmente, em água corrente, além de usar o suco de frutas verdes (laranja e limão), como sabão. Passam também óleos perfumados sôbre todo o corpo. Mas, em compensação, a mulher da Polinésia tem que ser extremamente robusta. Não tanto quanto uma mulher ibíbia, mas, de qualquer maneira,

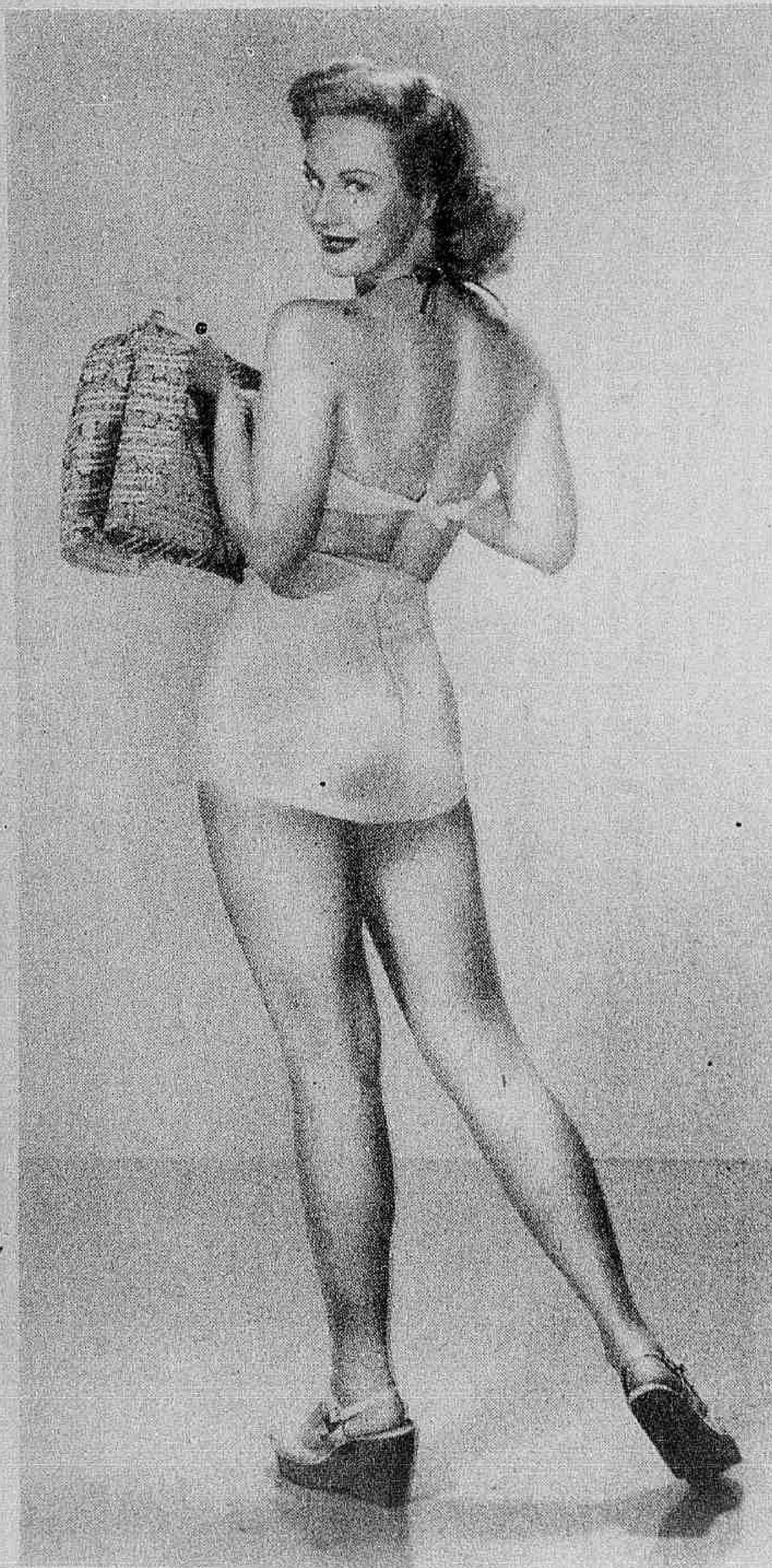
bem gordinha. A mãe polinésia costuma dizer à filha, para a animar a comer:

— Seria uma vergonha para mim dar você em casamento, assim, tão magra! Coma, menina!

Muitos turistas afirmam que a coisa mais desagradável que já viram nas pequeninas ilhotas de coral foi a desagradável desproporção física das lindas mulheres da Polinésia. De fato, na alta sociedade dessas ilhas, há uma idade em que os homens mais procuram espôsa. E' a época em que as mulheres da tribo Mentawani, de Sumatra, apresentam cintura pequeníssima, enquanto o resto do corpo se torna obeso.

Para chegar a êsse resultado, as jovens mentawanis usam coletes apropriados, que lhe dão um corpo como o das ampulhetas. Êsses coletes são tão apertados que as mulheres quase nunca podem sentar ou o fazem por ligeiros instantes.

A mais primitiva forma de ornamento é a tentativa para alterar a própria estrutura do corpo, sempre para atender à estranha concepção de beleza de certos povos.



Um hotentote dirá, talvez, que Virginia Maya, êste encanto que aí vemos, não é "uma uva"...

Assim, as mulheres de certa tribo da região andina, na Bolívia, usam apertadas tiras de fibra sob os joelhos, **porque os homens consideram as pernas das vacas o máximo padrão em beleza.**

As mulheres Kahalari, que vivem no seio das grandes florestas da África do Sul, "realçam" a sua "beleza", alongando os seios até que atinjam os joelhos!

As mães polinésias começam a "modelar" o nariz das filhas desde o nascimento, pois um nariz comprido é considerado muito feio pelos homens, que os preferem achatados e quase inexistentes. As mutilações são também efetuadas no sentido de atingir o máximo da beleza. Os índios Kutchin, do Alasca, adoram os pés grandes nas mulheres e, por isso, as crianças do sexo feminino têm os pés apertados lateralmente, em complicado aparelho, para que se alonguem desmesuradamente.

No Oriente, a prática de comprimir e deformar os pés das mulheres, a partir da infância, tem sido observada desde tempos imemoriais — e sempre com o objetivo de atingir a formosura.

As jovens mulheres da tribo Wangate, da Costa do Ouro, África, são submetidas ao torturante uso de colares, braçadeiras e tornozeleiras de metal, que consideram do mais belo efeito. Muitas chegam a ter pescoços com cêrca de vinte e cinco centímetros de comprimento!

De tal forma êsses anéis de metal deformam o corpo das mulheres que, aos 12 anos de idade, caminham como se fôssem velhas de oitenta.

Apesar disso, por mais que mostrem na fisionomia o sofrimento físico, e tenham dificuldade para caminhar ou comer, mais belas são consideradas pelos homens da tribo.

Na África Ocidental, várias tribos adotam o mesmo "ornamento" nos braços e pernas, para as mulheres, sendo porém o seu mais sensacional recurso de beleza, pintar os pés de branco. Por sua vez, as tribos Naga, de Burma, não dispensam os colares no pescoço, em número tal que mal podem mover a cabeça.

Essas "belezas" selvagens, entretanto, têm uma acentuada tendência para adotar ornamentos que realcem o encanto dos lábios, como fazem as suas irmãs civilizadas. O que difere, entretanto, é o processo adotado...

Entre as mulheres Ubangi, da África Central, cujos lábios já são de natureza grossos e grandes, é costume colocar, nos mesmos, discos de madeira, que vão aumentando, com a idade, até chegar, a proporções incríveis.

Os índios Mokokolo, da América do Sul, também adotam êsse "ornamento" (homens e mulheres) sendo êle, porém, de pequeno tamanho e de miolo de bumbu. Colocam êsses discos não apenas no lábio superior, como no lóbulo da orelha e numa asa do nariz (mulheres sòmente).

Quando, não há muito, um explorador alemão perguntou a um chefe de tribo, por que as suas espôsas usavam essas coisas, o espantado selvagem respondeu, visìvelmente escandalizado com a estupidez do visitante:

— Ora, essa! Para se tornarem mais bonitas para nós, homens, é claro!

Exageradas formas dêsse tipo de ornamento, porém, só mesmo com as mulheres ubangi, já

citadas, e as de outras tribos da África Central, que vivem entregues a uma verdadeira competição, para ver qual delas usa discos maiores nos lábios, o que lhes dá (aos nossos olhos) medonho aspecto. Mas, para os homens de sua tribo, são verdadeiras **belezas** às quais nenhum dêles pode resistir.

As mulheres de inúmeras partes da Nova Guiné, sul da Austrália, e península Malaia, perfuram o nariz e nêle passam pesadas argolas de madeira ou osso. Êsse tipo de ornamento feminino é considerado também grande marca de distinção e elegância entre muitas mulheres da Índia.

Em suas mais extravagantes formas, êsses ornamentos nasais são muito admirados pelos tártaros, que não os dispensam em suas noivas ou espôsas.

No Tibet, os homens preferem a mulher cujo rosto se apresenta adornado por intrincado mosaico, formado por sementes e palmas, tudo cuidadosamente pintado com côres berrantes. Também na África Ocidental Portuguêsa, as selvagens pintam o rosto e os cabelos com tinta vermelha.

Mais inesperados ornamentos (e também mais horrendos para a nossa definição de beleza) são as pinturas preta — ou vermelha — aplicadas aos próprios dentes pelas belezas" da Costa do Ouro, na África, que também talham a carne das faces e, de propósito, retardam a cicatrização... para que fiquem marcas largas e salientes! Nenhum homem dessa tribo olharia para uma mulher que não tivesse o rosto marcado por essas cicatrizes.

As mulheres da península Bantoc, nas Filipinas, além de pintar os dentes de prêto, não dispensam grandes bigodes, tatuados sôbre o lábio superior, prática também adotada pelas mulheres Ainu, do Japão.

Para realçar o seu "sex appeal", as mulheres wongta, do Congo, cobrem o rosto de rugas, caprichosamente tatuadas. Essa prática é também indispensável para as mulheres de algumas tribos do Panamá e da Melinésia.

Entretanto, embora o ornamento seja diferente, através do mundo, o motivo é sempre o mesmo.

Isso, certa vez, foi revelado por uma chinesinha a uma missionária, que falara apaixonadamente contra o "bárbaro ato de deformar os pés, aprisionando-os, desde menina, em sapatos de madeira, para que não crescessem."

— Eu aperto os pés... A senhora aperta a cintura! — Disse a chinesinha, sorrindo. — Muito parecido. E para quê? Oh! A senhora sabe... Para "pegar" marido.



"CAMARADAS" DESCONHECIDOS

UMA ANEDOTA DO APÓS GUERRA

Por BEIRNE LAY JR.



Um guarda de trânsito de Los Angeles ordenou-me que encostasse o automóvel, a fim de ser multado, por trafegar a 50 quilômetros numa zona em que a velocidade máxima, permitida, era de 40. Com ar muito aborrecido, fiquei em silêncio, observando o guarda preencher a intimação. Foi então que êle notou um emblema da Fôrça Aérea no pára-brisa do veículo.

— Estêve fora do país, durante a guerra? — perguntou-me.

— Sim — respondi. — Na Inglaterra.

— Eu também! — tornou êle, inflando o peito. — 100º Grupo de Bombardeiros.

Fiquei espantado com o que o guarda me dizia, replicando imediatamente:

— E' incrível... Pois se tomei parte em sete missões juntamente com o "Centésimo"!

— Ora vejam só! — exclamou êle, também admirado. — Não vá me dizer que estêve no "show" sôbre Hamburgo!

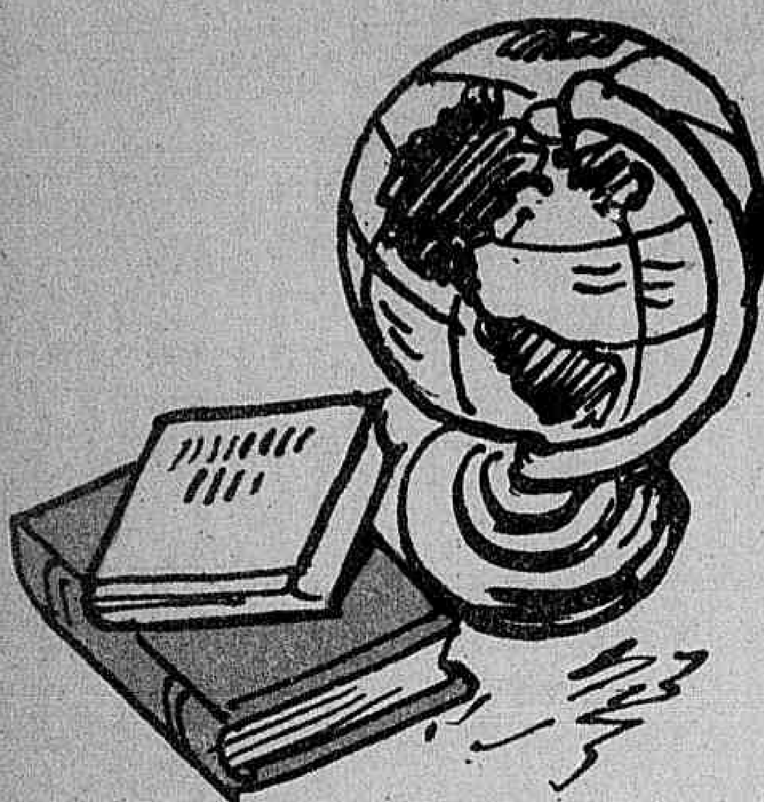
— Como não? — respondi. — Era o terceiro elemento do esquadrão superior!

Êste foi um grande momento, em nossas vidas. Dois camaradas em armas, embora desconhecidos, veteranos de um dos mais sangrentos raides aéreos de tôda a guerra, membros do mesmo campo, se encontravam, cinco anos depois, em virtude de uma pequena infração de trânsito. Olhamo-nos com admiração e alegria.

— Eu era o metralhador da cauda — continuou êle. — *Sargento!* E você, que pôsto tinha?

— O de coronel — tornei a responder.

— Assine aqui! — falou o guarda de trânsito, friamente.



Seu filho poderá

Pela primeira vez no Brasil, é exposta a história do famoso "Método Sidis", que pode tornar a mente de uma criança comum na de um futuro gênio. Os resultados são magníficos e qualquer pai pode utilizá-lo no aprimoramento intelectual de seus filhos

Por **HOWARD VAN SMITH**

SUPONHAMOS que alguém perguntasse ao leitor: — "Quer que seu filho se torne um gênio?" — E, a uma afirmativa, concluísse: — "Aplique então o método que vou expor. Há uma certa dificuldade inicial de aplicação, mas, em si, o método é simples."

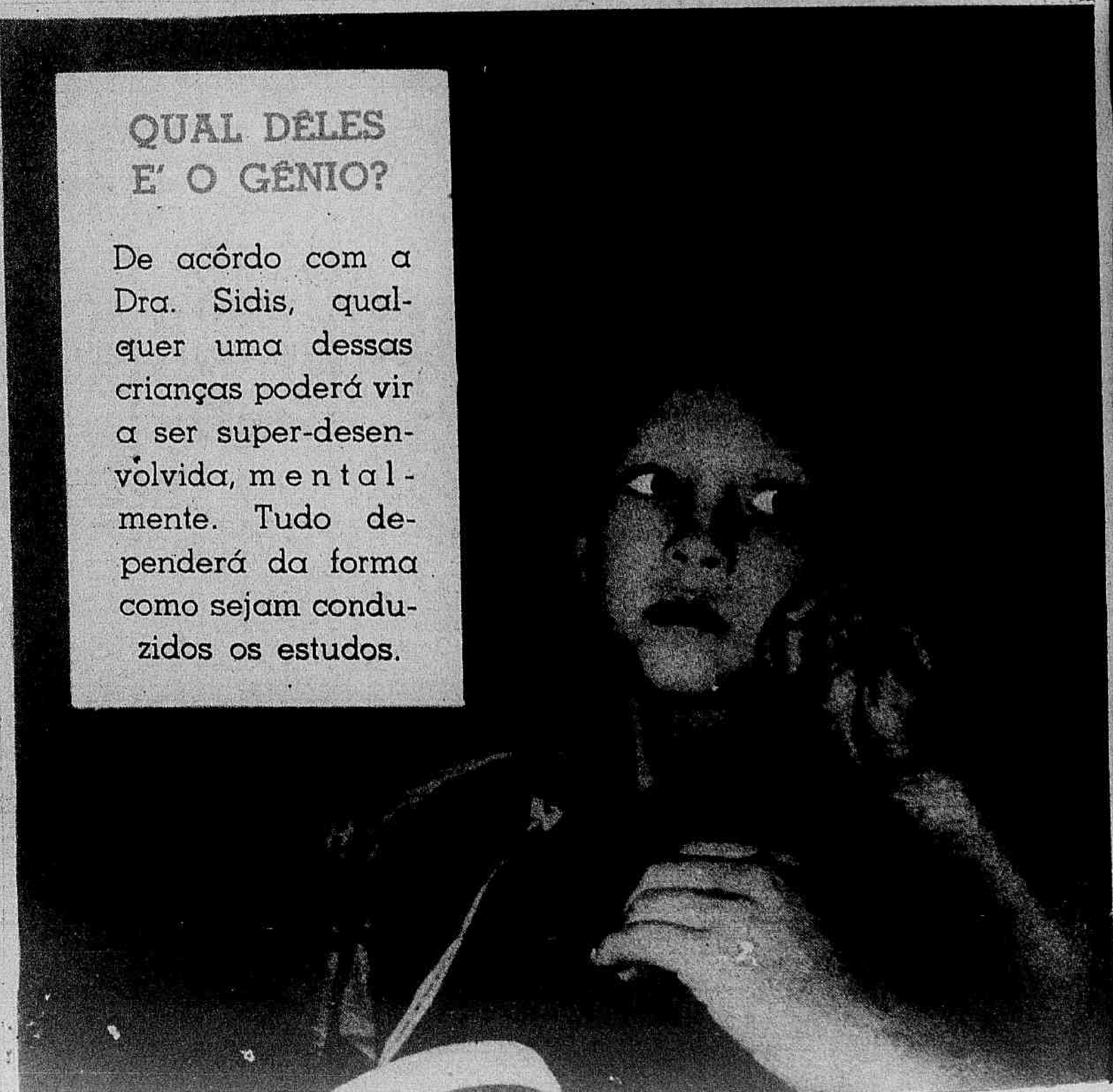
Na verdade, há um modo certo de transformar uma criança no que chamamos, comumente, de "gênio". E deve ficar bem claro que nada há de super-psicológico ou super-acadêmico nesse método, que pode ser utilizado com a certeza da obtenção de resultados satisfatórios.

Uma só advertência deve ser feita, a fim de evitar qualquer excesso em sua utilização: **suas regras devem ser seguidas conforme são apresentadas, sem uma aplicação extremada das mesmas.**

Êste novo plano de educação, que tem início quando a criança ainda está no berço, foi aplicado de maneira total numa criança. Seus pais foram os aplicadores do método, e conseguiram resultados que talvez não tenham sido ainda sobrepujados, em questão de educação.

PROFESSOR AOS QUINZE ANOS — A criança a que nos referimos chamava-se Billy Sidis e completou o curso elementar em **cinco meses!** Isto ocorreu na cidade de Boston, Est. Unidos, e Billy Sidis tinha sete anos de idade. Aos oito anos, necessitou apenas de **seis semanas** para efetuar o ciclo secundário completo! Aos onze anos, por convite especial, fêz uma palestra na Universidade de Harvard, sôbre a quarta dimensão. E, aos quinze anos de idade, Billy Sidis lecionava no Rice Institute, situado em Houston, Estado de Texas.

E isto não é tudo que podemos dizer a respeito das qualidades intelectuais de Billy! Aos três anos já usava a máquina de escrever; aos quatro, lia e criticava livros. Aos onze, chamou a atenção de Einstein, para uma "falha" que observara na teoria da relatividade. Numa idade em que as outras crianças ainda estão apren-



QUAL DÊLES E' O GÊNIO?

De acôrdo com a Dra. Sidis, qualquer uma dessas crianças poderá vir a ser super-desenvolvida, mentalmente. Tudo dependerá da forma como sejam conduzidos os estudos.

ser um GÊNIO

dendo a soletrar, Billy inventou um calendário perpétuo, que foi patenteado e ainda se acha em uso.

Não havia dúvida de que William James Sidis, que morreu em 1944, ainda, relativamente jovem, era um gênio. E não restam dúvidas, também, de que foi utilizado um método a fim de torná-lo um gênio. Êsse mesmo método foi aplicado em sua irmã Helene. Ela não teve necessidade de freqüentar escola primária nem secundária. Fêz apenas um exame de admissão para um curso superior, aos 15 anos de idade.

Testes psicológicos foram realizados, para provar que essas crianças eram apenas um exemplo de mentalidade média. No entanto, os educadores e cientistas recusaram-se a acreditar que os filhos do casal Sidis não eram "gênios hereditários". Não demorou muito a surgir uma polêmica de caráter acadêmico, sôbre o assunto.

Atualmente, uma grande universidade realiza pesquisas rigorosas em redor dêsse programa de "criação de gênios". Os resultados dessas investigações nos dirão se é possível produzir uma super-mente, com tanta facilidade quanto se fabrica um atleta. Essa mente floresceria, assim, livre das dificuldades e transtornos que tôdas as crianças experimentam, na apreensão de conhecimentos, e permitiria que as mesmas se dedicassem aos estudos da mesma forma como se dedicam aos folguedos e ao esporte.

Êste interessante sistema de educação é chamado "Método Sidis" e foi descoberto e desenvolvido pelos doutores Sarah Sidis e Boris Sidis, pais de Billy e Helene. O falecido Dr. Boris Sidis era um professor de Harvard, doutor em psicologia e psiquiatra, e autor de muitos livros sôbre a capacidade mental dos sêres humanos. Willliam James, que era padrinho de Billy, chamou o Dr. Boris de "a maior autoridade, na América, em psicologia".

Em muitas outras crianças, além de Billy e Helene, o método Sidis foi utilizado, com resultados variáveis em intensidade. Os alunos da Universidade de Harvard foram encontrados, pel





Dr. Sidis, cheios de falhas e dificuldades mentais, e êle os tornou estudantes distintos.

UM QUE CHEGOU A CITAR ESPINOZA — Havia em Boston um alfaiate, que tinha uma grande ambição: ler as obras de Espinoza. No entanto, tinha dificuldade em conseguir seu intento, pois, além de ler muito mal, não tinha boa base para compreender uma tal obra. Certo dia, em que o Dr. Sidis estava a admirar um paletó na loja do alfaiate, êste lhe fêz uma proposta.

— Se me ensinar a ler e escrever corretamente, dar-lhe-ei, em pagamento, êsse paletó, que o senhor tanto admira. Três meses depois, o modesto homem não só escrevia e lia com perfeição, como também... citava Espinoza.

O Dr. Sidis, que transformou a educação das crianças num divertimento, morreu em 1923, mas deixou a espôsa, a Dra. Sarah Sidis, para continuar a obra que iniciara. Esta senhora, agora uma velhinha de 77 anos, é também uma psiquiatra, e resolveu fixar domicílio em Miami, no Estado da Flórida, alguns anos atrás, "aposentando-se". Essa aposentadoria significa apenas que está escrevendo dois livros. Um, relata a história da família Sidis e o outro constitui a explanação do método induzido por seu espôso.) Além disto, a Dra. Sidis leciona na Universidade de Miami e dirige uma firma de sua propriedade, encarregada de aluguéis de casas.

Embora seja agora uma velhinha de pequena estatura, com olhos azuis, que apresentam ainda o brilho de sua distante juventude, a Dra. Sidis retém ainda uma vigorosa fonte de energia para suprir o próprio espírito, que há meio século se dedica ao ensino geral. Para a resistente anciã (será lícito chamá-la assim, apesar da idade?), o dia de trabalho começa às seis horas, e só é interrompido às onze horas, para o almôço.

Voltando ao método Sidis, é preciso dizer que a espôsa do seu idealizador tem contribuído também para a maior difusão e aperfeiçoamento do mesmo. Seu toque humanizou êsse sistema, fazendo que os cientistas não mais se refiram ao mesmo em têrmos específicos e maçantes.

Quando a Dra. Sidis apresentou o "Método Sidis" ao Dr. Bowman F. Ashe, diretor da Universidade de Miami, êsse educador se interessou pelo assunto, que chamou de "muito importante". Imediatamente, providenciou algumas conferências por parte da Dra. Sidis, e efetuou uma seleção de educadores de escolas locais, a fim de que procedessem à difusão e aproveitamento do método.

De acôrdo com o Dr. Ashe, os diretores da Universidade planejam a construção de um edifício onde as crianças sejam criadas, tão logo consigam os fundos suficientes para êsse empreendimento. Ali, poder-se-á proceder ao desenvolvimento do plano idealizado pelos Sidis, destinando-se também êsse edifício ao treinamento de grande número de professôres e de pais, a fim de possibilitar maior eficiência na difusão do método tão útil.



O Método Sidis terá resultados mais eficientes se aplicado desde o berço. No entanto, se a criança já está um tanto desenvolvida, podem ser obtidos, da mesma forma, bons resultados. Se os pais não podem, por qualquer motivo, ou falta de tempo, despertar nos filhos o interêsse e a curiosidade por todos os assuntos, o que constituía base de todo o método, podem, ainda assim, empregar algumas das regras estabelecidas pelos doutores Sidis, que produzem bons resultados:

1) Evitem punições em tôdas as suas formas possíveis — esta é a primeira causa de temor.

2) Tentem evitar dizer **Não.** Em vez desta sêca negativa, procurem explicar os motivos pelos quais não podem permitir que seus filhos façam **isto** ou **aquilo.**

3) Despertem a curiosidade dos mesmos, pois ela é a chave da aprendizagem e do entendimento intelectual de seus filhos.

4) Jamais deixem de responder a uma pergunta que êles façam, nem deixem de lado algum problema que lhes apresentem.

5) Não forcem os filhos a aprender, nem julguem a capacidade dêles para tanto, por padrões muito elevados, peculiares aos adultos.

6) Implantem idéias na hora de deitar, pouco antes de que êles adormeçam. Sugestões assim feitas causarão uma impressão muito sólida.

7) Jamais mintam para os filhos, nem usem evasivas.

8) Evitem exibir, ostensivamente, seus filhos.

UMA VEZ expostas as generalidades sôbre as quais se baseia êste método simples, cuja maior arma é a dedicação paciente, passemos a aplicá-lo numa criança hipotética, que chamaremos de Carlos. Os pais, como a criança, são do tipo "normal", nem muito nem pouco inteligentes.

Os pontos básicos que devem ser a fonte de partida são: **a)** Amor; **b)** compreensão e solicitude, a fim de fazer a criança desconhecer o mêdo; **c)** vontade eficientemente dirigida, a fim de ajudar o filho a desenvolver a razão.

Ao iniciarem a utilização do plano, se tiverem qualquer sombra de dúvida quanto à eficiência do mesmo, lembrem-se do que a Dra. Sidis afirmou para o Dr. Ashe: "80 por cento das crianças da atualidade podem fazer tudo aquilo que Billy Sidis fêz, apresentando, talvez, resultados ainda melhores.



No primeiro ano, quando Carlos emite apenas alguns sons identificáveis, a afeição e o amor devem ser aplicados em doses maiores. Tudo deve ser provido à criança. Quanto à questão do temor, devem ser afastados os dois motivos que geram o mêdo na criança: as quedas, e a falta de alimentação. E, naturalmente, a não punição, significando o falar sempre com voz macia, ou jamais passar de uma ligeira palmadinha afetuosa. E' preciso ficar bem claro que o "alçapão" do subconsciente **jamais** esquece, mesmo que a memória primária não mais recorde algum fato.

NÃO DIGA "NÃO" — No segundo ano de Carlos, cabe aos pais expandir a significação da palavra **amor.** Êste se transforma, agora, em afinidade, o que não significa apenas bondade, paciência e compreensão, mas, também, atenção intelectual completa para a criança, sempre que esta necessitar de algum esclarecimento ou auxílio.

Eis aqui o modo de pôr em funcionamento essa idéia. Se Carlos está brincando no local destinado a isso, ou mesmo no chão, **desçam até o nível dêle,** o mais que puderem, e o mais freqüentemente possível. Carlos está agora com a idade bastante para fazer certos atos que poderão aborrecer os pais. No entanto, êstes devem abster-se de castigá-lo ou de responder ríspidamente às indagações do filho.

Um **"Não"** significa a mesma coisa que: — **"Não pense; eu pensarei por você!"**

Carlos atinge, agora, a época em que precisa de alguns brinquedos. A Dra. Sidis recomenda que se dêem cubos coloridos e brilhantes, com retratos e imagens de animais e objetos, com as palavras correspondentes gravadas ao lado. E' claro que a criança não irá ler ou soletrar, desde já, mas, pouco mais tarde, quando começar a dizer palavras como **gato,** tem gravada na mente a imagem estampada no cubo com que brinca, e a palavra correspondente, o que auxiliará muito no desenvolvimento da inteligência. Trata-se do "alçapão" do subconsciente funcionando novamente. A Dra. Sidis recomenda, também, um "quebra-cabeças" que não seja difícil de resolver — um mapa do país no qual nasceu ou reside a criança, cada peça representando um Estado, colorida de forma diferente das outras. Quanto aos demais tipos de brinquedos, devem ser dados à criança os usuais, especialmente bolas e jogos atléticos.

★

BRINQUEDOS SÓ PARA ÊLE — Neste período, Carlos já está tentando falar. Os pais não devem forçá-lo, insistindo; é necessário ter paciência, e ir devagar. E' importante, também, acostumar a criança a ter suas coisas próprias; tudo que a ela pertence, há de ser só dela e de mais ninguém; seus brinquedos não devem ser misturados com outros objetos pertencentes aos pais ou aos seus irmãos, se os tiver.

A inteligência de Carlos vai sendo incrementada gradativamente. Já fala com relativa facilidade, e talvez comece a ler, ainda êste ano. Mas, isto não é uma promessa. Não devem os progenitores ficar preocupados se tal não se der. Com um pequeno auxílio de um dos pais, que se sentará, diàriamente, com o filho, no tapête da sala, Carlos começará fazendo a identificação da figura impressa no cubo colorido e, em seguida, passará a pronunciar o que está escrito adiante da imagem.

A êsse tempo, é preciso ter cuidado com qualquer modificação visual que estejam sofrendo os olhos da criança. Algumas delas, que começam a ler muito cedo, são afetadas por defeitos visuais. Se, de fato, Carlos começar a ler aos dois anos, devem os seus pais consultar um oftalmologista. **E' preciso não esquecer** que, à criança, devem ser proporcionadas várias horas de diversões, todos os dias. Ela necessita de exercícios ao ar livre, correrias e brincadeiras. Isto é muito importante! O que se procura obter é um gênio sadio e não um intelectual neurótico.

Com a idade de três anos, Carlos começa a formular perguntas a respeito de flores, estrêlas, e vários outros assuntos. E, se os pais da criança forem do grupo que acredita ser salutar para a infância o não conhecimento das realidades da vida, da biologia, e outros assuntos que os pais julgam ser por demais complexos para a criança nessa idade, estarão, então, subestimando as qualidades e a inteligência do filho. Que fique bem claro o seguinte: êle não se escandalizará nem ficará abatido com o conhecimento de certos fatos.

E onde obterão os pais as respostas adequadas às perguntas de Carlos? — perguntarão alguns leitores. — Muito simples: — podem ser encontrados inúmeros livros designados especialmente para êsse propósito. Talvez os livros que os pais utilizem sejam destinados a crianças com o dôbro da idade de Carlos. Mas, isto não constitui obstáculo ao desenvolvimento mental do menino.

A Dra. Sidis afirma que os pais não poderão, possìvelmente, satisfazer tôda a curiosidade de uma criança como Carlos, pois as perguntas que fará serão excessivamente variadas. Assim, recomenda ela que se procure manter as instruções, que se ministram à criança, dentro de um caráter o mais variado possível (**de tudo um pouco**). Para Carlos, o conhecimento das partes de seu corpo servirá como introdução à apreensão das funções naturais. Nesta época, devem também ser ensinados os hábitos saudáveis, em vez de dogmàticamente impingidos mais tarde.

As pessoas, que tenham sido educadas sempre a obedecer ordens, retêm um certo número de **gostos** e **desgostos irracionais,** que persistem, mesmo na fase adulta; tais anomalias são danosas para a completa formação da personalidade.

Mas, **sem forçar,** como poderão os pais despertar em Carlos o interêsse por um assunto particular, tal como o corpo?

De acôrdo com o Dr. Boris Sidis, os pais devem despertar a curiosidade da criança, por meio de sugestão indireta. As surprêsas, jogos, e atividades são "chaves" dêsse sucesso. E' preciso notar que o mundo da criança está cheio de entusiasmo. Deve-se aproveitar tôda oportunidade que se apresente, para informar a criança a respeito de algo. Se Carlos se suja com qualquer elemento, deve ser esclarecido a respeito da necessidade de limpar-se e da natureza do material com que se sujou. Aproveite-se a oportunidade para explicar a natureza da pele das pessoas, o que representa uma introdução para um esclarecimento a respeito de todo o corpo humano, o processo da vida, e tudo mais que êle demonstre interêsse imediato em saber.

ESTÍMULO PSICOLÓGICO — A esta altura, outras sugestões devem ser apresentadas. Se Carlos está dedicando mais tempo do que devia, num só assunto, e seu interêsse está recaindo apenas em um grupo de coisas, é necessário que se procure levar sua atenção para outros ramos, atraindo-a para assuntos que excitem a sua curiosidade. Se, no entanto, se afigurar o caso de alguma parte de sua educação estar apresentando dificuldades para a criança, esta é a época de implantar idéias na hora de deitar. Os pais devem incutir confiança ao filho, assegurando que êle pode fazer qualquer coisa, por mais difícil que pareça. Êste estímulo psicológico apresentará resultados verdadeiramente espantosos. Uma regra que deve ser observada, também, é a de perguntar à criança, se houve alguma coisa que não tenha sido bem esclarecida no dia anterior. Jamais se deve deixar o pequeno Carlos mal esclarecido a respeito de qualquer assunto.

Quando o garôto vai chegando à idade escolar, torna-se muito difícil prever em que sentido se dirigirá sua educação, uma vez que o curso, que êle terá diante de si, é muito heterogêneo e variável. No entanto, se os pais julgarem interessante, poderão fazer exatamente o que os Sidis fizeram com seu filho Billy. Em vez de contarem histórias e lendas infantis, liam para êle assuntos referentes à mitologia. Isto tem íntima ligação com as estrêlas, que apresentam nomes semelhantes aos da mitologia grega e, conseqüentemente, a astronomia entrará na tela. E, por que êste assunto interessará ao menino? Simplesmente porque as estrêlas e planêtas exercem uma fascinação sôbre as crianças; assim, uma introdução à astronomia leva, mais tarde, à matemática, intimamente relacionada com o estudo dos astros.

Algum dia, Carlos perguntará, a qualquer dos pais, o significado de alguma coisa, e caberá ao progenitor responder:

— Bem; vamos examinar o assunto juntos.

E, assim, ambos lerão a definição, ou tentarão resolver o problema. Mais tarde, Carlos, cuja habilidade para ler já estará bem mais desenvolvida, dirá, na certa:

— Desta vez, eu mesmo procurarei a resposta.

Isto significará que, para êle, o aprender constitui uma diversão, contràriamente ao modo de pensar dos outros meninos.

O ponto principal, em tudo o que aqui é explicado, é que a criança deve ser encorajada a pensar por si mesma. E, com êsse processo de encorajamento, ela não aceitará isto ou aquilo, simplesmente porque o pai, a mãe ou o professor diz que é assim. Ela estará apta a compreender por si mesma.

Carlos está, agora, em idade escolar. Fala com facilidade a respeito de astronomia, história (isto começou quando o pai o levou ao museu) e outros assuntos para onde seu interêsse o conduzia, sempre auxiliado pelos pais. Êle já sabe ler e escrever.



PROMOÇÃO RÁPIDA NO COLÉGIO — Processa-se agora um período para a criança, que vamos denominar de "Glamorização". Billy Sidis foi um perfeito exemplo disto. Quando ingressou numa escola primária de Boston, sendo promovido, na tarde do primeiro dia, ao terceiro ano do curso, já possuía noções de ciências físicas, história e literatura. No entanto, não sabia efetuar uma simples soma. Isto, porque, jamais sentira interêsse pela aritmética... até aquêle momento.

Foi nessa época que um jovem professor de matemática passou a visitar freqüentemente a casa dos Sidis. Billy fêz amizade com o professor, e êste tanto o fêz interessar-se pela matéria, que Billy, da noite para o dia, passou a dedicar o máximo de sua atenção aos problemas concer-

nentes à matemática. Seu progresso foi tão grande e rápido, que não demorou muito a que o professor, que escrevia um livro, levasse constantemente alguma parte do seu trabalho para ser apreciada por Billy, cuja opinião considerava de grande valia.

INTERÊSSES GERAIS — O que aconteceu a Billy, pode também acontecer a Carlos. A direção que êle tomar, depende grandemente dos pais. Éstes devem dotar o filho de todo o material de que necessita: enciclopédia, dicionários, máquina de escrever, livros de referência, etc. Êle está agora com um grau de cultura superior ao dos pais, em certos assuntos. Portanto, o rumo que tomar, dentro da matéria intelectual, depende grandemente da "glamorização" efetuada pelos pais. No entanto, os progenitores devem ter cuidado no atrair a atenção do menino para um certo assunto. O interêsse de Carlos deve ser dirigido, não para um assunto especial, mas para diversas matérias. A especialização, muito natural na maioria dos homens, virá mais tarde, com a idade. Os educadores se referem a Billy Sidis, como "um exemplo de que a especialização não deve começar tão cedo, para uma criança". E tanto assim que, aos 10 anos, Billy era um gênio matemático, professor do Rice Instituto aos 15 e, logo depois, estudante de Direito em Harvard. Quando estourou a Primeira Grande Guerra, êle se tornou um ferrenho inimigo da guerra entre os povos. Ao mesmo tempo que efetuava pesquisas científicas, trabalhava num dos departamentos do govêrno dos Estados Unidos, onde podia pôr em ação seu gênio inventivo. No entanto, ao descobrir que aquilo que com tanto afinco preparava seria utilizado nas trincheiras, abandonou a matéria em que trabalhava, deixando o cargo. Após a guerra, tanto o cinema como algumas companhias de seguro ofereceram-lhe empregos, mas êle recusou.

Ao contrário de sua irmã, que, após terminar o curso secundário, tornou-se professôra, nisto permanecendo até hoje, Billy não queria um cargo que lhe tomasse muito tempo. Procurou, assim, trabalhar em empregos temporários, nos quais pudesse fazer dinheiro com facilidade. Nos períodos em que ficava desempregado, efetuava longas viagens, a fim de conseguir maiores conhecimentos científicos, especialmente entre as tribos de índios. Seus escritos não foram publicados até hoje.

No ano de 1944, após um passeio em que apanhou uma chuvarada, uma pneumonia o extinguiu, aos 46 anos, que contava de vida.

A educação moderna, em contraste com o método Sidis, advoga uma educação graduada e bem orientada. Desapareceu, já agora, o costume que tinham certos pais, no sentido de que os filhos dessem "pulos" de um e até mesmo dois anos, no colégio. Assim, será obtido um melhor ajustamento social. No entanto, os dois sistemas podem ser empregados de forma a proporcionar bons resultados. Os professôres modernos são especialmente treinados para que não retardem ou impeçam o progresso observado na mente de uma criança, devendo — ao contrário — estimular, cada vez mais, a juventude. Se seu filho (ou filha) está apto a ler Rui Barbosa, no primeiro ano primário, o professor deverá encorajá-lo, provando que a criança pode, também, contar de 1 a 1 000 000, ou mesmo mais!

PADRÃO VERDADEIRO — Assim, pelo menos no presente, Carlos, com seis anos de idade, deve ir à escola e ali permanecer como qualquer criança de sua idade. Pode ser um estudante aplicado, do começo ao fim do curso, mas seu brilhantismo não deve ser medido pela rapidez com que é capaz de fazer um curso completo. Isto, afinal de contas, não é o mais importante. **O mais importante, é a habilidade para compreender e raciocinar, pensando por si mesmo,** o que, numa análise final, representa o verdadeiro padrão de um tipo de mente superior.

Os próprios educadores variam em suas opiniões, quanto aos resultados que podem ser obtidos com a aplicação do método Sidis. Alguns, citam o fator hereditário, dizendo que, de acôrdo com êle, haverá considerável variação em brilhantismo, por parte das criança nas quais fôr o método aplicado. Ressaltam também, juntamente com a Dra. Sidis, que os pais, que venham a adotar êsse método de incremento da inteligência de um filho, não devem cometer o grave êrro de tentar "empurrar" o mesmo, forçando um desenvolvimento exagerado. Afirma a Dra. Sidis que o método idealizado por seu espôso pode ser aplicado fàcilmente, bastando, para isso, que os pais tenham paciência e perseverança. Cita ainda o modo de pensar de seu marido, dizendo que, com o auxílio da educação simples, e por meio da disciplina, podemos conseguir apenas um coeficiente mediocremente desenvolvido, ao passo que, com o auxílio da educação psicológica e eficientemente dirigida, poderemos organizar uma geração mentalmente super-desenvolvida e sadia.

* *

MENSAGENS DIFERENTES

Em Chicago, a decisão de um policial levou à cadeia um massagista que estava sendo acusado, por sua clientela feminina, de estar fazendo as massagens com excessivo entusiasmo.

A policial Rita Meany foi procurar o massagista, queixando-se de dor no pescoço. O homem ordenou-lhe que se despisse e logo começou a trabalhar, com grande atividade. Mas o "serviço" foi interrompido logo pela policial, que fêz entrar três colegas do sexo barbado, que estavam do lado de fora.

— Prendam êste homem! — ordenou ela — "E' um inconveniente. E, além de tudo, tem as mãos muito frias — acrescentou. — Precisa de uma das "nossas" massagens... com borracha!

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade do Kenia, na África Oriental, Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de Lady Júlia, que via também com grande desagrado as relações exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por Lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir à noite apreciar a sua *toilette* de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de BucKingham Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de Lady Júlia, pedira-lhe e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de Lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o *chauffeur*, que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o *chauffeur*, derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o *chauffeur* chamar o Dr. Pargetter, médico da família e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no "fog". O Dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo *chauffeur*, vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais.

— Inspetor, os fatos são muito simples. A morte foi causada por uma bala, que penetrou pelo lado esquerdo do pescoço, em face do sterno-mastóide...

— Um momento.

E Manderton, com um gesto brusco, afastou o médico.

— Perdão, mas...

Pargetter parecia realmente ofendido.

— Ainda não estou preparado para ouvir o que tem a dizer — disse Manderton.

Tendo falado, o inspetor se ajoelhou junto do cadáver.

O exame que então procedeu foi longo e minucioso. Suas mãos manipulavam, como se fôsse um boneco, o pobre corpo sem resistência. Após haver estudado, de perto, o ferimento, abriu o *chambre*, inspecionou o colete e a camisa. Seus dedos apalpavam sob o corpo. Detiveram-se uma vez, para apanhar qualquer coisa que, levada para junto da luz, pareceu ser um cabelo ou um fio de linha. Ficou agachado sôbre as pontas dos pés e então, apanhando um envelope, que retirou do bôlso, nêle guardou o seu achado.

Nesse instante, levantando a cabeça, viu o médico que o observava com ar zangado.

— A bala, segundo o senhor dizia, atingiu a carótida?

— A carótida foi cortada — respondeu o médico, num tom de voz que desejava traduzir sua indiferença altiva. — A morte deve ter sido instantânea.

Manderton, porém, já pensava em outra coisa. Levantara uma das pobres mãos inanimadas, a esquerda, observando as unhas lívidas e, por alguns instantes, reteve-a assim, bem apertada na própria mão, como se quisesse restituir-lhe um pouco de calor e de vida. Finalmente falou:

— Não há muito tempo que êle morreu.

— Êle estava com esta pistola entre os dedos — disse Pargetter, apanhando sôbre a cadeira, onde havia deixado, a pistola automática.

Manderton estalou o polegar contra o indicador, chamando o rapaz ruivo, que imediatamente avançou, entregando ao chefe um par de luvas de borracha. Manderton tratou de calçá-las e, a seguir, apanhando a pistola, levantou-a à altura dos olhos, examinando-a atentamente. Chegou mesmo a cheirar a arma. Depois disso retirou o pente: êste continha tôda a carga de balas, que era em número de cinco. Finalmente, retirou a culatra e um sexto cartucho caíu na palma da sua mão.

Sem manifestar qualquer emoção, apanhou-o e recolocou tudo no lugar, como antes. Seu assistente lhe entregou, a seguir, um pequeno saco de couro, no qual Manderton guardou a arma. Imediatamente o rapaz ruivo voltou aos seus frascos e

escovinhas, agora espalhados sôbre a escrivaninha. Era de se jurar que entre êsses dois homens fôra, para sempre, dispensada qualquer troca de palavras.

— Segundo penso — disse Pargetter, começando um pequenino discurso no seu tom doutoral de sempre — a morte foi causada por um projétil bem maior do que...

— Obrigado, doutor... Não preciso que me digam isso.

Manderton levantou-se, estalou os dedos, agora na direção do guarda, fazendo-lhe sinal para que aproximasse o paravento, para encobrir o corpo; só então, voltando-se para Pargetter, perguntou:

— O senhor conhecia o morto?

— Claro que conhecia — declarou o médico, com voz irritada. — E' o Sr. Barrasford Swete, locatário e grande amigo de Sir Charles Rossway.

— O barão... dos metais?

O guarda se apressou a explicar, corando fortemente:

— Sir Charles, senhor, reside em Frant House, que dá frente para a praça, e em cujos fundos fica esta residência menor... E', assim, como *uma casa dentro de outra.*

— O Sr. Swete — prosseguiu o médico — era homem amável e culto, sendo mesmo considerado um mestre em matéria de arte. Pelo que sei, não devia ter qualquer inimigo, neste mundo.

— Realmente, é espantoso — concedeu Manderton, que depois perguntou, inesperadamente:

"— Quem descobriu o corpo?

A pergunta explodiu como um raio. Rodney avançou:

— Eu... — disse êle simplesmente.

E adivinhando, pela fisionomia do inspetor, a nova pergunta que êste pretendia fazer, acrescentou:

— Rodney Rossway, filho de Sir Charles Rossway.

O inspetor continuou:

— Que horas eram, no momento em que descobriu o corpo?

Rodney lançou um olhar para Aline.

— Meia-noite e trinta — disse ela. — Recordo-me de ter ouvido bater o relógio do pátio.

— Miss Innesmore estava comigo — tratou Rodney de explicar. — Reside, atualmente, em nossa casa, e minha mãe a apresentara à côrte, no correr da noite. Eu regressava do clube e ela chegava, no automóvel, quando nos encontramos na altura das antigas estrebarias. Propus-lhe subirmos até a casa de Barry, que não devia estar deitado, por ter um pé luxado, e que, certamente, teria prazer em vê-la com o belo vestido de côrte...

O coração de Aline se encheu de gratidão. Na verdade, fôra uma cavalheiresca inspiração que levara Rodney a prever o perigo, que só agora ela começava a entrever. Sob o olhar frio e penetrante, que incessantemente, e sem piedade lhe sondava as feições, enquanto Rodney falava, compreendeu os riscos que teria corrido sem seu auxílio: interrogatórios, contra-interrogatórios, chamada ao banco das testemunhas, nome nas *manchettes* dos jornais, pasto, enfim, para a curiosidade pública, na Inglaterra, e também nos Estados Unidos, onde tudo se veste de sensacionalismo! Pensou em seu pai, em seu querido "Daddy", já tão idoso e tão religiosamente confinado nos hábitos morais do *Middle-West*; pensou em Lady Júlia, tão inimiga da publicidade e do escândalo. E tremeu à idéia de que Rodney acabara de a salvar, por sua fria presença de espírito.

Fora essa pequenina ofensa à verdade, a declaração de Rodney foi rigorosamente exata. Sem dúvida, Aline teve a impressão de que o inspetor ouvia apenas com um ouvido, pois que seu olhar, incansável, percorria todos os recantos da sala. Entretanto, êle não perdia uma sílaba sequer. E disso ela não tardaria a adquirir a certeza.

— Pensei, a princípio — dizia Rodney — que Swete tinha sido vítima de um acidente; que cortara alguma artéria, por exemplo... Então subi a escada, de quatro em quatro degraus, sem nada perguntar a Miss Innesmore. Foi sòmente depois de haver descido, para enviar o *chauffeur* em busca do Dr. Pargetter ou, na sua falta, do Dr. Marcombe, que Miss Innesmore, voltando a si de um curto desfalecimento, contou-me que ouvira alguém movendo-se no apartamento.

Manderton, a essa altura, saltou contra Rodney.

— Um instante, por favor! Sôbre êsse detalhe ouviremos Miss Innesmore.

A despeito de alguma animação, sua maneira de agir com Aline foi das mais respeitosas. E, tendo ela declarado não ter a certeza de que o homem que vira sair do apartamento era real ou fruto de sua imaginação, êle não procurou sequer contradizê-la. Mas, apesar de tudo, submeteu-a a um interrogatório macio, mas detalhado. Quanto tempo estêve à escuta, diante da porta? Que sorte de ruído ouvira? Não teria sido um tiro? Um grito, então? E o homem que julgava ter visto? Como aparentava ser? Um *gentleman* ou um vagabundo? Parecia ser velho ou moço? Era alto ou de pequena estatura?

— Não era um vagabundo! — respondeu ela, vivamente — Mas, se era moço ou velho, não posso afirmar, pois não vi o rosto do desconhecido. Parecia ser muito alto, caminhava depressa e usava um sobretudo... escuro, creio...

— Quase todos os sobretudos são escuros.

— Tinha a gola levantada. E também... também usava um boné.

— De que espécie?

— Um dêsses bonés claros, de *tweede*... E' só o que posso dizer.

O inspetor se voltou então para Rodney. Uma dobra profunda, vincava o canto direito do seu lábio.

— O senhor admite, suponho, que enquanto derrubava a porta, com a ajuda do *chauffeur*, havia um homem no interior do apartamento?

Rodney não tentou esconder a mágua que isso lhe causava.

— Sim, agora admito isso! Mas confesso que no momento...

— O senhor nada viu, nada ouviu, de natureza a suspeitar da existência de uma terceira pessoa na sala?

— Absolutamente nada. O apartamento estava bastante escuro. Quando o iluminamos, a sala surgiu tal como o senhor a vê, neste momento, só que o paravento...

Manderton observou com ar pensativo o belo paravento de laca.

— Que lugar ocupava êle, ordinàriamente?

Rodney indicou o lugar, junto da escada que vinha do térreo. E o inspetor, vendo a escada, esfregava as mãos.

— O senhor não pensou — disse êle — em percorrer o apartamento?

— Por que o faria? Se acreditava em suicídio...

Manderton rosnou, entre dentes:

— Naturalmente, o assassino o vigiava, do seu esconderijo. E enquanto o senhor cuidava de fazer Miss Innesmore voltar a si, adeusinho! Retirou-se sem um "até-logo". Que há por trás da casa em que estamos?

— A nossa residência. Frant House. Esta em que estamos foi aproveitada de uma antiga cocheira.

— Sim... Recordo-me do guarda ter falado qualquer coisa a respeito, quando cheguei. Sem dúvida, neste caso, existe alguma passagem entre as duas?

— Não. Nenhuma passagem.

— E as janelas?

— Sòmente duas, na parte dos fundos, e ambas no primeiro andar: uma na sala de jantar e a outra na sala dos banhos, que fica junto do quarto de dormir. Tanto uma quanto outra são estreitas e munidas de barras de ferro.

— Para que parte do terreno abrem elas?

— Para o *court* de tênis.

— Que *court* de tênis é êsse?

— O de Frant House. Ocupa o terreno que fica no fundo da casa e, portanto, da antiga estrebaria...

— E' coberto ou ao ar livre?

Uma voz forte e lenta os interrompeu:

— Coberto... Um *court* de "tênis-real", Inspetor.

Fôra o rapaz de cabelos ruivos quem falara. Aline e Rodney, surpreendidos, trocaram um olhar. O homem tinha voz e modos demasiadamente distintos para um simples funcionário da polícia.

"— Sempre tinha ouvido falar no *court* de tênis de Frant House — continuou o jovem auxiliar. — E' o único de sua espécie numa casa particular do West End.

— Que vem a ser, afinal, um *court* de "tênis real", numa casa particular? — resmungou o inspetor com evidente desagrado.

— A forma original do *lawn-tennis* o *"jeu de pume"* dos franceses — replicou o jovem ruivo, sem pestanejar. — Joga-se num *court* com um paredão, uma rêde e outros truques. Jôgo muito complicado, segundo parece. Ouvi dizer que é preciso muito músculo e muito cérebro para bem jogá-lo...

— Você parece bem informado sôbre o assunto, Dene...

— Há um *court* igual em Cambridge. Eu próprio não jogava, quando lá estive. Mas via as partidas disputadas pelos colegas.

O inspetor tossiu ligeiramente e, a seguir, com voz mais clara:

— O Sr. Dene serve à polícia no Departamento de Impressões Digitais e, como já devem ter compreendido, estudou em Cambridge — explicou êle, com uma pontinha de ironia, embora sem maldade.

Aline observava com interêsse o jovem policial, que, por sua vez, mostrava desenvoltura e satisfação pelo serviço que o aguardava.

— Um Sherlock Holmes em embrião — murmurou êle entre dentes, mas bastante alto para ser ouvido por todos.

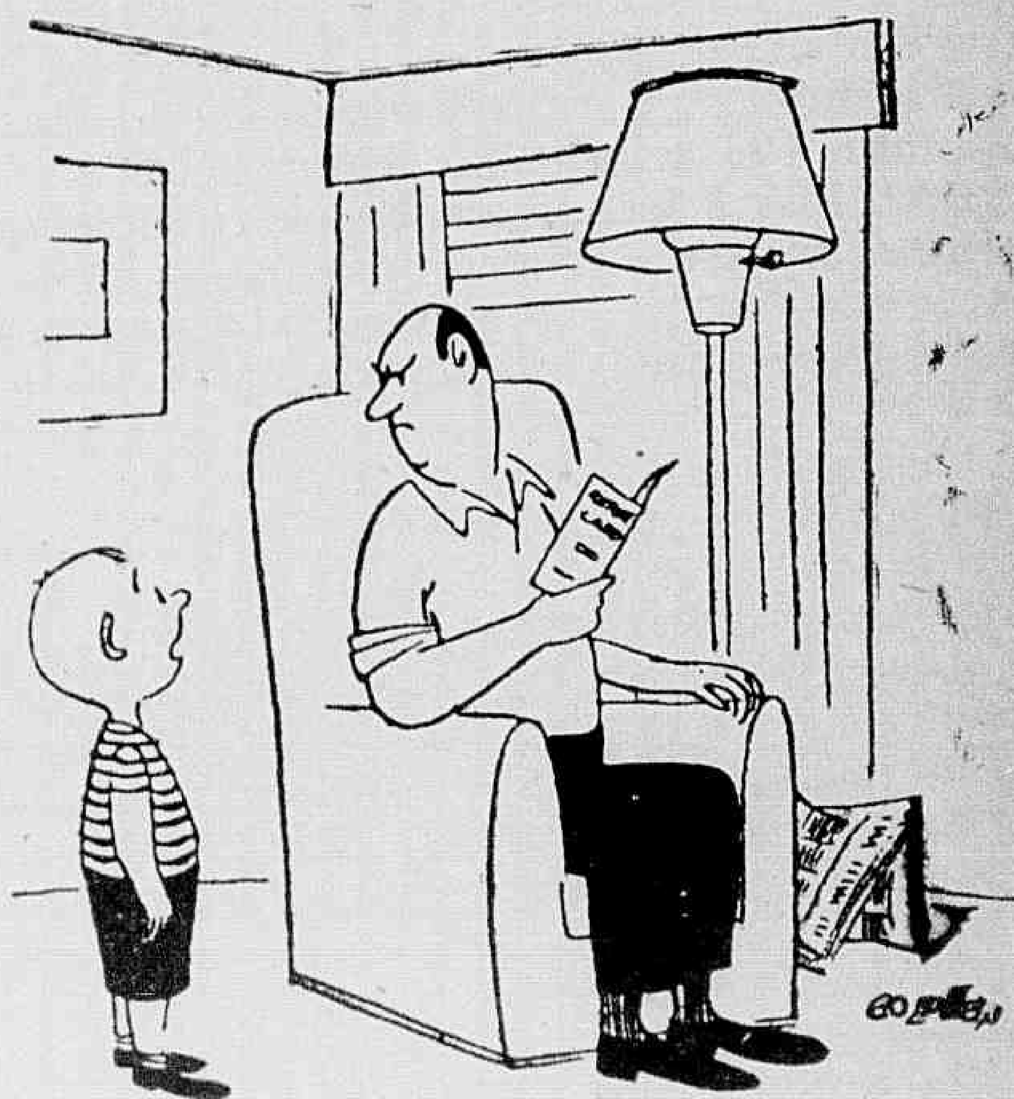
Mas, nesse instante, Manderton recomeçou a interrogar Rodney.

— Em que condições o Sr. Swete vivia aqui? Creio que não era casado?

— Não.

— Não havia criados na casa?

— Não... Roberts, seu mordomo, dorme fora. Retirava-se à tarde, tão logo o Sr. Swete se vestia para o jantar, pois



— *Talvez você possa comprar para mim um dêsses cérebros mecânicos,* ***Papai***...

quase sempre jantava na cidade. Quando, por acaso, ficava em casa, Roberts servia a mesa, antes de sair.

— Disse o senhor que o morto estava com o pé luxado ou coisa parecida? Neste caso, deve ter jantado aqui mesmo?

— Provàvelmente, sim.

O inspetor sondou com um olhar penetrante todos os rostos que o cercavam.

— Pode dizer onde se encontra êsse Roberts?

— Do outro lado de Oxford Street, inspetor — respondeu Giles, que até então não cessara de rondar o grupo formado pelos policiais. — Mandei um agente chamá-lo.

— Vejá se êle não estará lá embaixo, e diga ao guarda que se encontra à porta, que o faça subir logo que apareça. Preciso dêsse homem!

Enquanto o *chauffeur* se afastava, o olhar sombrio do inspetor, sempre ameaçador, caíu bruscamente sôbre o médico.

— Sabe alguma coisa dêsse Roberts, doutor?

Rodney, não se contendo, intrometeu-se para dizer:

— Perdão! Deixem Roberts tranqüilo! E' homem de tôda confiança. Está a serviço de Barry Swete desde que êste veio ocupar o apartamento.

— Quer dizer..?

— Vejamos... Desde o seu primeiro retôrno da América... Há uns dois anos.

O inspetor pigarreou prolongadamente.

— Meus senhores — disse êle, dirigindo-se ao mesmo tempo a Pargetter e a Rodney — desejo que me contem alguma coisa sôbre o morto... alguma coisa que julguem poder explicar o seu assassinato!

— Por mim — disse Rodney — só posso imaginar que algum malfeitor...

— Tolice! — declarou Manderton sem qualquer cerimônia — Êste caso é de ordem íntima... As aparências não devem importar. Por hábito, ao entrar aqui, lancei um olhar à fechadura. Não fôra tocada, embora tivesse cedido quando a porta foi arrombada pelo senhor e o *chauffeur*. Não! Quem cometeu o crime foi aqui introduzido pelo defunto, ou por seu criado, a menos que tenha usado uma segunda chave. Sabe informar, Sr. Rodney, se além do Sr. Swete, alguém mais tinha chave dêste apartamento?

— Creio que Roberts devia ter uma chave.

— E ninguém mais? Ninguém... de Frant House, por exemplo?

— Não. Quanto a isto, tenho tôda a certeza.

Manderton, com as mãos na cintura, voltou a percorrer a sala com um olhar penetrante.

— O Sr. Swete guardava aqui objetos preciosos?

— Apenas os que o senhor vê. Esta tela de Goya, por exemplo...

— Refiro-me a jóias ou coisa parecida... Não era um colecionador?

— Um especialista em questões de arte, apenas. Participava da administração das "Galerias Goya", de Regent Street. Os colecionadores o consultavam sempre que pretendiam efetuar uma compra.

— Dificuldades financeiras?

— Não. Pelo menos que eu soubesse. Sempre me pareceu viver folgadamente.

— Há até um fato curioso — disse Pargetter. — Swete gostava de trazer, na carteira, muito dinheiro.

— Realmente — disse Rodney. — Um dia em que gracejávamos com êle, a êsse propósito, explicou que gostava de saber que estava preparado para qualquer emergência. Podia acontecer jantar inesperadamente com amigos...

— Disse isso também por gracejo, sem dúvida?

— Talvez...

A êsse tempo o técnico em impressões digitais se atarefa sôbre a escrivaninha, ramexendo frascos e escôvas. Aline o observava com ar curioso. Repentinamente, passos apressados fizeram tremer a escada e pouco depois um homem alto e forte surgiu como um turbilhão, tendo o olhar esgazeado, a camisa aberta no peito, os cabelos revoltos, e a bôca aberta, arquejante. Aline mal pôde reconhecer no recém-chegado o cerimonioso e irrepreensível Roberts. As mãos do mordomo tremiam, e uma torrente de sons inarticulados saíam de sua garganta.

— Não é possível... Não... Aqui estou, depois de vir correndo de muito mais longe que de Baker Street... Nunca houve melhor patrão... Oh! Nunca! Não sei como não morri, quando Joe Green me avisou... O patrão! Tão alegre, ontem ainda, enquanto o servia...

Manderton interrompeu, com a sua maneira habitual, êsse tumulto verbal.

— Venha cá, você! — ordenou êle, com voz fria e cortante — Você é o criado do Sr. Swete, presumo? Agora, chega de lamúrias! Trate de responder ao que vou perguntar. Quando viu, pela última vez, o seu patrão vivo?

O infortunado Roberts ficou como um homem repentinamente apanhado no fogo de barragem de uma metralhadora. As perguntas começaram a chover sôbre êle. Tôda tentativa de digressão se quebrava contra um implacável chamado à ordem. Em menos de um minuto Manderton soube tudo quanto desejava. O Sr. Swete havia jantado às sete horas e meia, uma asa de frango e uma salada, regada com meia garrafa de *hochheim*. Roberts tinha deixado a casa às oito horas e dez, depois de retirar a mesa, guardar a louça e colocar sôbre a mesa, o *whisky* e o sifão de soda. O Sr. Swete manifestara a intenção de

passar a noite lendo. Não dissera estar esperando qualquer visita. A porta da rua permanecera aberta: sempre ficava aberta, quando o Sr. Swete não saía. Êle próprio a fechava, antes de ir para a cama. Na véspera, à noite, não tendo recebido qualquer ordem especial a êsse respeito, Roberts havia deixado a porta aberta, como de costume...

Terminado o interrogatório de Roberts, o Dr. Pargetter caminhou para junto do inspetor, de relógio em punho e, num tom francamente colérico, declarou:

— Já passa muito de uma hora da manhã e tenho uma consulta inadiável marcada para as oito e meia da manhã. Se não precisa mais de mim...

Manderton não pareceu ouvi-lo. Depois de deixar Roberts plantado no meio da sala, como uma estátua, afastou-se do mordomo. Seu ar de preocupação o deixava isolado, no centro de um círculo de deferência e de silêncio. Diante da lareira, junto do lugar em que se encontrava Aline, deteve-se, fitou o fogo crepitante, passou um dedo sôbre o bordo da chaminé, fêz uma ligeira careta para si próprio, diante do espelho, e começou a examinar a ponta do próprio dedo com uma minúcia aborrecida. A seguir, aproximou-se da mesa e, com o corpo bem direito, curvou ligeiramente a cabeça, a fim de examinar o fundo dos copos, o livro, o cinzeiro e o resto. Ia de uma coisa para outra, metòdicamente, como um homem encarregado de um inventário. Finalmente, dirigiu-se para a escrivaninha e passou as mãos, sem uma finalidade aparente, sôbre os restos que enchiam o grande cinzeiro de mármore.

Nessa sua viagem chegou bem junto de Rodney e então pareceu despertar.

— Vamos ver, um instante, essas janelas que abrem para o telhado do *court* de tênis?

E a Roberts:

"— Venha você também! Você mostrará os aposentos inferiores...

Os três homens passaram pelo quarto de dormir, depois pela sala de jantar e, finalmente, desceram. Logo que Manderton desapareceu, os dois detectives que haviam acompanhado o chefe, relaxaram um pouco sua atitude e cochicharam entre si. O médico, zangadíssimo e mudo, fitava as gravuras penduradas nas paredes.

Aline sentiu, repentinamente, uma fadiga mortal. As emoções da noite a haviam alquebrado. Deixou-se cair sentada sôbre o divã e comprimiu sôbre os lábios, o lencinho de rendas que tinha na mão. Um ligeiro perfume exótico subiu para as suas narinas. Afastou ligeiramente a mão, fitando muito surpreendida o lenço. Em seguida, introduzindo dois dedos no próprio corpinho, dêle tirou um segundo lenço. Tornou a examinar o primeiro, desdobrando-o sôbre os joelhos, lentamente, como se lhe repugnasse reconhecer as iniciais que esperava ver num dos cantos. Essas iniciais, ela própria escolhera o desenho, em Paris, durante a sua recente visita à capital francesa, quando encomendara à *Grande Maison de Blanc* uma dúzia dêsses lenços para oferecer a Gerry. E ali, num canto do vaporoso tecido, havia o monograma de G. R., trabalho admirável de alguma fada da agulha. Aproximando o lenço dos lábios, sentia, francamente, o perfume especial de Gerry, composição sutil e rara: âmbar, essência de rosas e sândalo.

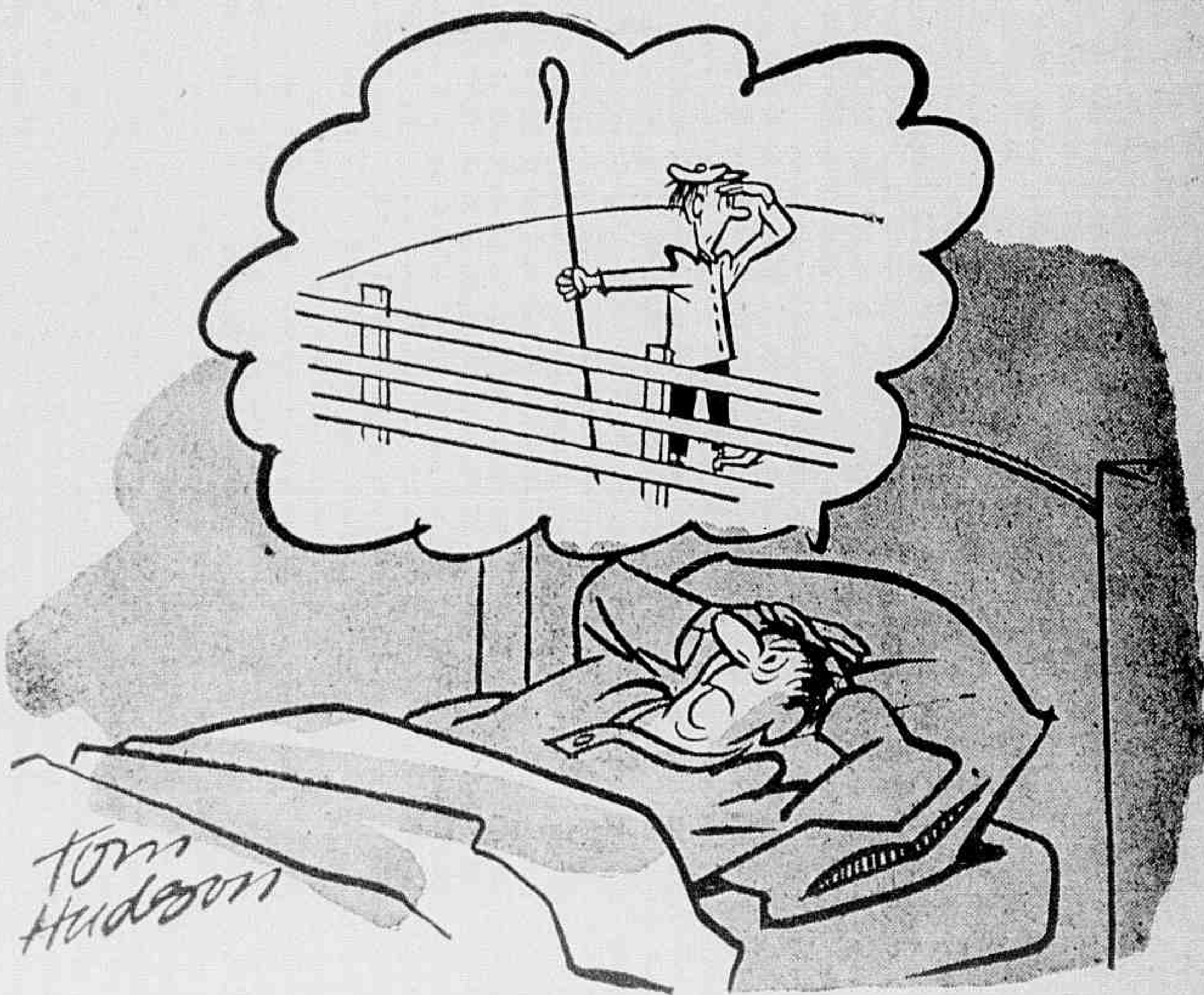
Sua fronte se enrugou, enquanto recordava haver apanhado o lenço diante da lareira, julgando que fôsse o seu. Porém êste não fôra ainda retirado do decote.

Vozes se fizeram ouvir na escada interior. Precipitadamente, ela escondeu, no decote, o segundo lenço, após o primeiro. Rod reapareceu. Ela ia poder voltar com êle a Frant House!

CAPÍTULO VII

Gerry informada do drama

O automóvel os levou de volta. O curto trajeto foi feito em completo silêncio. Sentado ao lado de Aline, Rodney deixava vagar tristemente seu olhar pelas ruas es-



curas e vazias. Aline perguntava a si mesma se êle se arrependia da prova de simpatia que lhe havia dado pouco antes. Mas não se atormentou muito com êsse pensamento. Pensava, principalmente, em Gerry.

Como fôra parar o lenço de Geraldine Rossway no apartamento de Barry Swete? Significava que Gerry tinha ido procurá-lo, ao sair da Ópera? Neste caso, Gerry não pudera chegar à residência de Barry antes das onze e meia; não subiria ao apartamento sem sentar um instante, para conversar. Ora, à meia noite e trinta, segundo tôda a aparência, Barry já estava morto... *desde algum tempo antes*. Aline sentiu um arrepio de mêdo. Mas logo reagiu. O caso não podia interessar a mais ninguém senão à própria Gerry. Não trairia a sua excelente amiga. Falaria com ela imediatamente, antes de que fôssem feitas certas perguntas embaraçosas. Saberia esgueirar-se, sem ser vista, até o quarto dela.

Em Frant House, Rodney despediu o veículo. Adivinharia, nesse instante, os pensamentes de Aline? Disse, porém, introduzindo a chave na fechadura.

— Se Gerry ainda não tiver regressado, vou esperá-la para a informar do que ocorreu. Você, Aline, deve estar muito fatigada e, no seu lugar, eu iria diretamente para a cama.

— Se você consentir, eu mesma falarei com Gerry! — disse ela corajosamente. Talvez, dito por mim, o caso venha a ser menos terrível. Pois de qualquer forma o golpe será muito forte, Rod! Barry era um dos seus melhores amigos.

— Barry também era muito amigo de meu pai — replicou Rodney irritado. — E de minha mãe também!

Abriu a porta em tôda a sua largura:

— Vá, Aline. Vá repousar. Eu tratarei de dizer a Gerry.

Ligeira claridade reinava no vestíbulo. Acesa estava apenas a grande lanterna de cobre, no térreo. O gabinete de Sir Charles, até onde Rodney foi, apenas para ver se havia alguém, estava negro.

— Chass deve estar deitado — disse êle.

— Tanto melhor. Haverá muito tempo, amanhã, para êle ser informado.

Atirou o chapéu sôbre uma cadeira e, depois, com gesto distraído, desmanchou o próprio penteado, introduzindo os dedos entre os cabelos louros e levemente ondulados.

— Você está melhor, agora? — perguntou então, fitando Aline — Não aceitaria um pouco de *brandy*?

— Não, obrigada.

— Então, boa noite!

Ela se apoderou bruscamente da mão que êle estendia num gesto de despedida.

— Ouça! — disse ela.

Um "taxi" acabava de parar diante da casa. Houve um ruído de chaves lutando contra a fechadura. Gerry entrou pouco depois, fechando a porta suavemente. A claridade da lâmpada arrancava brilhos estranhos de sua cabeleira côr de ouro velho. O longo vestido verde, *pailleté*, cintilava sob o manto negro. No momento em que se voltou, o seu rosto surgiu em plena luz, mostrando rugas de fadiga nos cantos dos olhos. Animou-se imediatamente quando viu Aline e Rodney no vestíbulo.

— Olá! Você foi muito gentil, Aline! — disse ela num tom de censura — Contava absolutamente com você, na embaixada... Estêve ótima a festa! Uma verdadeira multidão! Todo o universo conhecido...

Acendeu um cigarro, antes de prosseguir:

"— Telefonei para o fotógrafo. Você já tinha sido atendida e se retirara. Que fêz, depois?

Só então pareceu perceber, pela atitude de Aline e Rodney, que alguma coisa acontecera. Alguma coisa ao mesmo tempo dolorosa e trágica. Por sua vez, empalideceu, olhando alternadamente para Rod e para Aline, como se quisesse adivinhar.

— Vocês dois... Vocês estão... Que aconteceu?

Foi Aline quem respondeu; e sua voz tinha qualquer coisa de rude:

— Fui à casa de Barry... para que êle visse o meu vestido. Você ficou de ir comigo... Ou já esqueceu? Combinamos, esta manhã...

— Sim? Pois creia que não tenho a menor idéia... Quando você estêve em casa de Barry?

Ao falar, lançava para Aline um olhar acerado como a sua voz, ao acrescentar:

"— Não creio que você tenha estado lá essas duas horas...

Aterrorizada à idéia da difícil revelação que tinha a fazer, Aline tossiu, incapaz de encontrar as palavras. Rodney, mais uma vez, foi em seu socorro:

— Barry foi vítima de um acidente — disse êle.

— Um acidente? — repetiu nervosamente Gerry — Ah! Tem razão... A torção do pé? — concluiu ela, rindo.

Porém Rodney prosseguia, agora com voz mais lenta e mesmo mais enternecida:

— Gerry... Barry morreu!

Ela fitou o seu cunhado, como quem não tivesse compreendido. Depois seu olhar procurou Aline e logo sua voz se precipitou:

— Barry... quê? — perguntou ela num grito quase selvagem.

— Barry está morto — repetiu Rodney. — Com um tiro de pistola. A polícia está no local.

Num gesto quase automático, os dedos de Gerry, de unhas esmaltadas, deixaram cair o cigarro sôbre o mármore do *console*, onde estava a sua bôlsa. Uma expressão de horror desceu como uma cortina sôbre o seu rosto, paralisando os seus

olhos, amolecendo os seus lábios. Houve um instante de silêncio total, durante o qual o tic-tac do velho pêndulo marcou as frações de segundos. Os olhos de Gerry estavam brilhantes e seu olhar parecia pesar sôbre Rodney; porém êste sabia que a cunhada não o estava vendo. Olhava como que através dêle próprio, e para muito longe.

— Morto com um tiro de pistola — repetiu, afinal — Como foi que . . .? Quem foi que . . .?

E sua voz expirou.

— Você sabe . . . Eu ia subir, para mostrar o meu vestido — disse Aline. — Não pude entrar . . . e tornei a descer. E foi então que encontrei Rod. E havia . . . Ah! Gerry, foi terrível! Havia sangue em tôda a escada! Giles e Rod arrombaram a porta.

Deteve-se, então, arquejante, respirou profundamente e finalmente acrescentou:

"— Atrás da porta, Barry estava morto!

Gerry parecia pregada ao chão. Sob o *rouge*, suas faces tinham a brancura frágil da porcelana. Uma das mãos comprimia o peito, à altura do coração.

— Que . . . que aconteceu com êle? — balbuciou.

— Uma bala varou-lhe o pescoço — respondeu Rodney. — Segundo o Dr. Pargetter, a morte deve ter sido fulminante.

Ela passeou o olhar por todo o vestíbulo, com expressão de horror.

— Deve ter sido acidente . . . não é mesmo?

— Foi o que pensamos a princípio.

— Então . . . acreditam, agora, que não tenha sido acidente?

Um súbito tremor a abalou inteiramente. Fechou os olhos e perguntou com voz fraca:

— Sabem . . . sabem, ao menos, por que . . . por que êle fêz isso?

A pergunta pareceu aumentar o desassosêgo de Rodney.

— Se você está pensando que foi suicídio . . . Não. Não foi isso!

No fundo dos belos olhos verdes surgiu o mêdo, o mêdo intenso, indomável.

— Então . . . Que outra coisa poderia ser?

— Assassinato!

Ela jogou a cabeça para trás, num riso louco:

— Isso é absurdo! Rod . . . Aline . . . Vocês podem acreditar numa tolice tamanha?

Rodney se aproximou da cunhada, pousando uma das mãos no seu ombro direito:

— Procure ter calma, Gerry. E paremos aqui, esta noite. Aline a reconduzirá para o seu quarto.

Com gesto incerto ela procurou o cigarro.

— Não . . . Quero saber tudo, Rod! Por que você diz que foi assassinado?

— Porque não pode ter sido suicídio. Explicarei melhor amanhã.

— Não! Quero que explique agora mesmo. Por favor, Rod . . .

Rodney curvou a cabeça, resignado.

— Pois seja — disse êle. — Tudo, aliás, pode ser dito em poucas palavras. Barry, tinha uma pistola entre os dedos da mão direita. Mas a arma não estava descarregada! Entendeu? Tinha tôdas as balas intactas. A polícia está agindo.

— A que horas isso aconteceu?

— Não é possível dizer com exatidão. Deve ter sido bem tarde . . . aparentemente.

— A que horas vocês encontraram o corpo?

— Mais ou menos meia noite e trinta . . .

— A polícia, é claro, deve ter uma idéia quanto ao autor do crime?

E o olhar de Gerry pousou sôbre Rodney, assim permanecendo.

— Se tem opinião formada sôbre êsse detalhe, como posso saber? — respondeu êle com impaciência. — Tudo o que posso dizer é que, no instante em que Aline tocou a campainha da porta de Barry, havia alguém no interior do apartamento e êsse alguém logo tratou de apagar a luz!

— Então, se bem compreendo, havia alguém no apartamento, quando Barry já estava morto? Mas . . . quem, Rod? Quem? Não há sequer uma desconfiança?

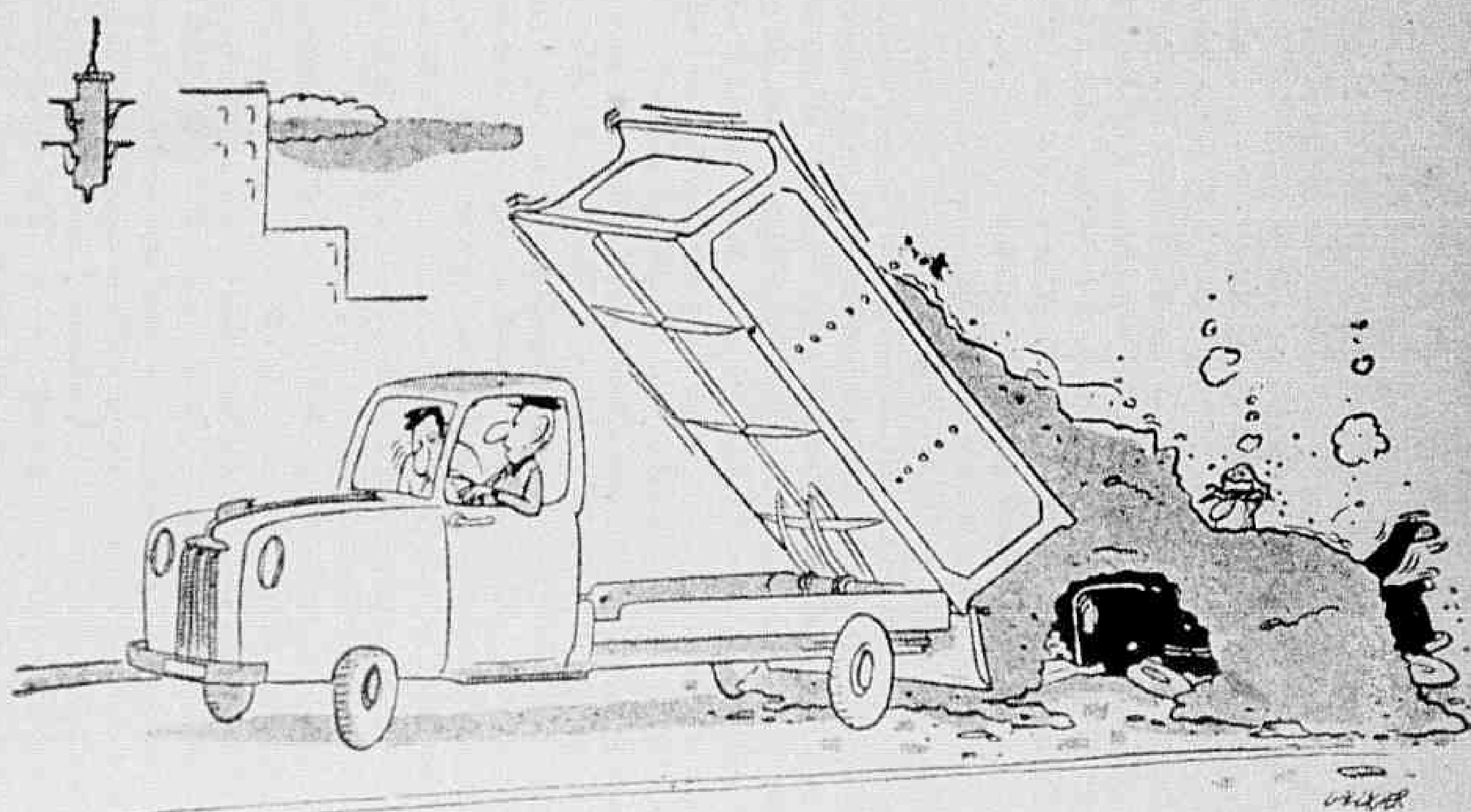
Rodney abriu a bôca para responder, porém Aline falou antes dêle.

— E' isso, justamente, o que a polícia procura conhecer, querida. E por hoje é só. Para saber mais, teremos que esperar até amanhã. Não me surpreenderei se, daqui até lá, o criminoso já estiver prêso! Procurei informar os sinais dêle tanto quanto foi possível . . .

Gerry se voltou para ela.

— Um homem, hein? Você chegou a ver o assassino?

— Sim . . . Um homem, com um boné. Foi o único detalhe que me impressionou.



— *Não. Êsse não é o botão do acendedor de cigarro . . .*

Saiu da casa correndo, enquanto Rod cuidava de mim, pois eu perdera os sentidos por alguns instantes. Agora, querida, vou levá-la para o quarto.

Aline passou um braço em redor da cintura de sua amiga.

"— Venha, venha comigo...

Finalmente, Gerry fêz um movimento. Porém seu rosto parecia de pedra. Apanhou a bôlsa sôbre o *console*, depois, passando como uma cega diante de Aline, alcançou a escada, cujos degraus começou a subir lentamente.

Os olhos de Aline se encheram de lágrimas.

— Ah! — murmurou ela, voltando-se para Rodney — Chego a sentir mêdo, vendo Gerry nesse estado. Se ao menos ela pudesse chorar! Que podemos fazer?

Rodney respondeu com alguma impaciência:

— O melhor, por enquanto, é deixá-la só. Mas você poderia, antes de deitar, procurar acalmá-la um pouco.

— Farei isso, sim.

E depois de uma pausa:

— "Mas como sou idiota! Nem agradeci o que você fêz por mim perante a polícia. Foi muito generoso, procurando me proteger...

Êle a fitou com ar grave, antes de responder:

— Você está em nossa casa e eu não poderia faltar ao meu dever. Além disso, pensei também nos meus, que ficariam acabrunhadíssimos, caso você se visse implicada em uma tal história. E não há nada neste mundo que eu não faça para poupar a êles qualquer aborrecimento.

As suas palavras soavam de maneira estranha. Aline teve que lutar para não aceitar a idéia de que Rod fôra descortês. Respirou profundamente, despedindo-se:

— Boa noite, Rod.

E retirou-se.

Antes de passar pelo quarto de Gerry, que ficava fronteiro ao seu, decidiu preparar-se para dormir. Estava em pijama, no quarto, quando, repentinamente sentiu uma outra presença. Era Gerry. Estava assustadoramente pálida.

Aline correu para sua amiga. Não havia no quarto outra luz além da que entrava pela janela aberta. Gerry se mantinha de pé, junto do leito e, no seu quimono de sêda branca, evocava um dêsses fantasmas que povoam as histórias dos mais antigos castelos inglêses. No rosto não trazia o mais leve traço de *make-up* e por isso suas faces tinham êsse tom do marfim que lhe dava uma fisionomia quase etéria. Seus olhos estavam secos e sua atitude era de imobilidade.

— Não se aborrece de conversar comigo?

Antes de tudo, exigiu que Aline se deitasse. Então, simplesmente sentada no leito, prosseguiu:

"— E' bem tarde, para eu vir atormentar você... Mas gostaria de saber...

Deteve-se, torcendo os dedos.

"— Queria que você contasse tudo, sem omitir o menor detalhe do drama desta noite. Não me acuse de crueldade, nem de dureza de coração, por favor, Aline. Barry...

Deteve-se mais uma vez, para reunir suas idéias. Aline sabia que na realidade era para ganhar coragem.

"— Barry está morto e... seria vão fazer sentimentalismo sôbre o fato. Conte-me o que aconteceu... como se tivesse acontecido com outro... com um desconhecido!

Tentou sorrir, sem o conseguir.

"— Minha pobre Aline... Que noite terrível você teve! Não estarei agora impondo a você um esfôrço superior e penoso?

— Não, Gerry — disse Aline com simplicidade, sentando-se na cama. — Tenho mesmo que restituir uma coisa a você...

E procurando dar à voz um tom muito natural, concluiu:

"— Estava lá, sôbre uma mesinha... E' um dos lenços que eu trouxe para você, de Paris. Estava em casa de Barry, caído junto da lareira. Ninguém viu quando o apanhei... e a ninguém contei...

Uf! Estava dito!

Viu sua amiga receber o lenço, caminhar até próximo da janela, para ver melhor e depois voltar, sempre com o lenço na mão, sem aparentar qualquer angústia, dizendo com voz calma:

— Obrigada, Aline.

E voltou a sentar no leito.

Muda, o rosto contraído, porém sem lágrimas, o olhar parado, vigilante, mas indecifrável, ouviu de princípio a fim, a narração de Aline. Tal era o seu silêncio, que Aline suspeitou de que sua amiga se mantinha muda, com o receio de dizer qualquer coisa inconveniente e mesmo irreparável para a sua própria situação. Terminada a descrição do drama, Gerry teria saído sem uma palavra, se Aline não a puxasse por um braço.

— Oh, querida! — murmurou a norte-americana — lamento o que aconteceu... Sei que entre você e Barry a amizade era muito grande...

As mãos de Gerry pousaram sôbre os ombros de Aline, onde as unhas se cravaram num gesto de desespêro. Depois, com voz chorosa, confessou:

— Com êle tudo era mais fácil para mim... porque êle me compreendia. Sempre ia trocar idéias com êle, quando a atmosfera desta casa...

Esboçou um gesto que se perdeu na escuridão do quarto.

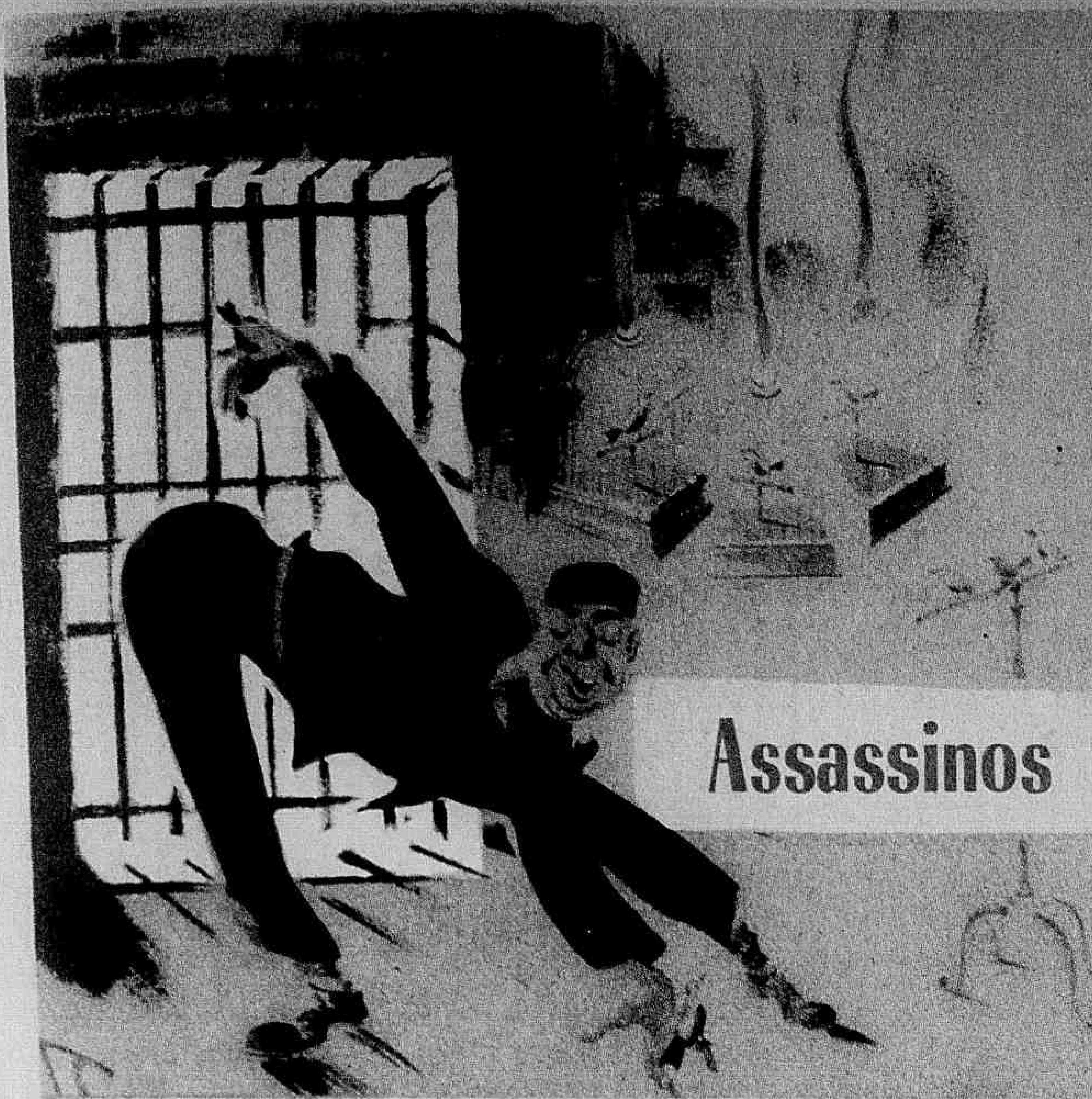
— ...era insuportável para os meus nervos. Agora, com êle morto, vou sentir maior isolamento...

(Continua no próximo número)



JESUS E JOÃO BATISTA MENINOS — Bartolomeu Estêvão Murilo (1619-1682) Museu do Prado — Madrid

A maneira como Murilo acentua sempre, em suas obras, a inocência; a amabilidade, a suavidade e a doçura, nos faz compreender a complacência com que escolhia os meninos para seus quadros, porque nêles podia expressar melhor tôdas essas qualidades e sentimentos. Por isso o vemos reproduzir tantas cenas populares, cujos atores são meninos vivazes, pequeninos vagabundos, que, com alegria infantil, realizam suas pequenas travessuras, geralmente inocentes. Murilo pintou a maior parte dêstes quadros antes mesmo que as grandes composições religiosas enchessem as suas telas e enaltecessem a sua obra. Entre os quadros da idade madura do Mestre, há uma série que representa os meninos santos, principalmente o "Divino Pastor" e o jovem João Batista, e não é possível negar que o artista dedicava o maior cuidado a estas figuras infantis. Mais de uma vez Murilo representou, num mesmo quadro, os dois santos meninos já mencionados, porém nunca com tal perfeição como na obra prima do Museu do Prado, chamada e popularizada com o nome de "Los Niños de la concha", aludindo à que o menino Jesus utiliza para dar de beber a João Batista. Um crítico fixou como data desta obra o ano 1670. Essa data é apenas admissível; sem indicar ano, apenas podemos assegurar que o quadro pertence ao último período do Mestre, ao chamado "estilo vaporoso", da voluptuosidade da côr e das doces harmonias. Os tons frios, do período médio, desapareceram e um tom dourado o envolve todo num conjunto perfeito. A personalidade do artista se acusa neste quadro mais que em tôdas as suas produções anteriores. Esta maneira de conceber e de simbolizar os mistérios da religião é patrimônio próprio, único e exclusivo de Murilo. "Los Niños de la concha" foi adquirido por Felipe V e sua espôsa, Isabel de Farnesio, em 1729, em Sevilha, indo parar, mais tarde, no Museu, depois de ter sido, durante muito tempo, gala e ornato da coleção particular dos reis.



Assassinos de coração mole

Por

JOSEPH F. FISHMAN

DENTRE tudo o que aprendi a respeito dos criminosos profissionais, o fato que mais me afetou, enquanto fui inspetor de prisões federais, e com o qual, até esta data, tenho dificuldade em me acostomar, é a variedade das contradições verdadeiramente espantosas apresentadas pelos caracteres dêsses indivíduos. Extremamente selvagens e brutais, em certas ocasiões, podem, no entanto, tornar-se infinitamente bondosos e brandos, noutras oportunidades. Tive inúmeros exemplos dêsses procedimentos, durante grande parte de minha vida.

Recordo, por exemplo, o caso do sentenciado apelidado, pelos companheiros, "George Porcalhão", em razão do trabalho que lhe coubera no presídio. Era um homem de seus sessenta anos; cumpria pena na Penitenciária da Ilha McNeil, e conquistara a confiança do Diretor, que o colocara na seção de criação dos suínos, destinados às refeições dos detentos. O homem dedicava grande afeição ao seu trabalho e aos próprios porcos, batizando-os com nomes históricos, tais como, Alexandre, Napoleão, Rainha de Sabá. "George Porcalhão" tratava os porcos sob sua responsabilidade, como se trata um cão de estimação. Fazia-lhes carícias, e tinha ainda maior cuidado com os recém-nascidos. Quando um dos bacorinhos adoecia, o detento se mostrava nervoso, cheio de apreensões, que se extinguiam quando o suíno voltava ao seu estado normal de saúde.

Quando chegava o dia da matança dos porcos, levava os animais para o matadouro, como se êle mesmo fôsse ser sacrificado; chorava lágrimas comovedoras, implorando que a "sentença de morte" de, pelo menos, dois ou três de seus mais adorados porquinhos, fôsse "comutada" até o ano seguinte. O homem era capaz de apresentar tôda sorte de argumentos, a fim de defender "seus pobres bichinhos", e tão paulificante se tornava com a sua choradeira, que o Diretor Halligan era obrigado a mandar trancá-lo em seu cubículo, até que os suínos houvessem sido transformados em costeletas e *bacon*. E' inacreditável que um homem, demonstrando tantas características de bondade e afeição pelos irracionais, houvesse esquartejado um casal, com uma faca, e estivesse a ponto de fazer o mesmo com outra mulher — quando foi capturado. Foi sentenciado à prisão perpétua e, na penitenciária, dava demonstrações de brandura, por assim dizer, *latentes*, na "fera" que êle realmente era.

Outro dêsses "bondosos" cidadãos foi Robert Stroud, o qual, durante o tempo em que estêve prêso na Penitenciária de Leavenworth, obteve permissão para criar canários, numa enorme célula a êle destinada por aquela instituição penal.

Era divertido ver aquêle homenzarrão, meio desajeitado, a dobrar o corpo e segurar, gentilmente, com as mão enormes, os seus passarinhos, ajeitando suas penas com carinho, tomando notas de seus cruzamentos, e estudando suas aparentes predileções e aversões. O sentenciado se dedicou a fazer experiências interessantes com aquêles pássaros, e procurava criá-los confortàvelmente, catando diàriamente os piolhos que se introduziam entre suas penas. Quando um dos canários morria, por doença ou velhice, o homem ficava triste durante vários dias, não querendo comer, às vêzes.

No entanto, êle não demonstrou tristeza, quando assassinou, friamente, um desafeto, no Alasca, crime pelo qual foi condenado a prisão perpétua. Nem tampouco

pensava em qualquer ato de bondade, quando, aproveitando-se da confiança demonstrada pelo Diretor da Penitenciária da Ilha McNeil, destacando-o para auxiliar o médico da prisão, tentou subtrair certa quantidade de veneno, a fim de adicioná-lo ao café dos guardas e encarregados daquele estabelecimento de punição, para o qual fôra inicialmente enviado. Por coincidência, eu estava efetuando uma inspeção nessa penitenciária, na ocasião, e fui um dos elementos visados por êsse hediondo plano de envenenamento coletivo.

Da mesma forma, êsse amante dos pássaros não derramou uma só lágrima, quando, no vasto salão de refeições da Prisão de Leavenworth, levantou a mão, pedindo permissão para deixar o recinto; isto obtido, saíu a caminhar, despreocupadamente, por uma das alas do presídio, sacou um estilete de dentro da manga, cravando-o no coração de um guarda que êle pensava (errôneamente, como mais tarde foi verificado) ter sido quem o denunciara por infringir uma das corriqueiras regras disciplinares da prisão.

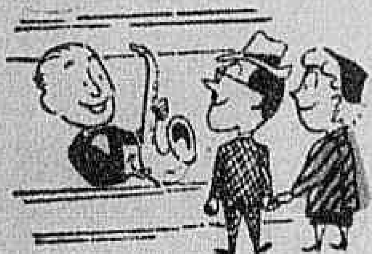
Homens estranhos? "Excêntricos"? Não. Tenho visto centenas dêsses assassinos de "coração mole", espalhados pelas diversas penitenciárias dos Estados Unidos. O poeta Byron estava bem orientado a respeito dessa faceta do caráter criminal, ao descrever um criminoso dêsse tipo brando e afetuoso como "o homem de maneiras suaves, que é sempre capaz de pôr a pique um navio, ou de cortar uma garganta".

Êles têm degolado muita gente e, simbòlicamente falando, têm afundado muitos navios, desde o tempo de Byron.



SEUS PROBLEMASRESOLVA OS

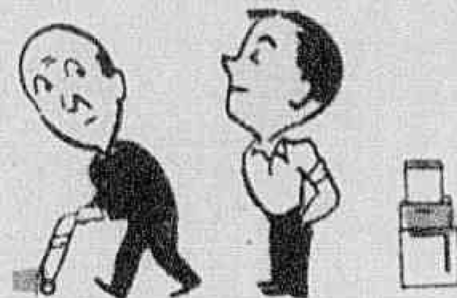
O novo diretor do pessoal de uma de nossas lojas de departamentos andava bastante preocupado. Desde o mais humilde dos empregados, até os chefes de seção, ninguém sentia gôsto pelo gênero de trabalho a que estava destacado, e isto muito prejudicava a marcha dos negócios da firma. Um dia, finalmente, o diretor teve uma inspiração: pediu a cada um dos funcionários que lhe indicasse qual o seu passatempo favorito e qual o tipo de diversão preferido. Estudando as respostas à sua "enquête", iniciou uma série de transferências, que tiveram como resultado a colocação dos que preferiam a música, no departamento de música; a dos que gostavam de pescar, no departamento de pesca; a dos fãs de rádio, na seção de rádio e televisão; e assim por diante.



Como conseqüência natural, as vendas tiveram um aumento imediato, e o grande estabelecimento passou a contar com um pessoal contente e ansioso por atender os fregueses, procurando satisfazê-los nos mínimos detalhes de suas exigências.

— *Charles B. Dean*
Alhambra, Califórnia, E. U. A.

O novo caixeiro do armazém era um rapaz corpulento e simpático, porém cheio de aversão à idéia de ter que empurrar um carrinho pela rua, para levar os embrulhos ao correio, durante a noite. Aquilo, segundo êle declarou, ofendia a sua dignidade. De nada serviram as admoestações e advertências que lhe fizemos. Chegamos mesmo a aventar a hipótese de despedi-lo. Certa noite, em que o carrinho estava bem carregado, e o caixeiro se recusara a levar o mesmo até o correio, apareceu, repentinamente, o dono do armazém, interrompendo a discussão que se travava.



— Já está carregado o carrinho, para ser levado ao correio? — perguntou o chefe da casa.

Diante de nossa reposta afirmativa, segurou o carrinho e, para espanto do recalcitrante caixeiro, saíu a empurrar o mesmo pela rua, até o departamento dos correios. Com isso, acabaram as nossas dificuldades: hoje, o caixeiro do armazém não mais se recusa a efetuar uma tarefa que o próprio dono do estabelecimento fêz questão de executar, como exemplo.

— *T. G. Edgerton*
Addington, Inglaterra.



UM HOMEM SENSATO "Nuvem Vermelha" é um índio norte-americano que já teve quatro espôsas e trinta e nove filhos. Recentemente, separou-se de sua última espôsa, e resolveu viver sòzinho. Na sua idade — diz êle — já não tem mais necessidade da companhia do belo sexo.

"Nuvem Vermelha" tem 111 anos de idade.

OS MALUCOS ANDAM SOLTOS! — O Tribunal de Justiça de Oklahoma, EE. UU., decretou a interdição do Dr. R. D. Turner, por debilidade mental, e determinou seu internamento numa casa de saúde.

O Dr. Turner é um psiquiatra que, até sua interdição, agia como perito da justiça, nos casos de alegada debilidade mental...

VIDA DO CAMPO

APARELHO QUE REGISTRA O NÚMERO DE ABELHAS QUE ENTRAM E SAEM DA COLMEIA

A revista "Jamaica Scientific Instruments" descreve um aparelho muito engenhoso, que registra, de modo contínuo, o número de abelhas que entram e saem da colmeia. As abelhas, ao passar por uma armadilha, produzem nela um contato elétrico. A peça registradora consiste em um escape magnético que faz com que o cursor, que leva um número impresso, passe por cima do papel. A intervalos regulares, a posição do cursor permanece impressa e logo volta à sua posição zero. Êste registrador pode muito bem achar aplicação sempre que se deseje registrar continuamente a proporção dos impulsos.

AS ALGAS COMO FONTES DE POTÁSSIO

Na Nova Zelândia, as algas marinhas estão sendo estudadas agora, em tempo de guerra, como substitutos dos adubos potássicos. Em experiências realizadas pelo Departamento de Agricultura foi incluída a *Macrocystis pyrifera*, que é a única espécie que, provàvelmente, chegará a ser explorada na Nova Zelândia. Sêca e moída, deu resultados quase iguais aos obtidos com adubos comuns, sendo a sua quantidade equivalente a cêrca de 30% de sais de potássio. Esta espécie de alga marinha medra em grandes extensões da costa, e as porções flutuantes podem ser cortadas a uma profundidade de 1 a 2 metros, sem que a planta seja permanentemente prejudicada. Foram observados crescimentos médios anuais, variando de três e meio a quatorze metros e meio. O conteúdo de potássio das algas acabadas de recolher oscilou entre 23 33% de seu pêso. A produção total atual, na Nova Zelândia, é calculada em 5 000 toneladas de algas sêcas, que contêm 1 300 toneladas de cloreto de potássio.

COMO DETERMINAR A PRESENÇA DE GASES VENENOSOS NOS SILOS

Os gases venenosos podem fàcilmente acumular-se no fundo dos silos que não tenham sido enchidos completamente. Como medida de precaução, faça-se baixar uma vela acesa, uma lanterna ou uma galinha viva. Caso a luz se apague ou a galinha morra, introduza-se ar puro com um ventilador.

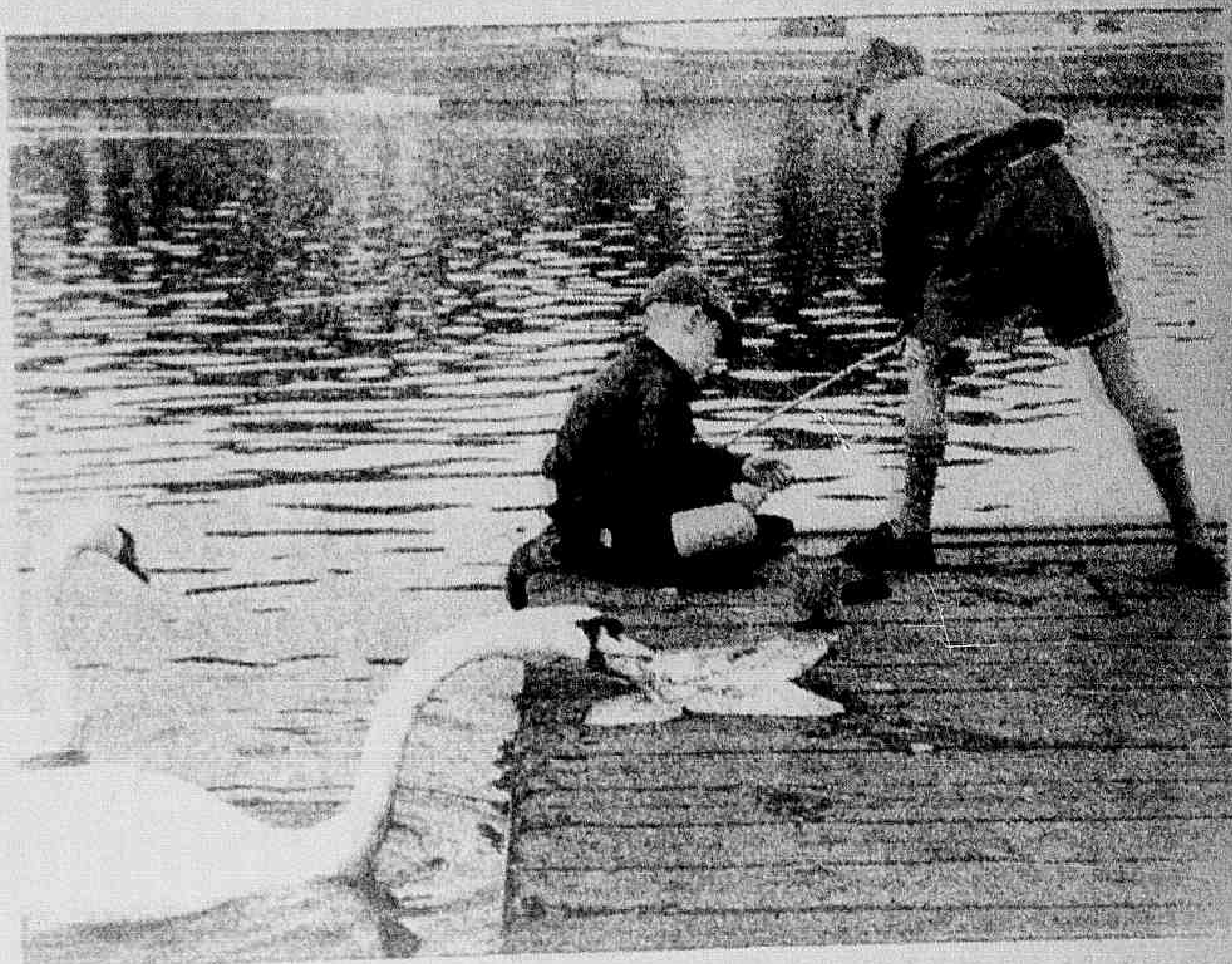
ERVAS NOCIVAS PARA OS PASTOS

Muitas são as plantas nocivas que podem se desenvolver nos pastos. Entre as que se mostram mais indesejáveis, podem-se mencionar a cebola brava e o alho porrô. Mas há muitas outras. E' preciso levar em conta que são muito poucas as plantas dêste tipo que podem ser comidas pelas vacas leiteiras sem que o sabor do leite seja prejudicado. Quando estas plantas estão presentes nas pastagens, as vacas se vêem forçadas a comê-las e o leite ordenhado das mesmas terá, sem dúvida, um sabor indesejável. Até mesmo o creme pode possuir um mau gôsto, que será eventualmente percebido na manteiga.

★ ★

PESCADORES ROUBADOS

O pescador não pode olhar ùnicamente para a água, a linha e a ponta do caniço. Deve olhar, também, para trás. Vejam êsses garotos, à beira do Tâmisa. Atentos ao que vai sôbre as águas, não viram a aproximação dêsse majestoso cisne branco... que, com fome assustadora, depois de devorar migalhas de pão e minhocas, procura tragar também o pano sôbre o qual as migalhas e minhocas estavam estendidas.





O atraente "tarzan" sorriu para Jôe, e seu sorriso era de escárneo. Beijando "respeitosamente" a mão de Alice, comentou: — "Sabia que não se importava se eu levasse sua espôsa para nadar, enquanto você "dava duro" no trabalho.

O produtor de filmes inclinou-se para trás, em sua cadeira de molas, passou a mão enorme pela bela gravata de sêda, que descia sôbre o peitilho da camisa, e, com a outra mão, entregou o manuscrito ao escritor.

— E' uma história, Joe. Curta, sucinta, com a trama bem urdida. Gosto dela. Mas... francamente, aquela cena da "caçada humana" me deixou preocupado e, até mesmo assustado. Um automóvel, correndo a mais de 100 quilômetros por hora, numa estrada coberta de gêlo, é desastre certo e redundando na morte de quem tentar tal façanha.

Joe, um rapaz magro, de feições um tanto delicadas, falou em resposta:

— Isto pode ser retirado do filme. E' êsse o único ponto da história, que não lhe agrada?

O produtor assentiu, com um movimento de cabeça, acrescentando, imediatamente:

— Mas acontece que a cena não pode ser retirada do "script"! Do modo como você conduziu o enrêdo, tôda a história

A Caçada

QUE FARIA O LEITOR SE UM HOMEM MUITO SIMPÁTICO, FORTE E ATRAENTE, PASSASSE A CORTEJAR SUA ESPÔSA? EIS UM MÉTODO DE REAÇÃO, IMPORTADO DIRETAMENTE DE HOLLYWOOD!

gira, justamente, em tôrno dessa perseguição, e...

— Por que não deixamos que os adaptadores se preocupem com o modo pelo qual conseguirão realizar a cena? — interrompeu Joe. — Afinal, êles conhecem o serviço!

— Sim, conhecem... — murmurou o outro, deixando perceber um leve tom de dúvida em sua voz.

Joe tornou a falar, devagar, mas com ansiedade:

— Escute; todos os filmes de ação têm uma cena dêsse tipo. Num filme pobre, os produtores utilizam a cena como um "enxêrto", para melhorar a qualidade da película; nos filmes bons, êsse tipo de cena faz parte da história. Temos aqui, mais uma vez, uma seqüência semelhante. Mas, agora, trata-se de coisa muito diferente, emocionante! Os espectadores ficarão em "suspense", vendo o automóvel escorregar pela estrada, de uma para outra margem, enquanto o motorista, sem ligar ao perigo, continua na carreira doida! E, de repente, aparece uma curva...

O jovem escritor se deteve para rir francamente.

"— Está vendo? Estou apenas *descrevendo* a cena, e o senhor já está sentado na beira da cadeira! Imagine a reação que teria, se estivesse assistindo à mesma cena, *projetada* numa tela! Isso é uma verdadeira bomba!

— Sim, sem sombra de dúvida! Mas, onde encontraremos um "trouxa" que concorde em dirigir o veículo?

— Muitos sujeitos o farão, se o senhor pagar o bastante. Fale com o tal de Del Benson, por exemplo. Sabe muito bem como êle é. Por maior que seja o perigo, o homem se candidata. Recorda aquela vez, em que êle atirou uma motocicleta contra a árvore... e quebrou três costelas?

— Sei que Del é capaz de fazer qualquer coisa. Mas, sentir-me-ia um pouco como *um assassino*, se mandasse um homem executar uma cena tão perigosa.

— Ora, ninguém obriga Del a fazer tais cenas! Êle gosta muito de enfrentar o perigo. Aliás, para ser um "doble", o sujeito tem que ter muito músculo e pouco miolo. Se idealizei esta cena, foi por julgar que o senhor quisesse algo diferente, desta vez! Algo *arrazador*, que mexesse com os nervos da platéia...

— De fato, quero mesmo! — respondeu o produtor, nervosamente, tornando a passar a mão pela gravata. Certamente que necessito de uma fita muito boa, que faça o escritório central da emprêsa elogiar os meus esforços. Não desejo produzir películas de segunda categoria, durante tôda a vida. Mas, isto... não sei se devo fazer.

— Está certo, está certo! Tornarei a escrever a cena; farei o automóvel correr por uma estrada comum, e a película não

será mais que "outra fita comum" — finalizou Joe, procurando dar um tom indiferente à própria voz.

Por alguns segundos, o produtor ficou a olhar para o escritor, em silêncio; em seguida, com um movimento de cabeça, falou:

— Mas eu quero um filme *realmente diferente!* E', está resolvido! Faremos esta película com a cena da estrada coberta de gêlo. Isto, naturalmente, se conseguirmos Del para dirigir o automóvel.

— Ora, não se preocupe quanto a isto! Del aceitará o papel! Pode ficar certo disso, pois o orgulho do homem não deixará que êle recue — disse Joe em tom firme, levantando-se e olhando para o relógio de pulso.

— Espero que sim. Eu, particularmente, não faria uma tal cena, *nem por quinhentos mil dólares.*

Joe concordou, respondendo:

— Sim, um sujeito tem que ser doido, para trabalhar como "double". Bem, agora tenho que ir encontrar minha espôsa. Conversaremos amanhã, para acertar a respeito do diretor e do pessoal técnico. Creio que o senhor deseja ver a fita em execução o mais ràpidamente possível, não é mesmo?

— Sim. Pretendo começar a filmagem dentro de duas semanas. E, obrigado, Joe, pela rapidez com que fêz o "script".

— Ora, isso não foi nada! — respondeu o rapaz, modestamente, enquanto caminhava para a porta.

★

Uma vez no corredor, Joe sentiu, repentinamente, uma fraqueza no corpo, e teve que se apoiar à parede, para não cair. Um suor frio lhe correu pelo peito, empapando a camisa. Com passo vacilante, caminhou até o *toilette* dos homens, onde pôs a cabeça sob a torneira, deixando que a água fria escorresse pelo seu rosto, a fim de equilibrar os nervos. Sentindo-se melhor, enxugou o rosto e, quando se preparava para deixar o compartimento, seu agente de publicidade, um homem alto e com um ar de espertalhão, entrou também no *toilette.* Ao vê-lo, falou, cheio de animação:

— Joe, meu caro! Estava a procurá-lo por tôda parte! Soube que você fará a adaptação da história para a tela! Isto dará um bom dinheiro e, assim, nós...

— Hoje não pode ser, Ed. — respondeu Joe, passando por êle. — Tenho um encontro com minha espôsa, agora.

— Mas, esta é a história mais importante que você já teve oportunidade de escrever e...

Joe se deteve por um instante, sorriu nervosamente, olhou para Ed, e sussurrou:

— Não há dúvida... Você está dizendo uma verdade!

E, tendo falado, afastou-se.

★

Fora do estúdio, Joe acendeu um cigarro e ficou a espera, enquanto os pássaros, em volta, cantavam alegremente, na bela tarde de sol. Logo depois, aparecia seu modesto automóvel, com uma linda criatura na direção. Joe atirou o cigarro fora, endireitou o laço da gravata e sorriu, pensando que Alice era a mulher mais bonita do mundo.

Quando o veículo se deteve diante dêle, o sorriso de Joe morreu em seus lábios, ao ver o bronzeado e simpático gigante, calmamente sentado ao lado de Alice. O homem estava de calção, com uma fina camisa esportiva, que deixava à mostra músculos poderosos; na cabeça, um boné de marinheiro, bem colocado sôbre a bela cabeleira loura.

Joe tornou a sorrir. Desta vez, porém, seu sorriso era forçado, enquanto pensava, um tanto desnorteado: "Por que o "double" não deixava Alice em paz? Mudava de "flirt" a tôda hora e, agora, a sua "prêsa" era Alice, a sua própria espôsa! Então, Del não *se enxergava?* Na verdade, o homem era bastante atraente e, afinal, Alice era apenas um botão que desabrochara há pouco. Portanto, Joe não podia culpá-la.

Alice falou com a desenvoltura das criaturas sem culpa:

— Alô, querido. Fui à praia. A água estava ótima!

O atraente "tarzan" sorriu para Joe, e seu sorriso era de zombaria. Beijando com gesto exageradamente "respeitoso" a mão de Alice, comentou:

— Sabia que não se importaria se eu levasse sua espôsa para nadar, enquanto você "dava duro" no trabalho... Como vai indo a história? Espero que tenha alguma cena para mim.

Quando entrou no automóvel, sentando-se no banco da frente, um tanto apertado pelo corpo musculoso do outro, Joe respondeu:

— Sim, creio que haverá uma cena "muito interessante" para você. Parece até que estava pensando em Del Benson, quando escrevi essa parte da película! Creio que será a melhor cena que você terá oportunidade de representar, em tôda a sua vida...

NOVA CIÊNCIA QUE EXPLORA O INFINITAMENTE PEQUENO

Por O. A. BATTISTA

O leitor já ouviu falar da micrurgia? Talvez não, pois que se trata de uma ciência nova, que ainda está, pràticamente, "engatinhando". Todavia, é bem possível que a mesma já venha a afetar a nossa vida, de uma ou de outra forma.

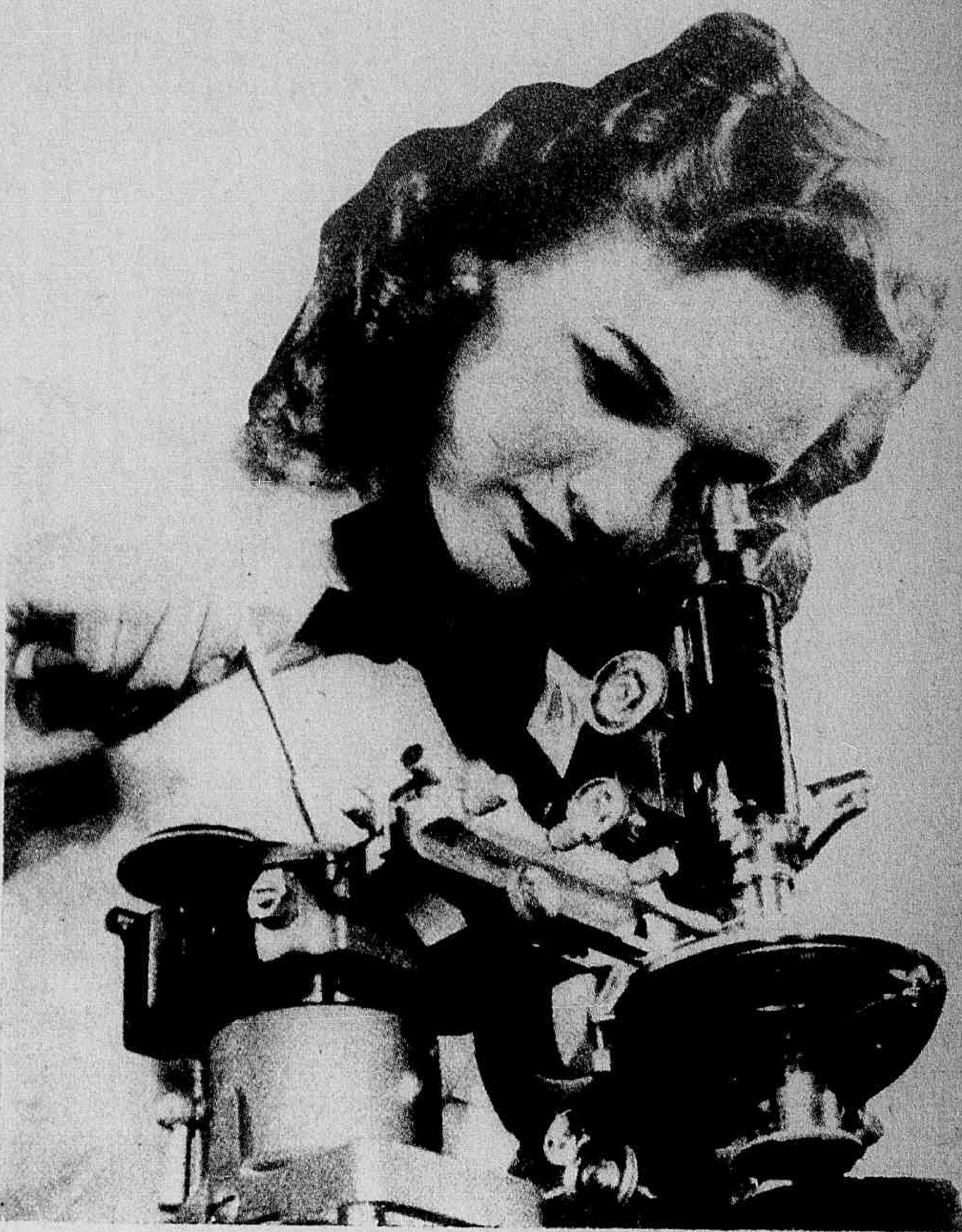
Explicando sua função muito superficialmente, devemos dizer que a micrurgia tem por fim explorar o mundo do infinitamente pequeno, por meio de aparelhos extremamente diminutos, que se manipulam com o auxílio de potentes microscópios. As pessoas que se especializam nessa ciência têm logrado determinar a natureza de diversos fatos, como, por exemplo, o que ocorre quando se fere uma célula viva, sendo ainda eficientes auxiliares da polícia.

Principiaremos por mencionar um exemplo da eficiência dessas pesquisas, como complemento de suma importância às investigações das autoridades policiais:

Uma noite, há aproximadamente um ano, foi assassinada uma certa mulher, num local solitário dos arrabaldes de Filadélfia, nos Estados Unidos. O único indício deixado pelo assassino foram as marcas dos pneumáticos de seu automóvel, num tortuoso caminho de terra batida, marginado por diversas árvores. Um dos detectives destacados para o caso seguiu, em seu próprio automóvel, por êsse caminho, verificando que o mesmo desembocava numa estrada pavimentada, na qual, como é natural, as marcas das rodas desapareciam. O criminoso conseguira, assim, vencer o primeiro "round" da batalha que travava com a polícia.

Sem haver encontrado qualquer outra pista, o detective resolveu regressar ao local da tragédia, seguindo o mesmo caminho de terra batida, guiando, desta vez, seu veículo, com menor velocidade. Notou, assim, o que antes lhe passara despercebido: o automóvel, num certo ponto do caminho, deu um corcôvo, raspando a capota metálica num dos ramos pendentes de uma árvore. O policial freou o veículo e deu marcha-à-ré, estacionando no local em que o teto daquele tocava o ramo. Imediatamente, teve uma inspiração para resolver o misterioso caso: provàvelmente, ao passar por ali, o automóvel do assassino tevia também ter roçado no galho da árvore, deixando no mesmo algumas partículas da pintura do teto. De fato, assim ocorrera, pois o caminho era muito estreito para que um veículo pudesse deixar de roçar no ramo da árvore.

Pouco tempo depois, graças a um laboratório



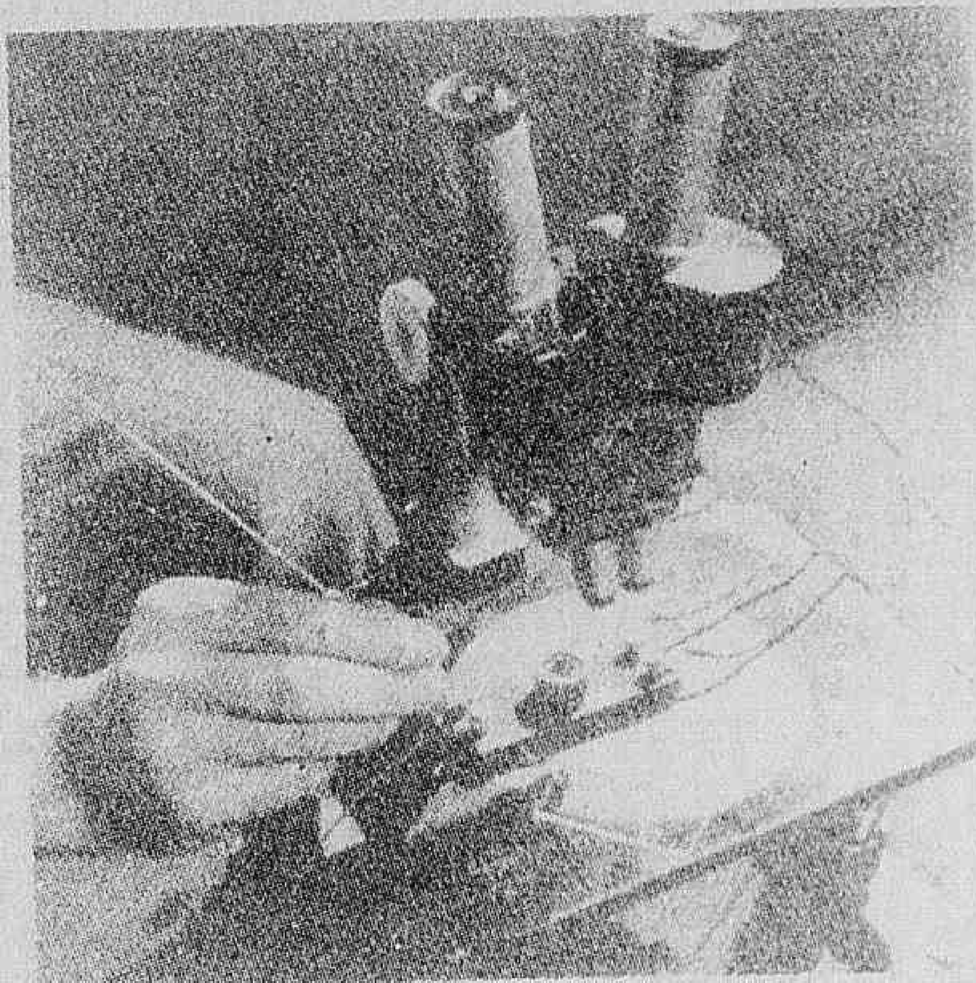
de micrurgia, êsse ramo da árvore se converteu na prova que levou à descoberta e posterior condenação do assassino.

Munido de equipamento tão diminuto, que o jôgo completo do mesmo, incluindo o estojo no qual era acondicionado, caberia dentro de um dedal, o técnico colocou algumas fibras do ramo, de espessura não maior que a de um fio de cabelo, na platina de seu microscópio. Imediatamente ficaram à vista algumas partículas de pintura.

O microscópio que se utiliza nesse tipo de trabalho tem características especiais. Está dotado de alavancas super-sensíveis, com as quais

são movimentadas pinças e pincéis diminutos. Fração por fração, o técnico foi separando os diversos elementos. Isolou, inicialmente, as partículas correspondentes à primeira camada de pintura. Ficou comprovado que estas pertenciam ao automóvel do detective. Veio em seguida a segunda camada. O volume de material examinado era menor que o da cabeça de um alfinete. Presumiu-se que esta camada correspondia à pintura arrancada pelo ramo suspenso da carrosseria do automóvel, empregado pelo criminoso.

O técnico em micrurgia, com o auxílio de microquímicos de preparação especial, pôde descrever, com exatidão, a côr e a composição química da pintura do veículo. Supôs-se, assim, que o assassino guiava um automóvel de côr azul-pálido, de fabricação posterior à segunda grande guerra. Finalmente, apresentada a composição química da pintura aos químicos das fábricas de automóveis, ficou determinada a marca do veículo e o modêlo correspondente.



O microscópio que se utiliza nestas novas pesquisas está dotado de alavancas supersensíveis, com as quais se movimentam pinças e agulhas diminutas.

De posse de tais dados, o problema se tornou menos difícil para a polícia. Foi dada a conhecer a descrição do automóvel que se procurava, a tôdas as garages públicas de uma extensa zona.

Antes de que transcorressem trinta dias, a contar da data do assassinato, a polícia prendeu um indivíduo que levara a uma garagem, para ser reparado, um automóvel correspondente à descrição do veículo que fôra empregado pelo assassino.

Por mais que negasse a autoria do crime, o acusado acabou por confessar, ante as desconcertantes e arrazadoras provas. Na pressa de fugir, após consumar o hediondo ato, não notou que o ramo havia roçado no teto do veículo, como também não o notara o detective encarregado de pesquisar o local do crime, quando por ali passou a primeira vez.

A aplicação da micrurgia, aqui apresentada, não constitui senão uma das formas pelas quais essa notável ciência vem ajudando a resolver problemas considerados insolúveis até bem pouco tempo.

*

De natureza diversa do que acima apresentamos, foi o problema com que se defrontou o famoso professor Benedetti-Pichler, e que lhe chegou às mãos por intermédio de um museu.

Na província chinesa de Yunan, certos arqueólogos conseguiram desenterrar alguns fragmentos de "ossos sagrados". Calculou-se que os mesmos datavam de trinta séculos. Podiam-se perceber, em suas superfícies, alguns desenhos primitivos, traçados com uma tinta de côr vermelha, semelhante à do tomate. Queriam os homens de ciência conhecer a composição química daquela pintura, mas, por outro lado, não desejavam que os frágeis e preciosos ossos sofressem qualquer dano, nem tampouco que seu estado atual fôsse modificado no mínimo grau.

Armado de um pequeníssimo pincel, de cêrca de 25 mícrons de diâmetro (um mícron corresponde à milésima parte de um milímetro), o professor Benedetti-Pichler separou de um dos velhos ossos uma partícula quase invisível de pintura. Não demorou a que estivesse em condições de demonstrar que a referida pintura era **cinábrio**, um composto de mercúrio que se apresenta em forma natural. Ao ser devolvido ao museu o osso do qual se retirou a pequeníssima amostra, seus diretores ficaram satisfeitos, ao comprovar que o professor Benedetti-Pichler havia conseguido realizar sua investigação sem causar qualquer dano perceptível ao "osso sagrado".

Talvez a tarefa mais útil, a que atualmente se dedicam os especialistas na nova ciência, seja o estudo da forma em que se reproduzem as células vivas. Os referidos técnicos vivem pesquisando certos segredos transcendentais, dos quais não é o menor o que corresponde aos processos da vida e da morte.

Êsses homens de ciência colocam uma só célula na platina do microscópio e a submetem a uma operação cirúrgica, podendo assim estudar o índice de seu desdobramento. Também desta forma podem ser manejados, um por um, traiçoeiros micróbios e pode ser comprovada a eficácia de certas drogas e produtos químicos novos para a destruição de viros.

Em uma apaixonante entrevista que me concedeu o Dr. Roberto Chambers, professor de investigação biológica da Universidade de Nova York, e um dos mais renomados "micrurgos" do mundo, dêle ouvi uma interessante predição com relação à nova ciência.

— "Em certo sentido — afirmou — a micrurgia está ainda engatinhando. Irá ganhando vulto, tanto em trabalhos de investigação como de utilidade para a indústria, à medida que aumente o número de homens de ciência que se familiarizem com as suas práticas. Ouso afirmar que chegará um dia em que a micrurgia resultará tão útil para quem se especialize nessa ciência, como o seria para um astrônomo uma coluna que se elevasse da terra e alcançasse a superfície da lua!"

O Dr. Chambers e seus associados vêm abrindo caminho ao aproveitamento da micrurgia em estudos biológicos. Têm estudado a atração que os glóbulos brancos do sangue exercem sôbre o açúcar. E, com o auxílio de uma espécie de micro-agulha, conseguiram introduzir uma pequeníssima partícula de amido numa célula. Puderam observar, em seguida, o que acontece com esta.

Com êsses estudos, ficou comprovado que cada célula viva se acha circundada por uma membrana muito resistente, capaz de romper muitas micro-agulhas. Não faltam razões para crer que esta característica — a relativa resistência da membrana — pode ser de extrema importância para determinar o estado geral de saúde do corpo do próprio indivíduo.

"São economizados tempo considerável e não poucas micro-agulhas — acrescentou o Dr. Chambers — se se suaviza a membrana da célula com uma solução salina. Recordo que, há alguns anos, utilizei um ferrão de abelha, cujo comprimento é inferior a 1/32 de polegada, como agulha hipodérmica em meu micro-manipulador. Comprovei que êsse aguilhão era demasiado obtuso: não perfurava a membrana da célula apenas a oprimia."

Os técnicos em micrurgia observaram como morre uma célula e comprovaram que se trata de um processo que ocorre separadamente, em cada célula. Quando se inicia a morte da célula, uma sombra aparece em seu núcleo. Não se pode dizer que a célula já está morta, senão quando a referida sombra tenha invadido a totalidade do organismo correspondente.

Magnífica ilustração do emprêgo da micrurgia no estudo dos processos fundamentais da vida, oferecem os trabalhos realizados pelo finado professor Renyi, da Universidade de Pennsylvania. Êste cientista praticou inúmeras operações em rãs. Por meio de uma tintura especial, marcava um glóbulo sanguíneo separadamente, a fim de seguir o curso do mesmo dentro do organismo do batráquio. Seu importante trabalho, que permitiu demonstrar o curso preciso seguido pelo sangue no corpo da rã, deu lugar a uma importante contribuição aos conhecimentos com que atualmente contamos sôbre a fisiologia dos animais inferiores.

Um dos mais interessantes usos da micrurgia é o aplicado ao campo das transformações botânicas e zoológicas. Mediante operações a que foram submetidos os filamentos microscópicos dos genes contidos nos cromosomas, os sábios vêm produzindo espécies inteiramente novas de frutas e flores.

Não parece excesso de imaginação dizer que há de chegar o dia em que poderão ser produzidas plantas e, talvez, insetos "sob medida", isto é, com certas qualidades especiais, para que correspondam a requisitos pré-determinados. Isto será conseguido com o auxílio da cirurgia micrúrgica, aplicada a certos elementos constituintes dos cromosomas. E' posível que se produzam abelhas sem ferrão, roseiras sem espinhos, orquídeas de quatro côres. E, tudo, a ser presenciado pela geração atual!

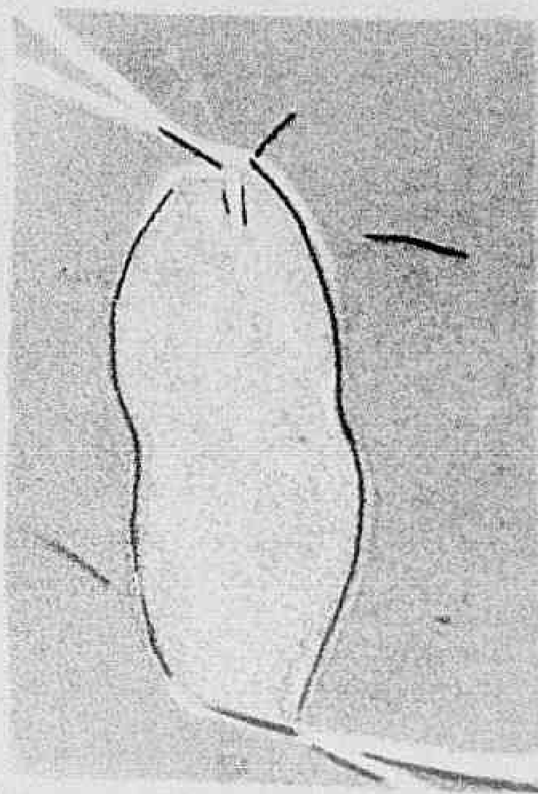
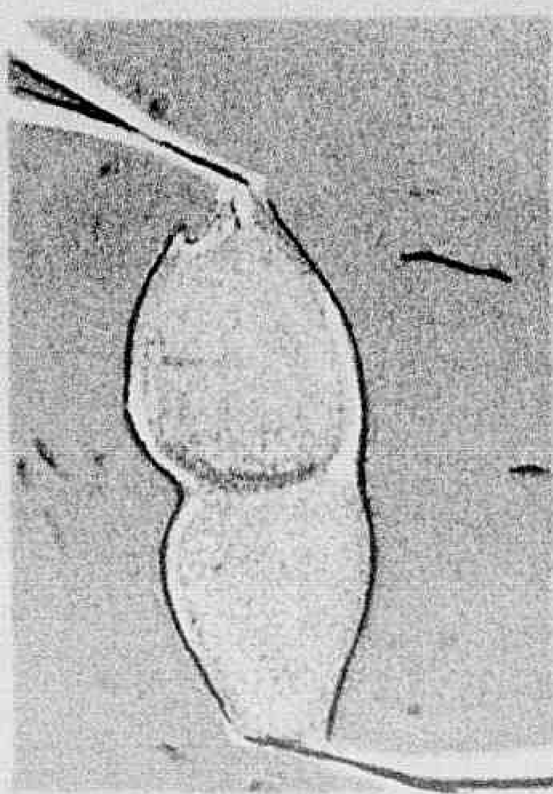
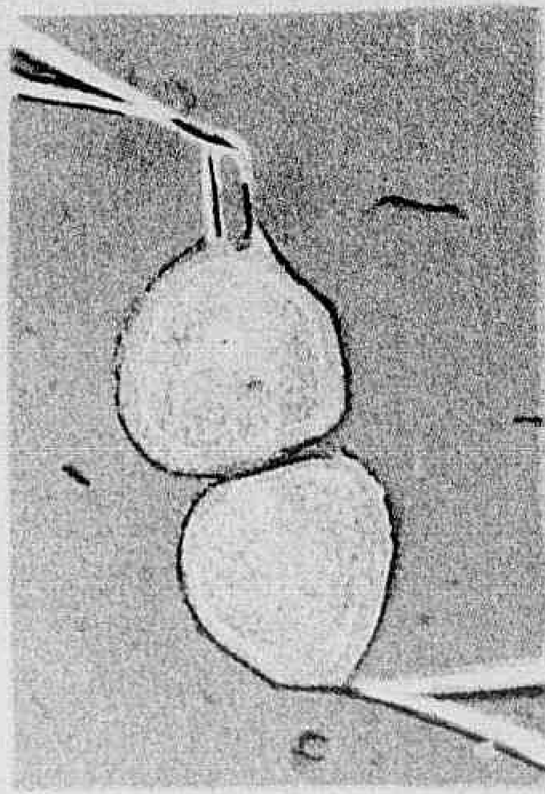
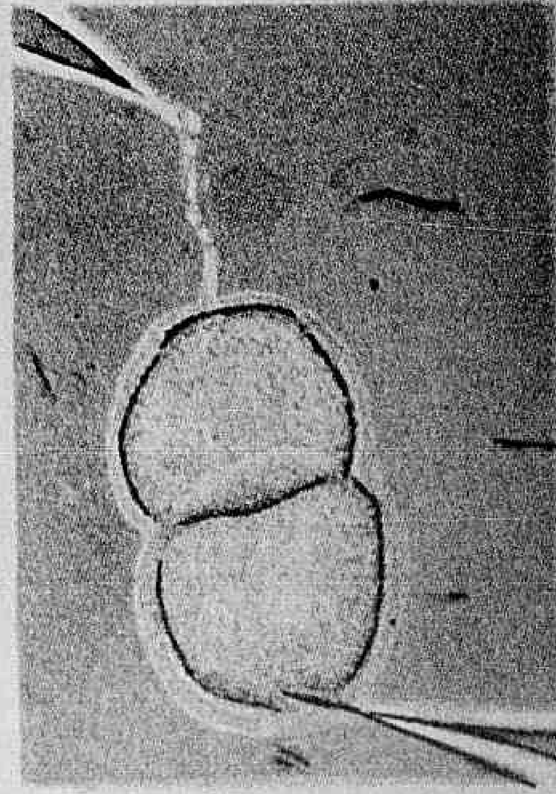
A indústria, por conseguinte, mantém-se alerta ante a possibilidade de que se consigam aplicações práticas da micrurgia em seu campo. Esta já tem ampla utilização nos principais laboratórios. Segundo informação prestada pelo Sr. Titus, do Laboratório de Microsseviço, da Eastman, a micrurgia tem demonstrado seu inestimável valor na preparação e conservação da alta qualidade das modernas películas cinematográficas.

Graças ao exame micrúrgico de partículas de bolor, foi possível realizar, recentemente, certos descobrimentos, que auxiliam o combate mais eficaz ao môfo e outros agentes corrosivos. Pode realmente ser observado, numa escala quase molecular, como o môfo se forma, e, assim, foi possível tomar medidas de ordem prática para combater êsse mal.

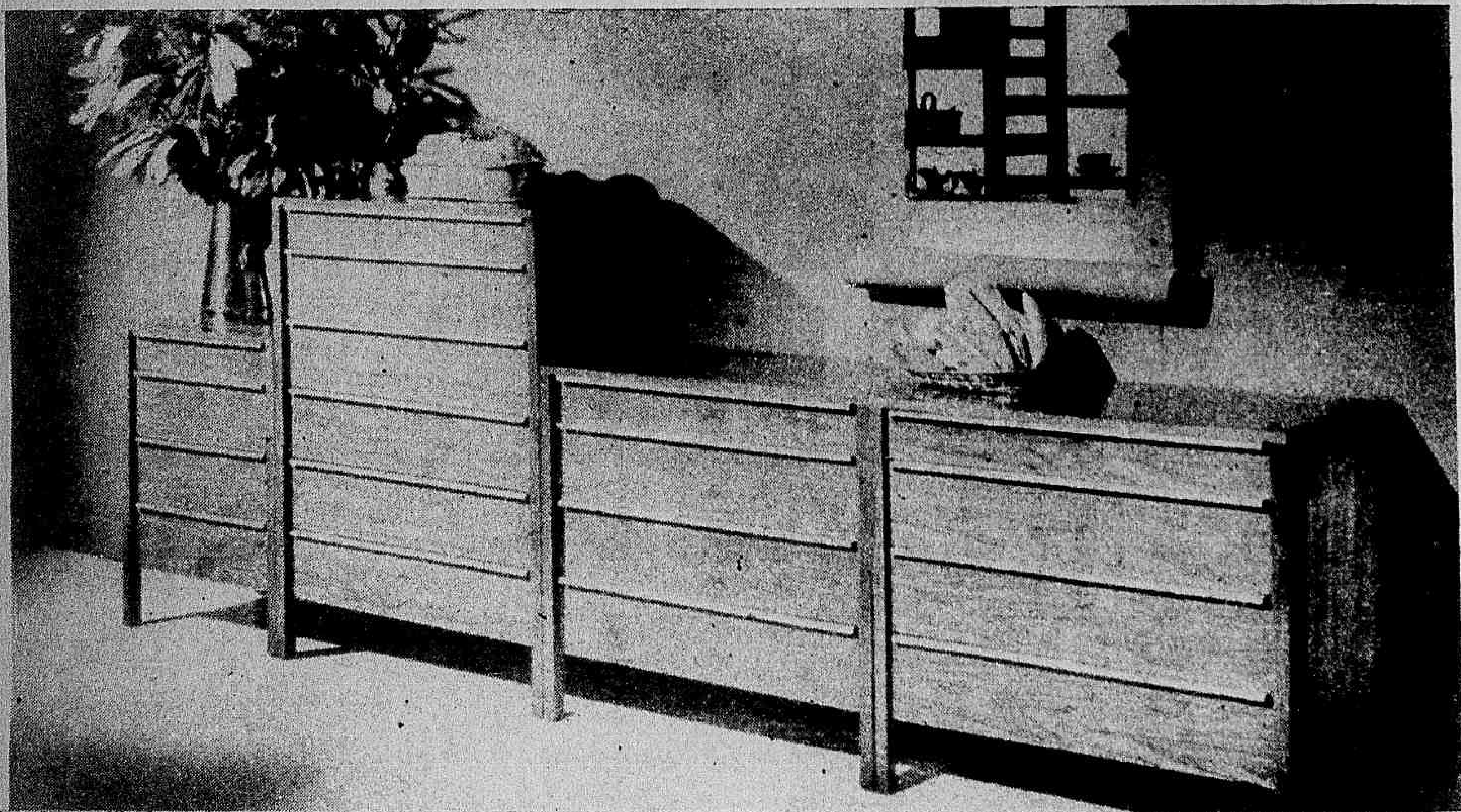
Pelo que me foi dado observar, todos aquêles que se dedicam a esta apaixonante ciência compartilham a opinião do Dr. Chambers, decano dos cientistas que se especializaram na mesma, e expressada nos seguintes têrmos.

—" Nesta era, em que o átomo apresenta importância tão vital para o homem como o sol, e em que o homem tem que explorar o mundo invisível, é lógico esperar que a micrurgia se imponha como uma ciência de grande importância. O "micrurgo" explorará um extremo da escala dimensional, assim como o astrônomo explora o outro extremo da mesma. Seus descobrimentos podem resultar de transcendental importância para a civilização."

Seqüência de uma microfotografia, na qual aparece uma célula viva sendo dilatada pelo técnico, até se dividir, formando duas novas células.





HARMONIA! EIS O GRANDE SEGRÊDO!

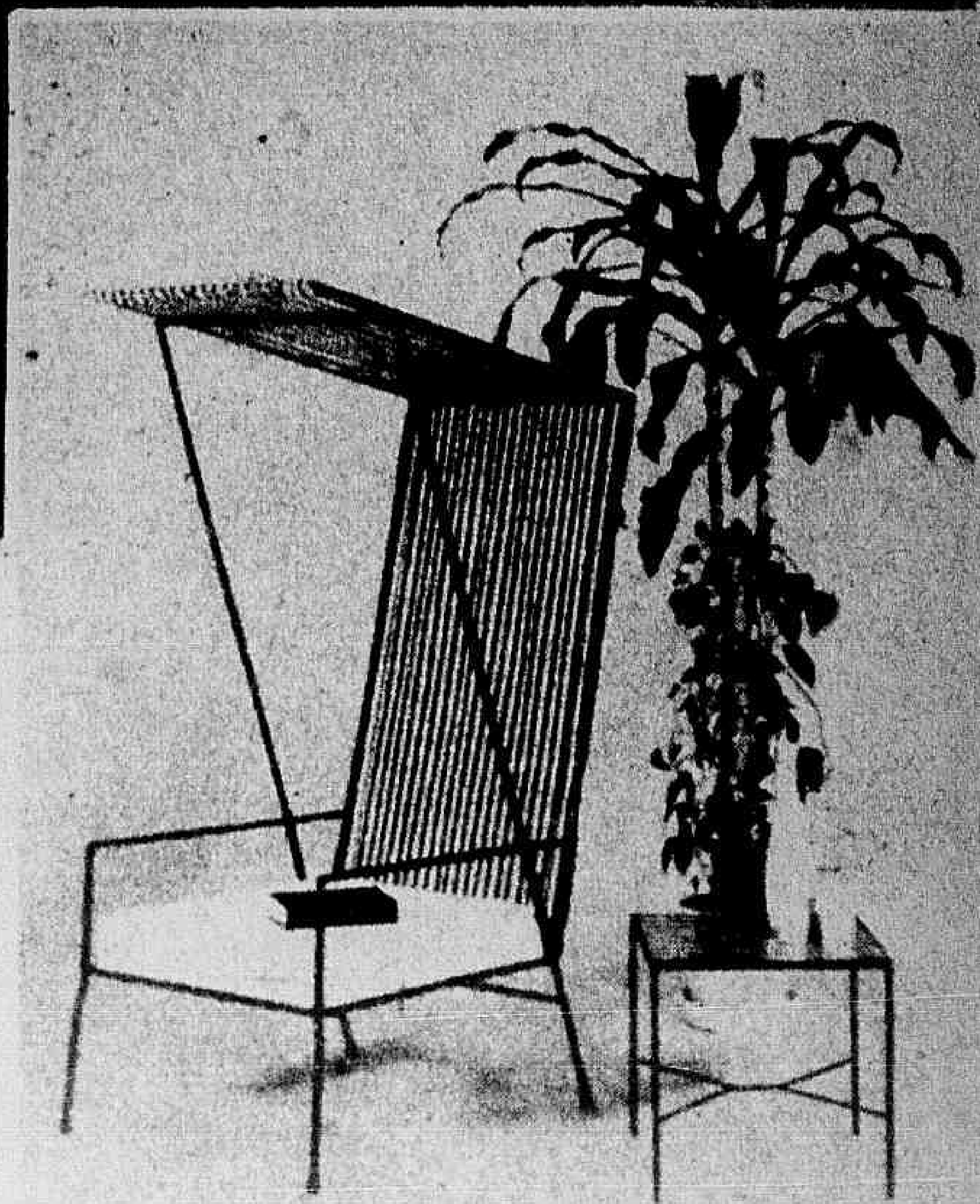
NUM lar, independentemente do preço e qualidade da mobília e dos demais acessórios, vale muito o bom arranjo geral, a harmonia que se consiga, jogando com poltronas, mesas, topêtes, quadros, etc. E' êsse o grande segrêdo para agradar a todos, proporcionando o máximo de bem-estar e de satisfação para o corpo e para os olhos.

Vejam os exemplos que escolhemos para apresentar nestas duas páginas. Por certo os nossos leitores nos darão inteira razão.

1 — Uma estante de linhas simples ganha rea' beleza com os arranjos e disposição dos livros "bibelots", castiçais, etc. O vaso, colocado bem junto ao chão, é o grande toque de bom gôsto, que valoriza êste cantinho.

2 — Outro tipo de armário-estante. A diferença de altura se presta maravilhosamente para a colocação de objetos de diferentes tamanhos e formatos.





3 — Um adorável canto de *living-room* é êste que alia ao grande confôrto do mobiliário, de primeira categoria, a boa disposição em que se encontram, proporcionando o máximo de prazer aos que palestram. Os quadros, as almofadas (que voltam a ser usadas com entusiasmo) completam a harmonia dêsse conjunto.

★

4 — Para o jardim de inverno ou para o terraço descoberto, esta cadeira, de ferro e lona, com listras de côres bem vivas, ganha maior beleza ao lado da mesinha, que sustenta a garrafa, e da palmeira, posta também rente ao chão.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Amo com estremecido afeto o meu idioma; forcejo por me não tornar cúmplice com os que com acinte o desprezam e desdoiram; apraz-me o doce comércio, o ameno trato, o desenfadado convívio com os nossos melhores escritores, folheando-os com mão diurna e noturna."

CARNEIRO RIBEIRO

CORREÇÃO DE TEXTOS

Novo livro do professor Waldemiro Potsch dá-nos assunto para a crônica dêste número. O respeitável mestre do Colégio Pedro II abandonou, desta vez, o terreno árido das ciências naturais, para uma incursão feliz nos domínios da gramática, revelando, assim, mais um aspecto de suas atividades intelectuais.

Vale a publicação — **Textos para corrigir** — como repositório de frases erradas, composições defeituosas, atos oficiais em desacôrdo com as normas do estilo e da gramática. Encerra o livro, e o dizemos sem favor, a maior e mais completa coleção de trechos errados, cuja análise permitirá aos estudiosos o tratamento de todos os vícios e defeitos do linguajar cotidiano, e o conseqüente conhecimento da patologia da linguagem. Está enriquecida, dêste modo, a série de obras destinadas à aplicação das regras de gramática, entre as quais se encontram o antigo livrinho de Otelo Reis e a última publicação de Frederico Curio de Carvalho.

Admiramos, na personalidade realmente singular de Waldemiro Potsch, tanto quanto a sua cultura, a sua formação moral e o seu espírito combativo. Em tempos idos, tivemos demonstração de sua independência naquelas publicações em tôrno de pareceres da Comissão Nacional do Livro Didático, em que focalizou os plágios do professor Melo Leitão. Agora, na substanciosa apresentação de **Textos para Corrigir**, o autor de **O Brasil e suas riquezas** nos coloca a par de fatos e situações realmente curiosas, inclusive quanto às causas por que, no DASP, o desejo de um supera o voto da maioria. E ainda através do prefácio (em que o professor Waldemiro Potsch nos mostra como introduziu nos exames orais do colégio padrão o processo de correção de textos, para aferir o grau de conhecimentos dos alunos, processo logo aplaudido e adotado pelo professor José Oiticica), leva-nos à discussão das vantagens e desvantagens do emprêgo, em aula, de textos para corrigir, citando opinião de professor que o considera antipedagógico.

O debate sôbre o assunto não é de hoje. Há 20 anos, lemos que, nos ditados, deveria o professor, de imediato, corrigir os erros cometidos pelos alunos, no quadro negro, a fim de que os mesmos não se lhes arraigassem no espírito... Mas, também há vinte anos vimos lecionando, e podemos atestar os ótimos resultados obtidos através da correção de textos. Se nos hospitais, em contato com os doentes, adquire o médico experiência e facilidade no diagnosticar, não há dúvida de que pelo hábito de corrigir frases, habitua-se o estudante a mobilizar e aplicar os seus conhecimentos de gramática, enquanto, pela advertência do mestre, penetra outros segredos do idioma. Trata-se, é evidente, de simples exercício, entre outros que existem de maior valia: a leitura e a composição.

Formamos, assim, conscientemente, ao lado dos que aprovam e adotam o processo de correção de textos, no ensino prático e objetivo do idioma.

★

CORRESPONDÊNCIA

A. R. (Rio Grande do Norte) — A função sintática de **por meu**, no período — "o escrever, pois, que, no lugar citado, se dá **por meu**, não o é" — é de predicativo subjetivo! Predicativo é o têrmo que se refere ao sujeito ou ao objeto, atribuindo-lhe nome, estado ou qualidade. Não apenas os verbos **ser, estar, parecer, ficar** e **tornar-se** se constroem com predicativo. Os verbos **morrer, viver, andar** e vários outros podem ser empregados com êsse têrmo: **êles** morreram **tranqüilos** (isto é, **estando tranqüilos**), **êles** vivem **preocupados, êles** andam **satisfeitos.** Sabemos que muitos analisam tais adjetivos — **tranqüilos, preocupados, satisfeitos** — como adjunto adverbial de modo, no que vai grave êrro. Temos adjetivos qualificativos que modificam o sujeito predicativo, e não o verbo.

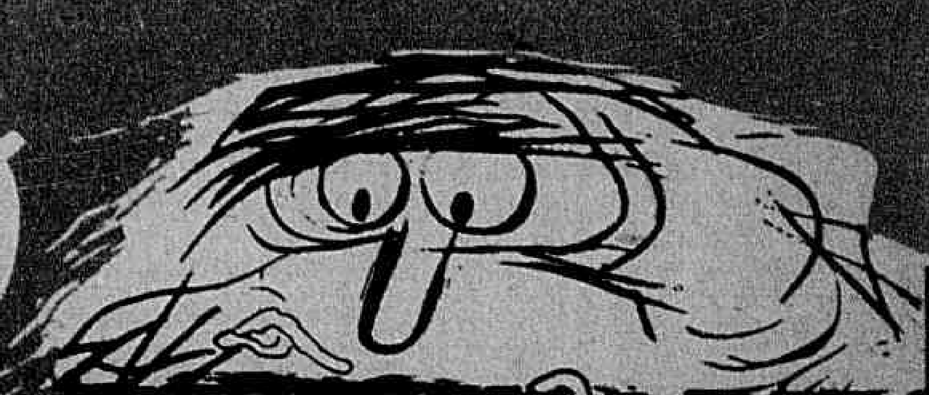
Na frase enviada, o verbo **dar** tem o sentido de **julgar: dei-o por louco** = julguei-**o louco**; deu-**o por meu** = julgou-**o meu.** Apassivadas as construções, o objeto direto passa a sujeito, continuando modificado pelo predicativo: **êle** foi dado **por louco, êle** foi dado **por meu.**

Os dicionários registram **catabi** ou **catabil,** s. m., solavanco dos automóveis, por causa do mau estado das estradas. **Catabilho** deve ser corruptela.

No próximo número examinaremos, com prazer, outros tópicos de sua carta.

JOSÉ RICARDO NETO

Livros de Bôlso





Até pouco tempo os indivíduos de conduta sexual estranha, eram tratados como criminosos e castigados, em vez de tratados de acôrdo com os métodos modernos, visando sua adaptação sexual e social.
Nº 4 - Cr$ 15,00



Frases para todos os tipos de assunto— Como dirigir a carta— Congratulações — Rompimento— Saudade-Pedir retrato- Explicações-Acusações-Condolência-Elogios-Propostas-Declarações.
Nº 31 - Cr$ 15,00



Livro de caráter essencialmente prático, dividido em 2 partes: 1)Erros de Português — 2) Correções dos Erros Anteriores.
Nº 26 - Cr$ 15,00



Livro muito ilustrado que faz compreender pelas figuras. Usa também o sistema de Perguntas e Respostas—Conhecimentos Gerais-Motor e Carrocerias— Enguiços e Tráfego.
Nº 36 - Cr$ 15,00



A Arte de Cortejar-A Técnica da Conquista-A opinião dos outros-Apresentações—Dança—Presentes-Conselhos e pensamentos para compreender as mulheres.
Nº 134 - Cr$ 20,00



Esclarecimentos— Ciências Ocultas-Números-Lêtras-Astros-Dias da Semana-Côres-Metais-Pedras Preciosas.
Nº 197 - Cr$ 15,00

ROMANCES NACIONAIS



Nº 222 - Cr$ 10,00

De José de Alencar:

Nº 224 - UBIRAJARA .... Cr$ 10,00
Nº 225 - DIVA .... Cr$ 10,00
Nº 226 - A VIUVINHA - e - CINCO MINUTOS.... Cr$ 10,00
Nº 238 - A PATA DA GAZELA Cr$ 10,00

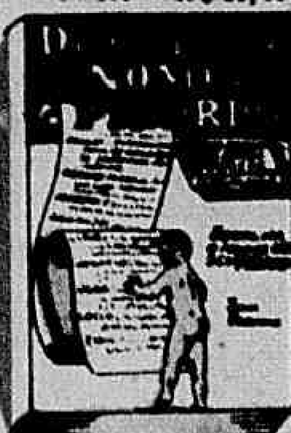
De J. Manuel de Macedo:

Nº 227 - A MORENINHA ..... Cr$ 10,00



Apresenta uma série de testes para determinar em que proporção somos do sexo masculino ou feminino.
Nº 164 — Cr$15,00

Você pode agora escolher melhor o nome para seu filho. Nomes Famosos-Personagem Históricos, etc.
Nº 193 - Cr$ 15,00



LIVROS ÚTEIS

Nº 192 - Cr$ 15,00



Nº 9 - DICIONÁRIO DA MITOLOGIA .... Cr$ 15,00
Nº 16 - CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR .... Cr$ 15,00
Nº 79 - OS MELHORES PRATOS DA COZINHA FRANCESA......... Cr$ 10,00
Nº 137 - HABILIDADES E PROEZAS DA JUVENTUDE Cr$ 15,00

LIVROS DE GRANDE SUCESSO!!!



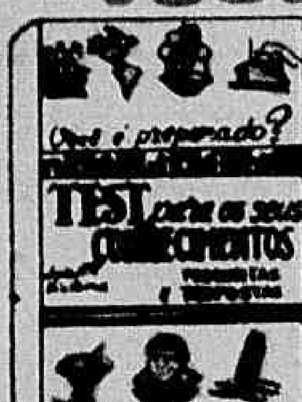
O Namôro-O Primeiro Amor-Palavras Sábias- Como Cortejar-A Viúva Fascinante-Como Conquistar um Solteirão Rico- O Ciúme-A Declaração.
Nº 23 - Cr$15,00



De maneira científica o autor encara os casos sexuais comuns e os que se afastam do normal.
Nº 66 - Cr$15,00



A Fixação de Temores de origem sexual, constitui a base de grande número de manifestações psicopáticas, mais ou menos graves, que se fazem sentir durante a vida.
Nº 145 - Cr$ 20,00



1 000 perguntas e 1 000 respostas sôbre os assuntos mais variados — para melhorar sua cultura.
Nº 34 - Cr$ 15,00



Regras e segredos do Poquer, Buraco, Pif-Paf, Canastra, Sete e Meio, Cocan Play e muitos outros.
Nº 51 - Cr$ 15,00

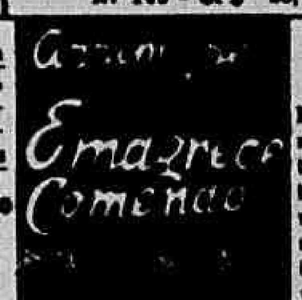


Nº 174 - Cr$ 20,00

LIVRO DE CARÁTER PRÁTICO-CIENTÍFICO. ABORDA TÔDAS AS PRINCIPAIS QUESTÕES DA VIDA SEXUAL: TODOS OS COMPLEXOS, MÊDOS, E CONHECIMENTOS APROFUNDADOS SÃO TRATADOS COM FRANQUEZA. INDISPENSÁVEL A TODOS OS ADULTOS, PORQUE CONTÉM COM TÔDA A CERTEZA, O ASSUNTO QUE CADA UM NECESSITA.



50 Problemas de Palavras Cruzadas, òtimamente ilustrados, selecionados com critério para cruzadistas médios e veteranos. Soluções no fim do mesmo.
Nº 157 - Cr$ 10,00



Não é necessário passar fome, nem enfraquecer de saúde, basta seguir os conselhos desta obra pequena mas valiosa — Os resultados são tão bons que nosso aspecto sadio e esbelto trará a cada quilo perdido, nova dose de saúde e alegria.
Nº 156 - Cr$ 15,00



O que é a memória. Como se pode melhorar a memória. Concentração. Meios de guardar na memória palavras e nomes. Como aprender de cor. Quais processos práticos para ajudar a memória.
Nº 82 - Cr$ 10,00

LOJAS PARA VENDAS:

NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25, RUA DO OUVIDOR, 150 e RUA MÉXICO, 128-Sobreloja
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403
INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL, ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO ABAIXO, ENDEREÇANDO-O PARA O RIO.



O Caráter pela letra

Ensina de maneira prática a conhecer o caráter e as tendências pela lêtra. Contém o alfabeto Grafólogo ilustrado. Cada uma das lêtras do alfabeto é devidamente analisada.
Nº 64 - Cr$ 15,00



A Pele-Arte da Maquillage- Os Cabelos-A Elegância dos Movimentos-O Aspecto Geral - As Mãos-Detalhes que completam a beleza. Pelos supérfluos. Retoques Finais.
Nº 33 - Cr$ 20,00



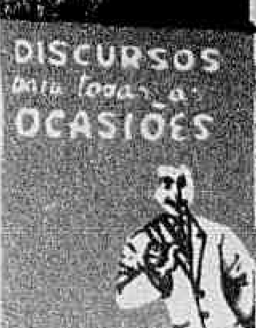
Para facilitar a leitura de versos e poesias. Não inclui palavras difíceis ou rebarbativas.
Nº 53 - Cr$ 15,00

Editora GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 8-B - RIO
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros, cujos números, indico abaixo:
....
....
....

BASTA INDICAR O NUMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$100,00 há aumento de 10%. (Não temos catálogos).

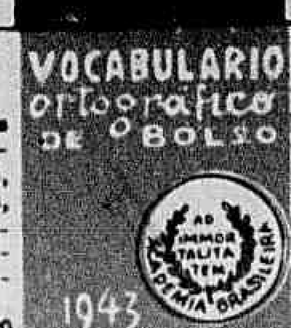
NOME.......................................
RUA.......................................
LOCALIDADE.......................................
ESTADO.......................................



Recepções de Deputados, políticos, juízes. Despedidas de médicos, advogados. A Professôres, Escolas, Formaturas, À beira da sepultura, de um amigo, parente, sacerdote. Sôbre agricultura, religião, exército. Em inaugurações. Brindes-Jantares-Aniversários- Casamentos- Etc.
Nº 122 - Cr$ 15,00



Enorme variedade de pratos nortistas típicos. Molhos, Sopas, Pratos Variados, Doces, etc. Abara, Acarajé, Bifes, Borrachos, Caldeiradas, Chin-Chin, Efó Escaldados, Feijoadas, Camarões, Saladas, Vatapás, etc. etc.
Nº 86 - Cr$ 10,00



Este livro tem grossura quatro vêzes maior do que os usuais. Foi feito por processo fotográfico do Vocabulário da Academia de 1943. Assim o leitor terá a certeza de consultar a grafia oficial sem perigo de erros de tipografia.
Nº 89 - Cr$ 40,00

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PAULO I (Santo), papa, nascido e morto em Roma (700-767). Eleito e sagrado em 757, sucedeu a seu irmão Estêvão III. Didier, rei dos Lombardos, ousou ameaçar Roma, e Paulo, imediatamente, solicitou a assistência do rei dos Francos, Pepino, o Curto. Retirou das catacumbas bom número de ossadas de mártires, para subtraí-las às profanações dos Lombardos. Dêle restam muitas cartas. Festejado em 28 de junho.

PAULO II, papa, nascido em Veneza, em 1418, eleito e sagrado em 1464, morto em Roma, em 1471. Sobrinho do papa Eugênio IV, foi feito arquidiácono de Bolonha, bispo de Cérvia e finalmente cardeal (1440). Na Boêmia excomungou o rei Podiebrad, como faltoso do movimento hussita (1466) e deu a sua coroa a Matias Corvino, rei da Hungria. Na França, tentou obter do Parlamento o interinamento das cartas patentes reais, abolindo a Pragmática Sanção (1467). Uniu-se aos Venezianos contra o rei de Nápoles, Fernando I. Hostil aos Humanistas, fechou o colégio dos Abreviadores, fundado por Pio II, mas estabeleceu a primeira impressora romana (1463). Construiu, em Roma, o palácio de São Marcos.

PAULO III (Alexandre Farnese), papa, nascido em Canino, em 1468, eleito e sagrado em 1534, morto em Roma, em 1549. Aluno de Pomponius Laetus, dedicou-se, com paixão, ao estudo das letras, casou e teve dois filhos (um filho e uma filha, o primeiro chamado Pedro-Luís Farnese). Após a sua ordenação, ingressou na chancelaria apostólica, foi feito bispo de Montefiascone, depois cardeal e finalmente papa, com unanimidade dos sufrágios. Tratou da reforma da Igreja e publicou, em 1536, a bula de convocação do concílio geral, que se abriu em Trento, em 1545. Durante tôda a duração do seu reinado, Paulo III sustentou Carlos Quinto em sua luta contra os Protestantes. Em 1548, assistiu à entrevista que êle próprio arranjara, em Nice, entre Carlos e o rei da França. Enviou a Carlos Quinto um corpo auxiliar de 10 000 homens, os quais chamou, pouco depois da derrota da liga protestante (1546) e transferiu o Concílio de Trento para Bolonha, para afastá-lo da influência imperial. Carlos Quinto se vingou, suscitando contra Pedro Luís Farnese, feito pelo Papa Duque de Parma e de Placência, uma conspiração que teve por resultado a queda e a morte do Duque. Otávio Farnese, seu filho, tomou o partido do Imperador contra Paulo III, a quem esta prova de ingratidão fêz (segundo dizem certos historiadores) morrer de desgôsto. Êsse papa, que havia publicado, em 1540, a famosa bula *In Caena Domini* e aprovado, em 1540, a Ordem dos Jesuítas, favoreceu as artes e confiou a Miguel Ângelo a direção dos trabalhos da basílica de São Pedro. As suas Cartas testemunham o seu saber e o seu amor pela literatura.

PAULO IV (João Pedro Caraffa), papa, nascido em Capriglio, de ilustre família napolitana, em 1476, eleito e sagrado em 1555, morto em Roma, em 1559. Sendo bispo de Chieti pi Chiesi (em latim Theate), fundou, com Caetano de Thiègne, a ordem dos theatinos. Foi, sucessivamente, núncio na Inglaterra, membro, em Madrid, do conselho para o reino de Nápoles, arcebispo em Brindes (1520), cardeal (1536) e decano do sacro-colégio. O ódio que professava pela nação espanhola e o desejo de libertar a Itália de todo domínio estrangeiro o levaram a unir-se com a França contra o Imperador Fernando, e o rei de Espanha, Felipe II. O Duque de Alba invadiu os Estados Pontificais. Roma, bloqueada pelos espanhóis, foi libertada pelo Duque de Guise; mas, tendo êste sido chamado à França, após a derrota de Saint-Quentin, o papa teve que tratar com os vencedores (1557). Recuperou os seus Estados, mas teve que renunciar a seus projetos políticos. Desde então, cuidou da reforma da Igreja. Exilou seus sobrinhos, diminuiu as despesas da côrte e restaurou a Inquisição.

PAULO V (Camilo Borghese), papa, nascido e morto em Roma (1552-1621), eleito e sagrado em 1605. Tinha sido legado de Clemente VIII, na Espanha (1595) e governador de Roma. Após um conflito referente à disciplina eclesiástica, excomungou o Doge e pronunciou o interdito contra a República. A intervenção de Henrique IV evitou uma guerra. Paulo V renovou e publicou, em sua forma definitiva, a bula *In Caene Domini* (1610). Sob o seu reinado, Bernin concluiu a Basílica de São Pedro. A êle deve Roma inúmeros embelezamentos.

PAULO *de Samosata*, heresiático do século III. Era bispo de Antióquia, foi protegido por Zenóbia, rainha de Palmira. Negava a divindade do Cristo. Condenado por dois sínodos, em Antióquia, (264 e 269), foi deposto. O eco de suas doutrinas se encontra entre os *paulicianos*.

PAULO, *patriarca de Constantinopla* (614-654). Foi, sob o reinado de Constantino II, um dos partidários mais ardorosos do monotelismo. Excomungado em 646, pelo papa, respondeu animando o imperador a promulgar o édito chamado "o Typo" (648), sendo novamente condenado pelo sínodo de Latrão.

PAULO, *de Egina*, cirurgião grego, nascido em Egina, no comêço do século VII. Conheceu a escola de Alexandria. Suas obras denotam uma imensa erudição e muito bom senso. Foi principalmente a parte cirúrgica de suas obras a que ganhou notoriedade, e com muita justiça. Suas obras foram inseridas na coleção das *Artis medicae principes*, de Henri Estienne (1567).

PAULO, *Exarca de Ravena*, morto em 727. Tomou parte ativa no conflito que pôs em campos opostos o papa Gregório II e o imperador Leão III. Encarregado de depor o pontífice, atacou Roma com fôrças poderosas (726), mas teve que se retirar diante dos Lombardos. Quando o édito sôbre as imagens provocou na Itália uma insurreição geral contra Bizâncio, Paulo foi massacrado em Ravena, ao tentar reprimir o movimento (727).

PAULO DE VENEZA (Paolo Nicoletti), filósofo italiano, nascido em Udini, morto em 1429. Ensinou a filosofia em Pádua e em Siena. Seus "Comentários sôbre Aristóteles" e suas Logicae Institutiones (1472) serviram por muito tempo ao ensino na Itália.

PAULO (Paulo de Saumur, conhecido como O Cavalheiro), marinheiro francês, nascido em 1598, num navio, de uma lavadeira, que viajava de Marsêlha para o Castelo de If, morto em Toulon, em 1669. Aos nove anos embarcou secretamente a bordo de um navio mercante, depois entrou para o serviço de um bergantim armado contra os infiéis. Nêle ingressou como simples marinheiro, não tardando a atingir o pôsto de capitão. Em recompensa dos seus serviços, foi feito cavalheiro de Malta e passou, desde então, a ser conhecido como O Cavalheiro Paulo. Richelieu o fêz capitão de um dos navios do rei, depois chefe de esquadra, tenente-general e, enfim, vice-almirante. Distinguiu-se em numerosos combates contra os espanhóis e os muçulmanos. Em 1662, com seis navios, incendiou várias fortalezas e muitos edifícios de Túnis, com o fogo de suas baterias, capturando, ainda, bom número de corsários. Em 1665, sob as ordens de Beaufort, destruiu duas frotas barbarescas, diante de Túnis e de Álger. Comandante da marinha, em Toulon (1666), morreu em 1669, deixando a sua fortuna aos pobres.

PAULO-EMÍLIO, reneral romano, morto em 216 antes de Cristo. Cônsul em 219, bateu os Ilírios e recebeu as honras do triunfo. Cônsul novamente em 261, encontrou a morte dos bravos no campo de batalha de Cannes, numa ação temerária iniciada por seu colega Terentius Varron.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1953

1 — QUARTA-FEIRA: — O Ministro do Exterior da União Soviética, sr. Viacheslav Molotov, anuncia que seu govêrno apóia a proposta da China Comunista para pôr fim à guerra na Coréia. Ao mesmo tempo, manifesta a certeza de que "êste passo será compreendido pelo govêrno dos Estados Unidos". A declaração é transmitida pela rádio de Moscou. O sr. Molotov acrescenta: "Os Soviets, a República Popular da China e o govêrno da Coréia do Norte estão certos de que são apoiados por todos os povos. A União Soviética está preparada para cooperar nas negociações para o armistício e a troca dos prisioneiros de guerra". — O sr. Dag Hammarskjoeld aceita a apresentação de sua candidatura, resolvida pelo Conselho de Segurança, ontem, para o pôsto de Secretário-Geral das Nações Unidas. "O sentimento claríssimo de minha insuficiência pessoal — declarou o sr. Hammaskjoeld — me fêz hesitar em aceitar essa candidatura. Mas não creio poder recusar o trabalho que me é proposto, no caso da Assembléia Geral das Nações Unidas aprovar a recomendação do Conselho". — Antes de sua partida para os Estados Unidos, do aeródromo de Wahn, perto de Colônia, o chanceler Adenauer declara aos jornalistas presentes ao embarque que as negociações franco-alemãs a respeito do Sarre provàvelmente começarão em maio próximo. Também anuncia que aceitara o convite do Instituto Internacional de Imprensa para ir a Londres, igualmente em maio, e espera que a sua viagem aos Estados Unidos "contribuirá para facilitar a integração da Europa e para fortalecer a paz".

2 — QUINTA-FEIRA: — O Govêrno americano está, sempre, disposto a aceitar propostas sinceras de parte dos russos — declara, na sua entrevista coletiva à imprensa, o Presidente Eisenhower. O Chefe de Estado americano não desmente a informação, que correu, de que tinha confiado ao Embaixador dos Estados Unidos, Charles Bohlen, uma mensagem pessoal ao Presidente do Conselho de Ministros da U.R.S.S., Malenkov. — O Gabinete austríaco, formado após um mês de penosas negociações e de quase seis meses de crise, pouco difere do precedente. Trata-se, como vem acontecendo desde 1945, de um Ministério de coligação dos dois grandes partidos — Populista e Socialista — que, juntos, somam mais de 80 por cento dos votos. Enquanto antes das eleições de 22 de fevereiro, a relação de fôrças era nitidamente favorável aos Populistas, modificou-se agora, ligeiramente, em favor dos Socialistas. Esta modificação é consequência das eleições, que trouxeram ao Partido Socialista algumas dezenas de milhares de votos mais do que ao Partido Populista, roubando-lhe, porém, um mandato de deputado. — Os Ministros da Justiça, Enrique Monti, e das Minas, Eduardo Paredes, pertencentes ao Partido Socialista Popular, apresentam sua demissão irrevogável, em virtude de haver seu partido decidido retirar-se do govêrno, em vista da permanência no mesmo do Ministro da Fazenda, Rossetti, dirigente do Partido Socialista do Chile. — O sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul aos srs. Dean Acheson e Edward Godfrey Miller, e designando a Delegação do Brasil ao V Período de Sessões da Comissão Econômica, para a América Latina, das Nações Unidas.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

LABORATÓRIOS VINDOBONA

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-1

3 — SEXTA-FEIRA: — Em Roma a Missa dos "Pre-santificados", no decorrer da qual se desenrolou o rito impressionante da adoração da Cruz, estendida sôbre o solo aos pés do altar, o ofício das trevas e as procissões espetaculares ao palatino e à santa cruz de Jerusalém, marcam a sexta-feira santa. A afluência é considerável em tôdas as Basílicas e Igrejas. — O govêrno da Coréia do Norte pede às Nações Unidas que aceitem o plano de paz apresentado pela China Comunista, afirmando ao mesmo tempo que dito plano "constitui um novo passo para a solução justa" da disputa relacionada com a troca de prisioneiros. — A Rússia Soviética anuncia que os 15 médicos que se encontravam presos, inclusive 9 acusados de conspirações para assassinar altos líderes vermelhos, foram postos em liberdade e seus acusadores presos. O Ministro dos Negócios Interiores informa que os nove médicos presos, sob a acusação de conspirarem contra a vida de altos líderes, estavam inocentes e que os responsáveis foram presos.

4 — SÁBADO: — Em junho e julho, o sr. Milton Eisenhower, irmão do Presidente dos Estados Unidos, visitará dez países da América do Sul — Brasil, Argentina, Chile, Peru, Uruguai, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Paraguai e Equador — para realizar uma importante viagem de estudo e de "boa-vizinhança". — Oficialmente são dados como perdidos todos os 22 tripulantes que estão no submarino turco "Dumlipnar", prêso no fundo das águas dos Dardanelos. — Aos 59 anos de idade, falece em Lisboa, vítima de um ataque cardíaco, o ex-Rei Carol, da Rumânia. O ex-Rei Carol conversava com um amigo médico e Madame Lupescu, a mulher por quem renunciou ao trono da Rumânia. — Falece em Paris o Embaixador Carlos Celso de Ouro Prêto. — O "Premier" de Gasperi dissolve o Parlamento e convoca as eleições gerais para o dia 7 de junho dêste ano.

5 — DOMINGO: — Verifica-se em Taipeh uma violenta explosão num paiol de munições, causando a morte de 40 pessoas e ferimentos a cêrca de quinhentas. — O Primeiro Ministro Mossadegh declara que jamais pensou em transformar a monarquia, no Irã, em República, para que êle se tornasse Presidente e que reiterou sua lealdade ao Xá da Pérsia e à Constituição. — Chega a New York o Chanceler Konrad Adenauer, que com as autoridades norte-americanas manterá conversações sôbre o auxílio à Alemanha Ocidental, a ser concedido pelos Estados Unidos.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — Noticia-se que os exportadores norte-americanos apresentaram às autoridades brasileiras diversas sugestões, no sentido de sanar as dificuldades nas relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos. — Revela-se que foram suspensas as operações de salvamento da tripulação de 97 homens que se encontra a bordo do submarino turco "Dumlipnar", que afundou após chocar-se com um navio sueco nos Dardanelos. — Reiniciadas, em Pan Mun Jom, as conversações de armistício entre as delegações das Nações Unidas e comunistas. — Os vermelhos surpreendem os aliados com uma proposta tendente a ampliar a troca de prisioneiros feridos e enfermos, citando o artigo 110 da Convenção de Genebra. E' marcada para hoje nova reunião, quando, possìvelmente, os aliados responderão a proposta comunista. — Instala-se, no Ministério das Relações Exteriores, o Seminário Latino-Americano de Prevenção ao Crime e Tratamento do Delinquente. — Regressa a esta Capital o sr. dr. Giordano B. Eccher, Embaixador do Uruguai no Brasil. — Chega a esta Capital o sr. Embaixador Merwin L. Bohan, chefe da seção norte-americana da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

7 — TÊRÇA-FEIRA: — Concluído um acôrdo entre as delegações da O.N.U. e dos comunistas chineses e sino-coreanos, para a troca de prisioneiros doentes e feridos. Dentro de sete dias será iniciada a permuta. A notícia do acôrdo é recebida com satisfação em Londres e Washington. — Eleito Secretário-Geral da O.N.U. o sr. Dag Hammarskjaeld, da Suécia, que tomará posse na próxima sexta-feira. — O Parlamento iraniano discute o relatório que impedirá o Xá de interferir em política. A polícia efetua a prisão de diversos partidários do Xá. — O "Financial Times" tece comentários em tôrno do preço do café. — O líder anticomunista Carlos Simons refugia-se na embaixada norte-americana. — O Govêrno da Guatemala comunica a sua retirada da Organização dos Estados Centro Americanos e ao mesmo tempo queixa-se à O.N.U. de que se trama uma agressão a seu país nas diversas nações vizinhas. — No Salão Nobre do Ministério da Viação, realiza-se a cerimônia de assinatura do têrmo oficial de rescisão do contrato de arrendamento da Rêde Mineira de Viação ao Estado de Minas Gerais. — Prosseguem os trabalhos do Seminário Latino-Americano de Prevenção ao Crime. — Instala-se, sob os auspícios da COFAP, a Conferência de Abastecimento e Preços.

8 — QUARTA-FEIRA: — O sr. Presidente da República assina decreto designando os srs. Josué de Castro, João Gonçalves de Souza, Edgard Maciel de Sá, Idyno Sardenberg, Rômulo Barros de Almeida e José Gayoso Neves para integrarem a Comissão Nacional de Alimentação. — Os srs. Rene Mayer e Georges Bidault, respectivamente, presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros da França, chegam ao Havre, a bordo do transatlântico "Ile de France", de regresso de New York. — Os delegados aliados voltarão a Pan Mun Jom, para insistir em que seja aumentado o número "incrìvelmente pequeno" de 600 prisioneiros de guerra que os comunistas estão dispostos a pôr em liberdade. Os vermelhos já deram sinais de que desejam aumentar essa cifra e de aplainar o caminho para uma rápida troca dos prisioneiros enfermos e feridos. — O govêrno francês outorga, em caráter póstumo, a "Grã Cruz da Legião de Honra" ao sr. Carlos Celso de Ouro Prêto, embaixador do Brasil, que faleceu sábado passado em Paris, em consequência de um ataque cardíaco. — As recentes propostas de paz da União

Soviética sofrem sério revés, quando Andrei Vishinsky teve repelida sua proposta para o desarmamento internacional.

9 — QUINTA-FEIRA: — Eleito presidente da Conferência da Comissão Econômica para a América Latina o sr. Euvaldo Lodi. — Encerra-se a VII Convenção da U.D.N. do Distrito Federal, sendo reeleito Presidente do Diretório Regional o sr. professor Maurício Joppert da Silva. — Encontrado morto, em seu apartamento, o sr. Juan Duarte, irmão da sra. Eva Peron, e que, até sexta-feira última, servia como secretário particular do Presidente Peron. Em carta dirigida ao chefe do govêrno argentino, o suicida disse dos motivos do seu gesto de desespêro. — Chega a New York o sr. Dag Hammarskjoeld, novo Secretário-Geral da O.N.U. O sucessor do sr. Trygve Lie tomará posse hoje. — O sr. Presidente da República comparece à solenidade da instalação, em Petrópolis, do V Período de Sessões da Comissão Econômica para a América Latina, tendo pronunciado um discurso. — O sr. Presidente da República assina decreto designando a Missão Especial que representará o Govêrno brasileiro nas solenidades da coroação de sua Majestade a Rainha Elizabeth II, da Grã-Bretanha.

10 — SEXTA-FEIRA: — O General Mark Clark, comandante supremo das fôrças das Nações Unidas no Extremo Oriente, aprova o acôrdo para a permuta de prisioneiros doentes e feridos, na Coréia. Mark Clark autoriza o Almirante Daniel, chefe do Grupo de Ligação das Potências Aliadas, a assinar o respectivo acôrdo, finalmente concluído. — Os membros do gabinete da França, o corpo diplomático e importantes personalidades de Paris comparecem às cerimônias fúnebres pela alma do embaixador brasileiro em Paris, Carlos Celso de Ouro Prêto, na Igreja de Saint Pierre de Neuilly. — Cêrca de 800 comunistas que se reúnem na Estação Du Nord, em Paris, para esperar o sr. Maurice Thorez, saem da "gare" decepcionados, pois o líder vermelho francês chega a Paris de automóvel, isolando-se no seu quartel-general. — Falando aos jornalistas, o Vice-Chanceler da Alemanha Ocidental, sr. Franz Bluecher, anuncia a prisão de. 35 membros de uma quadrilha de espiões soviéticos. — O sr. Presidente da República assina decreto designando a missão para negociar com a Alemanha um ajuste comercial. — Encerra-se a Conferência Nacional de Abastecimento e Preços.

11 — SÁBADO: — Assinado em Pan Mun Jom o acôrdo para a troca de prisioneiros doentes e feridos. Pelo acôrdo assinado, os aliados devolverão cêrca de 6 mil homens e os comunistas seiscentos. — A delegação sino-coreana propôs o início imediato de conversações visando o repatriamento dos prisioneiros em geral. — O Departamento de Estado procurará esclarecer a controvérsia, suscitada pela notícia da mudança de orientação na política, em relação à Formosa e à Coréia. O Embaixador Ronkin é encarregado de dar explicações a Chiang Kai Shek. — Divulgado um relatório do National City Bank acêrca do comércio entre os Estados Unidos e a América Latina, o qual faz sugestões destinadas ao incremento dêsse comércio. O relatório apresenta também um quadro geral da situação econômica nos diversos países latino-americanos. — O boletim semanal da Associação Nacional do Café, de New York, tece comentários em tôrno da idéia dos produtores brasileiros, em cultivar o café em terras do Paraguai. — O sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação do Brasil no V Congresso Sul-Americano de Neurocirurgia, a realizar-se em Lima. — Prosseguem, em Petrópolis, os trabalhos do V Período de Sessões da Comissão Econômica para a América Latina.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

12 — DOMINGO: — Em Caracas é descoberto um depósito com larga cópia de armas e munições. Esclarece o govêrno que se tratava de empreender um movimento subversivo. — Nas ruas de Havana ocorre um choque entre estudantes e policiais. — As fôrças da União Francesa retiram-se de San Neua, a quinta cidade de Laos, em face de poderoso ataque comunista. As tropas francesas estavam recuando através da região montanhosa. — O bispo Otto Dibelius, chefe titular da Igreja Evangélica Alemã, envia uma carta ao General Vassily I. Chuikov, comandante soviético da Alemanha, protestando pela crescente campanha comunista contra a Igreja.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — O sr. Presidente

da República assina decreto promovendo a General de Exército o General de Divisão Nelson Bandeira Moreira. — Prosseguem os trabalhos do Seminário Latino-Americano de Prevenção ao Crime. — O Marechal Tito, falando acêrca das recentes atitudes tomadas pela Rússia em relação ao Ocidente, diz que elas representam o repúdio a tôda a política de Stalin. — Representantes de 17 países assinam em Washington um novo convênio tritícola, destinado a estabilizar as transações mundiais e os preços do trigo. — O Presidente dos Estados Unidos pronuncia um discurso em comemoração do Dia Pan-Americano. — Diz Eisenhower que os Estados Unidos continuam mantendo seu profundo interêsse pelas relações interamericanas. Adianta que pediu ao seu irmão, Milton Eisenhower, para visitar diversos países da América Latina e travar conhecimento direto com suas necesidades.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — O delegado brasileiro na Com. Politica, sr. Henrique de Souza Gomes, fala acêrca da proposta apresentada pela Polônia, tendendo a restabelecer a paz mundial. Uma outra proposta, no mesmo sentido, será apresentada pelo Brasil. — Três órgãos da imprensa literária, analisando os acontecimentos na Argentina, opinam que o regime peronista está passando fase de aguda crise. — Hoje será realizada uma demonstração de solidariedade ao Presidente Peron, diante da Casa Rosada. — Começam a impacientar-se, novamente, os exportadores norte-americanos, com a demora da liquidação dos débitos comerciais do Brasil. Adianta-se, porém, que, na semana corrente, será assinado o empréstimo concedido pelo Banco de Importação e Exportação destinado àquele fim. — Ocorrem diversos incidentes nas ruas de Teerã, provocados pelo projeto que restringe os poderes do Xá. — Cai nos Estados Unidos um avião da "Miami Airlines", que conduzia 25 soldados e 3 tripulantes. — Assinado decreto, pelo sr. Presidente da República, nomeando adido aeronáutico à Embaixada do Brasil em Assunção, o Tenente-Coronel Aviador Adroaldo Azevedo. — O sr. Presidente da República sanciona Lei facultando ao Ministro da Guerra promover o estágio em Corpos de Tropa e Estabelecimentos do Exército. — Entrega credenciais ao sr. Presidente da República o novo Embaixador do Egito.

15 — QUARTA-FEIRA: — A resolução brasileira sôbre a Coréia, apresentada à Comissão Politica por motivo do estado das "medidas para afastar a ameaça de guerra, representa os pontos sôbre os quais todos os membros da O.N.U. entraram em acôrdo e os pontos litigiosos foram propositadamente afastados" — declara o delegado brasileiro, sr. Henrique de Souza Gomes, exprimindo a esperança de que esta resolução seja alvo de aprovação unânime. — Duas bombas explodem durante a grande manifestação, na Praça de Mayo, ao Presidente Peron. O Presidente interrompe bruscamente seu discurso. A seguir, disse algumas palavras, acusando de autores da bomba "os mesmos que andam espalhando boatos". A massa peronista prorrompe em aclamações ao seu chefe, que diz: "Companheiros, numerosas bombas podem explodir, muitos boatos podem circular, mas o que nos interessa é que os que participam dêsses planos não consigam vencer. Aliás, disto eu posso vos assegurar, não vencerão. Descobriremos, um a um, os culpados de tais atos." — Os Estados Unidos manterão e aumentarão sua potência, a fim de defender o mundo livre e apoiarão os esforços de seus aliados para salvaguardar a liberdade", declara o sr. Charles E. Wilson, secretário norte-americano da Defesa, falando à imprensa, reunida no quartel-general das fôrças norte-americanas na Europa, em Francfort. — O sr. Presidente da República assina decreto nomeando Presidente da COFAP o Coronel Hélio Braga.

16 — QUINTA-FEIRA: — Vitoriosa, por unanimidade, na Comissão Política da O.N.U., a proposta no sentido de que permanecesse em Pan Mun Jom a discussão sôbre a questão coreana. — A Polônia, atendendo à sugestão do nosso delegado, retira sua resolução tendente a transferir para a Organização Mundial aquela questão. — Após a explosão de uma bomba, ocorrida quando discursava o Presidente Peron, grupos de manifestantes peronistas invadem edifícios onde se encontram instaladas instituições que se opõem ao regime reinante na Argentina, incendiando-os. — Entre êles foram alvo dessa violência o prédio do Jockey Club Argentino, do jornal "La Vanguardia" e as sedes dos Partidos Socialista e Radical. — O chefe do govêrno norte-americano, falando no Clube de Diretores de Jornais, conclama os novos dirigentes soviéticos a dar uma demonstração sincera de que desejam a paz, levantando a "Cortina de Ferro" e aderindo ao Pacto de Desarmamento Mundial. — Novas tropas comunistas do Vietminn, constituindo uma divisão completa, penetram no território de Laos, da União Francesa. — O sr. Bidault, comentando o acontecimento, diz que êle é uma amostra de que não são sinceros os recentes propósitos de paz manifestados pelos soviéticos. — O sr. Presidente da República assina decreto promulgando o Protocolo ao Acôrdo Geral de Tarifas Aduaneiras e Comércio, concluído em Torquay.

17 — SEXTA-FEIRA: — Um porta-voz da Casa Branca declara que o govêrno do Presidente Eisenhower seguirá a ofensiva pacifista exposta no discurso do chefe do govêrno, e declarações de membros do gabinete e do Congresso nas próximas semanas. — "Estou certo de que a Inglaterra e todos os paises do "Commonwealth" britânica aprovam a monumental e magnifica exposição de nossa causa que o Presidente Eisenhower fêz", declara o Primeiro Ministro Churchill numa oração pronunciada em Glasgow. Aludindo ainda ao discurso de Eisenhower, Churchill acrescentou: "O Presidente Eisenhower expôs o conjunto dos problemas práticos que dividem o mundo. Afirmou a resolução das nações livres, dirigidas e apoiadas pela fôrça gigantesca dos Estados Unidos, de não enfraquecerem em suas medidas defensivas até o momento em que um acôrdo compativel com a honra possa ser concluido." — O Estado-Maior rebelde do Vietminh dá ordem formal aos bata-

lhões, lançados na perseguição da coluna de Sam Neus, para continuarem sem descanso, até a destruição da coluna — segundo se informou em meios competentes. Cada vez mais, parece que o inimigo está decidido a não deixar os elementos franco-liotianos se juntarem às fôrças amigas do sul. — O govêrno da Rússia Soviética informa ao dos Estados Unidos, que as autoridades norte-coreanas se estavam preparando para pôr em liberdade sete civis americanos prisioneiros na Coréia.

18 — SÁBADO: — A Assembléia Geral das Nações Unidas ratifica, por unanimidade, a resolução brasileira sôbre a Coréia, aprovada, igualmente por unanimidade, como se motivou, pela "Comissão Política". Em súmula, a resolução brasileira, que tôdas as delegações aceitaram, inclusive as do bloco soviético, "exprime a esperança de que as negociações atuais de Pan Mun Jom cheguem, dentro em breve, à conclusão de um armistício na Coréia, e prevê a convocação da Assembléia Geral, logo após a assinatura dêsse armistício." — Mais uma explosão atômica experimentada, a sexta da série da Primavera de 1953, é realizada no deserto de Nevada. O resplendor da explosão é o maior de tôdas as experiências, até agora percebidas de Los Angeles, distante 400 quilômetros, mais ou menos, dos terrenos de ensaio do Nevada. Um dos observadores declara que parecia "o sol nascendo". Um outro afirmou que "o efeito produzido era análogo ao de um "flash" de magnésio."

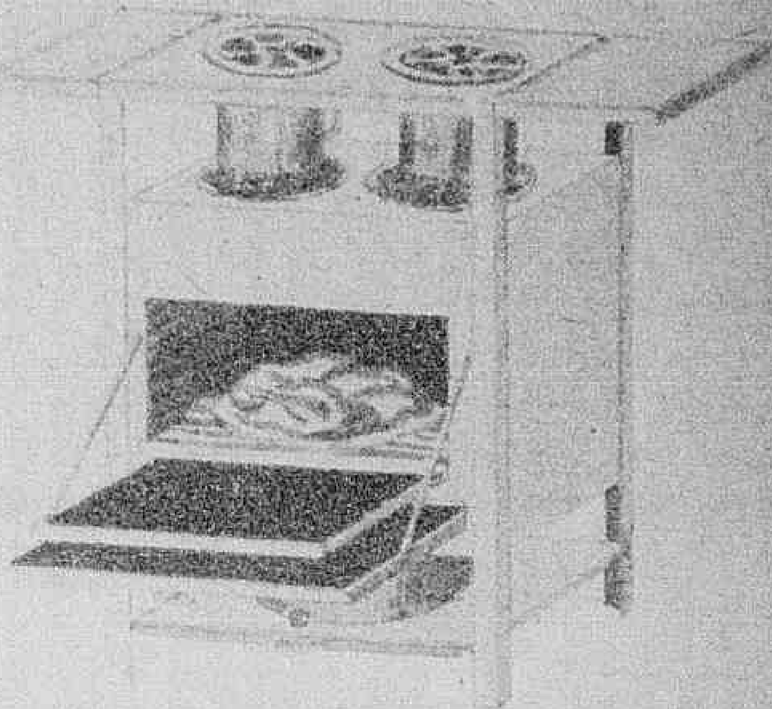
19 — DOMINGO: — Transcorrem satisfatòriamente as primeiras operações para a permuta de prisioneiros, doentes ou feridos, na Coréia. — Os soldados aliados libertados dão impressões a cêrca do tratamento dispensado pelos comunistas. — Por proposta dos comunistas, é transferido do dia 23 para o dia 25 o reinício das conversações de armistício na Coréia. — Nos círculos comunistas, confirma-se a impressão de que até o dia 20 de julho o armistício estará concluído. — O Partido Liberal, do Primeiro Ministro Yoshida, vence mais uma vez as eleições no Japão, embora perdendo algumas cadeiras no Parlamento.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — A Grã-Bretanha está sondando os Estados Unidos e a França sôbre a possibilidade de se realizar outra conferência das "quatro grandes" potências, a fim de examinar o Tratado Austríaco. — O Primeiro Ministro Churchill declara que o govêrno da Grã-Bretanha, e talvez os de tôdas as nações livres, se associa ao apêlo em prol da paz mundial, lançado por Eisenhower, em seu último discurso. — Apresentando credenciais ao Presidente da União Soviética, declara o sr. Charles Bohlen, novo embaixador dos Estados Unidos, que o seu govêrno esperava uma solução amistosa para tôdas as questões. — A Rainha Elizabeth celebra, na intimidade, seu 27º aniversário, no castelo de Windsor. E' o segundo aniversário consecutivo da rainha, que cai em um período de luto; no ano passado por causa do

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"

RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado

CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

falecimento do rei George VI, êste ano por causa da morte da rainha Mary.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Anunciado para hoje o início da nova reunião dos 14 países signatários do Pacto do Atlântico Norte, que tratarão de assuntos atinentes aos planos de defesa da Europa. — Ao mesmo tempo que as eleições gerais, realizam-se na Dinamarca as eleições senatoriais primárias, destinadas a designar os 4.400 delegados que designarão, de seu lado, em 28 do corrente, 56 dos 75 membros do Landsting (Senado). Os 19 outros senadores serão nomeados pelo Senado precedente. — Pelo menos 100 mil alemães orientais estão atualmente em armas, segundo os últimos dados oficiais em poder do govêrno britânico, declara hoje o subsecretário do Exterior, Anthony Nutting, em resposta a uma interpelação nos Comuns. — Prosseguem em Petrópolis os trabalhos da V Sessão da Comissão Econômica para a América Latina. — Toma posse do cargo do presidente da COFAP o sr. coronel Hélio Braga. — Em Cannes, "O Cangaceiro", do Brasil, figurava, sábado às últimas horas — quarto dia do festival internacional do filme — entre os quatro filmes mais claramente cotados para os prêmios finais.

22 — QUARTA-FEIRA: — Tem início o julgamento de Reginald Cristie, cognominado o "Landru" de Londres, acusado de ter assassinado e trucidado cinco mulheres, entre as quais a

sua própria espôsa. — Chega a New York, acompanhado de sua espôsa, o governador Amaral Peixoto. — Constituída exclusivamente de sul-coreanos a leva de prisioneiros aliados entregue pelos comunistas. — Diversos prisioneiros, falando às autoridades aliadas, relatam uma série de bárbaros atos cometidos pelos vermelhos contra os soldados aliados em seu poder. — O relato das atrocidades cometidas pelos comunistas, contra os prisioneiros, encontra imediata reação entre os congressistas norte-americanos, que prometem tratar do assunto. — Cêrca de 100 detidos da prisão da província de Córdoba revoltam-se contra as medidas disciplinares aplicadas pelas autoridades da prisão. Depois de terem quebrado e incendiado os móveis do pavilhão onde estavam alojados, os presos lançam-se contra os guardas que tentam restabelecer a ordem. Sòmente depois de 1 hora de violenta desordem, foi que as autoridades conseguiram restabelecer a situação.

23 — QUINTA-FEIRA: — Instala-se em Paris a nova conferência das nações signatárias do Pacto do Atlântico. — Lida uma mensagem enviada pelo Presidente Eisenhower, declarando que a humanidade se encontra diante de uma oportunidade para avançar para uma era de paz e progresso. — Os Ministros da Defesa da Inglaterra, Bélgica, França e Holanda assinam contratos com os Estados Unidos, para participar de um programa de construção de aviões a jacto. — O sr. Foster Dulles declara que não há, por enquanto, nenhum motivo para se abrandar os esforços de defesa das nações aliadas. — O Conselho Americano da Câmara de Comércio Internacional pede ao govêrno norte-americano a redução progressiva de tôdas as tarifas. — Aprovada a constituição de uma Comissão para investigar as acusações dos comunistas ao emprêgo de armas bacteriológicas, pelos aliados, na Coréia. — Diversos delegados, entre êles o chanceler Vishinsky, enaltecem a atuação do Embaixador João Carlos Muniz na Presidência da Comissão Política. — O sr. Cintra Leite, diretor da Agência do Instituto Nacional do Café, em New York, prediz um aumento de [illegible] por cento no consumo do café durante os [illegible]íodos de repouso nas fábricas e nos escritóri[illegible]

24 — SEXTA-FEIRA: — O Chanceler Konrad Adenauer manifesta que seu govêrno considerará ratificado, segunda-feira, à noite, o Tratado do Exército Europeu, em que pese haver a Câmara Alta do Parlamento da Alemanha Ocidental aprovado o adiamento de tôda decisão sôbre o Tratado, aguardando o pronunciamento da Suprema Côrte sôbre a constitucionalidade do rearmamento da Alemanha. — O General Douglas MacArthur propõe que os Estados Unidos ameacem a União Soviética com um "desastre" militar na China, para impor uma paz global. O ex-comandante supremo aliado no extremo oriente diz, em sua proposta, que a Rússia "temerá tal ameaça a seu prestígio na Ásia", e acrescenta que a chave da paz é "um aviso" do alto comando militar, no sentido de destruir a indústria chinesa e cortar essa linha de abastecimentos procedentes da União Soviética. — A Rainha Elizabeth II confere a Winston Churchill o título de Cavaleiro, no Grau de Comendador, da Nobilíssima Ordem da Jarreteira, a ordem de cavalaria mais antiga do mundo. Churchill, que conta presentemente 78 anos, é o quarto estadista britânico e o segundo chefe de govêrno a ser nomeado Cavaleiro da Jarreteira, no desempenho de seu cargo. Anteriormente, só se havia conferido essa honra ao Primeiro Ministro Sir Hugh Walpole, em 1726, e aos Ministros de Relações Exteriores, Sir Edward Grey, em 1912, e Sir Austin Chamberlain, em 1925. — O sr. Presidente da República assina decretos promovendo a Marechal os Generais de Exército Cândido Caldas e Orestes da Rocha Lima.

25 — SÁBADO: — A Casa Branca manifesta que o "tom mais moderado" do editorial publicado pelo "Pravda", sôbre o recente discurso do Presidente Eisenhower, representa "uma bem recebida mudança, com respeito aos habituais vitupérios contra os Estados Unidos e o mundo livre". Uma declaração expedida pela Casa Branca expressa a esperança de que o editorial do órgão comunista russo seja um "primeiro passo para algo concreto". — Termina a XI Sessão do Conselho Atlântico. O Conselho resolve que a sua próxima sessão se realize em outubro. Resolve, também, entre outras coisas, que a contribuição da Alemanha, à "Comunidade Européia de Defesa", será de 950 milhões de marcos por mês, a partir de 1 de novembro. — Uma nova bomba atômica detona nos terrenos de experiências de Yucca Flat, e um avião radiodirigido, que se tentava passar, pela primeira vez na história, através da corrente termal ascendente, após a explosão, caiu ao solo. O aparelho não levava tripulação. — O sr. Presidente da República assina decretos conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul aos srs. Teodoro Alvarado Garaicoa e José Izquierdo. — Encerram-se, em Petrópolis, os trabalhos da V Sessão da Comissão Econômica para a América Latina.

26 — DOMINGO: — Tecem-se comentários relacionando-se a visita do Governador Amaral Peixoto aos Estados Unidos com a situação do intercâmbio comercial dêsse país com o Brasil. — Noticia-se a prisão de diversos líderes oposicionistas na Argentina. O Partido Radical decide que seus membros continuem a ocupar as cadeiras no Parlamento, para as quais foram eleitos. O Partido Democrático, por sua vez, de-

CURSO DE LATIM por correspondência - Solicite folhetos Caixa Postal 6821 São Paulo

termina a seus membros que abandonem os seus lugares nas Câmaras Municipal e Estadual. — Encontrado estrangulado o General Afchar Touss, chefe de polícia de Teerã. — Divulga-se que o extinto foi covardemente atacado numa residência, atraído por elementos políticos e militares, inimigos do Primeiro Ministro Mossadegh.

27 — SEGUNDA-FEIRA: — Seis meses depois, são reiniciadas as negociações de armistício na Coréia. — Os aliados consideram inaceitáveis as primeiras propostas comunistas. — O dr. Antônio de Oliveira Salazar, primeiro ministro de Portugal, celebra hoje o 25º aniversário de sua posse no govêrno português. O dr. Salazar ocupa o Primeiro Ministério desde 1932, mas desde há 25 anos atrás fazia parte do govêrno como ministro da Fazenda. Para festejar o evento, o presidente Craveiro inaugura o novo hospital da Universidade de Lisboa, que dispõe de 1 500 leitos e ocupa o maior edifício de Portugal. Seu custo foi de 310 milhões de escudos. São inauguradas também outras importantes obras públicas, em várias regiões do país. — O vulcão do Monte Aso entra em atividade causando muitas mortes, anuncia o jornal "Asahy", pelo seu correspondente na Ilha de Kyashu, a mais meridional do Japão. As primeiras notícias dizem que morreram pelo menos seis pessoas, ficando feridas cêrca de cem, de um grupo de 400 estudantes que escalavam o monte quando teve início a erupção.

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Respondendo a um apêlo em prol da pacificação universal, o chanceler soviético, sr. Molotov, declara que a Rússia deseja formar um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. — As declarações do chanceler russo são comentadas com ceticismo pelos círculos diplomáticos das nações ocidentais. — O Presidente da Câmara de Comércio Brasileira, em Londres, dirige-se ao govêrno britânico pedindo imediato reinício do intercâmbio comercial anglo-brasileiro. — Confirmada a notícia de que será assinado amanhã, em Washington, o acôrdo para a concessão do empréstimo de 300 milhões de dólares, pelo Banco de Importação e Exportação, ao Brasil, destinado a liquidar os atrasados comerciais do nosso país nos Estados Unidos. — Em sinal de protesto contra o fechamento, pelo govêrno equatoriano, dos jornais "La Nación" e "La Hora", de Guaiaquil, deixam de circular os órgãos da imprensa de Quito. — As acusações do govêrno de Pequim ao govêrno da Tailândia são interpretadas, nos círculos ocidentais, como o primeiro de novos golpes comunistas na Ásia. — O sr. Embaixador da Itália entrega ao sr. Presidente da República as insígnias da Grã Cruz com Grande Cordão e Colar, da Ordem do Mérito da República Italiana. — Entrega credenciais ao sr. Presidente da República o novo Embaixador do Panamá. — Chega o sr. Teodoro Alvarado Garaicoa, Ministro das Relações Exteriores do Equador.

29 — QUARTA-FEIRA: — Prosseguem as conversações de armistício na Coréia, persistindo o impasse quanto à questão do repatriamento dos



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.
b) — Resgate por antecipação;
c) — Resgate por falecimento;
d) — Dividendos ou bonificações anuais;
e) — Seguros contra acidentes pessoais;
f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;
g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;
h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.
Agências e Sucursais em todos os Estados
TELEFONE: 43-3475



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



prisioneiros de guerra. Os comunistas fazem concessão a respeito do prazo para a permanência em nação neutra, dos que não forem diretamente repatriados. — Estimado em cêrca de seis bilhões de dólares o programa de auxílio ao estrangeiro, para o próximo exercício financeiro. — O Presidente Velasco Ibarra responde ao protesto da Sociedade Interamericana de Imprensa, contra o fechamento de jornais no Equador. E' de inquietação o ambiente na capital equatoriana. — A próxima visita à Inglaterra do General Speidel, ex-Chefe do Estado-Maior do Marechal Rommel, provoca uma sessão agitada na Câmara dos Comuns. — O júri do Festival Internacional de Cinema, em Cannes, confere o grande prêmio destinado aos filmes de longa metragem ao filme francês "Le Salaire de la Peur". O grande prêmio para a curta-metragem é conferido também a um filme francês: "Crin Blanc". — O sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamarati, um banquete ao Chanceler do Equador, a quem faz entrega das insígnias da Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. — O sr. Brigadeiro Eduardo Gomes assume a presidência da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. — O sr. Presidente da República assina decreto nomeando o sr. Pedro Paulo Pena e Costa, Juiz do Tribunal Superior Eleitoral.

30 — QUINTA-FEIRA: — O General William Harrison, chefe da delegação das Nações Unidas, propôs aos comunistas a libertação de 32 000 combatentes norte-coreanos, aproximadamente, capturados pelas fôrças da ONU na Coréia. Por outro lado, o General Harrison rejeita a proposta comunista, que sugeria a escolha de uma nação asiática para acolher os prisioneiros que se recusassem ao repatriamento. — Os dirigentes do Banco de Exportação e Importação, dos Estados Unidos, e a Embaixada Brasileira firmam o contrato de um empréstimo de 300.000 000 de dólares ao Banco do Brasil. — As seis nações ocidentais que unificaram sua produção siderúrgica tornam efetivo o histórico Plano Schuman, com vista a produzir mais do que a Rússia e a promover a união da Europa livre. O "pool" internacional do aço tem em Luxemburgo o seu quartel-general. Seus integrantes são a França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda e Luxemburgo, e seu presidente é o planejador econômico, Jean Monnet, da França. — O sr. Presidente da República assina decretos nomeando Embaixadores do Brasil, no Egito, na Turquia, na Venezuela e no Panamá; conferindo a Ordem Nacional do Mérito ao Marechal João Batista Mascarenhas de Morais; criando a comissão executiva de socorro às populações atingidas pelas enchentes do Amazonas.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio. Telefone 22-8647

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 1 — JUNHO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud. — Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

ABRIL-JUNHO
2º TORNEIO

ENIGMAS

(Ao autor de ADRIÇA)

— 105 —

Nada é a introdução
O centro é dificuldade
E' o fim complicação;
Eis tudo exposto, confrade.

Ao decifrar, passe bem
E se não, passe igualmente
Pois se o total lhe convém
Que passe *regularmente*.

Bisilva (Manaus)

———

— 106 —

Une "*Deus*" no coração,
Deixa as drogas de uma vez,
Tendo fé e devoção,
Ficarás bom da *surdez*.

Heron Silpes (Canavieiras)

———

— 107 —

Dei na cara do Mamede,
Porque na *sede* me disse:
"Veja lá com quem se mede,
Deixe de tanta burrice."

Sertanejo II (Lavras)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

108 — Duas-uma — *Trabalha aqui marianinha?*

Dopasso (Recife)

———

109 — Uma-duas — O "*mau estado*" de um automóvel, no *ato de deslocar* da direção, pode alterar *o recreio* da petizada.

Segon (Rio)

———

110 — Três-uma — *Cobre* o rosto com uma *mantilha* para esconder o seu fingimento, o homem *hipócrita*.

———

111 — Uma-duas — O "*aumento*" de entonação de um *vocábulo*, pode causar a *ruina* de uma amizade.

Eva Dio (Rio)





LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal

Para adultos ou crianças. ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

112 — Duas-uma — Homem de mau *caráter*, *tanto* rouba como oculta o *furto*.

———

113 — Duas-duas — O homem *covarde* e *preguiçoso* só cumpre as suas obrigações *devagar*.

Guilherme Tell (Rio)

———

114 — Duas-uma — *Indivíduo maçante! Aquilo* até parece um *carcamano*...

———

115 — Duas-uma — A lança abriu-me uma *ferida* na perna, mas o *inimigo* levou a sua *pontada*.

Iza Abel (Rio)

———

116 — Duas-duas — Quando há *ensejo*, evito linguagem *vulgar* ou *idéia já muito batida*.

———

117 — Duas-duas — A *embriaguês* quando não *perverte* o caráter causa *intriga*.

José Bálsamo (Rio)

———

118 — Três-uma — Todo aquêle que tem *desejo* de possuir tudo *sòzinho*, torna-se *asqueroso*.

Conde de la Fère (Salvador)

———

119 — Uma-uma — Esta pérola e aquêle *anel fino de ouro* cairam *duas vêzes* no *riachinho que desemboca no oceano*.

Cysneirense Jr. (Sítio S. Gabriel)

GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

120 — Duas-uma — O meu *cachimbo* é revestido de pele de *porco* e feito de um *pau delgado e flexível.*

Marcus (Belo Horizonte)

---

121 — Duas-três — *Além de perfeito,* o anjo é *divino.*

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

122 — Duas-uma — *Cozinheira* ruim *não* quero, nem *mesclada* com ouro.

Ed Vep (Maceió)



CHARADAS ANTIGAS

— 123 —

Tenho "*nojo*" do sujeito — 1
Tôlo, cínico e falsário
E não *espero* muito tempo — 2
Pra chamá-lo de *ordinário.*

Jomaque, C.E.C. (Rio)

— 124 —

A favor da classe pobre, — 1
Afirmo assás jubiloso, — 2
Há sempre um peito nobre
Que se mostra *generoso.*

Mascobei (B. do Mendes, Ba.)



CHARADAS CASAIS

125 — Três — Todos dizem que a *falência* foi fraudulenta, menos *aquêle que faliu.*

Acobar (Maceió)

---

126 — Duas — Um simples *espigão* deu motivo *à fraude.*

Asclépios (Rio)

---

127 — Duas — Veja se *mói* a farinha para levá-la ao *mercado.*

Asclépios (Rio)

128 — Duas — *Cachaça* não dá bom *resultado.*

Conselheiro (S. José de Mipibu)

---

129 — Três — *Grélo de hortaliça* evita *contratempo* na cultura.

Dr. Jofran (Fortaleza)

DORES nas JUNTAS

Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

ENIGMA FIGURADO — 155



Peixote (Rio)

ENIGMA PITORESCO — 156



Fiote (Cuiabá)

130 — Duas — Quero ver quem dá *cabriola* com a *galhêta* na mão.

Cysneirense (Sítio S. Gabriel)

131 - Três - *Elimino* com um simples medicamento a *epizoótica que ataca os equídeos.*

Cysneirense Júnior

---

132 — Duas — O *boi de corte, gordo,* quando *estafado*, não deve ser abatido.

(B. Horiz.) *Marcus*

---

133 — Três — Aquêle que emprega um *cambapé* num homem *humilde*, não merece compaixão.

E.G. Monteiro (Cuiabá)

---

134 — Três

Se percebo *agitação*
Eu faço *ponderação*,
Fugindo sempre do meio.
Eu não gosto de barulho.
Se noto qualquer embrulho
Fujo dêle com receio.

Euclides Vilar (Camp. Grande.)

---

135 — Três — Só *alcança sinecura* quem entrar no *conchavo*.

Malba Tantan, (Santos)

---

136 — Duas — *Arrosto* a caminhada com um fardo no *costado*.

Marcimento (S. Paulo)

Com a devida licença do Dr. Lavrud

137 — Três — Gato *acossado*, *carreira* certa.

Matsuk (Rio)



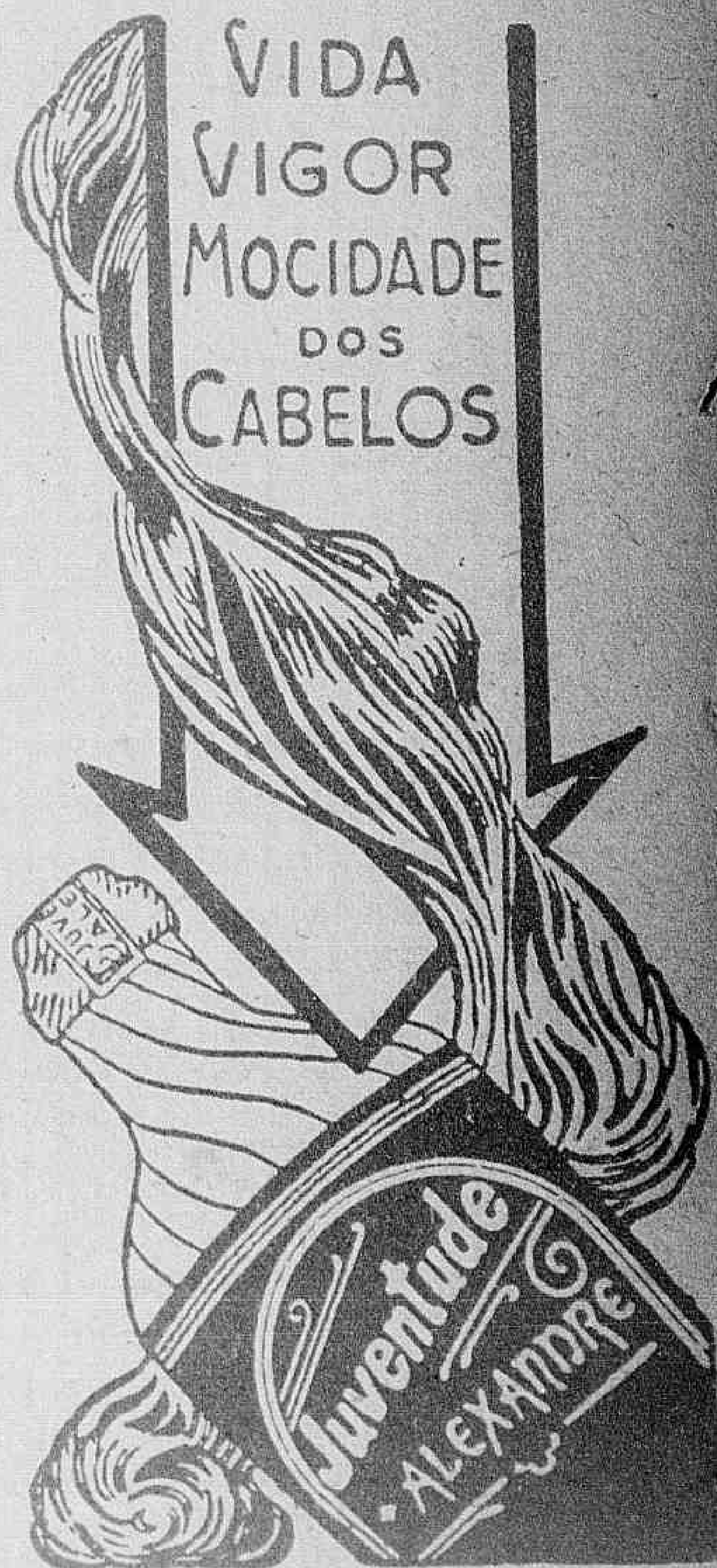
Atraia também a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.



★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES



JUVENTUDE ALEXANDRE



A M A R A L I N A

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E
PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO
PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE
CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO
A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE
EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FA-
BRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM
SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS
PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

CHARADAS SINCOPADAS

138 — Quatro — Senti-me *humilhado* com a tua *piada* fora de propósito.

***Marcus* (Belo Horizonte)**

---

139 — Quatro — Passei uma noite *excelente* ouvindo *admirável* concêrto.

***Oarcim* (Rio)**

---

140 — Duas — Foi uma verdadeira *tratantada* a permuta da *antiga capa de cauda e roda.*

***P. Del Debbio* (S. Paulo)**

141 — Três (duas) — A *instigação para o mal* é um ato degradante; êste é o meu *modo de pensar*.

***Conselheiro* (S. José de Mipibu)**

---

142 — Três (duas) — Diz um vizinho: havendo *negro* na festa, eu não entro neste *brinco*.

***Bisilva* (Manaus)**

Ao autor do 17 do Almanaque Eu Sei Tudo dêste ano

143 — Três (duas) — Minha *pálpebra* direita não resiste a ambiente quase claro, sobe e *desce* constantemente.

Cysneirense Júnior

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada **ManZan**
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.



LEONARDO DA VINCI TAMBÉM FOI O PRECURSOR DO AR CONDICIONADO

Como acontece com outras comodidades modernas, que se converteram em objetos de uso comum, o condicionamento de ar é muito mais antigo do que se poderia supor.

Leonardo da Vinci, o genial artista, escritor e inventor italiano da Renascença, foi, talvez, o primeiro engenheiro em matéria de ar condicionado.

Leonardo da Vinci construiu uma roda gigantesca, que era usada para bombear o ar que, depois de refrigerado e purificado, por meio de uma massa de água que atravessava, arejava o "boudoir" de Beatrice D'Este, espôsa de Ludovico Sforza.

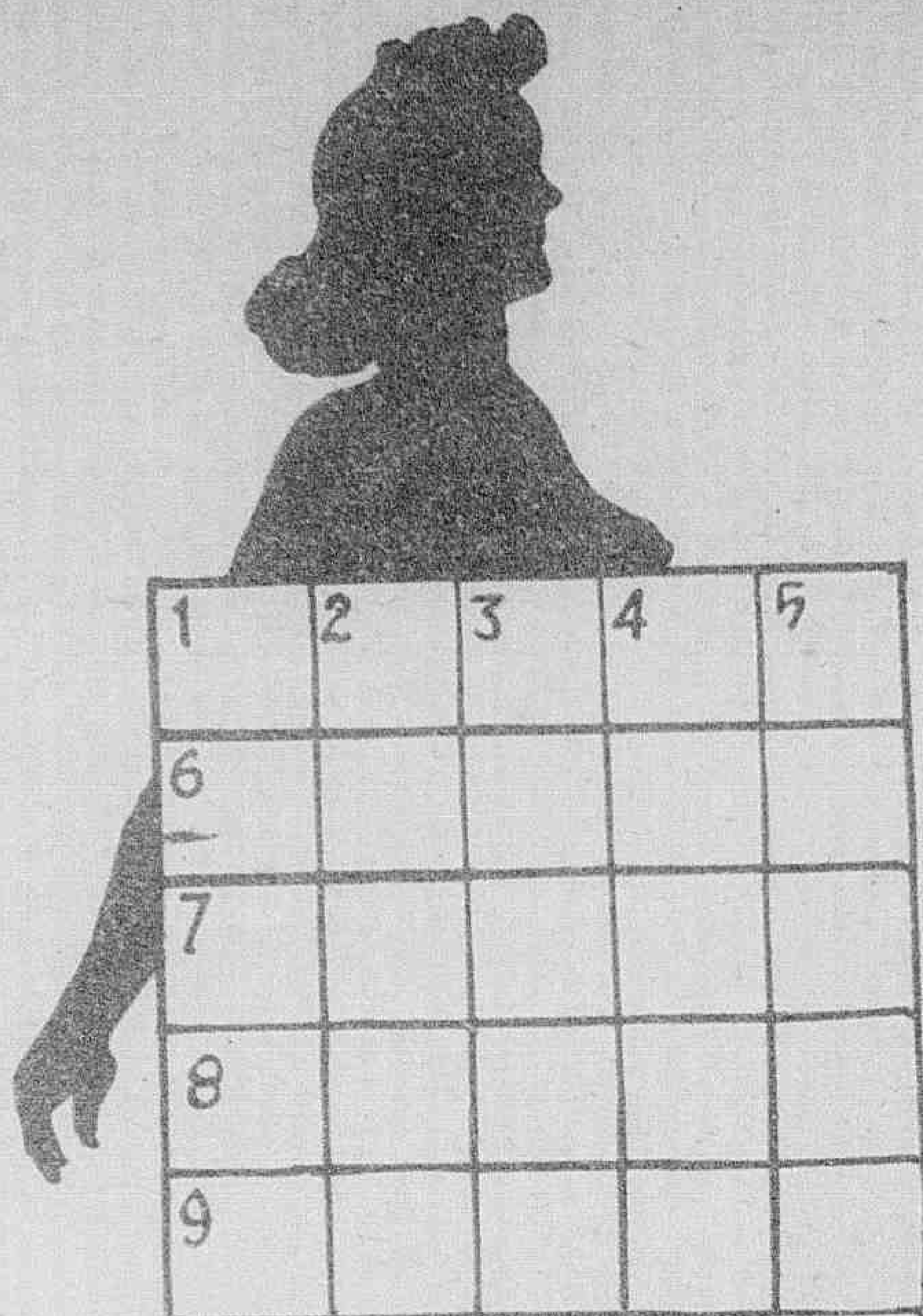
Se remontarmos ao antigo Egito, temos o exemplo dos habitantes do deserto, que empapavam de água esteiras e outros tecidos, que empregavam, como barreiras refrigerantes, para impedir a entrada do calor em suas casas, conseguindo refrescar, de certo modo, os interiores.

Naturalmente, nossos equipamentos modernos de ar condicionado são muito diferentes. Mas um de nossos objetivos principais tem consistido em simplificar, tanto quanto possível, as maquinarias, de maneira a tornar os equipamentos de ar condicionado, ao mesmo tempo, econômicos e eficientes.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 5

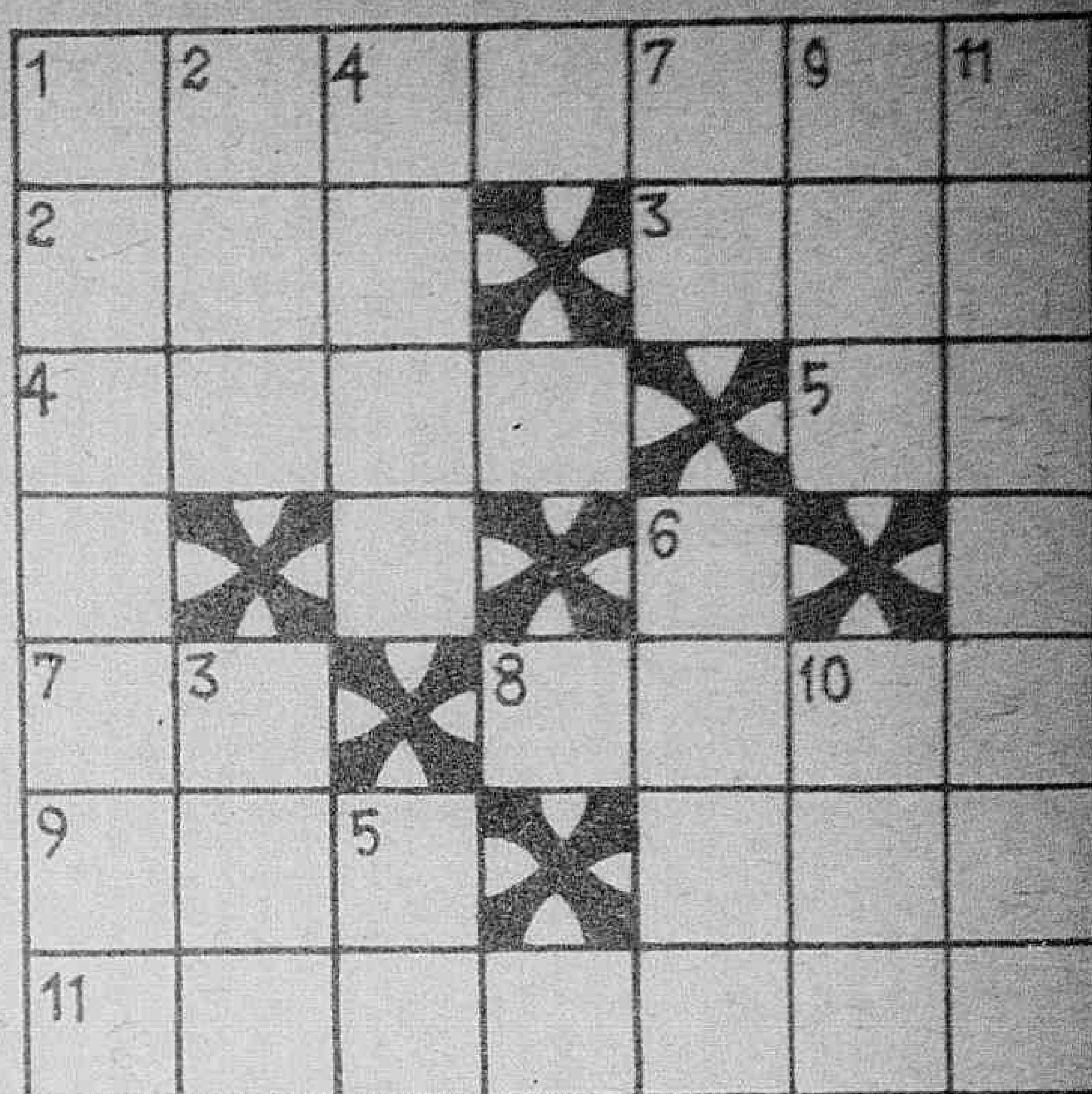
Velo-Vela — C.E.C. (Rio)



Horizontais: 1 — Contexto; consistência; 6 — Espécie de bagre; 7 — Indivíduo sem préstimo por medroso ou estúpido; 8 — Demore; 9 — Correia dupla que sustenta o estribo (pl).

Verticais: 1 — Rigoroso; 2 — Um dos nomes da cola; 3 — Inquietar; 4 Docemente, com pouca fôrça; 5 — Tenhas a coragem, a ousadia.

PROBLEMA Nº 6



Cydar (Belém, Pará)

Horizontais: 1 — Mato que durante o inverno, nas capoeiras e roçados, estraga as plantações mal cuidadas; 2 — Rio que separa o Brasil do Paraguai; 3 — Jornada; 4 — Espada de dois gumes usada em certas festividades da Índia; 5 — Pref. grego, indica repetição; 6 — Valia 80 entre os gregos; 7 — Filho do rio Inacho; 8 — Rija; 9 — Narciso amarelo da França; 10 — Juiz de Israel; 11 — Toleirão.

Verticais: 1 — Peças de madeira onde se prendem as roldanas das adriças; 2 — Haste de ma- desig. de ofício, ocupação; 6 — Décimo oitavo; peças do arado; 3 — Fetiche dos candomblés, que consta de uma faixa ornada de contas e conchas; 4 — Embarcação de recreio; 5 — Suf. desig. de ofício, ocupação; 6 — Décimo oitavo; 7 — Interj. admiração; 8 — Descascam (o milho); 9 — Cadeia de montanhas ao pé da qual está situada Tróia; 10 — Patriarca célebre por sua paciência; 11 — Pesar, pela ausência de alguém que nos é querido.

144 — Três (duas) — Não há como observar o nosso *planêta* em noite *de lua*.

Ed Vep (Maceió)

———

145 — Três (duas) — O *ponto principal* dos investigadores, neste intrincado caso, foi o *quinhão de roubo*.

D'Ávila (Pará de Minas, M. G.)

———

146 — Três (duas) — Quebrei a *argola de borracha* por *pirraça*.

Gumercindo Leite (Al. Grande)

———

147 — Três (duas) — A *escala de redução em mapas* foi roubada pelo *coxo*.

Gumercindo Leite

———

148 — Três (duas) — Na *escuridão* nenhum cego se *aperta*.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

———

149 — Três (duas) — *Franja de tapêtes?* Não *acerto* a fazer nem com ajuda!

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

150 — Três (duas) — *Trocar idéias* é *estabelecer* ponto de vista.

Malba Tantan (Santos)

———

151 — Três (duas) — Não tolero *indivíduo manhoso* ou *ordinário*.

P. Del Debbio (S. Paulo)

152 — Três (duas) — *Vida serena poupa* dinheiro.

Sertanejo II (Lavras)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

153 — **Três (duas)** — **Trouxe-lhe êste** ***berloque*** **para que você o** ***cubra de tinta.***

Tony (Campo Florido)

---

154 — **Três (duas)** — **Era um sujeito** ***fraco*** **e de mau** ***caráter.***

Velo-Vela (Rio)

CORRESPONDÊNCIA

Dr. Zinho (S. Paulo) — Feita a modificação do seu novo enderêço.

D'Ávila (Pará de Minas) — A idéia é boa, mas impraticável nesta seção.

Trica (Rio) — Estamos aproveitando seus figurados; mande outros.

Segon (Rio) — **Pode mandar o desenho à lápis, ou mesmo uma idéia.**

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor,

★

ERRATA

O que está marcado com o número 89 é dedicatória do trabalho 90 e não uma charada.

No figurado do *Dr. Lavrud* em vez dos dois AA brancos, deve ser A e O pretos.

DR. LAVRUD

★ ★

O CORTISONE E SUA HISTÓRIA

A história da aplicação do cortisona na terapêutica é tão excitante quanto uma novela policial.

O cortisona é um dos hormônios esteróides que pode ser extraído da supra-renal, glândula de grande importância, que tem o formato e o tamanho de um gomo de laranja, e fica situada, como indica o nome, acima dos rins. A história começa com a observação feita pelo Dr. Philip Hench, da Clínica Mayo, de que eram reversíveis os sintomas associados à enfermidade crônica, denominada artritismo reumático. Em outras palavras: sob certas circunstâncias, aparentemente sem nenhuma relação entre si, susceptíveis de trazer alívio aos enfermos de artritismo reumático: falta de alimentação, anestesia, gravidez, etc. O Dr. Hench, contudo raciocinou que, tôdas aquelas condições têm uma semelhança entre si: é que obrigam o organismo a um certo esfôrço. E chegou à conclusão de que, assim sendo, concorriam para fazer com que a glândula supra-renal produzisse cortisona ou produtos semelhantes à cortisona.

★

A polícia rodoviária da estrada de Nova Jersey-Turnpike, está usando o radar para apanhar os motoristas que ultrapassam a velocidade máxima permitida na estrada.

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO" BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRACKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00
A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

SETE ANOS DEPOIS

(Cont. da pág. 11)

curou aparentar calma, mantendo as feições firmes. Vira o capitão recolocar a pistola no coldre, abotoando-o; Karl estava entre Cliff e o oficial. O americano baixou as pálpebras preguiçosamente e deixou escapar um pequeno suspiro de resignação. A seguir, levantou a mão esquerda, um pouquinho mais, quando Karl rebuscou qualquer coisa em sua axila. Por um breve instante, um vago sentimento de arrependimento, pelo que iria fazer, perpassou pela mente de Cliff.

O rosto do soldado nazista ficou próximo do seu próprio rosto; repentinamente os seus músculos entraram em ação. Sentiu os ossos do nariz do alemão se quebrarem com a cutelada violenta que lhe aplicou com a mão esquerda e, em seguida, com a direita, golpeou o rosto de Karl, triturando os ossos já quebrados de seu rosto, e empurrando-os para o cérebro.

"Judo!" — pensou Cliff, naqueles segundos. — "O modo mais rápido de matar".

Quando Karl tombou, sem fazer ruído, Cliff retirou o fuzil, ràpidamente, de sua mão inerte. Tão depressa agira, que o capitão estava ainda procurando erguer-se, com a mão à desabotoar o coldre, frenèticamente. Cliff encostou o fuzil no estômago do nazista.

— Levante as mãos! — ordenou. — Vamos! Coloque as mãos na nuca e não se atreva a dizer uma palavra, sequer!

A última frase fôra dita quase num sussurro, mas o tom de autoridade não admitia alternativa. Os olhos do oficial se fixaram inexpressivamente nos de Cliff e, vagarosamente, levantou os braços, cruzando as mãos sôbre a nuca.

— Vire de costas.

Por um momento, o nazista olhou para a figura de seu irmão, encolhida e aparentemente sem vida, no chão; quando levantou o olhar, mais uma vez, fitando Cliff, êste notou o ódio que se apossara de seu inimigo, a ponto de transtornar-lhe completamente as feições.

— Vire de costas! — repetiu Cliff, comprimindo levemente o gatilho do fuzil, em sinal de advertência.

O alemão girou, vagarosamente, nos calcanhares, virando-se para a parede. Com aspereza, o americano encostou o cano da arma nas costas do oficial, contornou a mesa ràpidamente e retirou a "Luger" do coldre do nazista. Deixando cair o fuzil, destravou a pistola e deu a volta à mesa, navamente, falando então:

— O. K., capitão! — seu tom de voz era baixo, mas cheio de determinação. — Vamos voltar para as linhas americanas. Quando passarmos pelas sentinelas nazistas, você dirá apenas a senha e se identificará; **nada mais!** Lembre-se de que falo um pouquinho de alemão e ouvi a senha, quando fui conduzido para cá.

Isto dito, Cliff empurrou a mesa para o lado e, sem tirar os olhos das costas de seu inimigo, abaixou-se e retirou o capacete do homem que jazia no chão.

— Como medida de segurança, usarei o capacete de seu irmão — esclareceu. — Todos os alemães se parecem, dentro destas "panelas de estanho".

Colocou o capacete na cabeça e apertou a Luger, uma vez mais, contra as costas do oficial.

— Mantenha as mãos na cabeça até que tenhamos deixado a casa.

Deu um passo à frente e apagou a lâmpada de óleo, com um sôpro.

O pátio estava deserto e apenas o barulho compassado das botas do capitão se fazia ouvir, quando êles cruzaram o espaçoso terreno, dirigindo-se para a estrada. Após cêrca de cem metros, uma figura escura materializou-se, repentinamente, diante dêles, dizendo uma palavra em alemão. O capitão se deteve, o mesmo fazendo Cliff, atrás dêle. Silêncio. A sentinela repetiu a palavra. Cliff prendeu a respiração e comprimiu a Luger nas costas do oficial nazista, na escuridão.

— **Regentropfen** — murmurou o capitão. A sentinela retornou ao seu pôsto, entre os arbustos que marginavam a estrada e a respiração de Cliff se fêz ouvir, quando êste soltou um suspiro de alívio.

Pouco depois, Cliff vadeava novamente as águas do canal, com o nazista a caminhar vagarosamente à sua frente.

*

Meia hora mais tarde, o americano estava num dos acolhedores e bem iluminados aposentos de outra fazenda, apertando a mão de doze homens, com alegria, e tentando explicar o que ocorrera, diante das ansiosas perguntas que seus companheiros faziam. Seu prisioneiro estava de pé, obstinadamente encostado a uma parede, sob a guarda de um soldado que tinha uma "Tommy" segura entre as mãos. Quando êle olhava, ocasionalmente, em volta de si, seu rosto denotava arrogância mas, durante a maior parte do tempo, tinha os olhos fixos em Cliff, num olhar de ódio quase bestial. Com supremo desdém, recusava-se a reconhecer a presença de qualquer das pessoas presentes, que tentasse inquiri-lo. Foi sòmente quando os homens resolveram levá-lo ao quartel-general do batalhão, que êle quebrou o silêncio. Atravessou o aposento com o ar marcial peculiar aos oficiais nazistas, e se deteve diante de Cliff.

— Sargento — falou, com o ódio estampado no tom de voz — espero que você consiga sobreviver a esta guerra.

Cliff encarou-o, com surprêsa. Não havia nada mais além de ódio, no rosto do nazista.

"— Porque, qualquer dia — continuou o oficial inimigo — eu o alcançarei. Jamais esqueça o que fêz com Karl, sargento. E olhe sempre para

trás. **Sempre!** Numa dessas vêzes em que olhar para trás — **eu estarei lá!**

Um dos guardas agarrou o nazista pelo braço, empurrando-o para fora do aposento, mas suas palavras continuaram soando no silêncio que se seguiu, um silêncio que prenunciava algo de sinistro, para o futuro do sargento...

O "pequenino" Cox desfez a tensão, comentando:

— Quero ser mico de circo! Um "Alan Ladd" alemão! ...

Deitado no capim do campo de treino, Cliff recordou afetuosamente o "pequenino" Cox e os demais companheiros que tivera, durante a guerra. O alemão, que tão estranhamente tentava cumprir a vingança, continuava de pé, a sua silhueta recortada contra a luz, segurando o rifle com firmeza.

— Que estará êle esperando? — perguntou o americano para si mesmo. Será que julga poder agarrar-me antes de amanhecer? Posso rastejar fàcilmente até a casa de campo...

Mas, mesmo raciocinando dêsse modo, Cliff sabia porque não escapara ainda, na segurança da escuridão que o envolvia. Êle poderia evitar que o alemão o matasse naquela noite, claro. Mas... e na noite seguinte? Ou na subseqüente? Fugir do homem que o perseguira por tanto tempo — quantos anos eram, mesmo? Seis... sete anos! — Quanto tempo se passaria até que o alemão tornasse a localizá-lo? "Não!" — raciocinou Cliff — "De um modo ou de outro, isto tem que ser resolvido **agora!**"

No local em que se encontrava o nazista, uma chama apareceu, repentinamente; êle riscara um fósforo e acendia um cigarro, com o rosto grotescamente iluminado.

— Ah, miserável! — murmurou Cliff, entre dentes — Quando puser minhas mãos em você, há de ir direitinho para o inferno!

O alemão tornou a falar, naquele tom suave e ameaçador:

— Você tem uma adorável espôsa, sargento. Marjorie, não é êsse o nome dela? Tenho estado a observá-la há vários dias...

Cliff sentiu um súbito arrepio de terror, ante tais palavras.

— Uma adorável espôsa! — repetiu o alemão. Repentinamente a sua voz perdeu a aparente suavidade e retomou aquêle tom brutal e carregado de ódio, ~~que Cliff~~ agora recordava tão bem.

— Ela será a próxima! Você morrerá por me haver humilhado, fazendo-me passar o resto da guerra num campo de prisioneiros! E ela pagará com a vida o que você fêz a Karl!

— Você... — exclamou Cliff; conteve-se, no entanto, compreendendo que por pouco não dava a conhecer sua localização. Notou que o alemão estava atento a uma reação como aquela, com o rifle pronto para disparar.

Vagarosa e cuidadosamente, Cliff começou a rastejar, recuando, procurando manter o alemão projetado entre êle e o poste de iluminação. O homem relaxava um pouco a posição de atenção em que se mantinha. Estava quieto, aparentando calma. Cliff sabia, porém, que êle estava atento ao menor ruído que inadvertidamente fizesse. O corpo do americano tremia, enquanto, gradativamente, aumentava a distância que o separava de seu perseguidor; o tremor já não era mais de mêdo e, sim, de ódio, de indignação. Quando o ex-oficial nazista citara o nome de Marjorie, algo se inflamara dentro do peito do americano e, agora, tinha um só intuito: **matar!** Matar aquêle que ousava ameaçar extinguir a vida de sua adorada espôsa!

Já sabia o que tinha a fazer. Mas, como levaria a cabo o que se propunha? Seu pensamento parecia voar, enquanto procurava descobrir um modo de se aproximar do inimigo.

"Não posso avançar para êle" — pensava — "Antes de chegar a 20 metros do miserável, já estaria morto. Mas, tenho que tentar alguma coisa. Êsse sujeito é maníaco."

Seu pé roçou o tronco de uma das árvores que guarneciam o campo. Compreendeu que, instintivamente, havia recuado até a mesma, visando proteger-se. Escondeu-se por trás da árvore, ficando então de pé. O alemão não se movera. Continuava a fumar, com o rifle pendendo entre o corpo e um dos braços, em atitude despreocupada.

— Cretino! — murmurou Cliff. — Se eu conseguir me aproximar de você, vai ficar sabendo como é que se segura um rifle!

Karl! Como um eco da última palavra que o outro pronunciara, o nome veio à tona, sùbitamente, no pensamento do americano. **Karl!** Era êle a **chave** de tudo — para o ódio mortal que o nazista lhe devotava, e para sua obcessão verdadeiramente insana. O cérebro de Cliff raciocinava com rapidez. Aquela noite, na Alemanha, em que o capitão nazista fôra capturado, havia sido levado diretamente para o "quartel-general" do batalhão, e dali para um campo de prisioneiros de guerra. Êle não podia saber que a artilharia havia bombardeado a fazenda na qual Cliff estivera prisioneiro, naquela mesma noite; não podia também saber que os americanos haviam atacado, na manhã seguinte, e, ainda, não podia saber que os nazistas vivos se haviam internado nos bosques vizinhos, para escapar ao inimigo. Não podia saber, finalmente, que o próprio Cliff encontrara Karl...

— Capitão! — gritou Cliff, repentinamente.

O rifle de seu perseguidor foi levantado abruptamente.

— Não adianta atirar! Não conseguirá atingir-me! — tornou a gritar o americano. — Escute! Tem que ouvir o que vou dizer.

O alemão continuou em silêncio, com os nervos tensos.

— Karl está vivo!

Cliff sentiu — mais do que viu — o abalo que estas palavras produziam em seu inimigo, à luz fraca que o iluminava. Em seguida, uma gargalhada de escárneo se fêz ouvir, por todo o campo.

— Não, sargento... Isto não adianta! Não sou idiota! Eu vi meu irmão. Vi o rosto dêle como ficou! — e sua voz se tornara novamente áspera e ameaçadora.

— Capitão! — voltou Cliff a gritar. — Na noite em que foi capturado, a artilharia varreu a fazenda na qual seus companheiros se encontravam. Em seguida, nós atacamos. Encontramos Karl vagando, próximo ao bosque. Êle estava gravemente ferido, mas **não morreu!**

— Continue... — replicou o alemão, num tom inexpressivo.

— Êle não sabia quem era; até hoje, ainda não se lembra de nada. Enviamo-lo para o hospital e desde então esqueci completamente de seu irmão; até mesmo depois da guerra.

O nazista permaneceu em silêncio, e Cliff prosseguiu:

"— Quando a guerra terminou, meu destacamento ficou em Nuremberg. Havia ali um campo de prisioneiros de guerra, e eu soube que Karl estava entre êles. Fui vê-lo, e tudo que êle recordava era a sua nacionalidade. Desejava, porém, naturalizar-se americano.

*

Cliff olhou em volta do campo. A luz que brilhava na casa de campo fôra apagada. Cliff saíu de trás da árvore. A silhueta do alemão continuava projetada pelo lampião.

"— Tentei auxiliar seu irmão. Procurei convencer as altas autoridades da identidade de Karl, mas não podia recordar o seu sobrenome, e Karl perdera os papéis de identidade!

Cliff falava agora com rapidez e, à medida que ia distraindo a atenção de seu inimigo, avançava cautelosa e rápidamente. Sentia o suor escorrer pelo rosto, enquanto procurava manter a voz num tom baixo e persuasivo.

"— Quando Karl foi libertado, auxiliei-o, incluindo o seu nome na lista dos imigrantes. Teve que esperar alguns anos, é claro. Mas continuou a escrever-me, relatando o que aqui pretendia fazer. Como estava aprendendo a falar inglês, etc... Finalmente, quando chegou aos Estados Unidos, veio procurar-me em minha casa.

Cliff havia atingido a metade da distância que o separava de seu inimigo; deteve-se cautelosamente, com o olhar sempre fixado no alemão. O rifle continuava semi-abaixado, e Cliff viu, com súbita esperança, quando o nazista passou a mão livre pelos olhos. Mas, quando o ex-capitão do exército alemão tornou a falar, sua voz estava carregada de rancor, um rancor que revelava tôda a sua insanidade.

— Mentiras! — gritou. — Você está mentindo para salvar a vida! Se Karl estivesse vivo, eu o teria encontrado! — E o rifle foi levantado uma vez mais.

— Êle está vivo! — repetiu Cliff, com insistência. Seus olhos acompanhavam o cano da arma, nos movimentos nervosos que o alemão fazia. — Êle está aqui, neste país, e posso levá-lo à presença de seu irmão. Ninguém mais poderá fazê-lo, pois **só eu sei** o novo sobrenome que adotou. Nada contei a êle sôbre o passado!

"Sòmente mais algumas dezenas de metros" — implorava Cliff, mentalmente, enquanto continuava a avançar cautelosamente. Sem se deter de falar ou de caminhar, Cliff implorava aos céus que lhe concedessem a graça de se aproximar do seu inimigo.

— Reflita, capitão! Não deseja ver seu irmão? Eu posso levá-lo até onde êle está! Se me matar, jamais tornará a ver Karl!

Mais um pouquinho, e...

— Mate-me, e ficará arrependido pelo resto da vida. Êle ainda tem o nome de Karl. Tôda vez em que ouvir o nome de Karl, você dará um salto, julgando haver encontrado o seu querido irmão. Olhará para êle, mas não o reconhecerá, pois está bastante diferente! Para melhor, até! Está forte, bem disposto; nem se parece com aquêle soldado franzino. Pense bem, capitão!

Mais alguns passos, e Cliff ficou diante do vulto do alemão. Êste, ao ver o americano, levantou o rifle, pronto para disparar. Apontou para o peito de Cliff, com os nervos e músculos tensos.

— Atire! Por que não atira, capitão? — gritou Cliff, em tom de desafio. — Simplesmente, porque sabe que estou dizendo a verdade!

O alemão respirava com dificuldade, ao encarar aquêle a quem perseguia há tanto tempo. .

— Posso descobrir se você está falando a verdade! Tenho andado em seu encalço durante tantos anos, e por tantos quilômetros, que não me custa esperar um pouco mais. Se eu o encontrar dormindo, nada significará para mim, matar a você, a sua espôsa, e a quaisquer outras pessoas que lhe estejam relacionadas, sargento Brockman!

Ao pronunciar estas últimas palavras, seu ódio se transformou num verdadeiro guincho de insanidade. E, emocionado, êle afastou, momentâneamente, o rifle da linha de mira dirigida ao peito de Cliff.

*

Naquele breve instante, pelo qual Cliff, com tanta ansiedade estivera esperando, o norte-americano aproveitou para avançar mais ainda; e viu, passando por sua mente, em algumas frações de segundo, várias figuras. Viu Marjorie, esperando, sentada à mesa, com uma pequena ruga de preocupação a se formar em sua fronte; viu o rosto deformado de Karl, a seus pés, após os golpes que lhe aplicara e, por um instante, divizou a sepultura raza e sem qualquer inscrição, no pátio da fazenda, na qual haviam enterrado Karl. Sua mão esquerda golpeou, com violência, o cano do rifle, fazendo o mesmo se inclinar para baixo; imediatamente após, a mão direita de Cliff empurrou, com extrema rudeza e precisão, a coronha da arma para a região desguarnecida que ficava sob o queixo do alemão.

"Judo" — pensou Clifford Brockman — "o modo mais rápido de matar!"

EU SEI TUDO

N.º 433 — ANO XXXVII N.º 1 — JUNHO DE 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: A pescadora misteriosa (Conto) 7
Sete anos depois (novela) 12
Se você é preguiçoso 17
Uma organização de seguros original 18
Agora, o arábico é mais fácil 24
A Sabedoria avança sôbre os mistérios cósmicos (A faixa luminosa do Zodíaco) 25
Existe sempre um motivo 30
Um bôlo caríssimo 30
Água fria na fervura 30
O rei que trocou o trono por um amor (O que não disse o Duque de Windsor (II) — Eduardo VIII esmagado sob o pêso de sua coroa) 31
A fôrça de um juramento (Romance — continuação) 35
Sua Majestade a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra (Policromia) 43
A Terra está esquentando 45
A "Boa Resposta" do mês 50
Estas coisas ajudam mesmo 50
Tenham mais cuidado! (Dez por cento de todos os meninos e rapazes estudantes, que se dedicam a esportes, sofrem acidentes de tôda sorte, alguns dêles de caráter muito sério) 51
O Carnaval dos outros 55
Por que doem os pés? 56
Coisas do inverno 59
A dinastia que resistiu à bomba atômica 60
Esteja em dia com o mundo 65
Estranhos conceitos de beleza (O que para nós se afigura belo, nas mulheres, pode ser considerado horrendo, por um hotentote) 66
"Camaradas" desconhecidos 69
Seu filho poderá ser um gênio 70
Massagens diferentes 76
Por trás da porta amarela (Romance — continuação) 77
Jesus e João Batista meninos (Policromia) 85
Assassinos de coração mole (Episódio real) 87
Resolva os seus problemas 88
Um homem sensato 88
Os malucos andam soltos 88
Vida do campo 89
A Caçada (Novela) 90
Nova ciência explora o infinitamente pequeno 93
Para o seu lar — harmonia: eis o grande segrêdo! 96
Nos domínios da Gramática 98
Pequena Enciclopédia popular — Dicionário de nomes próprios 100
Olhando o mundo há sessenta dias — Memento EU SEI TUDO (Abril de 1953) 101
Charadas — Quebra-cabeças 109

★



A CAPA — Eis uma surprêsa para os leitores e principalmente para os fãs cinematográficos. Quem pode dizer o nome da bela criatura que enfeita a nossa capa, com o seu sorriso de triunfo, os cabelos negros e repartidos ao meio? Não sabem? E' nada menos que a famosa Rita Cansino, pois que assim se chamava, na época (cêrca de quinze anos atrás). Hoje, os seus cabelos são ruivos e em todo o mundo é conhecida por Rita Hayworth. Ela mesma!

CORRESPONDÊNCIA



Manuel A. Barata — B. Horizonte — Minas Gerais — Passamos o seu pedido à Gerência, que providenciará a imediata remessa dos números pedidos. — Gratos.

Maria Antônia Pilares — Areal — Estado do Rio — Não acha que, se atendêssemos ao que solicita, não teríamos espaço para tratar dos demais assuntos? Por que não coleciona, para ler... depois?

Ricardo de Góis — Distrito Federal — O assunto é, realmente, interessante, embora deva ser tratado com menos crueza, sem prejuízo dos detalhes realmente curiosos. Vamos estudar. As fotos estão totalmente condenadas.

Dr. Aluísio B. da Mato — S. Paulo (Capital) — Não tem havido essa preferência pela medicina. Há, sim, o desejo de levar ao leitor, quanto antes, os resultados das pesquisas e os avanços da ciência médica. Mas a engenharia tem merecido sempre — e com inteira justiça — o nosso interêsse, revelado em inúmeras publicações. Gratos pelos seus conceitos sôbre EU SEI TUDO.

R. D. Edgerton — Niterói — Estado do Rio — O seu pedido foi passado para a gerência que providenciará a imediata remessa. Não foi feita capa especial para a obra.